

A romantic embrace between a man and a woman. The woman has long, wavy blonde hair and is wearing a light-colored top. The man is wearing a white shirt and has his hands on her back. The background is a soft, out-of-focus indoor setting.

NOSSAS PRIMEIRAS

*últimas
vezes*

Uma comédia romântica de

BRUNA PALLAZZO



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

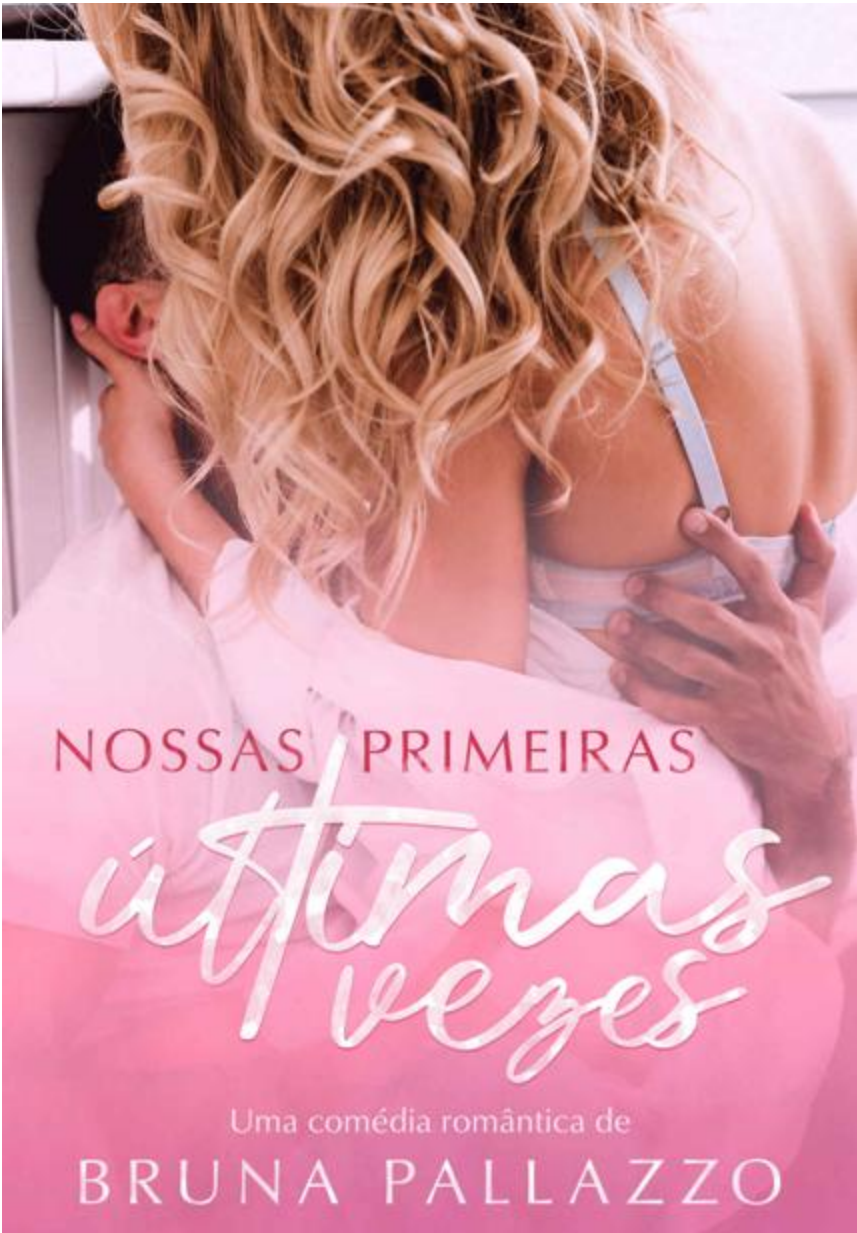
SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

*poder, então nossa sociedade poderá enfim
evoluir a um novo nível."*





NOSSAS PRIMEIRAS

*últimas
vezes*

Uma comédia romântica de

BRUNA PALLAZZO

NOSSAS PRIMEIRAS
*últimas
vezes*
Uma comédia romântica de
BRUNA PALLAZZO

Copyright © 2022 por Bruna Pallazzo.

Todos os direitos reservados.

Título: Nossas Primeiras Últimas Vezes

Revisão: Rafaela Horn & Hanna & Evelyn Fernandes Capa:
Thais Alves

Diagramação: Bruna Pallazzo, Nathalia Santos & Lilly
Desiggn

Ilustração: Gabriela Gois

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios, sem o consentimento do(a) autor(a) desta obra.

Esta é uma obra de ficção. Todos os nomes, lugares, acontecimentos e descrições são fruto da mente da autora.

Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Texto revisado conforme o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Sumário

[Sumário](#)

[Sinopse](#)

[Notas da autora](#)

[Avisos](#)

[Playlist](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)



Sinopse



Ela era tudo o que eu jamais poderia querer.

Quinze anos mais nova. Minha estagiária. Filha do meu melhor amigo.

Maria Luiza Bittencourt era apenas uma menina quando entrou no avião rumo a Crownford para fazer faculdade de arquitetura. Dois anos se passaram e ela finalmente estava de volta com seu jeito desengonçado, óculos cafonas e uma língua afiada que sempre me irritou. Mas, além disso, agora, para completar o meu carma, ela também estava linda, feroz e sedenta por problemas.

Eu não deveria desejá-la, não deveria dar ouvidos aos seus pedidos. Eu, definitivamente, não deveria me perder em uma paixão com a única garota proibida para mim.

Mas eu tinha um problema: não era um cara bom. Nunca fui conhecido por saber sobre limites ou moralidade.

Caras como eu corrompiam garotas como ela. E paixões como a nossa eram capazes de destruir dinastias.



Notas da Autora



Este livro era para ser um descanso, mas foi bem mais do que isso. Foi um aprendizado. Às vezes, a melhor coisa que podemos fazer por nós mesmos é não nos levar tão a sério e rir.

Rir o máximo que der.

Rir como se a vida não fosse um mar caótico que, em muitos momentos, parece tentar nos afogar.

Nem tudo precisa ser dramático nem com várias frases reflexivas. Em alguns momentos, nascerão uns personagens despreziosos na minha cabeça e eu também posso dar espaço para eles. Também posso fazer você rir.

Então, aqui está! Minha primeira comédia romântica.

Se você me conhece por causa dos meus outros livros, já te adianto que este é muito diferente do que está acostumado quando se trata de Bruna Pallazzo. Augusto e Malu são um casal engraçado, leve e que não se levam tão a sério.

A história apresentada aqui, não tem um super plot e nem quer te ensinar nada. É diversão pura e simples. É aquele tipo de livro que você lê em um domingo e termina rapidamente. Eu costumo dizer que eles são meu casal “sessão da tarde”, cativantes, leves e com uma pegada gostosinha. A escolha certa para arrancar você da ressaca literária.

Atenção: Augusto e Maria Luiza são um casal típico de comédia romântica, mas devo alertar que são carregados de erotismo. Se não gosta desse tipo de livro, creio que esse aqui não será para você.

Espero muito que você goste e se divirta, como eu me diverti escrevendo, e se renda também ao lado mais leve do Brunaverso.

Bom entretenimento,

Bruna Pallazzo.



Avisos



Este livro possui conteúdo para *maiores de dezoito anos*, contendo linguagem vulgar e de baixo calão, cenas de sexo —

explícito e sem camisinha —, uso de drogas lícitas e ilícitas, agressão física e abandono parental.

Caso não se sinta confortável com alguns destes temas, por favor, se preserve e não continue a leitura.

Seja responsável e fique bem.



Playlist



Para Bruna Moresco:

lembre-se de sorrir, mesmo em momentos de desespero.

Sorrisos libertam. Sorrisos iluminam.

Me ama devagar

Me inspira

Me diz que eu sou mais

do que todos os seus piores pecados juntos.

Como amar as cicatrizes

— B

Uma Carta de Amor Escrita por Mulheres Sensíveis

Prólogo



AUGUSTO MANCINI - 15 ANOS

Se um dia eu pudesse ver

Meu passado inteiro

E fizesse parar de chover

Nos primeiros erros

Capital Inicial - Primeiros Erros

Traguei o baseado enquanto observava a gostosa da Isadora entrando no mar junto com a irmã mais nova, Melinda.

Ambas eram lindas, cabelos dourados, bundas pequenas, redondas e durinhas, que eu amaria estapear enquanto socava meu cacete nas bocetas meladas e apertadas.

Isadora, ao contrário da irmãzinha, não tinha compromisso com ninguém e era apaixonada por mim. Seria tão fácil ter essa garota. Tão fácil que beirava ao entediante.

Eu gostava do entediante. Do fácil. Do rápido.

Mas, ao contrário do meu melhor amigo, gostava porque sabia que tudo o que era mais fácil era proporcionalmente mais controlado. Mais suave.

Diferentemente de mim, Dante não parecia nada controlado ao pensar em Melinda. Para o meu completo desespero, ele era viciado na garota.

E precisava confessar que isso estava começando a me irritar.

Dante e eu crescemos juntos. Éramos filhos de dois melhores amigos que, por sinal, eram sócios de uma empresa milionária no ramo da construção civil. Sempre fomos unidos de uma forma que seria difícil colocar em palavras. Eu tinha uma consideração por ele que chegava a ser maior do que pela minha própria família.

Dante Bittencourt era meu irmão.

Porém, com Melinda na jogada, nossa irmandade parecia bem diferente. O idiota tinha virado um rendido de merda. Não fodia mais com nenhuma empregada, não saía, não bebia... Fumar, então, era proibido. Melinda odiava. E o pior era que ele obedecia.

Nós éramos novos. Quinze anos não era idade para cair na lábria de uma mulher. Para ser sincero, achava que idade nenhuma era desculpa para cair na teia de alguma boceta qualquer.

Dante, assim como eu, sabia que não deveria dar poder para as pessoas daquele jeito. No nosso mundo, quem precisava dar as cartas éramos nós.

Traguei mais uma vez, sentindo o alívio gostoso que o *beck* me dava. Olhei novamente para bunda de Isadora, tão redonda, tão linda... Eu foderia aquela bunda sem pensar muito, só não tinha feito isso porque o idiota me pediu para não fazer. Melinda tinha medo de que eu a fizesse sofrer. Ela não estava errada, afinal.

Mas, porra, aquela bunda valeria a dor de cabeça.

— Você prometeu — Dante disse, sentando-se ao meu lado na areia.

Devia estar uns trinta e sete graus no Guarujá, e o sol da praia fazia o calor ficar ainda mais intenso. A areia grudava nas minhas costas suadas, mas não tinha lugar no mundo que eu me sentia tão em paz quanto ali.

São Paulo era o nosso berço, mas era ali que eu sentia que realmente tinha um *lar*.

— Não estou fazendo nada. — Desviei meus olhos da bunda que estava tirando meu sono, dando de cara com meu melhor amigo.

Assim como Melinda, ele era loiro dos olhos azuis. O

vagabundo tinha uma beleza que parecia fazer as meninas gozarem só de olhar para ele. Dante era o partido perfeito.

Bonito, rico, inteligente... e bonzinho.

Tirando a parte da bondade, eu era como ele.

Bom, tirando a bondade e os cabelos loiros.

Achava que eu era a metade maldosa de Dante. Éramos como sol e lua. Ele exalava coisas boas e calmas, já eu exalava coisas

perversas e caóticas. Ele era um príncipe. Eu era um vagabundo.

— Caralho... Essa aqui é da boa — comentei, soltando a fumaça densa pelos lábios lentamente.

— Você sempre está chapado, Augusto — o certinho me reprovou. — O que caralho está rolando com você?

— Estou vivendo, Dante. Coisa que você deveria estar fazendo também.

Já tínhamos tudo o que poderíamos querer.

Dinheiro. Mulheres. Poder.

A porra do mundo já era nosso e nem tínhamos atingido a maioria ainda.

— Eu estou vivendo, só não sou louco como você. — Deu de ombros, voltando seu olhar para a namorada. Ele sempre parecia em paz quando olhava para ela.

O idiota estava fodido e nem se dava conta. Ou, pior, se dava conta e não queria fazer nada a respeito disso.

— Você é um idiota, isso sim. Quando vai terminar esse lance com a Melinda? Já parou para pensar na quantidade

de boceta que você está desperdiçando querendo comer só a dela? — Traguei novamente meu cigarro de maconha.

— Ela não é só uma boceta, Augusto — rebateu, irritado.

— Você sempre se dói quando falo dela. O que foi? Se apaixonou mesmo por essa garota? Você tem quinze anos, idiota.

Quinze! Ainda nem fizemos metade das coisas que falávamos que iríamos fazer.

— Há pessoas que têm sentimentos. — Dante revirou os olhos. — Não sou frio como você. Nunca fui.

— Você é iludido. Essa menina vai te foder. Quando ver, vai estar divorciado com trinta anos e se perguntando o que porra fez da sua juventude.

Ele sabia que eu estava certo.

Contudo, pareceu ser a coisa errada a se dizer, porque senti Dante ficar rígido do meu lado. Tenso.

— Eu realmente gosto dela, Augusto. Você vai ter que aceitar essa merda. — Seu tom de voz me chamou atenção. Dante nunca

ficava bravo, esse era um papel que ele sempre deixou para que eu cumprisse.

Um silêncio se estabeleceu e a única coisa que escutávamos eram as ondas que quebravam na areia e as risadinhas das meninas na beira da água. A praia onde estávamos nunca era lotada, poucos tinham acesso a ela e, para ser sincero, nossos vizinhos deviam ter mais de setenta anos e quase nunca apareciam.

Nem mesmo para passar as férias.

Isso era o que eu mais gostava dali. A sensação de estar um pouco longe dos olhares de todas as pessoas e a calma de não ser o centro das atenções.

— Eu preciso te contar uma coisa, mas você não pode surtar.

— Só pelo jeito que ele falou, eu sabia que iria ficar puto.

Dante tinha esse jeito de garoto certinho, mas, às vezes, se metia em confusões. Mesmo sendo bonzinho e educado, ainda assim, carregava uma porção de testosterona no seu sistema e, vira e mexe, se fodia ao entrar em problemas. Problemas que eu sempre tinha que ralar minha bunda para consertar e, na maioria das vezes, levar a culpa.

— Que merda você fez agora? — Soltei a fumaça densa.

— Meu pai vai me matar.

Raul Bittencourt o mataria só pelo fato de vê-lo andando comigo enquanto eu segurava a porra de um baseado. Isso nunca o assustou antes.

Mas eu conhecia bem o meu melhor amigo. Ele estava assustado e, conseqüentemente, me assustando também.

Que porra você fez, filhote de príncipe encantado?!

— É só jogar a culpa em mim, Dante. Você vai ficar bem.

Eles já esperavam o pior de mim mesmo. Eu nem ficava de castigo mais.

— Não dá para jogar culpa disso em você, Augusto. Eu não quero.

Certo, isso era novo.

Dante nunca conseguia lidar com suas próprias merdas.

— Que porra você fez? — *Por que eu sinto que você acabou de foder com toda nossa juventude, seu imbecil do caralho?*, pensei.

— Não precisa ficar puto, porra! Eu vou lidar com isso. — Suas mãos tremiam. Eu poderia oferecer meu *beck*, mas o certinho não aceitaria mesmo.

Esperei que ele falasse, encarando seus olhos azuis, que já começavam a ficar avermelhados.

— Lembra da festa na casa do Ferreira?

Como eu poderia esquecer? Fiz minha primeira suruba. Ainda me lembrava das garotas se chupando e do meu pau sendo engolido por tanta boceta que cheguei a ficar assado.

Realmente, foi uma boa festa.

— Naquele dia, eu transei com a Melinda...

Nem deixei que ele terminasse de falar.

— Você fode com a Melinda há seis meses. O que rolou?

Broxou? Se você estiver me fazendo pirar só por causa de uma broxada, eu vou te matar!

— Cala a boca, idiota! — disse, me dando um soquinho no braço. Dante hesitou por um momento e, após suspirar, falou de uma vez: — Fodemos sem camisinha.

— Mas quantas vezes eu te falei para não fazer uma merda dessa, Dante?!

Como um idiota desse tinha um QI acima da média?

A boceta da Melinda devia realmente ser uma delícia porque conseguia tirar até mesmo o juízo do ser humano mais ajuizado que havia pisado nessa Terra.

— Ela tomou pílula do dia seguinte. — Seus olhos foram para as próprias mãos. — Achamos que estava tudo certo, mas, ontem, ela fez um teste.

— Porra...

— Ela está grávida. — Não consegui responder nada. Ele continuou: — Agora, entende o porquê você não pode levar a culpa por mim desta vez?

Caralho...

Tive que respirar fundo para não voar no pescoço dele.

— Você engravidou a porra da filha do juiz mais famoso de São Paulo, Dante?! — rugi, incrédulo. — Você engravidou uma menina de quinze anos, seu idiota do caralho?!

— Não precisa gritar, porra! — contrariou, bravo.

— Você tem ideia do que acabou de fazer?!

Você fodeu com tudo! Tudo!

— Eu tenho, mas vou precisar de você. Vai ser um inferno na minha casa.

— O pai dela vai querer acabar com você. E eu preciso dizer que vou ter que concordar com ele. — Apaguei meu *beck*, guardando o resto no bolso da bermuda. — Vocês têm certeza dessa merda? Não é um falso positivo ou qualquer merda assim? E

por que ela parece tão tranquila?

— Eu disse a ela que cuidaria de tudo.

Lógico que disse.

— O que vai fazer agora? Precisa falar com seus pais.

— Vamos voltar para São Paulo amanhã de manhã. E você vai comigo. — E eu, como um bom otário, iria mesmo. — Vou ter que lidar com isso. Casar, talvez.

— Casar?! Não estamos mais no século dezenove. Assuma a criança, mas espera. Você nem sabe se é com ela mesmo que quer passar o resto da sua vida.

— Você precisa parar de achar que todo casamento vai dar errado como o dos seus pais, cara. — Suspirou.

— Eu não acho que todo casamento vai dar errado, só acho que você ainda não tem certeza. Você gosta dela, vai ter um filho com ela. — Essa parte, eu ainda estava digerindo. — Mas isso não quer dizer que vai ter que ficar amarrado nela para sempre.

— Augusto, você não entendeu. — Seu olhar se fixou no meu.

— Eu vou ficar amarrado nela. E eu quero ficar amarrado nela. Eu *amo* a Melinda.

Engoli em seco.

Suas palavras me chocaram um pouco, mas não deixei transparecer.

Mantive a calma em todos os momentos possíveis. Fiquei ao lado dele quando toda a merda explodiu. Observei de perto

meu amigo foder com a vida dele.

O que eu não sabia ainda era que ele não tinha fodido apenas com a dele, mas com a minha também.



MARIA LUIZA BITTENCOURT - 22 ANOS DEPOIS

(V-I-P) até que eu quero amor

Mas meus olhos tão no game, game, game

(V-I-P) eu gasto em dólar, Money

E isso é caro, bae

Luiza Sonza - V.I.P

— Nós estamos fodidas! — Ágata, minha prima e melhor amiga, disse ao meu lado, tirando seus enormes óculos escuros.

Ela estava bem-vestida, como sempre. Usava um blazer corde-rosa que devia valer bem mais do que o guarda-roupa inteiro da maioria dos *treinees* e contrastava de maneira elegante com sua pele negra.

A roupa definitivamente estava ótima. O problema estava na cara de ressaca que nem mesmo uma boa maquiagem conseguiu disfarçar.

— Sua cara está péssima. Falei para você não beber tequila ontem.

Tudo bem que eu bebi cinco caipirinhas, mas não estávamos falando de mim, e sim dessa sem juízo que conseguiu chegar de ressaca no primeiro dia de trabalho.

— Se fosse a tequila, eu até tinha defesa. O problema foi o pau do Jonas, né? Que pau gostoso do caralho...

Jonas era o rolo que Ágata tinha há anos.

O motivo desses dois nunca namorarem era o mais idiota possível: minha melhor amiga não queria abandonar a vida de solteira, então vivia pegando o Jonas e se magoando no processo.

Era uma rotina meio cansativa. Eles ficavam, se viciavam um no outro, então tínhamos o momento em que ela percebia que os dois não estavam com mais ninguém e, provavelmente, viviam uma rotina de namorados. Isso a assustava mais do que qualquer coisa.

Aí, passávamos para a fase das brigas, do ciúme besta, das bocas aleatórias só para provar que não era apaixonada por ele... Até que ele se cansava e seguia em frente, chegando, finalmente, à fase das lágrimas.

Toda vez, ela dizia que seria a última vez. Nunca era. Nunca seria.

Por mais que Ágata não admitisse, ela amava Jonas. E ele a amava também. Com um pouco de maturidade, eles poderiam ser muito felizes juntos.

Enquanto um raio não caía na cabeça dela e fazia essa besta quadrada de vinte e dois anos se tornar uma adulta,

eu seguia a apoiando em qualquer merda que quisesse fazer. Afinal, era disso que se tratava uma amizade. Ela fazia uma merda e, mesmo eu me irritando com isso, sempre estava de braços abertos para consolá-la. Sem julgamentos ou condições. Óbvio que eu expressava minha opinião, mas não tinha como controlar os sentimentos dela, então lá estava eu, apenas esperando para oferecer meu ombro amigo quando ela precisasse.

Ficava me perguntando se Jonas também corria para uma noite com os amigos regada de lágrimas, sorvetes e filmes com homens gostosos quando os dois terminavam. A imagem quase me fez sorrir. Não conseguia imaginar Jonas e seu grupo de amigos em uma espécie de clube de corações partidos.

Pensar nisso me levou diretamente para Fernando, o primo maravilhoso de Jonas que, para o meu completo desespero, estava namorando há cinco anos com a mesma garota. Para minha sorte, porém, ela havia terminado com ele duas semanas atrás. Não me oporia de nenhuma forma de ser seu ombro amigo e, de quebra, ganhar uns beijinhos no final da noite.

Eu precisava aproveitar o momento. Até porque, dali umas duas ou três semanas, Ágata e Jonas já eram, assim como minhas oportunidades de dar em cima de Fernando.

Falando assim, até parece que eu iria conseguir dar em cima dele, mas, enfim... A vida, às vezes, também pode ser feita de ilusões.

— Chegamos ao Brasil há menos de três semanas e você já sentou no Jonas, Ágatha?! O seu autocontrole é realmente impressionante — disse, empurrando a porta giratória que nos levaria para dentro da MB Incorporadora. Empresa que,

inclusive, era onde iríamos trabalhar pelo resto de nossas vidas porque, afinal de contas, éramos duas das herdeiras do império Mancini-Bittencourt.

Ágata foi adotada pelo meu tio Pablo e seu marido Caíque quando tinha oito anos. Ambos eram diretores da nossa empresa, assim como meus pais.

Ainda me lembrava da primeira vez que coloquei meus olhos na garotinha assustada e perdida na sala da casa do meu avô. Ela era pequena e desconfiada, mas, assim que meu pai disse que era minha prima, minha família... Me apaixonei.

No início, Ágata não queria ser minha amiga, precisava confessar. A garota odiava gente, mas, aos poucos, eu fui conquistando-a. Aos poucos e com biscoitos. Não conhecia ninguém que gostava tanto de comer como essa garota. Quer dizer, eu até conhecia, mas, naquela manhã, havia acordado querendo me iludir.

— O que eu posso dizer? Se você parasse de ser uma idiota e arrancasse esse cabaço logo, entenderia o porquê eu rodo, rodo, rodo e acabo quicando no pau do Jonas — justificou, dando de ombros, e apertou o botão para chamar o elevador.

Ela simplesmente achava um absurdo que uma mulher de vinte e dois anos ainda fosse virgem. Mas o que eu poderia dizer?

Quando seus pais te tiveram com quinze anos, você acabava crescendo com um certo terrorismo acerca do assunto. Além do mais, minha prima sabia muito bem o porquê eu ainda não tinha perdido o cabaço.

Ágata falava de mim porque era fácil demais ser ela. Não que eu fosse feia, sabia que não era. O problema era que eu era tímida.

Tímida e meio desengonçada.

Uma combinação desastrosa quando o assunto era homens.

Era uma puta mentira que eles achavam fofas garotas como eu. A verdade era que eu era mesmo desastrosa. Chorava em momentos inoportunos, ria de uma maneira feia e tinha o péssimo hábito de fazer comentários desconfortáveis e deixar qualquer diálogo absolutamente enfadonho.

Resumindo: era um terror no quesito social e nem mesmo minha beleza compensava esse fato.

— Seu pai vai te matar. Você não dormiu em casa e não sei se ele comprou a nossa mentira desta vez.

Era sempre assim. Ela dormia no Jonas, mas, para os pais dela, estava no aconchego da minha casa. Mais precisamente, da minha cama. Tinha até medo de que, um dia, descobrissem de quantas vezes essa garota aprontou com a desculpa que estava dormindo na minha casa.

— Depois eu me resolvo com meus pais, não é como se eu fosse uma adolescente. — Desdenhou com a mão no ar. *Não é uma adolescente, mas parece uma*, pensei. — Temos problemas maiores hoje.

Não queria nem tocar nesse assunto, mas era lógico que ela não ligava.

— Você realmente não prefere ir para o setor comercial? Malu, seu pai também é arquiteto. Você pode ter o melhor dos dois mundos.

Meu pai era o diretor comercial. Toda a parte de vendas dos empreendimentos era ele quem comandava. Era, de longe, a diretoria mais importante da incorporadora, e isso era visto claramente nos picos de estresse que ele sempre tinha.

Chegava a ser estranho ver meu pai puto, já que, normalmente, era um poço de calma.

Minha mãe sempre me dizia que existiam dois Dantes: o nosso e o da empresa.

O nosso era o melhor marido e pai do mundo.

O da empresa... Bem, era um porre!

— Ele nem usa arquitetura para fazer o trabalho dele. Eu gosto da técnica, de projetar... Você sabe disso — rebati.

— Você vai trabalhar com o capeta em pessoa. Chorona do jeito que é e, além de tudo, teimosa, vai acabar dando merda.

— Augusto não é tão ruim assim — menti. Conhecia Augusto desde que me entendia por gente. Ele não era ruim, era o pior tipo de pessoa. — Além do mais, duvido que ele me humilharia. Ele me viu crescer, é o melhor amigo do meu pai... Vou saber lidar com o crápula.

— O jeito que você é iludida me irrita.

A porta do elevador se abriu e fomos praticamente empurradas para dentro dele. Era loucura entrar naquele elevador às oito da manhã com vários dos empregados dali prontos para trabalhar.

Há alguns anos, estar vivendo aquele dia era um tipo distante de sonho. Ao contrário do meu pai e de Ágata, eu sempre gostei da ideia de ser uma das herdeiras daquele império. Gostava de tudo do que dizia respeito a MB Incorporadora. Gostava dos projetos, das vendas e de como nosso grupo funcionava.

Mamãe dizia que eu havia nascido arquiteta de fábrica e, para ser honesta, achava que ela tinha razão. Amei cada fase da minha graduação e tinha certeza de que amaria ainda mais cada fase do meu estágio, até finalmente estar à altura do temido Augusto Mancini.

— Ok, eu admito. Augusto é insuportável, arrogante, prepotente, metido e grosseiro, mas eu consigo lidar com ele.

Sempre consegui.

O cara sempre foi um nojo. Nunca entendi o porquê meu pai gostava dele.

Inclusive, achava que meu pai era a única pessoa nesse vasto universo que conseguia suportar o ego e a arrogância daquele crápula. Nem minha mãe gostava dele, e olha que ela gostava de todo mundo.

Mas, também, o que dizer do homem que quebrou o coração da minha tia? Foi um choque quando minha tia Isa me contou sobre o rolo que teve com o imbecil ainda quando era nova. Ela tinha dezessete anos e ele, dezesseis.

O babaca ficava com ela e teve a capacidade de sair com uma de suas melhores amigas no mesmo dia! Que tipo de pessoa faria

isso?

Eu tinha a resposta: gente sem caráter e imbecil, como Augusto Mancini.

Óbvio que, depois de tantos anos, minha tia superou esse pequeno desastre, conheceu o amor nos braços de um homem de verdade e se mudou para a Itália para viver sua felicidade. Mas nem o tempo havia apagado o ranço da minha mãe. Achava que nem mesmo havia apagado o meu.

— Sempre conseguiu? Se você conta como se esconder no quarto toda vez que ele vai à sua casa, então temos um conceito bem diferente de lidar bem com ele.

— Fiquei traumatizada quando ele gritou com a gente.

Ele precisava ter berrado comigo? Eu não era surda.

— Ainda se lembra disso? Eu devia ter riscado mais o carro daquele filho da puta.

— E tê-lo berrando ainda mais nos nossos ouvidos? Não, muito obrigada. — Cerrei meus olhos para ela. — Ele é um nojo, mas esse é o meu sonho. É o meu legado. Além do mais, eu sou herdeira tanto quanto ele. Não vou deixá-lo entrar no meu caminho.

Por fora, eu parecia altiva, mas, por dentro, estava me cagando de medo.

Ágata me olhava com o mesmo pesar que eu olhava para ela quando me dizia que era a última vez que ficava com Jonas. Nosso andar chegou e saímos pela porta do elevador. Minha melhor amiga foi para a direita do corredor, para a diretoria jurídica, enquanto eu fui para a esquerda, para a máquina de tortura também conhecida como diretoria técnica.

Meus saltos faziam barulho no piso de mármore e o ar gelado batia em minha pele, provocando um arrepio ruim por toda minha espinha. Sorri para alguns conhecidos enquanto ia em direção à sala dos *treinees*, minha sala, tentando parecer o mais calma possível. Eu não poderia demonstrar fraqueza em nenhum segundo por ali.

Todos estavam esperando que eu falhasse, e eu não podia dizer que os culpava. Era neta de um dos donos, filha de dois dos diretores e sobrinha de outro. Enquanto a maioria ali entrou tendo

que ralar muito a bunda para conseguir um espaço na maior incorporadora do Brasil, eu apenas tive que nascer para ter minha vaga. Não iria mentir sobre isso, era lógico que sempre tive uma vaga naquele lugar. Todos os herdeiros tinham.

O que eles não sabiam era que eu tinha um trabalho bem mais difícil agora.

Eles precisavam provar que eram bons, já eu precisava provar que era excepcional.

Eu teria que ser perfeita.

Antes que eu colocasse meus lindos *scarpins* da sorte para dentro da sala dos estagiários, a voz que assombrava até meus pesadelos de criança entrou nos meus ouvidos.

— Senhorita Bittencourt, coloque suas coisas na minha sala.

Até mesmo a voz dele era bonita.

Eu tinha que ser sincera: Augusto era um homem terrivelmente belo. Daqueles que a gente sentia até ódio por ser tão bonito. Não era à toa que a maioria das

mulheres caía em sua cama aos montes. Os cabelos negros com pouquíssimos fios grisalhos faziam uma combinação assombrosamente linda com os olhos azul-acinzentados que pareciam mais com aço. Além disso, tinham os seus um e noventa e oito de altura e o físico de um cara que ia para a academia todas as manhãs, mas que bebia e se divertia nos fins de semana. Não muito musculoso, mas bem definidinho.

E o pior era que ele parecia ficar cada vez mais bonito. Aos trinta e sete anos, Augusto foi considerado um dos homens mais bonitos do Brasil. Inclusive, foi por isso que foi escolhido — na verdade, foi obrigado —, a ser o garoto propaganda da empresa, juntamente com meu pai.

No final das contas, achava que sua fama sempre se deu por causa dos seus namoros com famosas. Ele sempre tinha em seus braços uma atriz ou modelo e acabou ficando conhecido pela mídia.

Virei-me rapidamente, já me preparando para sustentar aqueles olhos avaliadores sobre mim.

— O quê? Mas essa é a minha sala. — Senti meu sangue gelar enquanto meu coração batia freneticamente no peito. Os olhos

azuis continuavam os mesmos, assim como a barba cerrada e a pele queimada pelo sol.

Augusto Mancini parecia o mesmo babaca de sempre.

Fiquei dois anos sem vê-lo, mas, como Ágata já havia me avisado, ele só tinha melhorado. Nós o odiávamos, mas tínhamos olhos. Não tinha como não reparar.

Por que tinha que ser tão gostoso? Isso não fazia bem para as pobres mulheres daquele lugar. Não que eu ligasse, claro. O homem tinha a idade do meu pai, o humor de um velho de setenta anos, além de um perfeccionismo que o fazia sempre terminar seus relacionamentos com quatro meses de duração. A junção de todos os defeitos de Augusto, fazia-o se tornar insignificante para mim.

Mentira tem perna curta, viu, Maria Luiza?!

— Você não disse agora há pouco que sabia lidar perfeitamente comigo? — Cerrou aqueles olhos de aço, como se quisesse pegar meu lindo pescocinho e torcer.

Ele nunca gostou muito de mim. Enquanto o babaca sempre pareceu viver com os pés no chão, eu estava com os meus nas nuvens.

Ele era pragmático. Eu, sonhadora.

Ele era sem paciência. Eu, compreensiva.

Ele era um escroto. E eu, bem, não conseguia nem mesmo matar uma formiga sem chorar.

No final das contas, era uma vida. O que eu podia fazer?

— Lógico que você escutou tudo o que eu disse sobre você...

Quando eu teria paz e tranquilidade quando o assunto era esse homem? Já não bastou o carro que eu risquei, a bola de basquete assinada por um jogador famoso que eu, sem querer, furei, o prêmio de melhor arquiteto de 2020 que eu deixei cair no chão, o tapete persa que, infelizmente, teve que ser jogado no lixo depois que meu nariz sangrou em

cima dele... Mas que culpa eu tinha? Na maioria das vezes, foi tudo um acidente.

Sorri do jeito mais polido possível.

— Primeiramente, escutar a conversa dos outros é feio.

Segundamente...

Ele me interrompeu.

Sua mãe não te deu educação, seu cretino?

— Não existe essa palavra — corrigiu-me, seco.

— *Segundamente* — foi minha vez de cerrar os olhos —, eu não menti. Ou vai me dizer que você é um poço de gentileza e bondade?

— Suas coisas. Na minha sala, Maria Luiza. Agora! — Seu pescoço ficou vermelho. Ai, como se irritava fácil o cretino...

— E

você está atrasada.

— Mas eu cheguei às oito...

Interrompeu-me.

De novo!

— Eu chego às oito. Você é minha subordinada. Quando eu chegar, você precisa estar aqui, assim como todos os seus colegas de equipe.

Filho da puta...

Respirei fundo, contida, e abri ainda mais meu sorriso antes que voasse na cara dele.

— Ok, Augusto. Mais alguma coisa?

— Na verdade, sim. Coloque uma roupa decente amanhã.

Seus... — apontou para os meus seios apenas com o olhar —, estão quase pulando desse vestido. Isso aqui, até onde eu chequei, não é um bordel. Vista-se corretamente.

Olhei para os lados, torcendo para que o meu pai passasse e escutasse esse idiota me maltratando.

— Ok, Senhor Mancini... O que mais posso fazer pelo senhor?

— Pressionei meus lábios um no outro, tentando não chorar e sentindo toda aquela vergonha típica que me acompanhava, gelar meu estômago.

E, espere aí, peitos pulando para fora? Eu nem tenho peito, sou uma tábua!

Ainda me lembro de chorar quando eu tinha quinze anos ao realizar que não teria peitos tão grandes quanto os das minhas amigas. Até mesmo anticoncepcional eu tomei na esperança de fazer os pobres crescerem. Mas eu estava fadada a ser uma daquelas garotas que não tiveram a sorte de nascer nem com bunda nem com peitos.

Como eu disse, uma tábua.

— Suas coisas, Maria Luiza. Eu não tenho o dia todo. —

Estalou os dedos em frente ao meu rosto.

Ele sempre foi alheio a qualquer sentimento que não fosse o dele.

Babaca!

Virei de costas, obedecendo a ele, e fui para a grande sala pegar as minhas coisas, que eu tinha pacientemente organizado na sexta-feira quando fui recebida junto com os novos estagiários.

Talvez, Ágata estivesse certa.

Talvez, eu realmente deveria trocar de setor enquanto era tempo.



AUGUSTO MANCINI

Minha flor serviu pra que você

Achasse alguém

Um outro alguém que me tomou o seu amor

E eu fiz de tudo pra você perceber

Que era eu

Los Hermanos - A Flor

"Se não for por amor, eu não quero, Augusto. Sou uma mulher, não um negócio."

Essas foram as exatas palavras de Eva quando eu pedi para que se casasse comigo naquela manhã. Estávamos tendo um namoro relativamente longo dentro dos meus padrões. As outras nunca passaram mais de quatro meses comigo, mas ela já estava no sexto mês e contando. Parecia a decisão certa.

Mas não para ela. Tudo porque eu não a amava.

Segui observando o bendito arranjo que, agora, enfeitava a mesa de Maria Luiza.

Eu levei até flores.

Flores!

Isso era mais do que eu havia feito para qualquer uma, e olha só onde me levou? Humilhado e constrangido. Mas eu mereci isso.

Caí no papinho do Rei dos Idiotas — também conhecido como meu melhor amigo.

Eu praticamente havia implorado para me foder.

Foi ele quem colocou na minha cabeça que, se eu estava feliz e confortável com Eva, era a hora de dar o próximo passo. Estava

ficando velho e, para todo mundo, precisava me casar e, então, ter filhos. Mas eu devia saber que essas coisas não eram para mim.

Eu não era o Dante e, para completar, gostava da minha vida do jeito que estava. Uma porção de mulheres na minha cama, a liberdade de uma vida sem crianças e, além de tudo, privado de situações constrangedoras, como a de horas atrás.

Lógico que, depois do que disse com todas as letras a Eva sobre não amá-la, ela acabou por terminar comigo e ainda enfatizou que eu era a pior pessoa que já conheceu na vida. Um tanto quanto dramática para o meu gosto.

Mas como ela achava que eu poderia amá-la? Eu nem deixava que dormisse na minha cama. Nunca escondi que era um cretino, acreditava que ela só não tinha visto o quanto. Até que, naquela manhã, enquanto tomávamos café da manhã na casa dela depois de uma foda sensacional, a merda toda explodiu.

As rosas estavam ali, zombando do grande idiota que eu era, mas fiquei com pena de jogar as coitadas fora. Já tinha matado as pobres, então, pelo menos, que fossem usadas para alguma coisa.

Eu ainda não podia acreditar que liguei para uma floricultura e encomendei rosas brancas! Dante me paga... Vou mandar a conta do cartão para ele.

— Maria Luiza! — chamei a fedelha que Dante e Melinda colocaram no mundo.

Precisava confessar que me assustei quando coloquei meus olhos nela naquela manhã, depois de dois anos sem vê-la.

Quando Malu entrou naquele avião rumo a Crownford , ainda era uma menina. Mas parecia que os tempos de macacão jeans e sujeira de tinta guache no cabelo já tinham passado. Agora, Maria Luiza Bittencourt era claramente uma

mulher adulta e, para o meu terror, uma mulher muito linda — para não dizer gostosa.

Nem pense nisso!

Eu podia jurar que era a voz de Dante que ecoava na minha mente.

Ela se virou para mim com aqueles olhos arregalados e com a respiração meio ofegante.

Quando essa garota vai perder o medinho que tem de mim?

Eu nem sou tão cretino assim.

Desde que nasceu, Maria Luiza nunca gostou muito de mim.

Sempre que me via, aprontava um berreiro que me dava nos nervos.

Revirei os olhos.

— Todo ano, eu escolho um dos meus estagiários para me acompanhar pessoalmente nos meus projetos.

— Ou seja, para fazer o trabalho que você deveria estar fazendo.

Aquela língua solta do caralho deveria ser cortada e jogada fora.

— Você é muito sem educação — apontei, sério, fazendo seus ombros caírem. — Aqui, eu não sou o melhor amigo do seu pai. Na verdade, em um contexto geral, eu não sou nada seu em lugar nenhum. — Não estava brincando. Nunca me coloquei nessa posição. A única filha de Dante que gostava era a caçula, Maria Alice, mas ela era diferente, assim como meu tratamento perante a ela. — Eu preciso de

alguém que faça trabalhos específicos, já que, em questões técnicas, meu secretário não serve de porra nenhuma.

— E você me escolheu?! Dentre todas as pessoas? Meu pai quem te pediu? Nossa, eu juro que não falei para ele fazer isso —

soltou, de maneira rápida e ansiosa.

Os cachos loiros estavam presos em um coque grande e cheio, fazendo seu pescoço ficar inteiramente visível para mim. Foi por isso que notei a vermelhidão ali presente. Malu estava nervosa.

Era sempre assim quando ficava nervosa diante de algo. A garota ficava vermelha como um pimentão.

— Você é mais talentosa que todos aqui. Não preciso falar isso porque você sabe. Não é burra, muito menos ingênua. O seu talento supera alguns arquitetos com anos de prática, quem dirá fedelhos que mal sabem projetar uma coisa descente? — Ela era muito mais talentosa do que eu, por exemplo. Era um excelente arquiteto por causa do meu esforço, mas Malu era natural. Ela tinha um dom e só um idiota não veria isso. — Só trabalho com os melhores, Maria Luiza.

— Não sabia que gostava tanto assim do meu trabalho. — Ou, melhor, ela era natural quando o assunto era técnico, mas um terror quando o assunto era relações sociais. Maria Luiza teria que aprender a controlar a língua, se quisesse sobreviver naquele ramo.

— As pessoas vão dizer que você me favoreceu por causa do meu pai. Sabe disso, não é? Seu trabalho como supervisor será posto em xeque.

— Isso é um problema meu, não seu — cortei-a, fazendo com que suas bochechas se tornassem avermelhadas como seu colo.

— Desculpa — murmurou, olhando para baixo.

— Preciso que você trabalhe no projeto da Faria Lima. —

Optei por ignorar seu pedido sem jeito.

— Augusto, eu não estou pronta para um projeto desse tamanho! — Qual era o problema dessa garota com uma simples ordem? Não me lembrava de ela ser tão desobediente. — Esse será um dos maiores lançamentos da empresa. E se eu estragar tudo? E

se eu fizer...

Seu falatório me deixou com dor de cabeça.

— Vamos deixar uma coisa muito clara. Eu mando, você obedece. Se eu entreguei um projeto a você, é porque *sei* que você saberá lidar com ele. Preparada ou não, essa é a porra do seu trabalho. Não sabe de algo? Procure. Pesquise. Aprenda. Melhore!

Ninguém vive apenas de talento.

Seus olhos se avermelharam, mas ela engoliu em seco, não deixando que nenhuma lágrima caísse.

Isso, Maria Luiza, cresça. Boa garota.

— Para quando eu preciso entregar o *layout* do prédio pronto?

— Sua voz falhou um pouco ao perguntar.

— Você tem trinta dias. E não peça ajuda. Cada *treinee* terá seu próprio projeto para comandar.

O estágio ali na MB era diferente de em muitos outros lugares.

Na minha diretoria, eu distribuía cada um dos estagiários para algum dos engenheiros ou arquitetos. Sendo que, em seu primeiro mês, cada um deles era designado para algum projeto grande.

Lógico que não usávamos, mas era um jeito de pressioná-los ao



limite para que deixassem as inseguranças de recém-formados para trás.

Esse, inclusive, era um diferencial do meu setor. Eu não aceitava estudantes. Não tínhamos estagiários. Por aqui, o mínimo que você deveria ter era uma faculdade. Eles já eram incompetentes formados, imagina quando eram apenas girinos, fedendo a maconha barata e a comida do RU?

Éramos a maior empresa do mercado por uma razão.

Ser medíocre não seria aceito.

— Eu não iria pedir ajuda. — Encarou-me com raiva.

— Dúvidas?

Deu de ombros, se virando para sua mesa novamente.

— E, Maria Luiza, se eu escutar você choramingando para o seu pai, irei te demitir no mesmo segundo. Aqui, você não é filha do Dante. Não é uma das herdeiras da MB. Aqui, você é como qualquer um. Estamos entendidos?

— Sim, Senhor Mancini.

Seu respeito fez meu peito vibrar.

Sorri de maneira cínica.

— Ótimo.

Boa garota.

— Você não está sendo muito duro com ela, não, né?

Dante devia ter me perguntado a mesma coisa todo final de dia na última semana.

— Ela não vai quebrar, deixe a garota crescer.

Apertei o botão do elevador. A semana tinha sido um lixo, e eu ainda teria que aguentar esse idiota no meu ouvido querendo saber sobre coisas que não eram da sua conta.

— Quero ver quando você tiver a sua filha, se vai concordar com essa coisa de deixar crescer — resmungou.

— Não terei filhos.

— Eva disse para Melinda no jantar da semana passada que queria ter filhos. — Dante era tão óbvio quanto insistente.

— Ela não aceitou se casar comigo. — Foquei na tela do meu celular, querendo sumir daquele lugar e ir para a balada mais próxima.

Aquela era minha vida. Balada, charutos e uma boceta gostosa no final da noite.

Era disso que eu gostava.

— O quê?! Por quê? Eu jurava que ela estava apaixonada por você.

— Ela estava.

— Então qual foi o problema?

Por que tinha que ser tão cuidadoso comigo? Se ele fosse um pouco mais displicente com a nossa amizade, eu não acharia ruim.

— Dante, me deixa em paz. Hoje é quinta-feira. — Fugi a semana toda dele justamente para não ter aquela conversa.

— Não deixo, não. — Saímos do elevador juntos. — O que rolou?

— O de sempre, Dante. Ela se apaixonou, e eu não.

— Mas você a aguentou por seis meses! Como não se apaixonou por ela? — Ele travou no lugar, confuso.

Como eu diria para ele que a mulher amava anal sem parecer um cretino?

— Eu não acredito nessas porras. Sou sincero, Dante. Não ia iludir a mulher falando que estava completamente apaixonado por ela e que meu coração batia mais rápido quando a via.

O máximo que ela me provocava era um pau duro como pedra.

— E iria se casar mesmo assim?

— Eva era uma boa pessoa. Íntegra, engraçada, fodia bem. E, além de tudo, tinha tanto dinheiro quanto eu, então interesse não era uma questão. Eu me divertia com ela. Para mim, era o suficiente.

Ele me olhava com pena.

Odiava aquele olhar.

— Cara, já pensou em fazer terapia? Isso não é normal.

Rolei meus olhos, impaciente.

— Eu sou normal, só sou um cara que não acredita nessas merdas. Ou vai me dizer que seu coração pulsa pela sua mulher?

Ou que você suspira quando a vê?

O silêncio dele me fez bufar.

— Você é ridículo, Dante.

Ridículo e um idiota.

— Até quando vai se trancar dentro de si mesmo? Vai fazer trinta e oito anos e nunca teve um relacionamento sólido que não se baseasse puramente em sexo. Você precisa crescer!

— Pago minhas contas e cuido de mim mesmo. Eu ter crescido e escolhido fazer coisas diferentes de você não me faz menos maduro — rebati, afrouxando minha gravata.

— Você não se sente sozinho? — *Todos os dias.* — Tenho medo de você acabar como seu pai.

Jogo baixo. E ele sabia disso.

— Tenho amigos. Hoje mesmo, irei sair. Você se preocupa demais. Além disso, está para nascer uma mulher que entenderia meu jeito de ser. Minhas manias, meu jeito, meus gostos. Você sabe que, eventualmente, são elas que dão o fora da minha vida.

Era um segredo meu que ele guardava a sete chaves.

Eu era visto como babaca, mas as pessoas não sabiam nada sobre minha vida privada. Não deixava as coisas importantes à mostra. E preferia que fosse assim. Não se mostrava a jugular para quem você sabia que poderia te matar.

— Torço para que ela exista, cara. Ficaria extremamente grato, se você encontrasse alguém, sossegasse e, sei lá, vivesse uma vida menos vazia.

— Minha vida não é vazia. — Dei de ombros.

Dante arqueou as sobrancelhas.

— Tchau, papai. — Beije sua bochecha. — Ah, e sobre Malu, se eu souber que você a ajudou no projeto de iniciação, irei demiti-la.

— Você não ousaria — desafiou-me.

— O coração mole é seu. O meu é duro como uma rocha.

Achava até que nunca havia batido. Era tão cretino quanto o dono.

— Não sei o porquê sou seu amigo. — Solto uma risada condescendente.

— Porque, bem lá no fundo, eu sou incrível. — Destranquei a porta da minha *Mercedes* preta e aproveitei para deixar meu bebê chorão para trás, me acomodando atrás do volante.

— Não se esqueça que domingo é aniversário da Maria Alice.

Se você não for, Melinda vai te matar.

Como se eu fosse perder o aniversário da minha afilhada.

Das outras duas filhas, a mulher do meu melhor amigo não deixou que ele me escolhesse como padrinho, mas a última não teve nenhum argumento sólido o bastante para que a fizesse me rejeitar. Fui obrigado a passar horas na igreja fazendo um curso chato *pra* caralho e aguentar a melhor amiga chorona de Melinda durante o batismo inteiro.

Mas, pelo menos, das filhas de Dante, eu apadrinhei a melhor.

Malí era engraçada, sem limite e o terror dos pais. Eu a adorava e não fazia questão nenhuma de esconder isso.

— Já até comprei o presente. — Pisquei para ele.

— Você não vai dar um computador de vinte mil reais para aquela garota! Ela tem oito anos, Augusto! — bradou, colocando as mãos na cintura.

Liguei o carro, já afundando o pé no acelerador. O motor ecoando alto no estacionamento do prédio.

— A afilhada é minha, vou dar o que eu quiser.

E ele que se fodesse depois tendo que limitar o tempo que ela ficaria nele.

Essa era a parte mais legal de ser padrinho de Maria Alice. Eu podia cuidar dela, brincar e tudo mais, mas a parte chata ficava com Dante e Melinda.

— Você é uma peste! Melinda estava certa, eu devia ter escolhido outro padrinho.

— Eu sou o melhor. — E não era mentira. — Tchau, idiota.

Acenei, deixando Dante para trás, e fui rumo à vida de putaria e sem controle que eu tanto gostava.

Seis meses com uma única boceta. Eu já estava com saudade de uma variedade.



MARIA LUIZA BITTENCOURT

Seus olhos, meu clarão

Me guiam dentro da escuridão

Seus pés me abrem o caminho

Eu sigo e nunca me sinto só

Tribalistas - Velha Infância

Às vezes, eu achava que vivia em um comercial de margarina e ninguém tinha me avisado.

Meus pais eram aquele tipo de casal que realmente se amavam. Não existia nenhum questionamento acerca do assunto.

Eles sempre estavam se tocando e pareciam ser o porto seguro um do outro. Chegava a ser estranho imaginar que tiveram um início de relacionamento tão conturbado.

Queria dizer, não a parte do namoro e essas coisas. Isso foi tranquilo. Eles se conheceram na escola, se apaixonaram e ficaram juntos. Nada dramático nem emocionante. Tudo mudou de figura quando eu cheguei nesse mundo.

Minha mãe era filha de uma família tradicional de São Paulo, já meu pai era herdeiro de uma das famílias mais ricas do Brasil. Eles não aguentaram a pressão do mundo nas suas costas com tão pouca idade e o relacionamento sucumbiu. Ficaram separados por dois anos quando meu pai foi estudar nos Estados Unidos — uma tradição familiar. Ele, assim como eu, foi obrigado a passar os dois últimos anos da faculdade lá para tirar duplo diploma.

Foi uma época bem difícil. Eu via meu pai de três em três meses, e as brigas deles eram frequentes. Eles eram novos demais,

com responsabilidades demais e isso gerou muitas tensões.

Lembrava-me bem dessa época, tinha entre cinco e sete anos.

Assim como me recordava de quando eles voltaram.

Lembrava-me da felicidade. Dos olhos brilhando. Dos suspiros.

Meus pais se amavam verdadeiramente, e eu achava isso incrivelmente bonito. Era um conforto crescer em uma família como a minha.

— Maria Alice, você não pode levar *Coca-cola* para a escola!

— minha mãe berrou.

Gritos como esse eram comuns pela manhã. Minha irmã tinha uma predileção quase sádica em irritar nossa mãe.

Bom, talvez, o título de família de comercial de margarina fosse um pouco de exagero.

— Mas, mãe, o que custa me deixar ser como as outras crianças?! — indagou, suplicando com aqueles olhinhos verdes que faziam até mesmo o sem coração do Augusto perder a compostura.

Malí era o terror dos meus pais. Vivia se metendo em encrenca e conseguia tudo o que queria com sua lábia e inteligência.

— Custa a sua saúde. — Meu pai entrou na cozinha de nossa casa, beijando a bochecha da minha irmã do meio, Maria Julia.

É, eu sabia. Meus pais podiam até ser bons pais, mas de forma nenhuma eram criativos na hora de escolher os nossos nomes.

Majú tinha dez anos e estava começando a entrar na pré-adolescência. Ao contrário de mim, que era mais calma e tímida, ela era descolada e popular. Sim, com dez anos, já dava um banho em mim, que tinha vinte e dois, no quesito habilidade social.

Minha irmã do meio tinha milhares de seguidores por causa das dancinhas que fazia no *TikTok*. Já eu, nem redes sociais tinha.

Agoniava-me aquele tanto de pessoas vendo minha vida. Sem contar que nosso pai era babão demais, então, qualquer coisa que uma de nós fizesse, lá estava ele, mostrando para todo mundo.

De vergonhosa, já bastava minha existência.

— Mas, pai, o Joaquim, da minha sala, leva! E a Pietra também! — Malí rebateu, cruzando os braços.

— Não, Maria Alice! — Minha mãe fechou a lancheira enquanto dizia, brava. — Nunca deixei que comesse essas porcarias em dia de semana e não será agora que irei deixar.

Pergunte às suas irmãs se isso era permitido com alguma delas.

Minha mãe era uma ótima mãe. Sempre presente, observadora e muito amiga, mas não havia nada que se importasse mais do que com a nossa saúde. Sempre tivemos que fazer atividade física — um grande tormento para mim —, além de ter uma dieta balanceada. Porcarias apenas no final de semana. Isso era uma regra da qual ela não abria mão.

— Papais são chatos assim mesmo — Majú comentou, olhando para o celular enquanto deslizava os dedos sobre a tela.

— É para o seu bem, Malí — falei, passando a mão pelos seus cabelos loiros e lisinhos.

Até porque, quem queria beber *Coca-cola* no meio da manhã?

Meu estômago até revira só de pensar nisso.

Depois da faculdade de Arquitetura, eu desenvolvi uma gastrite que me fez beijar os pés da minha mãe por ter cuidado da minha alimentação com tanto carinho. Dois anos de *fast-food* e refrigerante diariamente me cobraram um preço gigante.

O precinho que eu pagava por ser desobediente.

— Lembra daquele exame que sua irmã teve que fazer em janeiro? — papai perguntou, olhando para a pequena terrorista depois de pegar seu café.

Assim como eu, ele só bebia puro e sem açúcar. Parando para pensar, eu era muito parecida com meu pai. Éramos dois obcecados por filmes antigos, viciados em trabalho e com uma bondade cega que chegava a irritar a pobre da minha mãe.

Minhas duas irmãs já eram mais parecidas com ela. Melinda Bittencourt era uma advogada talentosa e sem muita paciência. Ao contrário do meu pai, gostava muito do seu trabalho, mas não era o motivo das suas noites mal dormidas. Minha mãe era vaidosa, sociável e adorava uma tarde no shopping com suas amigas.

Como alguém podia gostar tanto de fazer compras e ir ao cabeleireiro seria sempre um mistério para mim.

— Lembro, pai — respondeu, emburrada. — Mas ela é velha.

Não vou ficar tendo dor na barriga por causa da Coca. Vai ser só uma vez.

Eu? Velha? Era por isso que ela conseguia se dar bem com o crápula.

— Não. Isso não é negociável, Maria Alice. — Minha mãe cortou o assunto. — Maria Julia, a louça é sua. E você — olhou diretamente para mim —, me conte. Como está o trabalho com Augusto? Ele está te tratando bem?

— Ah, é o Augusto, mãe... — Meu pai observava nossa conversa com atenção. — Ele é muito bom no que faz e, conseqüentemente, bem rígido, mas estou indo bem.

Fazia uma semana que estava trabalhando com aquele imbecil e fazia uma semana que eu ia embora daquela empresa chorando no ombro de Ágata.

— Sabe que não precisa tolerar as grosserias dele, não sabe?

— Ela me analisou tão atentamente que foi impossível não me enterrar na cadeira para tentar fugir um pouco do seu olhar.

— Eu sei, mãe.

Mas não queria ser demitida.

Ele não estava blefando quando disse que me demitiria, se meus pais fossem encher o saco dele por qualquer que

fosse a razão. Eu queria aquele emprego. Melhor, queria *merecer* aquele emprego. E, bem lá no fundo, queria que Augusto visse que eu não era apenas talentosa, mas sim a melhor arquiteta daquela empresa.

Que, com o tempo, eu me tornaria melhor até mesmo do que ele.

— Conversei com ele, Mel. Você precisa relaxar um pouco.

—

Meu pai parecia tranquilo.

O que será que ele falou com Augusto? Será que foi por isso que ele estava tão puto no meu primeiro dia?

— Tudo o que você fala para ele, entra em um ouvido e sai pelo outro.

E ela não estava errada.

— Nunca tivemos reclamações em relação à sua chefia. Além do mais, ele é como se fosse da nossa família. É um tio para Maria

Luiza. Vai cuidar bem dela. — Papai disse cheio de certeza, brincando com sua xícara de café.

Tio? Ele nunca nem havia me deixado chamá-lo de tio.

Augusto podia ser muita coisa, mas não podia dizer que era mentiroso. Ele não me considerava sua família e deixava isso claro.

Achava até que ele me considerava um problema que nunca conseguiu resolver.

Mesmo que eu soubesse de tudo isso, considerava bonita a lealdade que meu pai tinha com o amigo. Minha mãe sempre se irritava ou criticava Augusto, e meu pai sempre o defendia. Até mesmo quando não tinha defesa. O lance dele nunca foi provar que Augusto era uma boa pessoa, mas sim deixar claro que, para ele, o melhor amigo era uma das melhores almas que pisou nessa terra.

Às vezes, eu achava que meu pai era um fofo. Ou um iludido.

Ainda estava me decidindo.

— Você o defende demais — mamãe reclamou.

— E você o critica demais. Augusto é uma boa pessoa.

Uma boa pessoa?

Eu quase rebati.

Quase...

Mas iria valer meu emprego, então fiquei quietinha no meu canto.

— O papo está muito bom, mas preciso ir para a escola —

Maria Julia disse, se levantando da mesa.

— A louça, mocinha. — Mamãe lhe lançou um sorriso, que mais queria dizer *“se você não lavar essa merda, vai ficar uma semana sem ver suas preciosas amigas.”*

— Tá bom, mãe. Estou indo. — Majú foi para a pia como se estivesse indo para uma sala de tortura. *Dramática.*

— E você ainda queria ter tido mais um, não é, querida? —

papai comentou, com um sorriso irônico nos lábios.

— Eu tenho uma resposta para você, querido, mas não posso dar agora. — Ela o desafiou com o olhar. — Mas saiba que eu tenho uma resposta.

Assisti meus pais terminarem de comer, assim como minhas irmãs, quase implorando para que não me levassem ao trabalho



naquele dia.

O que será que aquele infeliz iria fazer hoje comigo? Se ele já era um cretino quando eu fazia tudo certo, imagina quando descobrisse que, acidentalmente, fiz uma cagada?

— Então, você acidentalmente sentou na minha cadeira, que foi um presente de um amigo designer. Exclusiva. E, acidentalmente, se enrolou na cortina. E, *acidentalmente...*

—

Respirou fundo. *Esse é o momento, ele vai me demitir.* — Não só rasgou a cortina, como também quebrou a porra da cadeira?

Arrumei meus óculos em cima do nariz, nervosa.

— Isso... Acidentalmente.

— Você é um desastre, porra! — Ele andava pela sala como uma fera enjaulada.

Para ser sincera, a culpa era dele. Quem me mandou desenhar um projeto do zero? O prazo era curto para um trabalho tão grande. Precisei ficar até tarde e estava nervosa porque nada saía como eu queria. Só fui espairecer um pouco.

Tudo bem que eu não deveria ter ficado girando na cadeira como uma idiota, mas era divertido, e eu jurava por tudo que não tinha ideia de que a cortina iria rasgar, se eu me enrolasse nela.

— Me desculpa, Augusto... Não foi por querer. — Tentei fazer a cara menos culpada que eu conseguia.

— Você não é nem louca de fazer uma merda dessa por querer. — Passou as mãos no rosto, puto.

Como o infeliz tinha mãos tão bonitas? E grandes... Os dedos...

— Era só uma camisinha e não teríamos tido nenhum tipo de problema. Mas seu pai me escuta? Não, porra, ele nunca me escutou.

Estagnei no lugar.

— Augusto...? — Engoli o bolo que se formou na minha garganta.

— Você é uma criança! Uma criancinha do caralho que não consegue ter o mínimo de cuidado com as coisas dos outros! —

Àquela altura, ele estava berrando. — Como que eu vou trabalhar com a porra de uma pessoa infantil como você, me diz?!

Seu olhar feroz em mim fez com que eu não conseguisse mais segurar algumas lágrimas que estavam imobilizadas nos meus olhos.

— Você não... — Tentei tomar um pouco de fôlego. — Não pode falar assim comigo. Foi um erro. Estamos trabalhando juntos há uma semana, e eu cometi um único erro.

— Um erro que custou muito caro, Maria Luiza!

Afundi-me na minha própria cadeira. Não tinha muito o que fazer naquele momento.

— Eu posso pagar pelo conserto...

— Você acha que é fácil assim? Tudo para você se resolve na base do dinheiro? — *E para você não?* — Isso que dá ter filhos cedo. Você não tem o mínimo de educação, sua garota mimada!

Ele me insultar já era ruim, agora, ele insultar os meus pais...

Melhor, o meu pai, que sempre o defendeu, era demais.

— Eu?! Eu não tenho o mínimo de educação? Você está gritando com uma funcionária dentro de uma empresa na qual você é herdeiro! Eu quebrei uma coisa que tem como repor, que *eu* tenho como repor, e você está aí, berrando na minha cara que eu nem devia ter nascido! — Lágrimas escorreram por minhas bochechas coradas. — Estava colocando em xeque a educação que o seu amigo me deu,

de uma maneira ofensiva por uma coisa tão supérflua!
Chega a ser ridículo!

Seus ombros caíram um pouco. Não liguei, me levantei da cadeira e fui até ele.

— Não venho até o meu trabalho para ser humilhada. Ninguém aqui vem! E você diz que eu sou uma criancinha, mas parece que o bebê chorão aqui é você! — Bati em seu peito com o dedo indicador em riste.

Óbvio que ele tem o peitoral definido...

— Eu não quis dizer que você não devia ter nascido — falou com um tom de voz mais baixo, como se estivesse arrependido.

— Mas disse. Sempre falou frases como essa. E dói, sabe? Eu odeio você e nem por isso amaldiçoo o seu nascimento.
— Limpei minhas bochechas com o dorso das mãos.

— Me dê aqui seus óculos. Estão completamente sujos. —

Nem esperou que eu os tirasse. Puxou os óculos do meu rosto e tirou um lenço do seu terno.

— Não precisa...

— Preciso. — Ele parecia envergonhado. *Uau, Augusto Mancini é capaz de sentir vergonha. Estou chocada.* —
Desculpe.

Eu não devia ter me exaltado. É só porque era um presente importante.

— Eu já disse que posso comprar uma igual. Seu amigo pode fazer outra para você.

— Não, Maria Luiza. Ele não pode. — Suspirou pesadamente.

— Ele faleceu de HIV há alguns anos.

Um bolo se formou em minha garganta novamente, fazendo-a latejar.

Você é realmente um desastre, Malu.

— Ah... — soltei, com a voz embargada. — Sinto muito.

— E eu sinto muito por ter gritado. — Colocou meus óculos novamente na minha face, empurrando-o pelo meu nariz. Certo, naquele momento, Augusto nem parecia tão ruim. — Você tem razão, eu não posso gritar com você. Sou seu chefe e isso não é ético. E eu não estava dizendo que você não devia ter nascido. Não acredite em uma porra dessa. Você é uma coisa importante para o seu pai, e seu pai é muito importante para mim, então...

O pobre parecia perdido em suas palavras.

Uma coisa.

Augusto e sua delicadeza tal qual um dinossauro.

— Eu entendi.

— Vá limpar o seu rosto. E, se possível, não conte a ninguém sobre hoje. Eu não irei contar. — Acenei com a cabeça, apressando-me e querendo sair dali o mais rápido possível. — E, Maria Luiza...

— virei-me, olhando-o por cima do ombro —, estou orgulhoso de você. Não abaixe a cabeça para ninguém. Nem mesmo para mim.

Esbocei um pequeno sorriso, uma sensação estranha tomando meu peito.

— Tem algo que eu possa fazer pela sua cadeira, Senhor Mancini? — perguntei, mesmo sabendo que não tinha.

— Está tudo bem, Maria Luiza. Não se preocupe com isso.

Pisquei algumas vezes, sentindo um arrepio estranho serpear minha coluna. Ver Augusto meio vulnerável era como ver um unicórnio. Quase mágico.

— Você não é tão ruim, sabe? — Não consegui segurar a língua.

Augusto suspirou, parecendo finalmente estar desarmado.

— Vá se limpar, Maria Luiza. — Prendeu o riso, dando as costas para mim.

O que será que meu pai vê em você, Augusto?



AUGUSTO MANCINI

Meu nariz empinadinho, não me rele, não me toque Sou mimada e correria, cachorra de grande porte

Luiza Sonza - Cachorrinhas

A maior dificuldade de ter um amigo que tinha filhos como um coelho era ter que lidar com merdas que não eram minhas.

Eu mal tinha colocado os pés na casa do Sr. Bittencourt e já havia sido obrigado a entrar no carro de Maria Luiza e ir rumo ao Morumbi atrás da porra do bolo que o idiota esqueceu de pegar.

— Cuidado com...! — Nem consegui terminar de falar, e a loira passou com tudo em cima de um buraco.

— Eu jurei que eu não ia cair naquele buraco. Não é à toa que odeio dirigir nesta cidade — disse, arrumando os óculos.

Não me passou despercebido que, naquele dia, ela não usava os óculos normais de sempre, que eram tão feios que me davam agonia. Maria Luiza estava com óculos mais finos e bonitos, com hastes douradas. Os cabelos, que sempre viviam presos em um coque acima da cabeça, estavam soltos e, por um segundo, me permiti ficar impressionado com eles.

Malu tinha cabelos loiros como os pais, mas a semelhança parava por aí. Ao contrário do resto da sua família, seus fios eram cacheados e muito cheios.

Lindos. Absolutamente estonteantes.

As roupas também não eram como as que eu me recordava.

Antigamente, em festas de família, ela sempre estava com alguma

camiseta, calça jeans e seu velho *All Star* vermelho, que parecia querer sair andando sozinho de tanto que era usado.

Naquele dia, ela usava um vestido todo florido e curtinho, que ficava preso ao seu corpo. Tudo bem, em minha defesa, eu não era cego.

Maria Luiza Bittencourt era uma garota gostosa, mas, ainda assim, uma garota. Nunca tive muita paciência para meninas mais novas e não seria agora que iria ter.

Além do mais, por Deus, ela era filha do Dante. Eu a vi crescer.

Que merda eu estou pensando?

— Seu pai tinha que te obrigar a dirigir. Quanto mais você treinar, melhor vai ficar — comentei, desviando meu olhar para a rua.

— Fiz oito provas do Detran. Sabe quantas horas de aula eu tive? Milhares! Está na hora de aceitar que não sou boa no volante

— argumentou, no mesmo segundo em que, de repente, pisou no freio para parar o carro em frente à doceria.

— Só é desatenta.

Desatenta e apressada.

— Você volta dirigindo. Meu pai quem mandou — ela falou, sem nem olhar para mim.

Precisava confessar que eu achava engraçadinho quão inibida ela ficava perto de mim.

Depois da discussão na quinta-feira passada, nossa relação ficou ainda mais distante. Se é que isso era possível.

Dante era inteligente e muito atento às suas meninas, e bastou um jantar com a filha mais velha para que sacasse que eu tinha feito alguma merda. Obviamente, menti, mas precisava arrumar aquela situação antes que Melinda viesse me encher o saco.

Contornar Dante era fácil, difícil era contornar Melinda.

— Foi para isso que eu vim. — Abri a porta da loja para ela, que me olhou como se estivesse vendo um milagre bem na sua frente. — O quê?

— Você sabe ser cavalheiro. Estou impressionada.

A fuça era de princesa, mas a língua... Ah, aquela língua.

— Na empresa, sou seu chefe. Aqui, não.

— Nunca foi educado antes, Augusto. — Soltou uma risadinha.

— Sempre me tratou como uma pedra no seu sapato.

— Mas você é uma pedra no meu sapato.

— Você é muito mimado.

— Você também, querida. Não se esqueça de que somos farinha do mesmo saco — rebati.

A loja era bonita, mas o cheiro me deixou enjoado de imediato.

Odiava coisas doces. Nem me recordava da última vez que tinha comido um brigadeiro, sequer. Contudo, Maria Luiza,

ao contrário de mim, parecia ter chegado ao paraíso. Eu lembrava bem da sua obsessão por doces e das birras homéricas que ela dava por conta deles quando era criança.

Malu sempre foi um nojo para comer. Não foi à toa que voltou dos Estados Unidos com gastrite.

Como sabia disso? Aguentei Dante reclamando no meu ouvido por dias que a garota estava com dores no estômago. Além de superprotetor, o idiota ainda era carinhoso e cuidadoso ao extremo.

Resumindo: um chato!

— Sou uma ótima pessoa — resmungou, me fazendo revirar os olhos. — O quê? Eu sou, sim, uma ótima pessoa!

— Não disse nada.

— Mas você pensou.

— Maria Luiza, o bolo. Estamos atrasados.

Melinda iria comer os nossos cus, isso sim.

Tudo bem que a culpa daquilo tudo era de Dante. O infeliz esqueceu de pegar o bolo de aniversário da própria filha, mas isso não importava para sua mulher. A culpa iria cair em mim, como sempre.

— Ai, tá bom! Já estou indo. — E foi rumo ao caixa, batendo os pés como uma criancinha.

— Insuportável... — murmurei.

— Eu escutei isso! — disse, de costas para mim.

— O bolo, caralho! — Meu rugido a fez se apressar.

Ela era doida, mas não burra. Eu já estava puto por ter que passar cinco horas dentro de um ambiente com várias crianças

gritando no meu ouvido. Além disso, teria que me envolver em conversas maçantes com pessoas que não tinha muita paciência.

Aquele não era um bom dia para Maria Luiza me estressar; já bastava fazer isso durante toda a semana.

A loirinha pediu o bolo, passou o pagamento no cartão e finalmente conseguiu pegar o que buscávamos. Quase tive um AVC

quando a vi se aproximar com o bolo de três andares todo rosa e com decoração de dinossauros.

Quão incrível uma criança tinha que ser para pedir uma festa com o tema de dinossauros?

— Me deixe levar o bolo — pedi, andando em seu encaicho até o lado de fora da loja.

— Não precisa. Você tem que dirigir.

— Maria Luiza, esse bolo é pesado. Deixe que eu o leve até o carro.

Acha que a Srta. teimosa do caralho me obedeceu?

— Vamos, Augusto. Minha mãe já está ligando.

Observei atento a garota sair da loja, andando como se estivesse se cagando de medo ao segurar aquele bolo enorme. Um atendente abriu a porta do estabelecimento e do carro para ela.

Respirei fundo antes de entrar do lado do motorista.

Não era intuição que me dizia que aquilo iria dar merda, era a porra da lógica.

Vou matar o Dante!

Entrei no carro, colocando o cinto e pensando em todas as formas possíveis de matar o meu melhor amigo. Aquele cretino não devia ter ido pegar o bolo de propósito porque sabia que era um trabalho chato *pra cacete*, sem contar que a mulher dele sem noção pediu um bolo grande, para terminar de foder com tudo.

Coloquei o GPS para funcionar e tentei ficar o mais confortável possível dentro do *Mini Cooper One* de Malu. Eu era um cara grande, tinha um metro e noventa e oito, e aquele carro estava bem longe de ser compatível para alguém alto como eu. Mas não tinha o que fazer.

Quarenta e cinco minutos era o tempo que o GPS indicava para chegarmos ao destino.

Quarenta e cinco minutos era o tempo que eu precisava para não deixar que o poço do desastre fizesse alguma merda.

Fomos tranquilos e em silêncio o caminho inteiro. Malu segurava com firmeza o bolo e, ora ou outra, cantava alguma das músicas que tocavam na rádio. Era engraçado como ela sempre parecia tão séria, mas, em momentos como aquele, mostrava uma faceta mais descontraída.

Não sabia o porquê, mas aquilo me intrigou.

— Nunca imaginei que uma garota como você gostasse de Luiza Sonza. — Retorci o volante um pouco para a direita,

ignorando o olhar de Malu.

— O que quer dizer com *uma garota como eu*?

Eu podia ter certeza de que ela estava cerrando os olhos para mim.

— Você é certinha, parece ser até meio entediante.

Já havia notado como ela não tinha muitos amigos e nunca apareceu com algum namorado em casa, para a alegria de Dante.

— E quem gosta de Luiza Sonza é legal? Descolado? — E por que ela parecia irritada? Não havia falado nada demais.

— Ah, sei lá, você é nerd. Quero dizer, nerd não, porque nem de videogame você gosta. É que, para as pessoas da sua idade, você não é comum. Quase nunca vai às festas, não apronta nenhuma, está sempre vendo algum filme antigo ou escutando músicas antigas. Só é meio estranho ver você fazendo ou gostando de coisas de meninas da sua idade.

— Você não me viu por dois anos, Augusto.

— Vai me dizer que meteu o louco lá em Crownford?

Experimentou drogas e caiu na cama dos jogadores de futebol americano?

Pelo que escutei de Pablo, foi exatamente isso o que Ágata, a prima e melhor amiga de Malu, tinha feito. Inclusive, no Natal, estava péssima porque tinha tomado um pé na bunda de um tal de Sebastian Sinclair, que era um fenômeno do futebol americano universitário.

Pelo que entendi, ela tinha se apaixonado pelo cara, mas ele não, então ele terminou tudo — conseguia entender o garoto

perfeitamente. O problema não foi o pé na bunda, e sim que Ágata nunca tinha tomado um. Era sempre ela quem fugia. E, para uma garota que não sabia lidar com rejeição, aquilo foi difícil de engolir.

Mas era o que eu sempre dizia: desilusão amorosa construía caráter. Poderia apostar que, agora, a garota iria pensar duas vezes antes de sair por aí destruindo corações inocentes.

— O quê? Não! Claro que não.

— Entendeu o porquê eu te acho certinha?

— Entediante — resmungou, após bufar. — Você disse que eu sou entediante.

Não poderia mentir e retirar minhas palavras. Ela era realmente entediante.

— Você é diferente. E está tudo bem. — Tentei minimizar minhas palavras. Era um escroto, mas tinha limites.

Escutei sua risada sarcástica.

— Estou falando sério, Maria Luiza. Está tudo bem ser diferente.

— Disse o cara que é igual a todo mundo. — Remexeu-se no banco, quase deixando o bolo cair.

— Segura direito essa porra.

— Fala direito comigo!

— Caralho, por que nunca consigo falar com você sem me irritar?! — indaguei, exasperado.

— Você que me irrita! Sua mãe não te deu educação? A Senhora Mancini era uma mulher tão boa, não tenho dúvidas de que o mínimo de senso, ela tentou te dar.

— Por que estamos falando da minha mãe? Deixe a pobre descansar em paz — contrapus, pisando ainda mais no acelerador.

Já estava puto. De novo.

— Vou contar para o seu pai que você me fez chorar três dias seguidos essa semana — provocou, como a boa criança que era.

— Vou contar para o seu pai que você fuma maconha escondida no terraço da empresa — rebati.

— Mas eu não... — Ela parecia querer chorar. Era capaz de sentir o desespero em sua voz. — Você mentiria para ele.

Ah, minha querida... Não seria a primeira vez.

— Não ouse usar minhas merdas contra mim. Você ainda é uma adolescente. Se tentar me foder, quem vai ser fodida é você.

Já havia feito muitas coisas perversas na vida, mas foi a primeira vez que me senti completamente sujo por pensar em alguma delas.

Foder Maria Luiza.

Foder Maria Luiza?

Eu tinha amor ao meu pau. Além do mais, aquela fedelha ainda cheirava a *Toddyinho* e jardim de infância.

Eva tinha vinte e quatro anos, Augusto. Quer enganar quem?

A partir de então, apenas mulheres acima dos trinta. Isso, provavelmente, resolveria todos os meus problemas.

— Criança? Você que é a porra de um adolescente em um corpo de homem! — Suas bochechas ficaram rosadas. — Qual é o seu problema comigo? Você precisa superar essa birra. Meu pai me teve, você perdeu um espaço com seu melhor amigo, mas cresça!

Cresça! Arrume uma família para você e não me encha a porra do saco.

— Não é por isso que eu não gosto de você. Acha que eu perdi espaço na vida do Dante? Garota, seu pai sempre foi certinho.

E depois, você já está na porra deste mundo há vinte e dois anos.

Quando eu tinha quinze, sim, não gostei nada de saber que seu pai tinha feito uma cagada, mas, agora, eu tenho trinta e sete. Superei essa merda.

— Então qual é o seu problema comigo?! — gritou, indignada.

— Me diz qual é a porra do seu problema comigo!

Olhei para ela, que segurava aquele bolo completamente descabelada e com a pele avermelhada, tentando buscar todas as razões pelas quais me dava nos nervos.

Em um primeiro momento, foi a inconveniência do seu nascimento. Depois, foram os choros, as birras, as noites em claro que deixavam Dante irritado. Enfim, veio a época em que ela era criança, e eu nunca me dei nada bem com uma. Não sabia entendê-la. E, aí, veio a fase adolescente, onde ela só ficou ainda mais estranha e distante de qualquer realidade que fosse a minha.

Tudo bem, eu admitia, meu problema era lidar com qualquer pessoa que eu não entendesse. E Maria Luiza era a porra de uma incógnita para mim.

— Não sabe, não é? — enfrentou-me. — Não tem um único argumento sólido para me encher tanto o saco.

Soltei o ar pelo nariz com força.

— Chegamos. — Forcei-me a desconversar.

— Lembre-se do que falou na confeitaria. Aqui fora, você não é meu chefe. Não aja como se eu fosse obrigada a tolerar suas merdas.

Ignorei seu desaforo, assim como ignorei sua presença, zozinho com tudo o que tinha acontecido dentro daquele carro.

Mas ali estava meu problema: mesmo me irritando ao extremo, aquela pirralha do caralho sempre cruzava o meu caminho.

05

Parabéns, desastres e olhares

MARIA LUIZA BITTENCOURT

Hoje é um dia especial

Te dou um presente, você não viu nada igual

Olha aqui, menina, quantos anos você tem?

Sei que cê tá linda e merece parabéns

Pablo Vittar - Parabéns

Deveria saber, no momento em que meu pai veio com aquele papo de buscar o bolo da Malí, que isso não daria certo. E, por pura birra, não deixei que o filho do capiroto carregasse o bolo para mim.

Um erro muito mal calculado, diga-se de passagem, levando em conta que eu odiava levantar peso e tinha a força de uma criança de cinco anos nos braços.

Fui andando em direção à porta de entrada da minha casa com aquele bolo gigantesco, que devia pesar uns vinte quilos, tentando não fazer nenhuma merda. Mas era lógico que algum desastre iria acontecer. Estávamos falando de mim e de um destino sádico que amava tirar uma com a minha cara, afinal.

Chegando perto da porta, meus pequenos braços já não aguentavam mais o peso, e fui sentindo que eles estavam prestes a ceder.

— Augusto! — gritei, porque não via nada na minha frente além do bolo. — Augusto!

— Caralho! — Ele ainda estava dentro do carro, mas escutei o barulho da porta se fechando com força. — Não abaixe tanto os braços, a lateral da caixa do bolo não vai aguentar!

— Quem não vai aguentar sou eu! Meus braços estão doendo!

— choraminguei, sentindo o bolo lentamente deslizar pelo suporte.

— Não... Não...! — Ele parecia mais perto de mim. E, por um milésimo de segundo, eu estiquei meus braços para entregar o bolo para ele. E foi naquele segundo que fiz mais uma das minhas cagadas. *Minha mãe vai me matar!* — Puta. Que. Pariu.

Eu tive que segurar o riso quando dei de cara com Augusto com os braços melecados e a camiseta toda cheia de glacê rosa.

Abaixei a cabeça, vendo que não era só a camiseta. Augusto estava coberto até os pés de bolo.

Bolo esse que não existia mais.

— Não surta... — pedi, já rindo de nervoso.

Surpreendendo-me de uma maneira inesperada, ele apoiou as duas mãos na cintura e soltou uma gargalhada. E eu poderia jurar que a gargalhada dele, além de provocar a

minha, gerou uma sensação muito estranha no meu estômago.

Finalmente soltei a caixa de papelão, me entregando a uma risada que tive até que me segurar em Augusto para não cair no chão de tanto rir.

— Vou fazer xixi na calça! — Gargalhei mais.

— Seus pais vão nos matar! — Ele não conseguia parar de rir.

— O que vocês... — Era a voz do meu pai. — Puta merda, você derrubou o bolo, Maria Luiza?!

Minha risada morreu aos poucos.

Ai, por que eu tinha que ser tão desastrada?

— A culpa foi minha. Eu tropecei e o bolo caiu em cima de mim.

Para a minha completa surpresa, Augusto mentiu.

Por mim.

A meu favor.

Esse homem é muito estranho...

— Meu Deus, a Melinda vai te deserdar...

Meu pai olhava horrorizado para o chão. Provavelmente, pensando nos mil e quinhentos reais que deixou na confeitaria a troco de nada.



— Ah, eu cuido dela. Malí nem vai ligar para o bolo. —

Augusto me lançou uma piscadinha cúmplice, o que fez minha garganta secar.

Os olhos dele sempre foram tão terrivelmente azuis assim?

Foi quando eu me dei conta de quão próxima estava dele.

Próxima o bastante para sentir seu cheiro masculino e inebriante.

Uma mistura de loção pós-barba, perfume e desodorante, que me fez sentir... coisas.

— A Maria Alice não vai ligar mesmo, agora a Melinda... —

Papai suspirou, me trazendo de volta para o mundo real.
Mas que porra é essa? — Malu, leve o Augusto para tomar um banho e pegue alguma roupa minha para ele. Usamos o mesmo número.

Vou tentar acalmar a leoa, enquanto vocês se... — ele apontou para nós dois — organizam.

Quando meu pai se virou, derrotado, tudo o que conseguimos fazer foi gargalhar mais uma vez.

Depois de passar uma água nos meus pés e escolher uma roupa do meu pai que combinasse com meu chefe, fui rumo

ao quarto de visitas para deixar tudo o que ele precisava lá.

Augusto sempre foi um cara bem-vestido, assim como meu pai. Não foram poucas as vezes que fui ao shopping com a dupla e fiquei entediada em alguma loja esperando que eles se decidissem e comprassem o que queriam.

Era por isso que eu sabia perfeitamente o que escolher para ele. Uma calça cáqui e uma camisa preta, que combinariam muito bem com os sapatos e o cinto. Só tínhamos um pequeno problema: meu pai era, pelo menos, dez centímetros mais baixo do que ele, então a calça, provavelmente, ficaria um pouco curta. Por isso, também montei uma segunda opção, com bermuda e camiseta. Por

mais que fosse muito diferente do que ele costumava usar, daria certo para a ocasião.

Entrei no quarto de fininho, tentando não fazer muito barulho, tudo porque eu estava com um pouco de receio da reação pós-bolo de Augusto. No momento em que passei a mão para desamassar um pouco a camiseta preta, que estava dobrada em cima da bermuda, escutei a porta do banheiro se abrir.

Virei-me rapidamente e a cena que vi me deixou com vergonha, quente e com vontade de me enterrar viva. Tudo ao mesmo tempo.

O corpo do homem era algo que eu mal conseguia colocar em palavras. Bronzeado, sarado e todo definido. Dava para contar todos os gominhos de seu abdômen. E ele não era nada exagerado.

Augusto era todinho proporcional, do tamanho do bíceps até as entradas no quadril.

Fala sério! Eu estudei em Crownford, estava acostumada a frequentar rodas com pessoas, digamos, musculosas. Mas nada era como ele. Nada nem ninguém.

— Maria Luiza... — Sua voz parecia longe.

Meu Deus, olha as veias desse braço...

— Maria Luiza, pare de babar em mim. — Sua voz ecoou no fundo da minha cabeça e, no mesmo segundo, eu quis sair correndo como uma garotinha assustada.

— É... Então... Meu Deus... — Cocei a sobrancelha. — As roupas estão aqui. — Alguns pingos de água ainda escorriam em seu dorso, e eu poderia jurar que minha boca salivou em resposta.

Merda. Merda. Merda. — Eu trouxe duas opções, para o caso de você... Enfim... Você é grande. — Meus olhos caíram um pouco, sem que eu conseguisse controlar. — Todo grande... E, enfim, talvez, a calça não vá servir. Mas você vai ficar bem.

Quem não vai ficar bem depois disso aqui, sou eu.

— Olhos para cima, Meu Bem. Não cobice aquilo que não lhe cabe.

E, daquela vez, eu nem iria dar *piti*. Porque não tinha condição uma coisa daquele tamanho todo caber em mim.



Seu pau estava marcadinho na toalha, e eu tinha quase certeza de que, mesmo mole, batia, pelo menos, a um palmo da sua coxa.

— Mal cabe um dedo, quem dirá isso aí — soltei baixinho, mas, pela risada dele, o cretino escutou.

— Maria Luiza... — chamou-me novamente, com a voz bem mais grave.

— Hm...?

Meu Deus, parecia que, a cada instante, ele ficava mais e mais gostoso.

— Preciso me vestir. Saia do quarto. — Pisquei devagar e subi meu olhar, me deparando com um sorriso de canto em seus lábios.

— E limpe a baba que escorreu aí no seu queixo.

Passei o polegar no local, mesmo sabendo que não tinha baba nenhuma ali. Só para conferir.

— Você é bonito *pra* caramba. Não tem o porquê mentir. — Fui sincera, e isso pareceu desconcertá-lo um pouco.

— Você também é linda, Maria Luiza. — O esboço de um sorriso apareceu timidamente em seus lábios. — Agora vá, antes que você perca mais tempo do aniversário da sua irmã.

— Certo. Estou indo. — Virei-me rumo à porta, me sentindo uma boba. *Eu estava secando o Augusto! Tipo, secando o meu chefe. E ele percebeu!* Queria me enfiar no meu quarto e não sair de lá nunca mais. — E obrigada por não falar a verdade para ele.

— Tudo certo, Maria Luiza. — Foi o que ele disse antes que eu fechasse a porta nas minhas costas.

Mas que porra foi essa? E por que meu coração está batendo tão forte?

— Parabéns pra você... Nesta data querida... Muitas felicidades... Muitos anos de vida...

Todo mundo cantava para minha irmã, que parecia exultante com tudo o que estava acontecendo diante dos seus olhos. Malí estava no próprio paraíso particular. Todos os olhares sobre ela, pessoas à sua volta e uma festa da qual os amigos iriam falar por uma semana na escola.

Minha mãe, não sabia como, tinha arrumado um bolo rosa e o momento do parabéns não tinha sido comprometido. Minha irmã mais nova estava tão satisfeita que não parecia nem um pouco incomodada com a falta do seu bolo de dinossauros.

Ela estava vivendo o seu melhor, já eu estava vivendo o dia mais esquisito da minha vida.

Tudo porque eu, que antes saía correndo como um gato assustado quando Augusto estava no recinto, não parava de procurá-lo com o olhar. E, quando o encontrava, o pior acontecia, como naquele momento.

Às vezes, quando eu estava inocentemente procurando-o, encontrava seus olhos já em mim.

Dessa vez, enquanto Ágata saiu em disparada para pegar algum docinho, fiquei ali, parada e com o copo de refrigerante encostado na boca, sendo puxada pelos olhos mais gelados e viciantes que eu já tinha visto. Mesmo conhecendo-o há tanto tempo, percebi que não costumava

olhar diretamente no mar azul cristalino que Augusto carregava em seus olhos.

Caramba.

Ele tinha optado pela camiseta e bermuda, e o cabelo estava um pouco despenteado, o que não era normal, mas tudo bem.

Ficava até mais bonito assim. O copo de whisky e o charuto nos lábios o deixava... Não conseguia nem ter palavras para explicar.

Augusto estava em uma roda com outros amigos do meu pai, bem mais longe das crianças, provavelmente por causa da fumaça do seu charuto, mas dava para ver nitidamente que me olhava. No fundo dos olhos.

Senti um puxão na minha boceta, assim como uma umidade na minha calcinha.

Nem fodendo que eu estou excitada.

Nem fodendo que estou excitada por causa de Augusto Mancini!

Eu estava.

Eu estava *pra* caralho.

E, pelo jeito que ele me olhava, sabia disso perfeitamente.

Desviei o olhar, não conseguindo mais manter o contato, e, ainda meio perdida nas minhas próprias sensações, fui de encontro à minha mãe. Quase como se estivesse correndo do lobo mau.

Eu sabia sobre as histórias de Augusto. Ele já tinha namorado duas amigas da minha mãe e minha tia. Era mulherengo, metido e muito insensível. Responsabilidade afetiva? Acreditava que nem sabia do que se tratava.

— Parece que você viu um fantasma. — Ágata segurou em meu braço, chamando minha atenção. — Que porra estava fazendo encarando o crápula?

— Não estava o encarando — contrariei rapidamente.

— Estava, sim. — Sem esperar, ela me puxou para dentro da sala de estar da casa dos meus avós. — Malu, ele está fazendo alguma coisa com você? — perguntou em um sussurro.

Além de me fazer chorar por cima e por baixo? Não.

— Não. Eu só estava perdida em pensamentos — menti.

— Você nunca foi uma boa mentirosa. — E lá estava seu olhar de pena novamente. — Não vai me dizer que deu para o Augusto, vai?

— O quê?! — berrei. *Odeio ter uma melhor amiga! Por que tem que me conhecer nos mínimos detalhes?* — Lógico que não! Eu sou virgem, esqueceu?

— Ah, então *isso* ele não conseguiu arrancar com aquele olhar. Estou aliviada — disse, apoiando a mão no coração de forma dramática. — Você está buscando problemas, Maria Luiza! Eu vejo nos seus olhos.

— Não fiz nada. Você que está parecendo uma louca.

— Só vou te dizer uma única coisa... — Chegou mais perto de mim, para que ninguém mais escutasse. — Dizem que

ele tem vinte e quatro centímetros de pau. Vai doer quando for tirar o seu lacre.

— Ágata! — Tampei a boca dela com uma de minhas mãos.
—

Não está rolando nada! Jamais irá rolar nada. Eu nem gosto dele.

Ela tirou minha mão de sua boca.

— Só estou dizendo que te conheço. Você é certinha, mas também tem uma tendência ao desastre... Tome cuidado com onde vai cair dessa vez. — Passou a mão pelo meu cabelo. — Cuidado por *quem* vai cair, ok?

Nem tentei discutir mais, só precisava fugir daquela conversa bizarra.

— Ok.

Precisava trocar de calcinha também.

Inferno!



AUGUSTO MANCINI

Eu me flagrei pensando em você

Em tudo que eu queria te dizer

Numa noite especialmente boa

Não há nada mais que a gente possa fazer

Charlie Brown Jr. - Proibida Pra Mim

Eu sabia exatamente como uma mulher ficava quando estava com tesão. Sabia como as pupilas aumentavam, a atenção mudava, a respiração se tornava mais ofegante e as pernas se fechavam quase imediatamente.

Era por isso que sabia que Malu estava com tesão conforme olhava para mim no aniversário da irmã. E, normalmente, eu nem ligaria para isso. Precisava ser sincero e admitir que era normal ter mulheres querendo foder.

Era normal, mas nenhuma tinha sido ela.

E nenhuma, repetindo, absolutamente nenhuma, já havia me deixado de pau duro apenas com um olhar. Porra, eu não era mais adolescente e controlava meu corpo muito bem. Mas o simples pensamento de foder aquela garota me tirou um pouco do foco.

O que mais me espantou foi querer. Foi imaginar milhares de vezes entrar com ela no quarto de hóspedes, arrancar aquele vestido florido e chupar seus peitos com força enquanto fodia sua boceta com meus dedos, deixando-os melados e com o cheiro dela.

Cheiro que eu quis conhecer e quis que ficasse impregnado em mim.

Passei minhas mãos pelo meu rosto, tentando mais uma vez controlar meus pensamentos. Aquilo não era certo. Nada disso era certo.

De todas as mulheres do mundo, Maria Luiza era uma das únicas que estava completamente fora do meu alcance. Foder com ela era a mesma coisa que foder com a esposa do meu melhor amigo.

Para ser sincero, era até pior.

Foder a filha era bem pior do que foder a esposa.

Eu estou ficando louco, é isso. Só pode ser isso.

— Esse terreno que vocês compraram não é muito bom para um prédio com essa proposta. — Malu disse, mordendo a pontinha do lápis, um tanto pensativa.

— Reclame com seu pai. Quem comprou esse terreno foi ele.

— Mantive meus olhos no computador.

— Já reclamei — afirmou, tranquila e alheia a qualquer martírio que estava me fazendo passar. — Meu avô disse que assistirá à minha apresentação... Como se não bastasse toda a pressão, o presidente da empresa assistirá à minha apresentação.

— Ele assistiu a de todos nós, é algo normal — resmunguei.

— Mas vocês não tiveram que fazer um arranha-céu — rebateu, batendo a testa na mesa. — Eu odeio você.

— Maria Luiza...

— Eu odeio esse projeto.

— Maria Luiza... — Firmei minha voz, meu sangue já fervendo nas veias.

— Eu odeio esse trabalho.

— Maria Luiza...! — rugi.

— O que é?! — Levantou a cabeça, me olhando com uma cara de poucos amigos.

— Por que está desabafando comigo como se fôssemos amigos? — Não tinha nada de amigável em meus pensamentos naquela manhã. — Não somos. Sou seu chefe, caso tenha se esquecido.

— Você precisa relaxar, Augusto. Toda hora é *Maria Luiza isso, Maria Luiza aquilo*. Vai ter um infarto antes dos quarenta desse jeito!

Naquele dia, ela estava pior do que nos outros ou era impressão minha?

— É uma questão de respeito.

— E, por acaso, você não se sente respeitado por mim?

Parece que eu vou te desobedecer de alguma forma? Faço tudo o que você pede. A única coisa errada que eu fiz até agora foi um acidente. — A pequena cretina sorriu. — Só relaxa.

— O que deu em você hoje? — perguntei, confuso. — Sempre se caga de medo quando eu chego nos ambientes, foge de mim como o diabo foge da cruz.

— Você mentiu por mim — justificou simplesmente, com aqueles olhos que muito me lembravam de seu pai.

Será que era tão iludida quanto ele?

— Isso não me torna seu amigo.

E muito menos um cara bom, pensei.

— Você não é tão ruim quanto gosta de parecer.

— Eu sou exatamente o que mostro.

Ela riu.

Aquela garota...

— Por que está rindo? — Cruzei meus braços sobre o peito, girando minha cadeira em sua direção.

— Nunca tinha reparado que você é engraçado. Todo rabugento e desconfortável.

Foi a primeira vez que notei que Malu tinha covinhas.

Covinhas que eu amaria morder, para ser sincero.

Pare de ser um cretino, caralho!

Eu estava tentando, Dante. Ela que não estava me ajudando.

— Nossa troca de olhares de ontem te desconcertou?

— Nossa troca de olhares te iludiu? — rebati, erguendo as sobrancelhas.

— Sabe, na noite passada, fiquei refletindo sobre nosso momento constrangedor e parei para pensar... — Não sairia boa coisa daquela conversa. Continuei mesmo assim. — Você não teria interesse em me ensinar a conquistar garotos?

— *Pera* aí, o quê?! — Eu esperava qualquer coisa, menos aquilo.

— Pelo que eu saiba, você é bem galinha e tem qualquer mulher aos seus pés. Uma encarada em seus olhos e eu já tive que trocar de calcinha. Quero provocar isso nas pessoas.

— Você teve que trocar de calcinha? — repeti devagar, em tom de pergunta.

Caralho. Caralho. Caralho.

— Você escutou o que eu te disse?

— Você bebeu? Se drogou? Está passando bem?

Até então, aquela fedelha nem mesmo gostava de mim. Agora, já queria minha ajuda.

Uma ajuda que eu, inclusive, nem poderia usufruir.

— É difícil, sabe? Eu sou estranha. Você mesmo disse ontem que sou entediante. Tenho vinte e dois anos, Augusto, e nunca transei. — Era oficial. Eu estava de pau duro. Depois eu gritava com ela e as pessoas achavam ruim. Que eu não tinha coração. Quem não tinha coração era ela! — Acha que os meninos gostam de garotas como eu? E minha virgindade piora tudo porque ninguém quer ter o trabalho de transar com uma virgem. Eu preciso ser, no mínimo, legal.

— Se eles não veem que você é incrível, então não deveria querer dar para eles.

— Eu quis dar para você ontem e nem mesmo gosto de você.

— Deu de ombros.

Talvez, aquela boca teria uma excelente serventia que não fosse falar tudo o que ela pensava.

— Olha o que está dizendo...! Eu tenho a idade para ser seu pai! — descontrolei-me, um tanto grosseiro. — E nunca te dei liberdade para essas coisas.

A verdade era que não estava puto, e sim desconcertado.

E com tesão.

Um tesão que eu tinha que reprimir com tanta força que sentia meu corpo doer.

Maria Luiza tirava o pior de mim.

Ela engoliu em seco.

— Desculpa... — Seus ombros se encolheram e a voz embargou. Além de tudo, tinha que ser um bebê chorão do caralho.

— Foi só uma ideia... Achei que você poderia, pela primeira vez, me ajudar e...

— Uma péssima ideia. Horrível. Beira ao desrespeito.

Eu soava como meu pai. *Credo*.

— É que... é que... você mentiu por mim. E você me olhou. E

eu achei que, se tivesse visto algo em mim, poderia me ajudar a mostrar isso para outras pessoas... Não sou boba, sei que senti uma atração por mim ontem.

Por um milésimo de segundo, precisei respirar.

Nunca imaginei que Malu ainda era virgem. Pior, nunca imaginei que ela fosse tão insegura no quesito relacionamentos.

Realmente, vinte e dois anos não era muito, mas, para os padrões de hoje em dia, ela era quase uma santa.

— Respira, Maria Luiza. Não precisa chorar.

— Então não precisa gritar! — rebateu, desviando o olhar, roxa de vergonha.

Eu sou um idiota.

Uma sensação ruim se implantou no meu estômago, de uma maneira que fez minha boca amargar.

Ela estava me fazendo sentir culpado por fazer o certo.

Eu, que nunca fazia porra nenhuma da maneira certa, estava me sentindo culpado por negar um absurdo daquele.

— Me assustei com esse pedido — justifiquei, sucinto.

Assustei-me ainda mais porque fiquei com ciúmes.

Hãhã? Não era possível.

— Esquece isso, por favor... E não conta para ninguém... Pode ser mais um dos nossos segredos, o que acha?

— Acho que não vai rolar.

— Não, Augusto! Por favor! Meu pai vai me matar! — Ela juntou as mãos uma na outra, como uma prece, e fez um biquinho digno de *Oscar*.

— Ele não vai saber. Quis dizer que não vai rolar esquecer o assunto. — Porque seu pai iria mesmo *me* matar. — Vou te ensinar a seduzir uns caras.

E torcer para que você não me seduza no caminho.

— O quê?! Por quê?! — indagou, assustada agora.



— Considere como um pedido de desculpa por todas as vezes que eu fiz você chorar com meus gritos ou grosserias. — Voltei-me novamente para o meu computador. — Começaremos sábado. Vou te levar para uma boate de alguns amigos.

— Está falando sério? — insistiu.

Eu não deveria, no entanto.

— Eu pareço estar brincando, Maria Luiza? — Virei o rosto para ela, olhando fundo em seus olhos esverdeados e tendo a ciência de que seguia a afetando.

— Não, Senhor Mancini. — Mordeu o cantinho do lábio inferior.

— Vou te buscar às dez da noite. E, se seu pai descobrir, saiba que não irei hesitar em colocar a culpa toda em você, ok?

Afinal de contas, eu iria ajudá-la, mas não poderia fazer milagres quanto ao meu caráter.

— Ok.

Por que está concordando com isso, Meu Bem?

— Use um vestido preto e justo. E deixe seus cachos soltos.

Eles a deixavam absurdamente linda.

— Mais alguma coisa? — perguntou, limpando as bochechas e respirando fundo.

— Nunca mude por causa de um homem, Maria Luiza. Você vai ser desejada sendo você mesma.

Ela revirou os olhos mas me respondeu com um “ok” bem descrente.

Tive que morder minha língua para não dizer a ela que eu a desejava, mesmo sendo o poço do desastre.

Quando, enfim, foquei minha atenção em meu computador, a única coisa que conseguia pensar era em Dante e em como ele iria me matar, se descobrisse que eu estava disposto a ensinar a filha dele a foder.

— O que faria nossa amizade acabar? — soltei a pergunta despretensiosamente, enquanto adoçava meu café.

A questão rondou minha cabeça durante toda a semana.

Afinal, precisava me preparar para qualquer merda que fosse acontecer em um futuro não muito distante.

— Que merda você fez? — Dante escorou as costas em sua grande cadeira estilo presidencial.

Ao contrário do meu escritório, que era no estilo mais moderno e escuro, o dele era todo clássico e claro. Mais clichê, impossível.

— Nada. — Tecnicamente nada. Ainda.

— Já falamos sobre isso, cara. Nada contra a lei ou que envolva a minha mulher é permitido. De resto, estarei sempre ao seu lado.

Então, teoricamente, ensinar a filha dele a foder não seria um problema.

Ok, poderia trabalhar com isso.

— Estou pensando em chamar a Larissa para sair. — E não era mentira. Até sexta-feira passada, era uma possibilidade.

— Da contabilidade? Ela é casada, Augusto.

— Não com você. — Dei de ombros, tomando um gole do meu café.

— O marido dela é policial.

— É. Então, é um não para mim.

Óbvio que eu sabia disso. A vida fez questão de me mostrar o preço que eu poderia pagar por não manter meu pau dentro das calças.

— Se eu não te conhecesse, falaria que você está me escondendo alguma coisa.

— Dessa vez, não estou. Mas preciso confessar que já encontrei a Larissa na sexta retrasada e descobri que o marido dela é policial de um jeito nada agradável.

— Uma hora, um marido ou, sei lá, um pai te bate de verdade.

Aí, você aprende.

Não sabe como estou precisando de uns socos, irmão.

— Sou esperto.

— Você é imoral, isso sim. — Dante riu. — Falando em imoralidade, Melinda está puta com o seu presente para Malí.

— Melinda está sempre puta comigo.

— Não posso dizer que sem razão, não é? Ela não quer sair daquela porra nem na hora de dormir. — Passou a mão na testa, impaciente. — Por que você não pode ser bonzinho comigo, como sempre fui com você?

— Eu sou bonzinho. Fiz sua filha feliz, não é suficiente?

Inclusive, estava planejando fazer a mais velha bem feliz também.

Bem feliz porque ficaria com outro cara, não comigo.

Eu não iria tão longe.

Não seria tão louco.

— Você é tão cretino, mas eu te amo. No fundo, fiquei feliz pela minha menininha. Nunca a vi tão animada antes com um presente. — Sorriu de forma genuína.

— Viu, seu ingrato! Minhas intenções são sempre boas.

Mesmo que você, às vezes, se esqueça disso.

— Não te defendo sempre? — Arqueou uma sobrancelha. —

Confio em você e nas suas intenções, Augusto.

Pois não deveria, Dante.

Não deveria.



MARIA LUIZA BITTENCOURT

Não olha assim pra mim que eu não sei segurar Te conheço e já conheço essa maldade nesse olhar

Giulia BE - Se Essa Vida Fosse Um Filme

Você sabe que está fazendo uma merda muito grande quando nem sua melhor amiga sabe das verdades e dos fatos. Nunca omiti nada de Ágata. Ela sabia das minhas maiores conquistas e dos meus maiores podres.

Mas, sobre o Augusto, eu omiti.

Ela não sabia do meu pedido desesperado. E jamais iria saber.

Não porque ela não me deixaria fazer aquilo, e sim por vergonha. A verdade era que eu estava envergonhada por pedir algo tão patético para um homem tão ruim como Augusto Mancini.

Não queria que ninguém ficasse sabendo da verdade. E sabia como ele era. Toda aquela loucura ficaria somente entre nós. Tinha certeza.

— Você está estranha. — Ágata comentou, com o olhar um tanto pensativo. — O que foi? O cuzão te magoou de novo?

— Estou normal, só cansada.

E não era mentira. Meu projeto estava me arrebatando.

— Pelo menos, daqui duas semanas, você entregará esse negócio e finalmente terá uma rotina mais normal.

— Acho pouco provável que minha rotina melhore. Você sabe como é o estágio de arquitetura... Prazos curtos, projetos grandes e, por mais que eu tenha estudado muito para estar aqui, quanto mais

trabalho, mais vejo que não sei metade do que é necessário para ser uma boa profissional.

Só de falar naquele assunto, já havia perdido toda a fome.

A MB tinha uma ampla área de refeição, que ficava no primeiro andar do prédio. As paredes eram azuis claras, assim como os batentes das janelas e das portas. As

grandes mesas redondas ficavam espalhadas pelo espaço, que contava com três buffets compridos para que pudéssemos nos servir.

Meu avô e seu sócio sempre quiseram dar uma sensação quase familiar para empresa e, por isso, além da área de refeição, também contávamos com um berçário para que crianças — filhos dos funcionários — de até dois anos fossem amplamente assistidas, uma sala de descanso para o pós-almoço e um jardim no terraço que, inclusive, sempre foi o lugar preferido do Maria Fumaça, também conhecido como o gostoso do meu chefe.

O gostoso do meu chefe.

Realmente, eu estava cada vez melhor naquela coisa da perversão. Trabalhar com Augusto não estava me fazendo bem.

— Seu problema é seu chefe, minha querida. A minha não deixa meu trabalho tão péssimo assim.

— A minha mãe? Não deixa seu trabalho tão difícil assim?

Ágata, você passou cinco horas escrevendo uma tese para ela na semana passada, que ela nem usou. — Arqueei as sobancelhas.

— Uma grande querida. E, em defesa dela, minha tese estava fraca. A do Doutor Barros era bem melhor.

Ágata era a pessoa mais prepotente que eu já conheci. Ela odiava sair por baixo das coisas.

— Doutor Barros? — perguntei, fingindo inocência.

— Ele é advogado júnior também. Um gostoso.

E lá estava. Que dúvida.

— Você não vai se envolver com alguém do trabalho, né? —

Minha voz saiu tão suave quanto a minha hipocrisia.

Em minha defesa, eu não iria transar com Augusto, iria apenas aprender a seduzir pessoas. Era diferente.

— Só disse que ele é gostoso. — Minha melhor amiga estava encarando seu prato de comida como se ali tivesse uma saída para

qualquer lugar que não fosse o meu olhar.

— Você está me dizendo que está realmente tudo bem ele ter uma tese melhor do que a sua, então?

O sorriso que ela me deu foi gelado.

— Lógico que está. As outras quatro teses que sua mãe escolheu foram minhas. — Ela deu de ombros. — Ele tinha que ganhar, pelo menos uma para que o jogo ficasse interessante.

— Você é muito cretina... — Tentei conter a minha risada.

— Eu sou a melhor, Malu. E, ao contrário de você, sei disso.

Confio em mim, nos meus estudos, e um cara como ele não vai tirar minha confiança. Na verdade, nem mesmo sua mãe conseguiria isso.

Ágata era uma pessoa que nunca se deixou abater. Entendia que, no mundo, não estava em vantagem. Ela era mulher. E era negra. Pessoas preconceituosas saíam de qualquer bueiro, mas ela sempre conseguiu sobreviver e queria, a

qualquer custo, provar que era um dos seres mais fodas que pisou nessa Terra.

Ela poderia parecer megalomaníaca, mas Ágata era assim.

Sem limites.

E que bom. Ela era o lado corajoso da nossa amizade.

— *Touché*. — Dei mais uma garfada no meu arroz com feijão que eu tanto amava. Como eu senti falta da comida desse país.

— Agora, vamos falar de coisa boa. Festa no Fernando no sábado e já confirmei nós duas. É a sua chance para tirar esse cabaço!

Aquele era um daqueles momentos da vida em que você tinha escolhas que, então, iriam definir todo o resto. Provavelmente, eu estava soando dramática demais, mas, quando me via naquela posição, era assim que me sentia.

De um lado, Fernando. Residente de cirurgia geral, dois anos mais velho do que eu, um sorriso encantador e um jeito de menino que tinha tudo para dar certo comigo. Calmo e centrado.

Do outro lado, qualquer coisa que eu arrumasse com Augusto.

Sexo. Desejo. Perversão... Homens aos meus pés?

Quem eu estava querendo enganar, afinal de contas? Ambos não me escolheriam.



Por que eu tinha que nascer com esse carisma de merda? E o pior de tudo era que nem sonhava com um desses amores arrebatadores ou, sei lá, dignos de livros. Eu só queria transar. Nem era pedir muito.

Por isso, sabia qual eu tinha que escolher.

Entre a humilhação e o vexame, eu ficaria com a opção que tiraria minha vida sexual da seca.

— Eu tenho um encontro no sábado.

— Oi?! Com quem? Encontro? — Tão suave como um furacão.

— Não é assim. Vai ter reunião do meu grupo, lembra? De cinéfilos.

Aquilo não era mentira, o grupo iria mesmo se encontrar no sábado. Eu só não estaria lá.

— Lembro. Jura que vai perder a festa por isso? —

questionou, empurrando sua bandeja com o resto de comida para longe.

— É importante para mim. Não seja cruel. — Joguei um tomate cereja em sua direção, e ela gargalhou.

— Aham... Tudo bem, minha metade certinha e cinéfila. — Ela meneou a cabeça. Seus lábios estavam sorridentes, mas foi em seus olhos que vi a desconfiança.

Melhores amigas e seu dom de te conhecer melhor do que a si mesma. Mesmo assim, mantive a omissão.

Já estava atolada em merda mesmo, o que seria mais um pouco?

Quando falávamos de arquitetura, falávamos primordialmente de processos.

Dentro da arquitetura, tudo acontecia em processos. Primeiro, fazíamos o levantamento da área a ser construída para, em

seguida, começarmos um programa de necessidade. Nessa etapa, definíamos as características funcionais do projeto. De uma forma simples, era como se fosse um pré-projeto, onde iríamos desenhar as dimensões bases e áreas necessárias para o projeto. Era a hora que tínhamos que pegar o terreno e *linkar* com a necessidade da nossa empresa.

Exigia muito do nosso trabalho. Lógico que, quando fizéssemos a parte mais detalhada do projeto, tudo seria ainda pior porque era um trabalho mais minucioso e detalhado, porém, agora era a hora que tínhamos que ser criativos e, principalmente, analíticos.

Essa ainda era a minha falha quando estávamos falando sobre a minha profissão. Eu era boa de desenho, na parte de criação. O

difícil era ser analítica, conseguir organizar as coisas para que tudo coubesse dentro daquela porra de terreno e de

uma forma que gerasse um bom lucro para a MB.

Estava olhando para o meu *tablet* há mais de duas horas como se ele fosse me mostrar qualquer solução mágica para aquela esquina que parecia um lugar morto dentro do desenho, mas nada vinha. Nada saía. Para ser sincera, estava achando tudo uma merda, porém, eu não tinha tempo de começar pela quarta vez aquele projeto. Eu tinha um prazo e tinha que mostrar alguma coisa na apresentação.

Todos me olhavam de um jeito que eu sabia que estavam aguardando ansiosos para saber o que a herdeira de Dante e Melinda Bittencourt estava preparando.

Ágata estava sendo bem-sucedida. Ela estava provando seu valor. E se eu...

Não chora, Maria Luiza!

Quase podia escutar a voz do meu chefe na minha mente dizendo que eu estava sendo fraca. E estava sendo mesmo. Mas tudo, para mim, sempre veio fácil. Não tive problemas na escola, não tive problemas na faculdade. Sempre fui a melhor da minha sala.

Mas essa era a questão: naqueles dias trabalhando na empresa, eu percebi que ser a melhor estudante não era sinônimo

de ser a melhor profissional.

Meus olhos arderam e minha barriga se retorceu por puro medo do fracasso iminente.

— Eu me lembro desses momentos. — Sua voz ecoou no ambiente, me fazendo limpar as lágrimas rapidamente. —

Está tudo bem chorar. Já são onze e meia da noite de uma segunda-feira, e você está cansada e com um projeto grande atrasado. Qualquer um estaria apavorado.

— Você não parece apavorado ao sair de uma reunião nesse horário.

Ele estava em uma reunião da diretoria, eu sabia. As reuniões entre eles eram comuns, mas nunca duravam tantas horas.

— Seu pai diz que eu sou frio. — Senti seu corpo grande atrás da minha cadeira. — Mas é que eu sempre penso em várias soluções para um mesmo problema. Meu modo de entrar em pânico é buscar soluções.

— Isso parece ser frio para mim. — Senti seu braço passar ao lado do meu, alcançando a tela do *tablet* e diminuindo o zoom para ver o desenho completo. — Você errou a dimensão da entrada. Eu sabia que um padrão não ficaria bom nesse projeto.

— *Pera* aí, o quê? — Olhei para o projeto com mais atenção.

— Mas eu usei as especificações corretamente. Eu chequei.

— Eu sei que usou. E estou te dizendo que, por isso, não está dando certo. A entrada terá que ser maior para ser proporcional. Se você for esperta, vai desenhá-la usando essa esquina.

Certo, poderia esquecer qualquer coisa sobre eu dizer que era melhor do que ele.

Augusto era muito bom.

Talvez, o melhor que eu já havia conhecido.

— Por que está me ajudando? — murmurei, ainda embasbacada, ao olhar para o projeto.

— Porque, quando eu estava nessa mesma situação, seu avô me ajudou. Porque o Guilherme, que hoje é gerente e meu braço direito, também precisou, e eu o ajudei. Você tem talento, mas não sabe de tudo. É meu dever te ajudar quando se coloca nesses becos sem saída.

Seu hálito quente bateu na minha nuca, que estava exposta por causa do meu coque, ao proferir sua simples resposta. Senti meus pelos da perna se arrepiarem.

— Você é muito sensível. — Seu timbre baixo e rouco era tão quente, que fazia meu sangue ferver. Ele me colocava em ponto de ebulição.

— Não sou. — Engoli em seco, fechando minhas pernas com firmeza. Após respirar fundo, falei baixinho: — Não sei o que acontece comigo quando estou com você.

— Está vendo, Malu?

Malu.

Nunca tinha ouvido ele me chamar assim.

Gostei.

Bem mais do que deveria.

— Você diz que não sabe flertar, mas está fazendo isso comigo agora. — Seus lábios estavam bem pertinho da minha orelha, levando minha respiração a descompassar.

— Eu não...

Seus dedos foram para os meus lábios.

— Isso é um flerte. E, para ser sincero, um que me deixou querendo te foder em cima dessa mesa. — *Adeus calcinha. Foi muito bom ter te conhecido.* — Aceite o elogio.

Seus dedos escorregaram pelo meu maxilar até chegar em meu pescoço e, para minha total surpresa, ele me segurou ali. Sem força. Sem pressão.

Apenas me segurou.

— Veja como minha mão encaixa em seu pescoço, *Meu Bem.*

— O que... — gaguejei. — O que isso quer dizer?

— Nada, além do óbvio. Nossos corpos se encaixariam muito bem.

E, para a minha decepção, Augusto me largou.

Assustei-me quando percebi que, se ele quisesse me foder em cima da mesa, eu deixaria.

— Como fez isso? — Virei-me na cadeira, me deparando com ele pela primeira vez naquela noite.

— Te seduzir? — Ele sorriu torto. Irônico.

— Sim. Com essa facilidade. Sem gaguejar. Sem fazer nenhuma merda.

— Confiança. — Ele limpou o cantinho do lábio com o polegar, e eu acompanhei o movimento como se estivesse de frente a um monumento histórico.

Que boca linda...

— Lembre-se de mim quando for se tocar essa noite, Malu.

Ambos sabemos que você irá fazer isso.

Cretino.

Cretino e cruel.

Mas, pelo menos, ele não estava mentindo. Eu iria mesmo.

— Vai se foder, Augusto. — Mostrei o dedo do meio para ele enquanto ria.

— Eu vou. Quem não vai é você.

— Por pouco tempo — rebati, ao passo que via o cretino sair da sua sala.

Como o desgraçado ficava bonito quando vestia aquele terno inteiro preto.

— *É o que eu espero* — balbuciou, de uma maneira que eu quase não entendi.

Suspirei, ainda sorrindo.

O porquê eu estava rindo, não sabia, mas foi interessante ver que, em poucos minutos, Augusto não só me ajudou, como também me acalmou. E foi a primeira vez que eu saí daquela empresa com um sorriso nos lábios por causa dele.



AUGUSTO MANCINI

Gosto de ser imaturo com você

Gosto de me entregar e me perder

Quero poder implicar com todas suas maneiras

Jão - Imaturo

A garota era mesmo uma pedra no meu sapato. Mas sabia que essas pequenas agonias, depois de um tempo, seriam facilmente toleráveis. E aquela ali era bem mais do que tolerável.

Minha pedra era também desejável.

Usando um vestido preto agarrado em seu corpo pequeno e nada voluptuoso e seu antigo *All Star* vermelho surrado, ela bebia seu drink de canudinho, observando as pessoas na pista de dança e alheia a todos os homens que a observavam.

Aquele era o problema de Maria Luiza: ela não chamava atenção para si mesma. Muito pelo contrário, fazia qualquer coisa para desaparecer na multidão. Dentro do nosso camarote, havia mulheres de todos os tipos, jeitos e tamanhos. A diferença delas para a garota à minha frente era apenas na postura.

Todas ali estavam querendo foder. E buscavam isso. Fosse no olhar, no sorriso ou na forma como bebiam seus drinks.

Elas queriam foder.

O que você quer, Malu?

— Quem é a gostosinha? — Marcos Paulo, um advogado criminal renomado e meu amigo de balada, perguntou.

— Uma amiga.

Maria Luiza era a herdeira Bittencourt que poucos conheciam.

Era mais reclusa do que as irmãs mais novas e a única da família que não tinha redes sociais e nem aprovava que postassem fotos dela.

— Está comendo? Ela não parece fazer seu tipo. — Ele fedia a bebida e alguma porra a mais. Provavelmente, uma boceta qualquer que tinha comido no banheiro há poucos minutos.

— Faz o seu? — perguntei, calmo e centrado.

Aquele era meu estado de humor normal. Não era conhecido por ser explosivo, apenas sem paciência.

— Não. Muito tímida. Essas demoram muito para dar a boceta.

E mal tem peitos ou bunda, não vale muito o sacrifício.

Não sabia o porquê aquele comentário havia me irritado tanto.

Homens julgavam as mulheres que iriam comer. E aqueles que diziam que não, estavam mentindo. O sorriso importava. A bunda importava. A boca importava. Éramos seres visuais e o que agradava aos olhos, também agradava ao pau.

Eu sabia disso.

Mas, mesmo sabendo, quis esmurrá-lo.

— Ela é minha — afirmei alto e em bom som. — Só para deixar claro.

Ele pareceu surpreso, mas não tirou o sorriso dos lábios.

— A boceta da novinha deve ser realmente muito boa. —

Marcos bateu em meu ombro direito. Em seguida, levantou-se, cambaleante. — Vou avisar a todos que ela é sua, não se preocupe.

Não respondi. Levantei-me também e andei pelo camarote, até parar em frente à Maria Luiza, que fechou a cara e não falou nada até terminar seu drink.

— Você está bebendo vodca como se estivesse bebendo um milkshake.

A sem senso me deu seu copo. E eu lá tinha cara de babá ou garçom?

— É igualmente gostoso — rebateu, com os olhos já mais pesados do que antes.

Um drink parecia ser o limite dela.

— A ressaca de amanhã não vai ser nada gostosa. Confie em mim.

Ela suspirou.

— Augusto... — chamou-me, com aqueles olhos pedintes.

— O que você quer agora?

Qual vai ser a próxima enrascada que você vai me meter?

— Por que nenhum dos seus amigos chegaram em mim? Eu tinha até gostado do Juliano. — Ela não parecia triste, apenas conformada. Eu a apresentei a todos na chegada e dei liberdade para que ficasse à vontade. Mas nada aconteceu. Ela não ficou à vontade. E eles não a quiseram. Eles. Porque eu estava sustentando uma ereção desde o momento em que ela colocou aquele maldito canudinho rosa na boca. — Pode ser sincero.

— Eles são uns idiotas.

— Por favor... Nunca vou aprender desse jeito. Ágata sempre diz a mesma coisa que você, mas sei que é por pena. Te escolhi justamente porque não sente pena de mim. Acho que não sente nem mesmo remorso.

Não sentia remorso? Ela realmente não sabia o que eu sentia quando me pegava desejando-a mais do que qualquer outra mulher ali naquela balada.

Ela não sabia de nada.

Uma fedelha mesmo.

— Você não parece estar querendo nada com ninguém — confessei, dando a ela o que queria.

— Como assim? Eu quero estar aqui.

— Você sempre parece alheia a todos. Ora parece que está com medo, ora parece que está desdenhando e julgando todo mundo. Resumindo, você nunca parece aberta para foder com alguém. É um pouco intimidante para o ego masculino esse tipo de postura.

Até pensei que minha sinceridade a faria chorar, mas ela parecia resignada, como se eu tivesse falado exatamente o que ela pensava.

— E o que eu tenho que fazer para ser mais aberta? Preciso ser mais simpática? Mais sexy? Usar roupas melhores? — Ela olhou

para baixo, fazendo uma careta. — Talvez, colocar um silicone, já que vim ao mundo sem peitos.

Ela tinha peitos perfeitos, eu diria. Eram pequenos, gostosos e provavelmente seriam uma delícia de chupar até que ela gozasse apenas com minha língua os provocando.

— Você é perfeita — falei, puxando seu queixo para cima com as pontas dos dedos. — Já te falei para parar com essa merda de querer mudar para que os homens gostem de você.

— Fala isso porque fode desde que tinha quinze anos e tem a mulher que quer aos seus pés — rebateu.

— Por que não enfrenta os outros caras assim? — Acariciei seu maxilar com o polegar.

— Eles não me irritam como você. Acho que, em uma coisa, você tem razão. Eu sou alheia a eles e, bem..., a você, eu não sou.

— Ela parecia alheia a mim no momento, porque falava coisas como aquelas com uma ingenuidade desconcertante.

Maria Luiza era uma contradição ambulante. Falava mais do que a boca, mas odiava atenção. Sabia se defender, mas vivia chorando pelos cantos. Queria foder, mas nunca se interessou o bastante por ninguém para isso.

— Se não é alheia a mim, o que está fazendo agora comigo?

Desci meu rosto até o dela, ficando frente a frente com seus olhos bonitos.

— Estou conversando com você.

— Você está me provocando, Malu.

— Gosto quando me chama de Malu.

Seu pequeno sorriso fez meu pau pulsar. Porra de garota linda.

— Não se apaixone por mim, Meu Bem. E pare de me provocar. Não sou um homem com muitos escrúpulos nem muita paciência. E você parece uma menina confusa e sem muito juízo.

Somos uma bomba que está prestes a explodir.

Ao invés dela recuar, a provocadora se aproximou de mim, dando um passo à frente.

— Tem medo de mim, Augusto? — Sorriu, ainda mais perversa. — Por que está me dando todos esses avisos?

— Porque não quero que se iluda. — Não queria que sofresse como muitas já haviam sofrido.

— Não vou me apaixonar por você.

Raspou seus lábios nos meus. Meu estômago se contraiu.

Meus pelos se eriçaram.

E, porra, eu quis beijá-la.

Queria aquele cabelo entre meus dedos, ela entre minhas pernas e seu gosto na minha língua.

Eu a queria tanto que chegava a sentir dor. Diretamente no meu pau.

— Como tem tanta certeza disso, Maria Luiza? — questionei, sentindo minha garganta seca.

— Porque você não vai deixar. Seu ego é enorme. Você é mimado, chato, grosseiro e imaturo. Não gostamos das mesmas coisas. Mal falamos a mesma língua. Eu jamais me apaixonaria por você. — E lá estava a contradição novamente. Uma hora, completamente insegura. Em outra, muito mais segura e confiante do que eu.

Meu coração pulava com suas palavras.

— Ótimo. — Foi minha vez de raspar minha boca na dela.

— E você não vai se apaixonar por mim? — murmurou contra meus lábios.

— Nunca me apaixonei. E não seria você a causar este milagre — confessei o que eu achava ser verdade.

— Ótimo — imitou-me. Atrevida *pra* caralho. — Augusto?

Gostava daquilo.

Gostava de me sentir desafiado por ela.

Maria Luiza era tudo, menos previsível.

— Diga, Meu Bem.

— Vamos dançar? — perguntou, para, logo em seguida, deixar um beijo casto bem no cantinho da minha boca. —

Por favor.

— Eu não danço — respondi, um tanto extasiado pelo simples tocar de lábios.

— Por favor, Senhor Mancini?

Se ela quisesse me foder, era só me beijar.

— Nem fodendo, Maria Luiza.



Fazia duas horas que eu estava dançando na pista de uma das boates mais famosas de São Paulo. Estava com calor, meu suor grudado nas minhas costas, mas o melhor de tudo? Estava irritado com um sorriso no rosto. Tudo porque a garota à minha frente dançava como se existisse apenas nós dois no mundo.

E como dançava mal. Por Deus.

Maria Luiza ria, bebia ora ou outra e rebolava a bunda pequena em mim, se jogando sobre meu corpo e não ligando nem um pouco de estar indo em direção à boca do lobo mau.

Eu escutava algumas pessoas rindo dela, mas, assim como ela, decidi não ligar. Malu estava tão alegre e parecia, de fato, uma garota de vinte e dois anos se divertindo e fazendo o que estava com vontade.

Não falávamos nada um para o outro, só nos acompanhávamos pelos olhos. Ela não sabia o que estava fazendo comigo. Muito pelo contrário. Estava muito à vontade justamente por não entender a dimensão do tesão que seu cabelo suado, seu sorriso letárgico e seu corpo escorado em mim provocavam.

Ela era, sem dúvida nenhuma, uma garota estranha. Entendia, então, esse ponto que ela vivia afirmando para mim. Entendia o porquê de os garotos estarem correndo em direção oposta a ela.

Mas lá estava eu, puxando-a pela sua cintura, virando-a para que encostasse suas costas em meu peito e sua bunda no meu pau, arrastando seu cabelo para o lado e mordendo de leve seu ombro enquanto segurava-a pelo quadril, ditando um ritmo bem mais calmo do que ela estava estipulando.

A música eletrônica ecoava em nossos ouvidos, as luzes faziam tudo parecer confuso e ainda mais intenso. Senti Malu ofegar e colar ainda mais seu corpo em mim. Ela já tinha feito isso naquela

noite, mas agora era diferente porque quem estava no comando era eu.

Eu a puxei.

Eu a quis.

— Está sentindo isso? — Roci meu pau em sua bunda.

— Uhum...

Isso pareceu travá-la um pouco.

— Está com medo, Meu Bem?

— Só... — Levei minha mão para sua barriga, puxando-a ainda mais contra mim, como se isso fosse possível. — Não sei o que fazer.

Minha boca passou por todo seu pescoço, fazendo-a soltar um breve gemido. Não aguentei e deixei a ponta da minha língua experimentar o doce proibido.

Como era doce.

Como era tenebrosamente viciante.

Já havia provado muitas drogas na vida, mas o gosto da pele de Maria Luiza, sem dúvida nenhuma, foi o mais letal até então.

— Você não tem que fazer nada, Malu. Só se entregue a mim.

Se deixe levar. — Mordi o lóbulo da sua orelha.

E ela obedeceu.

Boa garota.

Senti Maria Luiza amolecer em meus braços e se mexer comigo no ritmo da música, encontrando uma calma em meio às batidas frenéticas da melodia. Por um descuido, deixei que virasse a cabeça por cima do ombro e batesse aqueles lindos olhos verdes nos meus.

Ela estava extasiada.

Parecia estar dopada de uma droga potente e gostosa.

Tesão.

Ela estava a personificação do tesão.

— O que quer fazer, Malu? — Meu lábio pairava sobre o dela, mas não fiz nada a respeito.

Gostava de torturar minhas presas.

— Queria que me beijasse — ofegou sua resposta.

— Ainda não. — Subi minha mão até suas costas, virando-a de frente para mim. — Porque eu não vou parar. E você não pode ter sua primeira vez no banheiro de uma boate qualquer.

— Por que não? — Ela parecia sentir dor. Agoniada com o pedido que seu corpo clamava.

Como eu queria ajudá-la.

Seria tão fácil.

Faria aquela garota melar meus dedos em questão de segundos, e ela daria tão facilmente para mim... Tinha certeza de que não se arrependeria depois.

Ela iria gostar de cada maldito tapa que eu desse naquela bunda deliciosa.

Ela iria amar quando eu delicadamente enfiasse meu pau nela para, logo em seguida, roubar seu fôlego metendo sem nenhuma dó.

Ela iria adorar quando eu a segurasse pelo pescoço e ordenasse que tomasse meu gozo.

Iria usá-la. Submetê-la. Subjugá-la.

E fazê-la gozar. Várias e várias vezes chamando meu nome.

Maria Luiza amaria ser uma massa de prazer em minhas mãos.

Mas eu não iria fazer tudo isso naquele lugar. E nem naquela noite.

Ela era impulsiva, mas eu não. Pelo menos, não quando se tratava dela. Eu só escolhia as coisas que conseguia bancar. E

foder com ela em um lugar daquele não era algo com o qual eu conseguiria lidar.

Eu era um crápula, mas tinha escrúpulos, afinal.

— Olha como fala, Meu Bem. — Tirei alguns fios de cabelo que caíam em seu rosto. — Ainda parece uma menininha.

— É o meu jeito. — Fez um beicinho.

— Você está bêbada. E, mesmo que não estivesse, merece ter sua primeira vez em alguém lugar melhor.

— Augusto... — Mordeu o cantinho de seu lábio inferior.

Gostava quando ela chamava pelo meu nome.

Gostava ainda mais quando sabia que era para fazer um pedido.

— Sim, Meu Bem?

Quem me visse naquele momento, não acharia que eu era um escroto. Que já tive a audácia de gritar com aquela garota.

Mas eu tinha.

E, na segunda-feira, tudo voltaria a ser a mesma coisa.

Bom, mentira. Porque, agora, eu estava convencido da ideia de comê-la, pouco me fodendo para a lealdade que tinha por Dante.

— Pode ser com você? — Suas mãos seguraram minha cintura. Ela era bem mais baixa do que eu e, mesmo assim, seu corpo parecia conduzir o meu com uma perfeição desgraçada. —

Minha primeira vez, ela pode ser com você?

— E você acha que eu deixaria ser com outro homem, Maria Luiza? — devolvi, seco. — Sou eu quem vai te foder pela primeira vez.

Seria eu quem iria te estragar para qualquer outro filho da puta nesse mundo.



AUGUSTO MANCINI

Eu vejo o futuro repetir o passado

Eu vejo um museu de grandes novidades

Cazuza - O Tempo Não Para

— Você está bem, meu filho? — Meu pai me olhava daquele jeito que sempre me deixou desconfortável.

Ele era um bom pai. Sempre foi. Esteve presente em todas as reuniões da escola e em todas as apresentações, me apoiou quando eu decidi por conta própria seguir a carreira na arquitetura.

Abraçou-me quando eu tive pesadelos, ensinou-me a andar de bicicleta e como tratar uma mulher.

Meu pai era um ótimo pai.

Porém um péssimo marido.

— Estou, pai. É apenas uma dor de cabeça. Mas estávamos falando sobre o Natal. Sabe que ainda estamos em agosto, certo?

Ele tinha um hábito irritante de ser muito metódico com datas.

Nossos Natais eram sempre em família. E, quando dizia “família”, era apenas eu e ele, desde que mamãe faleceu. Queria dizer, sempre fomos eu e ele.

Minha mãe sempre estava, sei lá, por aí.

— Estou pensando em passarmos o Natal e o Ano-Novo em algum navio! Assim como fizemos há uns três anos. Preciso fazer as reservas.

Como dizer não a alguém tão animado assim?

— Claro, papai. Sem problema nenhum. — Sorri. — Apenas nós dois?

Aos cinquenta e sete anos, meu pai ainda tinha uma vida amorosa ativa. Depois da quarta esposa, a mesma que quase tirou até as cuecas dele cinco anos atrás, eu me mantive fora desse assunto.

Foram quatro casamentos, contando com o da minha mãe.
E

todos terminaram pelo mesmo motivo: ele sempre foi incapaz de ser fiel.

Assim

como

coleccionava

relacionamentos,

também

coleccionava casos. Até que ele finalmente desistiu.

— Sempre. Não estou vendo ninguém. E você? Fiquei sabendo pelo Raul que terminou com aquela moça bonita. Gostava dela. — A voz dele era tão suave como a sua habilidade de me cutucar.

Ele sempre reprovou como eu era fechado e recluso. Não que eu me importasse muito. O coitado do meu pai tentou muito me educar. Deixava-me de castigo, me punindo da mesma forma como a maioria dos pais faziam com seus filhos. Eu que nunca ajudei muito.

Eu tinha muito orgulho de tudo o que ele havia construído. A MB não seria o que ela era, até então, sem ele. Meu pai era

o homem por trás das criações. Assim como eu, ele era o cara dos projetos. Dos prêmios.

Dante e Raul faziam dinheiro.

Eu e meu pai fazíamos arte.

Éramos duplas que funcionavam muito bem em conjunto.

— Gostava tanto dela que nem lembra o nome da *moça*. E, para sua informação, eu estou sozinho. — Maria Luiza logo veio à minha cabeça, mas fiz questão de ignorá-la. Se, um dia, aquele homem que era uma versão minha mais velha sonhasse com a merda que eu estava fazendo, ficaria sem minhas bolas. — O que, em si, não é nenhuma novidade.

— Pensei que se casaria com a garota. Seis meses. Era um recorde, afinal. — Encostou as costas na sua grande cadeira com couro escuro, que combinava com todo seu escritório imponente e moderno.

— Eu propus. Ela não quis.

— Deixe-me adivinhar. — Estalou os dedos. — Você não se apaixonou por ela.

— Dante poderia começar a deixar minhas coisas fora dos ouvidos do pai dele — resmunguei.

A língua do cretino parecia que iria explodir, caso ele não falasse as coisas para o pai. E isso incluía até as minhas.

Nunca me esqueci do dia em que contamos juntos que ele tinha feito a cagada de engravidar a filha do juiz. Nunca vi Raul tão puto. Já meu pai parecia aliviado por eu não ter seguido os mesmos passos.

Foi a primeira vez que o príncipe perfeito tinha feito uma grande merda.

Uma grande merda que, até então, todos aqueles rendidos babavam em cima.

A mesma que eu... Deixa pra lá.

— Preciso ficar sabendo da sua vida de alguma forma, Augusto. Se depender de você, não fico sabendo de nada. Mas, então, não se apaixonou mesmo por ela ou estava com medo de admitir os verdadeiros sentimentos? — E lá estava o velho Lorenzo Mancini, o iludido de marca maior.

— Pai, já falamos sobre isso. Eu não sou um cara dado a amores. — Levantei-me, desconfortável com o assunto, e fui até a bandeja que ele deixava em cima de seu aparador com uma garrafa de whisky e alguns copos.

— Todo mundo quer amar, Augusto — bradou, enquanto eu me servia uma dose.

— Não é você quem sempre disse que eu não sou todo mundo? — perguntei, e, logo em seguida, virei a dose de uma vez.

O ardor delicioso escorrendo pela garganta.

Se iríamos falar sobre aquele assunto, pelo menos, um pouco de álcool seria necessário.

— Às vezes, fico impressionado com como um homem de trinta e sete anos consegue ser tão imaturo quanto você.

Ele não estava bravo. Meu pai sempre aceitou bem o filho que tinha.

Com minhas imperfeições e tudo mais.

— Pai, já tivemos essa conversa um zilhão de vezes. Não é que eu não queira, só não aconteceu. E está tudo bem, eu sou feliz com a vida que levo. — E não estava mentindo.

— Sei que é feliz, meu medo é que seja sozinho. Amo o Raul.

Ele é meu sócio, meu melhor amigo e meu irmão. Mas não sou hipócrita, ele tem uma vida a qual eu invejo. Não quero que viva uma vida como a minha. — Ele sempre batia naquela tecla. Já estava ficando cansado daquela porra.

— Não preciso amar para conseguir me casar e ter filhos. As coisas, às vezes, podem ser mais simples. — E mais realistas.

Amor acabava. Carinho e respeito, não.

— É exatamente sobre isso que eu me preocupo. Você está errado. Casamento já é difícil quando tem amor, imagina um que não o tenha? — Papai se remexeu na cadeira, sem tirar os olhos de mim.

— Por que estamos falando sobre essa porra? O tópico não era viagem de Natal? — Joguei-me novamente na cadeira em frente à sua mesa.

— Você pediu uma mulher em casamento como se fosse um contrato de negócios, Augusto. Como eu não vou me preocupar? —

Cruzou os braços.

— Eu culpo todos vocês que ficam me pressionando a casar e formar uma família quando eu, claramente, não estou

preparado.

Quando eu nem mesmo sabia se realmente queria uma porra dessa.

O Augusto de quinze anos realmente não queria.

O de trinta e poucos até gostava da ideia, mas não se via nela.

Ter um fedelho com minha cara até que seria legal, mas achava isso tão pouco para uma escolha tão grande. A verdade era que não me via levando a mesma vida que Dante. Nunca me vi.

Meu erro não foi apenas pedir Eva em casamento, foi ter cogitado essa possibilidade, para início de conversa.

— Sempre achei que, em algum momento, você iria conhecer alguém que furaria essa bolha de autoproteção que criou e se jogaria em uma relação feliz. Mas acho que eu e sua mãe não



fomos um exemplo muito bom. Eu, então, nem se fala — disse, com um sorriso amarelo nos lábios.

— Não se culpe tanto, papai. Eu sou feliz, bem-sucedido. Tudo está bem. — Não chorava no banho porque estava sozinho. Na verdade, sentia alívio quando chegava em casa

e não tinha ninguém para me encher o saco. — Mas, então..., navio?

E, assim, trocamos de assunto. Mas sempre percebia os olhares que ele me dava. Um misto de pena e preocupação. Meu pai queria que eu fosse tudo aquilo que não conseguiu ser. O

problema era que uma fruta nunca caía muito longe do pé.

As duas das reuniões mais importantes do ano iriam acontecer no dia seguinte, mas quarta-feira sempre era dia de happy hour na casa do Ricardo, um dos meus parceiros de balada. Éramos um grupo grande com doze caras, todos da mesma idade, mas com pouquíssima intimidade.

Amigo de verdade eu só tinha um. Dante. O resto era apenas passatempo.

Naqueles happy hours , conversávamos bobagens, bebíamos e, às vezes, jogávamos cartas, além, claro, de comer alguém em determinado ponto da noite. Eu já tinha conversado, bebido e estava no momento de caçar alguma gostosa para terminar de eliminar as tensões do meu corpo.

No entanto, o problema estava em mim, aparentemente. Eu olhava para todas aquelas mulheres e não sentia nada. Era como estar enjoado da sua comida preferida. Parecia estranho, mas nem me forçando fazia com que eu quisesse algo com elas.

O problema não era o pau, e sim a vontade.

Tomei mais um gole da minha cerveja, sentindo um amargor estranho na boca, quando notei que eu estava começando a ficar estranho.

E a culpa era toda daquela fedelha.

Porque eu estava com vontade de foder, mas queria a boceta dela. A risada dela. A bagunça dela.

Eu a queria.

Mas que porra é essa?

Três semanas no caos de Maria Luiza, e ela já estava me enlouquecendo de vez. Como se eu já não fosse louco o suficiente.

Ela já tinha quebrado minha cadeira, rasgado minhas cortinas, sumido com todos os meus lápis e a caneta do meu *Ipad*, além, claro, da catástrofe daquele dia, que foi, sem querer, esbarrar na minha mesa e derrubar meu celular que agora estava com a tela completamente estilhaçada.

Ela era um desastre.

Mas era tão engraçada e inteligente. Além de ser talentosa e bondosa com as pessoas. Sempre a escutava desejando bom dia e interagindo com os funcionários. A garota contagiava a todos com aquele sorriso de moleca e um jeito meio destrambelhado.

Não, ela não era sexy, nem mesmo uma deusa quando se tratava de sexualidade, mas tinha algo nela que definitivamente estava prendendo minha atenção. E de um jeito bem estranho.

Tratei de colocar na minha cabeça que aquilo era puro tesão reprimido, além de todo fator proibido que envolvia nós dois. Só podia ser isso que fazia com que eu sentisse um tesão desgraçado por ela.

Transava há vinte e dois anos e nunca me vi tão obcecado pela ideia de ter alguém como queria tê-la. E me fodia ainda mais saber que ela me queria também.

Havia percebido os olhares furtivos que ela me lançava e como me tocava sempre que podia. E ainda tinham os pequenos suspiros que soltava quando eu fazia algo que ela achava sexy. Isso tudo me deixava louco. Seu desejo me causava reações que, em toda minha vida, eu desconhecia.

Tinha medo do dia em que eu jogasse tudo para o alto e a fodesse em cima da minha mesa. Precisava confessar que estava sonhando com esse dia, mais do que era considerado saudável.

Ela tinha uma carinha de quem gemeria baixinho e de um jeito gostoso, que só me fazia ir cada vez mais forte e mais rápido.

Será que ela me aguentaria?

Qual posição seria sua preferida?

Maria Luiza tinha um jeito de quem amaria ser fodida. Forte.

Duro. Rápido.

E os lábios dela... Eu tinha tantos planos para eles.

— Ei, Augusto. — Uma loira que eu não fazia ideia de quem era sentou-se no braço do sofá preto, ao meu lado, e logo passou o braço pelos meus ombros. — O que acha de irmos lá em cima para eu acabar com essa sua tensão?

Foi assustador perceber que a única coisa que me deu tesão na mulher foi o cabelo loiro e cheio de cachos.

Iguais aos dela.

Eu poderia fodê-la por trás enquanto imaginava ser Maria Luiza quem me dava a boceta, mas não fazia isso.

Se ela era o que eu queria, era ela que eu teria.

— Hoje não. — Desvencilhei-me dela, indo rumo à porta de saída.

E, pela primeira vez em anos, eu saí de um lugar como aquele exatamente como cheguei.

Sozinho.

10



Um pouco de ódio, um pouco de humilhação

MARIA LUIZA BITTENCOURT

Joga tua verdade toda na minha cara

Mas antes de ir embora, eu te impeço, para

E me beija com raiva, me beija com raiva

Jão - Me Beija com Raiva

Minha perna não parava de balançar, assim como minha respiração, que teimava em não normalizar. Naquele dia, depois de quatro semanas, eu finalmente tinha que

entregar meu primeiro trabalho. O único que foi resignado a mim até o momento e eu diria que o mais importante da minha carreira.

Era com ele que eu iria mostrar a todos os diretores da MB o meu potencial, sendo que o principal diretor a me avaliar era o mesmo ao qual eu pedi para que tirasse minha virgindade. O

mesmo que passava alguns minutos do meu trabalho atazanando minha paciência e me jogando olhares dominadores.

Um homem que andava rondando minha cabeça mais do que eu gostaria de admitir.

— O projeto tem falhas, pai... — falei, colocando o meu terninho verde água. Seria humilhada, mas, ao menos, estaria arrumada para tal momento memorável.

— Eu olhei seu projeto, minha filha, e está incrível. Muito melhor do que qualquer primeiro projeto que eu já tenha visto.

Ele era meu pai, não confiava em sua avaliação.

Dante Bittencourt era aquele tipo de pai que achava tudo o que os filhos faziam incrível, inovador e praticamente revolucionário.

— Você sabe como o Augusto é. Ele não aceita nada menos do que a perfeição, e eu sei, não sou burra, que o projeto não está perfeito. — Suspirei, finalmente me virando para os meus pais, que estavam sentados na cama do meu bom e velho quarto.

Ele ainda pertencia a uma Maria Luiza adolescente. As paredes eram todas azuis e tinha uma decoração toda florida. Eu era obcecada por flores, inclusive, escolhi arquitetura porque combinava minhas duas paixões: plantas e desenhos.

— Está se pressionando demais, não precisa disso — papai afirmou, tão calmo que fez meu sangue ferver de raiva. — Augusto não seria capaz de te humilhar. Nem mesmo se o projeto estivesse ruim, o que não está.

— Ele não vai mexer com você. — Mamãe jogou um olhar para meu pai, o qual eu conhecia muito bem. Se o amigo fizesse alguma gracinha, iria se ver com ela. — E, como seu pai disse, o projeto está ótimo.

— Olha, filha... — Papai me puxou pela mão, para que eu ficasse entre suas pernas. Quando estava perto dele, ainda me sentia a mesma menininha de sempre. Além de me sentir protegida de qualquer coisa do mundo. — Ainda me lembro dessa apresentação. Eu tive que fazê-la, e o Augusto também. Seu avô e Lorenzo nos avaliaram e, por mais que tivessem nos tirado o sono, tudo deu certo. Entregamos os melhores projetos daquele ano. Você também vai fazer isso. É uma Bittencourt. Está no seu sangue.

— Sem contar que é mais talentosa do que seu pai e Augusto juntos — mamãe enfatizou, e meu pai concordou com ela. — Confie em você, minha filha. Vimos como deu duro por esse projeto. Ficava na empresa até de madrugada e refez a fachada inteira em duas semanas. Tudo vai dar certo.

Abracei meu pai e minha mãe, caindo na cama e levando-os juntos comigo.

— Amo vocês. São os melhores pais do mundo.

— Amamos você, querida. E estamos orgulhosos de tudo o que já faz. — Mamãe disse no meu ouvido.

Eu só esperava que, depois daquele dia, eles continuassem a se orgulhar de mim.



Naquele dia, eu teria que ser perfeita.

“Acho que você poderia ter se esforçado bem mais. O projeto é bom, mas é...”

Ele passou os dedos compridos pelo maxilar.

“Ordinário. Comum. Não sei se era minha expectativa, mas, para alguém formada na Universidade de Crownford e na USP, eu esperava algo mais elaborado. Diria que revolucionário. Mas foi importante para ver que você é como qualquer estagiário daqui.

Precisa aprender muitas técnicas e elaborar seu raciocínio em relação à solução de problemas.”

Suas palavras ainda ecoavam na minha mente, rasgando pouco a pouco minha respiração, ao passo que eu saía da sala com um sorriso congelado no rosto, tentando, a todo custo, não chorar.

Já bastava ter sido humilhada, não poderia chorar na frente de todo mundo.

Saí do auditório o mais rápido que consegui e dei as costas para meus pais, meu avô e Senhor Mancini, o pai de Augusto.

Completamente envergonhada.

Todo mundo teve um primeiro projeto elogiado, já eu tive um praticamente desdenhado. O sentimento de rejeição fazia meus dentes irem direto ao interior da bochecha, mordendo de nervoso.

Nunca tive um único trabalho tão mal avaliado antes. Era como se tivesse dado um comando para minha cabeça que ela não dava conta de processar. Por mais que fosse insegura, sabia das minhas potencialidades. Nunca reprovei. Passei no processo para tirar um duplo diploma com uma facilidade absurda. Os professores me amavam.

Definitivamente, nunca tive que lidar com o gosto amargo da frustração de não ser boa o suficiente, e isso estava me sufocando.

Subi três andares de escada, ignorando os elevadores.

Precisava chegar na minha sala sem falar com ninguém. Quando eu abrisse a boca, a única coisa que sairia seriam soluços.

Doloridos e profundos soluços.

O mais louco era pensar que eu confiei nele.

Burra! Por que eu confiei nele?

Augusto tinha sugerido a merda da entrada de uma forma diferente do que eu tinha pensado. O que aconteceu? Ele

detonou a entrada. Eu tinha certeza de que ele havia sugerido de propósito.

Quis apenas me foder!

Como um cretino desse ainda ousava colocar as mãos em mim? Como ele aceitou tudo que eu propus se, claramente, só queria o meu mal?

Ofegante graças a minha inabilidade de frequentar uma academia, abri a porta das escadas e entrei no andar da minha sala, rezando para que minha família não estivesse me esperando ali.

Não queria ver ninguém.

Não queria falar com ninguém.

Só queria chorar por alguns minutos, engolir minha vergonha, colocar minha cabeça no lugar e conviver com aquela lembrança desastrosa.

As coisas que iriam pensar sobre mim agora... Eu já era fruto de fofoca e comentários a todo minuto, depois dessa então, o escritório não falaria de outra coisa. Não era fácil sair do estereótipo da herdeira que ganhou tudo de mãos beijadas. A partir de então, seria praticamente impossível.

Augusto me fodeu. E olha que nem foi no sentido que eu pedi.

Ótimo. Eu, que já era um desastre nos relacionamentos, virei um desastre na minha carreira também. Simplesmente perfeito!

Adentrei a minha sala já com as vistas embaçadas, mas só me permiti chorar quando fechei a porta e sentei na minha

cadeira.

Ninguém estava me esperando, eu estava sozinha, então não segurei nada.

Eu era uma chorona profissional, mas foi uma das poucas vezes que as lágrimas caíram porque eu estava sentindo dor.

A vergonha doía, afinal de contas.

Debrucei-me na minha mesa e soluzei, molhando os papéis que estavam todos esparramados ali. Papéis que tinham todos os esboços e detalhes do meu fracasso.

O que meu avô está pensando de mim agora?

O que meus pais estão pensando?

O que todos os outros estão pensando?

Isso só me fez chorar mais.

Aqueles pensamentos fizeram com que minha respiração descompassasse e abrisse uma cratera no meu peito. Contudo, não demorou muito para que eu sentisse uma mão grande nas minhas costas e uma presença ao meu lado.

— Eu já vou ficar bem, pai... — Solucei. — Só mais cinco minutinhos, ok?

— Não precisa se pressionar a parar de chorar.

A voz aveludada entrou nos meus ouvidos, fazendo meu estômago se comprimir e meu choro cessar instantaneamente, como se ele tivesse cortado meus canais lacrimais.

— Tira a mão de mim, Augusto! — Levantei-me da cadeira rapidamente, como se tivesse levado um choque, deparando-me com o homem idiota ajoelhado ao lado da minha mesa com uma cara de cachorro que caiu da mudança. — Por que está com essa cara?!

Limpei minhas bochechas com agressividade. Logo em seguida, arrumei meu terninho no corpo, tentando manter o mínimo de decência para meter o pau no meu chefe.

Ordinária era aquela fuça indecente dele.

— Maria Luiza, olha como vai falar comigo... — alertou, imponente, levantando do chão e também arrumando seu terno, o que exalou seu cheiro característico, me irritando mais.

— Vai. À. Merda — proferi pausadamente, abrindo um sorriso enorme logo em seguida. — É isso! Vai à merda, seu pau no cu do caralho!

— Maria Luiza!

— O quê?! Me demite! Não é isso o que está tentando fazer desde o começo? Pedindo para que não encha o seu saco, dando ordens para mim, gritando na minha cara e tentando achar qualquer

mínimo erro no meu trabalho. — Sorri ainda mais com escárnio quando ele colocou as mãos na cintura. — O que foi? Não era isso o que sempre quis?!

— Para de ser mimada, porra! Eu tenho que fazer o meu trabalho, e ele é ensinar você a ser melhor.

Seu terno preto fazia com que ele parecesse um mafioso das histórias que Ágata adorava ler em seu *Kindle*. Tão lindo

quanto idiota.

— E claramente fez errado, já que reprovou meu trabalho hoje!

— rebati, puta da vida.

— Não retiro nada do que eu disse! Você é capaz de fazer mais do que aquilo! — esbravejou na minha cara.

— Você me humilhou, seu idiota! — gritei de volta.

— Não grite comigo! — exigiu. As narinas infladas e os olhos arregalados.

Ele era tão imaturo que chegava a irritar. Meu pai e ele tinham a mesma idade, mas o salto na maturidade era brutal.

— Eu perdi o respeito por você no momento em que proferiu aquelas palavras para mim sem embasamento nenhum! Você sabe que meu projeto era melhor do que qualquer merda que apresentaram hoje. Ele era melhor do que o projeto que você e meu pai fizeram nas suas próprias apresentações. Eu conferi, Augusto!

— Cruzei meus braços, inconformada.

— É exatamente essa postura que eu preciso arrancar de você. Uma postura que seus pais são bobões demais para enxergar que é um problema. Você é arrogante, Maria Luiza! E arrogância nos faz ficar preguiçosos!

— Isso é uma autocrítica, certo? Porque não tem ninguém tão arrogante quanto você nessa empresa e, pelo que sei, você é ovacionado por aqui. Você quer me suprir para que

todo mundo não veja quão melhor eu posso ser do que você! — Dei um passo à frente, enfrentando-o.

— Você é mimada e arrogante demais! E isso te impede de aprender as coisas direito. — Mantive seu argumento, chegando ainda mais perto de mim.

— Eu fiz o que você pediu! A fachada era sua ideia! — berrei contra sua boca, tendo que levantar minha cabeça para que meus olhos chegassem aos seus.

— Exatamente! *Minha*. Não sua. — Ele fez de propósito. Ele me deu uma ideia só para mostrar que eu não era tão boa quanto todo mundo achava. — Você é talentosa, mas não é perfeita, e eu preciso te ensinar a lidar com a frustração de não ser perfeita. Por trás dessa máscara de menina insegura, tem uma metida, teimosa e que acha que é melhor do que qualquer um aqui. Você não fala com ninguém e se mantém dentro de uma bolha que todos nós ajudamos a ficar. E isso, sim, vai acabar com sua carreira. Você realmente é como qualquer um aqui. Seu sobrenome não importa. Sua faculdade não importa!

Nossos corpos estavam colados um de frente para o outro e nossas respirações, frenéticas.

Ele estava fazendo aquilo com o olhar novamente.

Sentia-me completamente dominada.

— Não sou metida! — Quase bati o pé e fiz uma birra, mas, então, me tornaria imatura como ele.

— Você é! O mundo te projetou para ser. Sempre ganhou tudo de mão beijada, até mesmo um talento. É meu dever te moldar para ser a melhor daqui. E, para isso, preciso

moldar o seu ego. Te deixar forte para as frustrações. Não vou te dar nada, a não ser que você mereça!

Meus olhos foram parar em seus lábios convidativos. Minha garganta secou no mesmo segundo.

Não era fácil admitir, mas, pela primeira vez, eu me senti vista.

Realmente vista. O que era louco, porque sempre achei que Augusto Mancini ignorava minha existência. Talvez, eu estivesse errada.

Ele parecia ler minha mente. Via tudo aquilo que estava nas entrelinhas das minhas falas, das minhas provocações.

Ele realmente me conhecia.

— Tudo aquilo foi para me dar uma lição? — murmurei meu questionamento, me segurando para não ficar nas pontas dos pés e beijá-lo.

— Seu projeto foi medíocre. E você sabe disso. Usou uma ideia minha e isso eu não perdoo. Se é tão genial, tudo o que colocar no papel terá saído da sua própria cabeça. Se quer ser a melhor, terá que ter o melhor projeto! Você não teve. Estou errado?

Queria gritar que estava.

— Eu apresentei o melhor projeto de hoje, Senhor Mancini — discordei, olhando em seus olhos.

— Mas não apresentou o melhor projeto que poderia desenhar.

— Prendi minha respiração ao sentir o tiro de suas palavras ecoar no meu peito. — Pare de se nivelar ao seu pai, a mim ou a qualquer um aqui. Você é única. Precisa fazer jus a isso.

Senti minha garganta arranhar e meu peito doer ao tentar respirar.

Perdi completamente o fôlego.

Achava que perdi até meus pensamentos.

Por um momento, fiquei completamente paralisada com suas palavras.

Com a sua verdade.

— Sua cadeira ainda vai ser minha, Mancini. — Consegui dizer entredentes, sob um suspiro, sentindo suas mãos me segurarem pelo quadril.

Chegava a doer.

Eu gostei.

— Isso é o que nós vamos ver, Bittencourt — desafiou-me.

— Eu...

Augusto me cortou rapidamente, colando meu quadril no seu com um puxão. Ele estava duro.

Meu Santíssimo Senhor... Isso não vai caber nem a pau!

— Só cala a boca, Maria Luiza!

Eu não precisei calar, porque ele calou.

Augusto grudou nossos lábios, subindo uma de suas mãos para o meu cabelo e enfiando seus dedos ali, ao mesmo tempo em que mergulhou sua língua na minha boca ávida por ele.

Foi uma explosão. Um momento de desordem total em meio à completude.

Abracei seu pescoço e me deixei ser dominada por ele, sem qualquer barreira ou medo. Ele era tudo. Ele se tornou tudo ao me segurar com tanta precisão e violência, que me deixou atordoada.

Sua língua exigiu de mim coisas que eu nem sabia que conseguia dar, mas dei mesmo assim, nem ligando para minha inabilidade em beijar alguém. Tentando acompanhá-lo, aprendendo com ele, mesmo ele não sabendo que estava me ensinando tudo.

Augusto estava descobrindo meu segredo mais vergonhoso conforme me fazia explodir de mil formas possíveis. Foi com uma mordida no lábio inferior que ele finalizou o beijo, me largando tonta.

E molhada.

Tão vergonhosamente molhada.

— Você nunca tinha beijado antes, Maria Luiza?

Por que ele estava rindo? Já não bastava toda a humilhação na apresentação?

Num surto de raiva e tentativa de proteção, ergui meu nariz, enfrentando-o.

— Lógico que sim — menti na cara dura. Mesmo que minha falta de prática fosse embaraçosamente notável. — E seu beijo nem foi tão bom assim.

Ele riu de forma cínica, limpando o canto na boca com o polegar. Porém seu olhar era de quem queria me colocar em cima da mesa e dar uns tapas bem dados na minha bunda.

Por que esse pensamento fez meu ventre se contrair?

Quando eu achei que ele iria embora, fui subitamente pega pelo pescoço e, com um cuidado precário, presa contra a parede ao lado da minha mesa. Eu respirava normalmente, ele me segurava de um jeito que apenas me dominava, não me bloqueava o ar. A última coisa que vi antes de receber seus lábios nos meus, porém, foi um sorriso gelado e maldoso.

Ele iria acabar comigo naquele beijo.

Vai, Maria Luiza... Atenta mais o crápula, sua sem noção.

Daquela vez, ele não me beijou com violência. Muito pelo contrário, me devorou com calma e paciência, como se fodesse minha boca com sua língua. Ofeguei quando senti sua língua na

minha e permiti que a minha fosse até a boca dele, tentando de uma forma ridícula provocá-lo como fazia comigo.

Quando o senti gemer na minha boca e me puxar para cima, colocando minhas pernas em volta de seu quadril ao mesmo tempo em que encaixou seu pau bem no meu centro, perdi completamente o medo de me envergonhar e só continuei o beijando.

Ele roubava meu fôlego.

Eu o fazia gemer.

Ele pressionava seu pau contra mim.

Eu roçava meus seios nele.

Meu Deus, não queria que ele parasse nunca.

Como se escutasse meus pensamentos, ele parou, parecendo que fazia isso apenas para me irritar. Nossas testas ficaram coladas por alguns segundos e a única coisa que se escutava na sala eram nossas respirações ofegantes e pesadas. Até que ele me pôs no chão. Uma de suas mãos foi até meu cabelo e seus olhos pareciam vidrados em mim.

Augusto Mancini parecia drogado. De mim.

— Volte a trabalhar, Maria Luiza.

Demorei segundos para raciocinar o significado de suas palavras.

Só consegui me mover quando ele me deu as costas.

Preciso trocar de calcinha. Urgentemente.

— Para onde você vai? — perguntei num fio de voz, fazendo-o se virar antes mesmo de abrir a porta.

— Bater uma pensando em você e na sua boca gostosa. —

Senti minhas bochechas e colo esquentarem diante de sua resposta. — E não se preocupe, estamos apenas começando.

Quando ele fechou a porta, não me impedi de dar pulinhos eufóricos.

Vinte e dois anos e, finalmente, eu tinha dado meu primeiro beijo!

Tudo bem que foi com o meu chefe, melhor amigo do meu pai, quinze anos mais velho... Mas, claro, eram meros detalhes.

Eu finalmente tinha conseguido! E foi uma das melhores experiências da minha vida!

Augusto, seu idiota, acho que fiquei viciada no seu beijo.



AUGUSTO MANCINI

Aí que mora o perigo, aí que eu caio lindo

Aí que eu sei das consequências, mesmo assim vou indo É
que vale a pena, vale a cama, vale o risco

O que é um arranhão para quem já tá fodido?

Henrique e Juliano - Arranhão

Precisei me segurar muito para não ensiná-la a fazer um boquete ali mesmo, no meio da minha sala, e, logo em seguida, chupar aquela boceta e finalmente conhecer o gosto dela por completo.

Como aquela criatura era irresistível... Como era inteligente.
E

como era teimosa.

Maria Luiza não fazia meu tipo. Sempre gostei de mulheres mais tranquilas, mais polidas e, para ser sincero, mais voluptuosas.

Nada disso importou, entretanto, para que o desejo súbito de fodê-la se apossasse de mim e não quisesse mais ir embora.

Passei a apresentação inteira dela focado na garota. No jeito que retorcia seus dedos de uma forma nervosa, em como os cachos estavam soltos e sambando pelas suas costas e rosto. Como mordia os lábios toda vez que começava a gaguejar. Notei tudo, até mesmo como ignorava a todos e se apresentava só para mim.

Como se soubesse que tinha conquistado a aprovação de cada uma daquelas pessoas, menos a minha.

Eu já sabia o que ela ia apresentar e já sabia o que ia falar.
O

projeto não era ruim. Ela estava certa quando disse que foi o melhor do dia. Mas Maria Luiza era a melhor arquiteta da sua turma. Talvez,

melhor até do que alguns da minha equipe principal, mas isso não importava.

Não quando eu desejava que ela fosse a *melhor*.

Tudo o que eu disse era verdade, e mesmo que Melinda e Dante estivessem no meu calcanhar, tentando me fazer pedir desculpas e dar o reconhecimento que Malu merecia, eu não voltei atrás.

Sabia o que era melhor para minha supervisionada e, se ela iria me odiar por aquilo, sinceramente, não era problema meu. Essa era a questão que Dante ainda não entendia. Eu não desejava ser gostado por aquela garota, eu desejava ser respeitado. E tudo para o bem da carreira dela. Do jeito que Maria Luiza era tratada, a primeira rejeição de um projeto dela seria sua morte ou, pior, ela seria uma chefe horrível por ser soberba e metida demais.

Eu era o *dar errado* na vida daquela garota e, um dia, ela iria me agradecer por isso.

Maria Luiza tinha tudo contra esse mundo, mas não tinha armaduras. Eu estava fazendo aquilo por ela. Querendo ou não, gostando ou não, era o melhor para ela.

Meu pau pulsou na calça, não me deixando esquecer em nenhum momento do porquê estava entrando no meu prédio às onze da manhã de uma segunda-feira tão apressado.

Sabia que ela tinha ido para nossa sala chorar. Vi como mordeu a bochecha e sorriu fraco para os pais no final da apresentação. Admirei a força de vontade de não dar uma birra na frente de todos.

Porque era aquilo que Malu estava fazendo. Uma birra.

Dante e Melinda, e até mesmo Raul, brigaram comigo, mas consegui sair da sala de apresentações para ir até ela.

Preocupado, precisava confessar. E um pouco culpado também. Mesmo sabendo que estava fazendo o certo, não queria de forma alguma fazê-la chorar.

Brigar com ela me deixou duro. Escutá-la me mandando à merda me deu de súbito uma vontade de surrar sua bunda e, logo em seguida, comê-la com aspereza. Sem nenhuma dó.

E aquele beijo foi... Eu nem tinha palavras.

Abri a porta do meu apartamento ainda em completo choque por tudo o que senti beijando os lábios carnudos daquela garota mimada. Ela era muito inexperiente e tão responsiva que, com um único beijo, me deixou à beira de um colapso.

O jeito como ela tentava acompanhar meu ritmo, como tentava repetir meus movimentos, mesmo não sabendo como... Ela se entregou.

Ela nem gostava de mim, mas se entregou a mim. Deu seu primeiro beijo comigo.

Santo Deus, eu fui o primeiro beijo da filha do Dante.

Fui o primeiro beijo da garota que arruinou a adolescência do meu melhor amigo.

O pensamento não me impediu de sentar no sofá de couro marrom no meio da minha sala e tirar meu pau duro como uma rocha para fora da cueca. Não impediu que eu a imaginasse me olhando com aqueles lindos olhos enormes e verdes enquanto colocava a língua para fora e lambia meu pau de uma forma totalmente despreziosa.

Eu amaria pegar aqueles cachos entre meus dedos e segurá-los com força bem perto da raiz, conforme a deixasse tomar seu tempo para me engolir como conseguisse. Ela não precisaria fazer nada além de me olhar e abrir aquela boca esperta ao passo que eu rebolasse meu quadril para encontrar com ela. Com sua boca quente e molhada, que me levaria ao gozo em tão poucos minutos.

— Caralho, Maria Luiza...! — gemi, masturbando-me com rapidez e sentindo a porra escorrer pela minha mão, minha calça e pela merda do meu sofá.

Olhei para baixo, me encontrando todo lambuzado, e soltei uma risada desacreditada. Um homem de trinta e sete anos que foi capaz de sair do próprio trabalho às pressas e dirigir por longos quinze minutos até a porra do seu apartamento apenas para bater uma pensando numa peste que nem sabia beijar ainda...

Ela nem sabia beijar e foi o melhor beijo da minha vida.

Que porra essa fedelha tem, que consegue me tirar do eixo assim?!

Respirei fundo.

Enquanto meu pai e Dante moravam em Alphaville, eu morava em Higienópolis. Não sabia como eles conseguiam enfrentar todo o trânsito de São Paulo apenas para morar em condomínios de casas luxuosas.

Meu apartamento era grande, tinha um pouco mais de cento e vinte metros quadrados, e foi projetado inteiramente por mim e para mim. Havia uma cozinha berta para a grande sala de estar e tudo era aconchegante. Não era o que se esperava de um cara que tinha o escritório inteiro banhado a aço escovado, preto e cinza.

Por aqui, predominavam-se tons de verde em alguns pontos das paredes, muito marrom e laranja, tudo no estilo *mid-century modern*, que era o meu estilo favorito desde que fiquei obcecado pela série *Mad Men*, quando era mais jovem.

Levantei-me, tentando não pitar com o fato de que havia acabado de bater uma como um adolescente no meio da minha sala, e fui para o banheiro da minha suíte, que ficava no final do longo corredor, à direita.

O apartamento era inteiramente claro e todo na mesma paleta de cores e estilo. Admitia que, de todos os meus projetos, aquele ali era do qual eu mais me orgulhava. Provavelmente, o único que fiz inteiramente para mim, sem pensar em lucros ou aprovações.

Tomei um banho rápido e fui até meu closet comprido e organizado, escolhendo um novo terno que combinasse com os sapatos e relógios que eu já estava usando anteriormente.

Dante dizia que eu era nojento de tão organizado e metódico com as minhas coisas. E ele não estava errado, eu era mesmo.

Tudo ali era organizado por cor e, se eu usasse um sapato, aquela seria a minha escolha por todo o dia. Meus sapatos eram sempre usados apenas uma vez, e logo higienizados e guardados para ajudar na conservação. Assim como minhas roupas.

Além disso, por mais que não parecesse por causa das festas, do cigarro e da bebida, eu era um cara rotineiro. Acordava todos os dias no mesmo horário, malhava sempre com o mesmo personal trainer, saía sempre para os

mesmos lugares e com as mesmas pessoas e, aos domingos, sempre ficava com meu pai.



Com a minha organização, eu sempre conseguia fazer tudo.

Divertir-me, foder e ser o melhor no que fazia.

Bom, até ter Maria Luiza Bittencourt no meu encalço. Até ela foder minha mente e me tirar da minha vida altamente previsível.

Até ela me beijar e foder com qualquer resquício de organização mental que eu tinha.

— Você está estranho — Dante disse, andando ao meu lado, enquanto saíamos da última reunião do dia.

Beijei sua filha, meu camarada. Não dá para ficar normal depois disso.

— Estou normal, Dante. Só estressado.

— Está se sentindo culpado? — A esperança no olhar dele me faz parar no mesmo segundo no meio do corredor, cagando para os outros diretores que passavam ao nosso lado.

— Cara, eu não estou me sentindo culpado! Estou fazendo pela sua filha aquilo que acho melhor. — *Tudo bem que foder com ela não é o melhor, mas você não sabe disso.* —

Ela é genial, Dante. Entende isso? Tem noção do talento daquela menina?

— Se ela já é genial, por que precisa pressioná-la tanto? — indagou, angustiado.

O modo papai do ano dele me irritava profundamente.

— Porque ela precisa se esforçar. Ela precisa melhorar. Vocês a deixaram preguiçosa e prepotente.

— Tipo você? — Cruzou os braços, segurando uma pasta com suas anotações da reunião embaixo do braço.

— Esse é o ponto que você e a Melinda não entendem. Não quero que ela seja como eu, quero que ela seja a *melhor*. Quero que ela seja ela, com tudo o que pode ser. Me deixe fazer o meu trabalho, caralho. Confie em mim! — Fui duro com minhas palavras.

— Ela ficou chateada, Augusto — insistiu.

Caralho, como eu odiava aquilo.

— E morreu por causa disso? Não estou abusando psicologicamente dela, estou sendo sincero. O projeto estava ordinário e medíocre. Pare de me pressionar a retirar as palavras que falei apenas para que Maria Luiza fique feliz.

— Você é muito escroto — afirmou, contrariado. — Melinda está puta.

E vai ficar ainda mais quando souber que eu agarrei aquela garota no meio da minha sala...

— E desde quando me importo com os sentimentos da Melinda, Dante? — rebati.

Daquela vez, ele nem me respondeu. Saiu andando, sem nem olhar para trás e possesso da vida. Outro birrento de merda. Outro em quem eu não iria me importar de dar um gelo por uns dias só para ter um pouco de paz e sossego.

Fui até minha sala, checando as horas em meu relógio de pulso. Sete e meia da noite. Malu, provavelmente, já teria ido embora naquele horário e, para ser sincero, o pensamento me deu certo alívio.

Estava com vontade de beijá-la de novo, mas não poderia.

Não ali.

Na próxima vez que colocasse a boca naquela garota, seria para fazê-la gozar.

Entrei na minha sala, tranquilo, mas logo estanquei no lugar, me deparando com aquele olhar terrível. O olhar que estava me aterrorizando a mente naquele dia.

Que tesão do caralho!

Eu era um cara experiente. Já havia trepado tanto que nem sabia fazer as contas. Tesão não me consumia. Nunca consumiu.

Mas aquela feiticeira estava me fazendo repensar tal afirmação porque seus malditos olhos me faziam sentir coisas tão intensas quanto estranhas.

— O que ainda está fazendo aqui, Maria Luiza? — perguntei com calma, ao fechar a porta atrás de mim e ir direto para minha mesa.

— Eu... Hm... — embolou-se um pouco em suas palavras, mexendo no cabelo e se levantando, um tanto nervosa. Pegou sua bolsa rosa-claro, que combinava de uma forma engraçada com o terninho verdinho que usava.

Nenezinha demais...

Aquilo era novo. A voz nervosa e sem argumentos. Os gestos estranhos, hesitantes, e com o olhar envergonhado.

Malu sempre se sentia à vontade comigo. Nunca hesitou em berrar na minha cara quando achava necessário.

Eu era um idiota. Não que isso fosse novidade, porém.

— Eu já estava indo — falou, olhando para os próprios pés.

—

Você não me passou nenhum trabalho ainda. Então... Hm...

—

Olhou para o lado. — Acho que vou para casa. Hoje é dia de ver filme em família, e já estou atrasada. Provavelmente, vamos ver alguma coisa dramática, já que meu pai ama... — Finalmente, olhou para mim, mas com os olhos arregalados. — Não sei o porquê estou te contando isso, já que você sabe. Enfim, estou indo. É isso. —

Virou-se rapidamente, mas acabou batendo no vaso que, desde que chegou na empresa, sempre tinha flores novas. Notei que ela gostava. Vaso esse que, agora, estava fodido e todo quebrado no chão. — Puta merda... Desculpa, Senhor Mancini.

Senhor Mancini?

— Maria Luiza...

— Vou chamar as meninas da limpeza e, se você puder me dizer onde comprou o vaso, eu... — falou rapidamente, já com lágrimas nos olhos.

— Maria Luiza...

— Por favor, não grita, tá?

Não vou gritar, Meu Bem.

— Malu... — Sentei-me em minha cadeira. Minha voz foi suave ao insistir em chamá-la. Era um lado meu que eu nem mesmo conhecia. — Por que ficou aqui, mesmo não tendo trabalho nenhum?

Seu rosto inteiro ficou vermelho como um pimentão.

Saudade das covinhas dela, que apareciam apenas quando ela estava sorrindo.

— Já te disse... — Arrumou seu terno pela milésima vez, sem olhar para mim.

— Fale a verdade para mim. O que você estava esperando?
—

Somente ignorei o fato de que ela não tinha me dito nada direito até o momento.

— Estou com vergonha... — murmurou.

— Isso, eu percebi. Não vou gritar nem zombar de você. —

Por incrível que parecesse, eu, que nunca gostei de mulher que fazia biquinho ou era grudenta demais, estava ali, falando com voz suave e dando corda para aquela fedelha que, com apenas um olhar de reprovação, já chorava.

A mesma fedelha que, com apenas um beijo, já estava correndo atrás de mim.

Ela engoliu em seco e logo limpou a garganta.

— Promete?

Aquele beicinho com a porra dos óculos me fodeu completamente.

— Prometo.

Que porra essa garota fez comigo?

— Eu queria que você me desse um beijo. Fiquei o dia todo querendo que você me desse mais um e, agora que acabou o expediente, você não estava mais ocupado, e nem eu... — Deu de ombros. — Achei que não teria problema.

Malu estava dando de bandeja sua jugular para mim. E eu estava gostando. Não de uma forma sádica, onde iria usá-la. De uma forma genuína, onde iria suprir seus desejos.

Já haviam me pedido muitas coisas, mas a porra de um beijo era a primeira vez.

— Vem aqui. — Afastei mais minha cadeira, virando-a para o lado e já pronto para recebê-la entre minhas pernas compridas.

Ela veio. Ainda meio tímida e envergonhada, mas veio.

Corajosa *pra* caralho.

Deixou a bolsa em cima da minha mesa, parou no meio das minhas pernas e ofegou baixinho quando se deparou comigo. O

desejo dela escapava por cada poro, cada pulsação, cada suspiro.

E isso me deixava louco.

Apesar da vergonha, ela não se privou do que queria.

— Me beija, Malu. Não é isso o que quer fazer? — Peguei na sua cintura, trazendo-a para o meu colo.

Ela sentou-se de lado e, com uma de minhas mãos em sua coxa magrela e a outra em sua cintura, a senti segurar meu rosto e beijar minha boca de forma casta, apreensiva.

Meu coração parecia querer escapar do peito e, se fosse para ser sincero, eu mesmo queria escapar de mim.

Como ela me fazia sentir tanto com tão pouco?

Tomei a boca dela sem esperar mais, forçando minha língua para dentro e sentindo um gosto de tangerina, provavelmente do *Tic-tac* pelo qual ela era obcecada desde criança. A língua inexperiente me acompanhava como dava conta, e isso me deixava tão ligado quanto excitado. A inabilidade dela só deixava tudo mais gostoso para mim.

Enfiei uma das minhas mãos em seus cabelos, aprofundando ainda mais o beijo e roubando seu fôlego, assim como ela roubava o pouco do juízo que eu tinha. Pequenos gemidos eram engolidos ao mesmo tempo em que passava tinha outra mão por sua perna, indo em direção à sua bunda, que apertei ao liberar um gemido meu quando senti o quão era gostosa.

Aquela era a grande questão. Maria Luiza era gostosa.

Gostosa de um jeito que eu não estava acostumado.
Gostosa de corpo. Gostosa de jeito.

Gostosa pra caralho.

Daquela vez, ela mordeu meu lábio inferior, mas sem pressão.

Praticamente o puxou entre seus lábios e me matou quando olhou para mim com os olhos completamente embebedos de um sentimento que eu não fazia ideia de como definir.

Dei um selinho nela, me segurando para não levar aquilo adiante.

— Era isso o que queria? — perguntei, arrumando seus óculos no nariz, que, a essa altura, estavam tortos e embaçados.

— Uhum... — murmurou, toda molinha em meu colo. — Você beija bem.

Não que tivesse como ela ter comparado a outro, mas eu beijava bem, sim.

Eu era uma pessoa terrível, afinal.

Horível!

— E você foi o melhor beijo da minha vida — confessei, só porque era a verdade. E porque eu não queria que a menina ficasse vulnerável sozinha.

Ela sorriu.

Ela acreditou.

— É porque você gosta de mim. — Sua fala ativou todos os sinais vermelhos dentro de mim. — Calma, Augusto... — Sorriu, saindo do meu colo. — Gosta, tipo, tem um carinho e um cuidado por mim. Mesmo sendo um idiota, quer o meu bem. Eu sei disso, então tem mais sentimento do que qualquer beijo que já tenha dado.

— Você é romântica como seu pai. — Sentia minhas mãos tremerem. — Não se iluda, Maria Luiza, não vamos viver um desses romances melosos e chatos que sua mãe sempre amou ver.

— Eu sei, Augusto. — Ela riu ainda mais. — Estou vivendo, só isso. Você está me ensinando a ser uma arquiteta melhor e, de quebra, me permitindo viver tudo o que essa vida pode oferecer.

— Então é isso o que você quer? Se divertir? — Passei o polegar nos seus lábios, sentindo-os deliciosamente inchados.

— Não era o que queria na minha idade? — Piscou inocente para mim.

Era.

Era o que eu sempre quis. Ser o melhor na minha área e me divertir.

— Então vamos nos divertir, Meu Bem. — Pisquei de volta.



MARIA LUIZA BITTENCOURT

Ô, linda!

O que é que você faz pra ser assim tão linda?

Quando se olhar no espelho, diz assim

Tô linda!

Não sei o que dizer pra te ganhar ainda

Mas o começo pode ser assim

Projota ft. AnaVitória - Linda

Se fôssemos parar para pensar bem, toda aquela minha história não passava de uma grande humilhação com pitadas de vergonha alheia. Nada de novo quando se tratava de Maria Luiza Bittencourt, afinal. Como podia alguém nascer com tanta tendência a fazer merda como eu, ainda não sabia. Naquela etapa da minha vida, eu só estava tentando lidar com as consequências.

Meu pai decidiu de última hora fazer uma festa de aniversário para minha mãe e, de quebra, comemorarem mais um ano de casados. Já estavam indo para o décimo primeiro, e contando.

Minha casa estava abarrotada de gente, todos em volta da grande piscina — e dentro também —, vestindo suas roupas de banho e despojadas. Rindo e bebendo.

Já eu estava trancada no meu quarto, tentando parar de surtar porque aquela merda de biquíni estava pequeno demais e a única saída de banho bonita que eu tinha era

meio transparente. Minha mãe dizia que eu estava linda, mas não me sentia nada bem. Era estranho.

Primeiro, não gostava de mostrar meu corpo. Minhas roupas eram sempre bem casuais e cobriam partes importantes minhas. Segundo, eu tinha pavor só de pensar sobre o que as pessoas fariam de mim.

Sim, eu sabia que minha mãe era o que diziam ser gostosa e que até minha irmãzinha de dez anos já tinha mais peitos do que eu

— para ela, um terror, para mim, uma grande humilhação —, e isso mexia mais com a minha cabeça do que eu gostaria de admitir em voz alta.

E aí, tinha ele. O terceiro motivo. O homem para o qual eu olhava através da minha janela e notava que estava confortavelmente bebendo uma cerveja enquanto fumava mais um dos seus cigarros fedidos e observava tudo atentamente, ao passo que meu pai e mais uns caras da empresa conversavam.

Eu estava o observando como a grande idiota que eu era, tentando não surtar com a iminente perda de interesse dele.

Augusto observava as mulheres do local como um falcão e, pela minha experiência, ele gostava de mulheres gostosas, com muita bunda, muito peito... Muitas coisas que eu não tinha nesse corpinho viciado em *Coca-cola* e *Tic-tac*.

Ok, eu estava sendo uma idiota mesmo. Porque não deveria me importar tanto com o que um cara achava da minha aparência, mas me importava.

Esse era meu calcanhar de Aquiles. Minha mãe já tinha infernizado minha vida para que eu fizesse terapia ou algo assim, mas eu nunca quis, mesmo sabendo que era o melhor para mim. Assim como eu sabia que o melhor para mim não era beijar a boca gostosa do melhor amigo do meu pai, mas beijei mesmo assim.

Talvez, eu tivesse uma tendência à autodestruição.

Talvez, eu gostasse de coisas que não deveria.

Tipo a *Coca-cola*, que eu não bebia fazia trinta e quatro dias, para ser mais exata, mas sabia que, quando colocasse meus pés lá embaixo, beberia como se não fosse nada demais.

Observei a festa mais atentamente, notando as grandes mesas em madeira que tinham vasos com flores copos de leite que minha

mãe tanto gostava, e sorri. Achava fofo o modo como meu pai pensava em cada detalhe por ela.

Isso sempre me fazia questionar se eu teria alguém que pensasse em tudo por mim também. Que cuidasse de mim de verdade. Não da forma que minha família cuidava.

Nossa, eu acordei exatamente como meu pai hoje. Iludida e romântica.

Tomei um susto quando alguém bateu na minha porta e logo desejei fingir que estava dormindo. Eu tinha vinte e dois anos, ainda era meio-dia e meia e ninguém iria achar estranho tal coisa, afinal.

Não era Ágata porque a sem educação jamais bateria na minha porta antes de entrar. Além disso, ela não tinha

chegado à festa ainda. Na noite anterior, minha melhor amiga foi a um show com os amigos e já tinha mandado mensagem avisando que chegou às oito da manhã em casa. Achava difícil que ela fosse para a minha casa tão cedo.

Andei até a porta do meu quarto, rezando para que não fossem meus pais porque, se fossem, eu escutaria um grande discurso sobre como preciso trabalhar minha autoestima e tudo mais. E também não queria ser motivo de preocupação para eles.

Especialmente em um dia tão importante como aquele.

Abri a porta, não ligando muito para o biquíni que eu estava usando, e ofeguei com o susto que tomei quando vi o crápula em pessoa parado na minha frente.

Ele não estava lá embaixo há poucos minutos? Agora, além de tudo, vai ser o próprio Flash?

— O que está fazendo aqui, Augusto?!

Minhas bochechas se enrubesceram instantaneamente. Sabia que parecia bobeira minha. Eu pedi para que ele transasse comigo, então não deveria ter tanta vergonha assim do meu corpo. Mas, em minha defesa, sempre achei que transaria de luz apagada e seria apenas uma única vez.

Não teria tanta vergonha alheia assim no processo.

— Por que está escondida no seu quarto há mais de cinquenta minutos? — perguntou, arqueando as sobrancelhas grossas e escuras, que os deixava com cara de bravo.

— Hm... Eu só estou me arrumando. — Olhei para baixo. O

biquíni azul cavado com um estilo mais retrô parecia bonito, mesmo com toda a vergonha que eu sentia.

— Você parece pronta, para mim. Só coloque algo por cima —

Sua voz deu uma leve falhada —, e desça.

— Veio aqui só para me chamar? Papai quem pediu? —
Olhei novamente para ele, engolindo sua imagem.

Ele estava diferente naquele dia. As calças sociais haviam sido substituídas por uma bermuda azul-marinho e as camisas de botão por uma camiseta lisa e branca, que marcava seus braços de uma forma quase perfeita.

O cheiro dele também estava diferente.

Augusto fumava. No trabalho, sempre tirava os mesmos horários para subir até o terraço e fumar um ou dois cigarros. Após alguma reunião estressante, ele também ia para lá, mas sempre escovava os dentes e lavava as mãos depois, então o cheiro nunca era muito forte. Diferente de agora.

Naquele dia, ele cheirava a cigarros e loção pós-barba masculina cara. Uma combinação interessante e que me agradava.

— Não, seu pai não pediu. — Foi sucinto, passando os olhos pelo meu corpo. — Notei você olhando para o quintal com sua típica cara de adolescente insegura.

— A sua sensibilidade me comove, às vezes. — Revirei os olhos.

— Só estou sendo sincero.

Como se isso fosse capaz de deixar suas palavras melhores.

— E outra — continuei —, não sou adolescente, sou uma mulher adulta. Tenho vinte e dois anos, mesmo que vocês todos se esqueçam disso em alguns momentos.

— Vai por mim, se eu achasse que você é adolescente, jamais teria colocado minha língua na sua boca.

Essas palavras, sim, foram capazes de enviar ondas de adrenalina pelo meu corpo todo.

Lembrei dos beijos que demos naquela semana. De como ele, às vezes, entre um trabalho e outro ou antes de alguma reunião,

beijava minha boca, ora com delicadeza, ora com devassidão, fazendo-me adorar cada uma de suas versões.

Para ser sincera, eu achava que estava me tornando como os cigarros dele. Ele usava minha boca para aliviar suas tensões tal qual usava a nicotina. E eu deixava.

Pior, eu adorava.

Ficava imaginando se, um dia, meus pais sonhassem que eu sentava no colo de Augusto e enfiava minha língua na boca dele, e, às vezes, até roçava minha boceta no seu pau, o que fariam.

Provavelmente, me matariam! E pobre do Augusto estaria tão fodido quanto eu.

Mal notei quando ele entrou no meu quarto e fechou a porta atrás de si, me empurrando para dentro de forma tempestiva.

— Você não pode olhar para mim assim, Maria Luiza. Não quando está de biquíni e seria tão fácil te foder.

Ofeguei diante do tom rude de suas palavras.

Por que eu gosto tanto disso?

— Às vezes, você é meio nojento. — Banquei a difícil apenas porque não sabia o que dizer a ele. Como devolver alguma coisa depois de frases como aquela? Eu não sabia nada sobre flertar. —

Mas você é bonito, achei que já tivesse entendido isso.

— Eu sei que sou, o problema é que, quando você me admira... — Ele focou nos meus seios. — Caralho, Malu...

— O quê? — Olhei para baixo, com um pouco de vergonha. —

Eles são pequenos, mas tenho medo de anestesia, então não quero colocar silicone. Quero dizer, quero colocar mas tenho medo.

— Eu digo que quero te foder e você se justifica porque não tem silicone? — Augusto riu, descrente. — Você é uma garota muito estranha.

— Você sabe que a maioria das mulheres pensam como eu, né? Não sou estranha.

— A maioria das mulheres pensam, mas não falam. — Ele chegou mais perto de mim. Era tão alto e imponente que, às vezes, me dava uma sensação gostosa de proteção. Como se ele e aqueles braços compridos fossem capazes de me guardar do mundo. — Adoro como você fala tudo o que pensa.

— Eu não falo tudo. — Enruguei o nariz, sentindo falta dos meus óculos. Tinha optado por lentes de contato a pedido da minha mãe naquele dia.

— Não fala... — Ele segurou na minha cintura, que estava coberta só pelo filete do biquíni, e o contato tão direto me deixou toda arrepiada. — Não falou para ninguém que me pede beijos todos os dias depois do expediente.

— E nem que você me pede beijos *durante* o expediente — rebati, sorrindo de maneira travessa.

— Adoro quando sorri assim.

Suas mãos me puxaram para mais perto.

— Nunca sei o que dizer quando me elogia, para ser honesta.

— Fiz uma careta estranha.

— Me beija. Cada vez que eu disser que você é linda, você me beija.

Senti suas mãos escorregarem até minha bunda ao mesmo tempo em que minha boceta se contraiu um pouquinho.

Um toque, um olhar, e ele sempre me arruinava.

Homem ordinário!

— Não tem medo de que meus pais te peguem aqui? —

brinquei, ficando nas pontas dos pés e tocando seus cabelos grossos. Minhas mãos em sua nuca, trazendo-o para mim.

— Não.

Pareceu não fazer questão de se explicar.

E eu também não liguei porque, àquela altura, já estava beijando-o.

A barba dele me pinicava, mas a língua deliciosa fazia maravilhas quando tocava a minha. Ele tinha uma destreza para me atingir em todos os lugares, e me deixar louca e melada em segundos.

O beijo era lento, sensual e quase torturante. Gostava mais desse jeito, e Augusto já tinha percebido. Era assim que eu conseguia acompanhá-lo e sempre me arrancava uns gemidos baixinhos, que pareciam deixá-lo agoniado pois, a todo momento, me apertava ainda mais forte.

Quando encerrou o beijo, selando de leve meus lábios, seguiu para meu nariz, dando um beijinho nele, e depois beijou minha testa.

— Não fique nervosa com seu corpo. Você é linda demais.

Ri de um jeito estranho.

— E só por que você falou, então, magicamente vou me sentir linda?

Até gostaria que funcionasse assim.

— Não. Mas, às vezes, a gente precisa de pessoas de fora para começar a combater as questões do lado de dentro. Não sara, mas ajuda bastante.

— Alguém já te ajudou assim? — perguntei, curiosa.

— Seu pai. — Deu de ombros. — Todo mundo tem inseguranças na sua idade, é normal.

— Qual era a sua?

Não conseguia ver Augusto como um cara inseguro de jeito nenhum.

— Me achava uma pessoa ruim. — Mordi a língua para me segurar e não perguntar se ele realmente não era. Eu sabia sobre suas histórias. E não eram bonitas. — Eu sei que tenho problemas, mas cheguei em um ponto onde estava isolado por me sentir uma pessoa maldosa. Foi importante quando seu pai, aos poucos, foi me mostrando que não. Nunca iludi ninguém. Nunca menti para ninguém. Não sou um cuzão por não conseguir me apaixonar.

Bom, com isso, eu tinha que concordar. Ele não era cuzão por isso, já por outras coisas...

— Se sentia mal por magoar as garotas? — soltei, sem pensar.

— Óbvio? Fiquei anos pagando para transar porque era mais fácil e mais seguro. Nunca quis usar ninguém. Quero dizer, quando eu era bem mais novo, era mais inconsequente. Mas quem não é inconsequente aos quinze?

— Aos quinze, eu gostava bastante de desenhar. — Sorri.

Contudo, meus lábios murcharam e hesitei por um instante antes de perguntar: — Você tem medo de me machucar, Augusto?

— Tenho — fez um carinho na minha bochecha com o polegar

—, mas acho que não vou. Você não gosta de mim, lembra?

Precisava confessar que, ultimamente, andava esquecendo.

— Verdade, tem isso. Você beija bem, mas continua sendo um chato.

— Ah, então admite que eu beijo bem? — Prendeu meus cabelos da nuca com uma das mãos, de forma firme.

Adorava aquilo.

— Você é velho, tem anos de prática. Se beijasse mal, seria um problema.

O aperto ficou mais forte.

— Está me chamando de velho na cara dura, fedelha? —

Estampou um sorriso divertido nos lábios. Ele ficava tão mais bonito quando sorria assim.

— Mas você é.

— Ah, Maria Luiza... Na hora em que eu te mostrar quão punitivo posso ser, vai parar de brincar comigo.

Puxou-me para ele outra vez, de repente.

— Você gosta.

Sorri antes de amolecer ainda mais em seus braços quando sua outra mão foi para minha bunda novamente.

A humilhação maior era ver que a mão grande dele ocupava uma banda da minha bunda inteirinha.

Imagina a marca que o tapa dele deixaria na pobre coitada?

— Adoro, Meu Bem. — Apertou-me ainda mais. — Eu adoro.

E, assim, me beijou.

Beijou tanto que, quando vimos, já tinha se passado meia-hora. Ele desceu primeiro que eu. Ninguém tinha percebido nossa ausência. Ninguém tinha percebido nada.

Ainda.

13



Para tudo, há uma primeira vez

AUGUSTO MANCINI

Tá melado do açúcar

Que te entorpece

E que te vicia em mim

Luiza Sonza - 2000 s2

Depois de incontáveis doses de whisky e mais um tanto considerável de charutos, Dante me convenceu com facilidade a dormir no quarto de hóspedes de sua casa. Fui o primeiro a deitar porque me conhecia. Sabia quando estava começando a ficar realmente bêbado e não gostava muito da sensação de estar perdendo o controle de mim mesmo.

Após pouco mais de quatro horas de sono, o perdi completamente e aproveitei para tomar um banho, ficando apenas de cueca no quarto enquanto mexia no celular.

Foi instantâneo, ao analisar as fotos daquele dia, observar diretamente Maria Luiza em cada uma delas. Ela estava sem os óculos e praticamente sem roupas também. Amei vê-la daquele jeito, despojada e leve. A garota sempre parecia elegante e séria, o que era bonito, mas vê-la daquele jeito...

Suspirei.

Suspirei?

Bloqueei a tela do celular no mesmo segundo, ficando irritado instantaneamente. Não sabia o porquê e nem como ela provocava essas merdas em mim, mas era desconcertante.

Levantei-me da cama, passando as mãos pelos olhos e controlando meus pensamentos de seguirem para ela de novo. O

lençol caiu aos meus pés e o frio do ar-condicionado foi muito bem-vindo porque me sentia quente.

Peguei meu short de dormir, que tinha colocado na minha bolsa de roupas que sempre levava comigo quando sabia que teria festa na casa de Dante. Eu deixava no carro porque acabava bebendo e odiava pegar táxi ou *Uber*. Uma das minhas chatices, como dizia meu pai.

Depois de colocá-lo, fui em direção à porta do meu quarto, desistindo do sono e clamando por um copo d'água e algum juízo.

Pois, se fosse para ser sincero, na minha cabeça, só passava coisas como subir para o quarto de Maria Luiza e pedir por mais um beijo.

Ou subir para o seu quarto e pedir para chupar seus peitos.

Ah, aqueles peitos... Como eu tenho planos para eles.

Eu estava clamando pelos seios de uma garota que, até o dia anterior, olhava para mim como se estivesse vendo uma assombração.

Como eu havia chegado àquele ponto?

Como nós havíamos chegado ao ponto de um desejo tão latente?

Abri a porta e escutei, vindo do corredor, um grito baixo seguido de um suspiro assustado. Como se tivesse sido enviada pelo próprio capeta, ali estava ela, na frente do meu quarto e encostada na parede como uma lagartixa, me olhando com horror.

— Eu posso explicar — disse, respirando com rapidez, como se tivesse corrido uma maratona.

— Ah, eu quero ver você tentar. — Cruzei meus braços sobre o peito, o que levou os olhos dela diretamente para eles.

Ela engoliu em seco, e eu senti meu pau reagir dentro do short.

— Eu... Hm... — Seus olhos desceram para o meu abdômen, e, como se ela tivesse o tocado, eu o contraí. — Você é realmente muito bonito.

Sabia disso, mas foi bom escutar o elogio vindo dela mais uma vez. Gostava que ela me admirasse tanto e com tanta sinceridade.

— O que está fazendo na porta do meu quarto às quatro da manhã, Maria Luiza? — murmurei meu questionamento.

Se o pai dela nos pegasse ali, não sabia o que diria. A casa deles tinha dois andares e, logo após a sala de estar, havia um corredor que dava para três quartos. Todos os quartos do térreo eram para visitas, já que os dos Bittencourt ficavam no andar de cima. Não tinha o porquê da minha enviada do demônio para atazanar meu juízo estar ali, afinal.

— Eu... eu... — Ela olhou para os próprios pés e cruzou os braços, soltando um suspiro constrangido. — Eu não sei.

— Você não sabe? Não está nem bêbada porque não bebeu na festa, então vou perguntar novamente, que porra está fazendo aqui, Meu Bem?

Por que sempre está buscando por problemas?

— Não grita. — Ela tapou minha boca com uma das mãos, chegando tão perto de mim que me assustei, segurando em sua cintura por reflexo.

Ela estava usando um dos seus velhos pijamas que eu já tinha visto um milhão de vezes e que jamais me chamaram a mínima atenção. Aliás, até um mês atrás, olhar Maria Luiza era como ver a porra de uma parede. Não sentia nada de bom e nada de ruim.

Contudo, agora, até a porra do pijama com estampa de gatinhos estava me fazendo sentir tesão.

Tirei a mão dela da minha boca e puxei-a para meu quarto, fechando a porta com o pé.

— Nossa, que quarto gelado, Augusto.

Sua pele estava arrepiada desde o momento em que toquei sua cintura, mas deixei que ela se enganasse.

Deixei-me enganar também.

— Me responda só uma coisa. — Minha boca pairou sobre a dela. — Você iria bater à minha porta?

— Eu... — Ela desviou o olhar.

— Não minta para mim.

Beijei sua bochecha e puxei seu corpo para cima, segurando-a em meu colo. Suas pernas se enlaçaram em volta da minha cintura, e eu segurei seu corpo pequeno sem dificuldade nenhuma.

— Queria ver você... — Suas unhas curtinhas foram para minha nuca, enquanto senti suas coxas me apertarem ainda mais.

— Mas ficou com vergonha quando foi bater realmente na porta, não ficou? — Sorri maliciosamente contra seus lábios.

Porra, vou foder essa garota hoje.

— Fiquei... Acho que descer até aqui foi um erro meio incalculado.

Malu ofegou quando passei uma das minhas mãos em seus seios, segurando-a agora apenas com um dos braços. Os mamilos já estavam duros e prontos para que os chupasse. Adoraria fazer isso naquele momento conforme a prensasse contra a parede para, logo em seguida, virá-la de costas e meter em sua boceta gostosa, mas me controlei.

Ela era virgem e inexperiente. Ainda não daria conta desse meu lado.

— Todos os seus erros são meio incalculados. — Beije seus lábios delicadamente, mas logo os soltei em um estalo molhado. —

Você está querendo dar para mim, Maria Luiza?

— Por que você tem que ser tão explícito? — murmurou contra meus lábios, mas, contrariando a si mesma, rebolou no meu colo, levando meu pau a endurecer completamente.

— Não me respondeu... Me diga a verdade, Meu Bem. — Tirei um pouco dos cabelos que estavam em seu rosto.

Se ela tivesse ido até ali apenas para alguns beijos, não tinha problema, eu os daria. Porém precisava saber até onde poderia ir.

Até onde ela queria ir.

— Achei que já tinha ficado claro que eu quero perder a virgindade quando pedi para que me ensinasse a seduzir as pessoas.

Circulei o cômodo com ela no meu colo até a cama e a sentei na beirada. O quarto inteiro estava iluminado apenas por um abajur fraco, então, mesmo na penumbra, eu a enxergava perfeitamente.

Ela estava excitada, mas, ainda assim, com medo.

— Então desceu até aqui para que eu cumprisse seu desejo.

Como era atrevida...

— Uhum... — confessou, apoiando as mãos atrás do corpo e lambendo os lábios.

— Você sabe se tocar, Maria Luiza? — perguntei, limpando o canto da minha boca com o polegar e refletindo o que eu iria fazer com ela primeiro.

O pijama tinha uma camisetinha e um short tão curto que eu poderia rasgá-lo, caso estivéssemos em outras condições.

— O quê? Por que está me perguntando isso? — Engoliu em seco, do mesmo jeito que sempre fazia quando não queria responder uma das minhas perguntas.

— Porque eu preciso saber o quanto você sabe sobre sexo.

Fui seu primeiro beijo, então é óbvio que ninguém nunca tocou em você. Ninguém nunca beijou seu corpo. Ninguém nunca te fez gozar. Mas isso não quer dizer que você nunca tenha tido um orgasmo antes. Você tem dedos e deve ter um vibrador na sua mesa de cabeceira. Então, me diga, o quanto você já experimentou do seu próprio corpo?

Notei o momento em que sua barriga lisa se comprimiu.

— Por que precisa saber disso?

— Quantos *porquês*... — Os cabelos cacheados estavam uma bagunça completa, mas os adorei assim, soltos e livres. Sem dúvida nenhuma, era uma das coisas que eu mais gostava nela. — Não quero te assustar. Quero que tudo isso seja bom para você. E, quando uma mulher se toca, é mais fácil de ela gozar na transa. E

uma mulher nunca sai da minha cama sem gozar, Malu. Não vai ser diferente com você.

— Eu gozo... — respondeu, com seu velho e conhecido tom de voz envergonhado, sentando-se mais no centro da cama.

— Quase todos os dias.

Bom. Aquilo era realmente bom.

Cruzei meus braços, olhando-a de cima, e tomei meu tempo para me acalmar. Eu nunca havia tirado a virgindade de uma garota antes. E, para ser sincero, minhas fudas sempre foram assim: simples fudas.

Sabia como pegar uma mulher, puxar seus cabelos, dar tapas em sua bunda enquanto metia meu pau em sua boceta sem

nenhum dó nem piedade. Sabia fazê-la gozar, mas tudo isso sem uma porra de calma. Sem cuidado nenhum.

Ali, então, eu precisaria ir por um outro caminho. Era a primeira vez dela, não precisava ser romântica, mas tinha que ser gostosa.

Com ela relaxada o máximo que dava para que não sentisse tanta dor.

— Então você gosta de tocar nessa boceta?

Poderia jurar que ela estava molhada entre as pernas. E olha que eu não tinha feito nada ainda.

Eu mal te toquei e já está assim? Que delícia vai ser brincar com você, Maria Luiza...

— Gosto...

— E como você faz isso, Meu Bem? — perguntei, com o tom de voz bem mais grave do que o normal.

— Quer que eu te mostre?

Só a simples menção de vê-la se tocar fez meu pau pulsar.

— Quero.

— Você vai realmente transar comigo hoje? — Quis confirmar, com um sorriso contido e sincero nos lábios, que fez suas covinhas aparecerem.

Se eu não estivesse de pau duro ainda, com certeza, ficaria agora.

— A pergunta certa é se você quer que eu te foda hoje. E como você quer que eu faça isso. Você vai se lembrar deste dia para sempre.

Abri as pernas dela, segurando em seus tornozelos.

— Você é tão inesquecível assim? — indagou, risonha.

— Eu poderia ser um escroto arrogante e dizer que sim, sou bem inesquecível. — Apontei para o seu short em um gesto silencioso, e ela o desceu pelas pernas rapidamente. Porra, ela estava sem calcinha. *Tão boa garota...* — Mas toda mulher se lembra da sua primeira vez, Malu.

— Eu já vou me lembrar de você. Foi o meu primeiro beijo.

— E eu gosto disso bem mais do que deveria. — Observei sua boceta. Era toda fechadinha e com lábios pequenos. Não era inteiramente depilada, seus pelos eram ralos, loiros e bem

aparados. Seu clitóris só apareceu quando Malu dobrou os joelhos e abriu ainda mais as pernas. Estava tão melada que o pequeno ponto estava completamente lambuzado. — Se

toca para mim, Malu. Me deixa ver como você gosta de gozar.

Sem falar nada, ela debruçou seu corpo para trás, apoiando-se no cotovelo, e desceu seus dedos finos e delicados da mão livre até o ponto mais avermelhado da sua boceta, começando a se tocar ali.

Um gesto simples e bem suave. Seus olhos se fixaram em mim.

Não no meu pau nem nos meus braços, que eram geralmente as partes em que as mulheres tinham mais tesão em mim, mas sim no meu rosto. Mais precisamente na minha boca.

— Gosta de se tocar devagarzinho? — Observei os movimentos que ela fazia na entrada da boceta, encharcando seus dedos, e logo voltando para o clitóris.

— Uhum... — Seu rosto estava vermelho, não sabia se por vergonha ou por tesão. — Nunca enfiei meu dedo lá dentro.

— Tem medo?

— Não sei... — Soltou um gemido baixinho quando fez um movimento mais intenso e um pouco mais rápido. — Acho que só não fiz.

Talvez, fosse um problema, mas eu poderia trabalhar com isso.

Não aguentei mais de tesão. Precisava beijar aquela boca gostosa e tocar naquele corpo quente e convidativo.

Um pouco mais calmo, abri mais suas pernas, segurando-as pelos joelhos, e descí meu corpo sobre o dela, ficando entre

suas pernas e sentindo quão pequena ela era embaixo de mim. O cheiro dela era doce. Lembrava-me flores e açúcar, algo que eu odiava, mas que não deixei transparecer.

Algo que meu pau nem se dignou a ligar.

Malu tirou os dedos da boceta, e logo os tomei em minha boca, conhecendo o gosto dela pela primeira vez. Seus olhos reluziram o desejo que aquilo provocou nela. A garota podia ser tímida e os caralhos, mas era safada. Dava para ver pelo modo como respondia às minhas investidas.

— Pensei que queria me ver gozar — murmurou, me provocando.

— Acho melhor te fazer gozar. Já entendi como gosta.

E ali estavam as covinhas salientes que, daquela vez, não me contive e as mordi de leve, lambendo-as depois.

— Gosta delas?

— Adoro — respondi, arrumando seu cabelo todo para o outro lado, querendo ter seu rosto inteiro à minha disposição. — Você é realmente muito gostosa, Malu.

— Adoro quando me chama de Malu.

Enquanto ela admirava meu rosto, fui subindo sua blusa com calma, sentindo sua barriga chapada com meus dedos pela primeira vez. Ao chegar em seus seios, preendi a respiração. Com o olhar, pedi permissão para ela e, diante de seu aceno de cabeça bastante convincente, puxei sua blusa por completo. Foi como tomar um soco.

Perfeita.

A pele era tão branca que eu chegava a ver suas pequenas veias. Talvez, pelo ar gelado do quarto ou apenas porque era assim mesmo. Não sabia. Um frio se apossou do meu estômago. Ou, talvez, seria alguma outra coisa, quando pensei que queria conhecer aquele corpo de cor.

Cada ponto. Cada machucado. Cada estria. Cada pinta. Cada curva.

Caralho, eu queria conhecê-la.

Subi meu olhar abobado para seu rosto, encontrando-a vermelha, e fui rápido em perceber que ela iria cobrir os seios por pura vergonha. Segurei seus pulsos sem delicadeza e os puxei para cima da sua cabeça, mantendo-a exposta para mim.

— Não cubra seu corpo. Não quando eu estou o adorando, estamos entendidos?

Meu tom de voz saiu mais duro do que eu gostaria, mas achava que esse era eu. Não conseguia ser carinhoso demais. Não conseguia ser suave.

Não era como chefe.

E, definitivamente, não era na cama.

— Estou errada por gostar tanto quando fala assim comigo?
—

questionou, quase como um gemido, quando toquei em seu seio

direito.

— Não. Errado estou eu por gostar quando me obedece. —

Permiti-me torcer um pouco seu mamilo rosado e rígido com as pontas dos meus dedos, sentindo-a se retorcer embaixo de mim. —

Você é tão responsiva, Meu Bem.

Soluçou quando eu toquei o outro seio.

— Isso é dolorosamente bom...

Como eu imaginava, Malu era inexperiente no sentido mais literal da palavra. Seu corpo não sabia como receber prazer de outra pessoa. E, sim, tinha muita diferença entre gozar sozinho e gozar com alguém te levando a isso. Nunca havia tirado a virgindade de ninguém, mas sabia como essas coisas funcionavam. Eu tinha um melhor amigo que precisou tirar a virgindade da namorada, afinal.

Não posso pensar em Dante agora, não quando estou com a filha dele embaixo de mim.

— Dolorosamente bom é bom. — Sorri, contemplando seu rosto. A boca entreaberta, os olhos um pouco caídos... Estava sendo realmente bom para ela e apenas isso importava.

Desci meus lábios até seu seio esquerdo, engolindo seu mamilo e chupando-o com um pouco mais de pressão do que previa. Ela gemeu um pouco mais alto do que eu iria permitir.

Tampeei sua boca com a mão livre e, olhando-a, segui para o outro seio, deixando minha língua quente e molhada tocar no mamilo em movimentos circulares, até perceber que ela estava pronta para que eu chupasse seu mamilo e o mantivesse na minha boca por alguns segundos.

Com a boca tampada, eu apenas escutava seus murmúrios, mas era o suficiente para acionar uma onda de prazer no meu corpo inteiro.

Lambi seu mamilo e o mordi de leve, levando-a a arquear suas costas, e a uma agonia com o prazer que minha língua provocava consumindo seu corpo. Soltei seus braços e permiti que ela me tocasse, o que fez imediatamente, levando seus dedos até meus cabelos e me mantendo preso ali, a ela.

Voltei para o outro seio e continuei minha provocação até que seus soluços se transformaram em gemidos suaves. Com beijos

molhados, fui subindo por seu corpo, sentindo seu gosto na ponta da língua e imaginando se sua boceta seria tão doce quanto o resto da sua pele. Quando cheguei ao pescoço, não pensei e, instintivamente, a chupei ali, deixando uma vermelhidão mais forte do que minha barba provocava.

Tirei minha mão de sua boca apenas para substituí-la por meus lábios, dando um beijo apaixonado e possessivo, que me permitiu sentir seus seios roçando no meu peitoral. Minha pélvis ia de encontro com a dela, fazendo meu pau moer sua boceta mesmo com a barreira do tecido da minha roupa, iniciando uma dança calma e torturante. Era muito pouco para que eu gozasse, mas, para ela, parecia estar sendo demais porque seu beijo se tornou ainda mais lento e errático, como se ela estivesse recebendo mais estímulos do que conseguisse lidar.

Malu seria do tipo de mulher que gozaria com muita facilidade.

Um tipo bem raro, mas que existia.

Mordi seu lábio com mais força do que estava acostumada para puni-la. Ela não devia ter descido até ali. Ela não devia dar suas primeiras vezes para mim.

Esse pensamento não me impediu de descer os dedos até sua boceta, no entanto, e me enfiar ali para encontrar seus poucos pelos completamente melados.

— Vou ter que chupar você, Maria Luiza. — Minha voz estava grave e profunda.

Ela não me respondeu com palavras, mas mostrou que aprovava ao roçar aquela boceta em mim de forma ávida.

— Você pode fazer o que quiser... — Já sua voz estava serena.

— Não fala isso — rebati, me sentindo quase sendo torturado.

— Por favor, Augusto...

Sem pensar muito, desci meu corpo até ficar frente a frente com sua boceta. Sem nenhuma delicadeza, chupei-a, deixando seu gosto se infiltrar na minha língua. Era uma delícia. Maria Luiza se contorceu, gemendo alto demais e recebendo um tapa ardido na bunda em punição.

— Sem gritos, Maria Luiza.

Ela me olhava lânguida. Completamente vermelha e descabelada.

— Não para...! — A atrevida tentou me puxar pelos cabelos para que eu fosse até sua boceta novamente.

Ela ainda não sabia, mas, na minha cama, só eu mandava.

— Se fizer barulho, eu vou parar. — Abri ainda mais as pernas dela, segurando-a do jeito que eu queria. A minha delicadeza, aparentemente, havia sido enfiada no meu rabo. — Entendeu, Maria Luiza?

Ela concordou com um resmungo, o que foi suficiente para que eu passasse minha língua em suas dobras e encontrasse seu clitóris, circulando-o.

Ela era viciante.

Seu gosto. Seus sons. Seu cheiro.

Suas pernas começaram a se fechar, mas a mantive presa, completamente aberta para mim. Chupei com avidez, raspando meus dentes com leveza no clitóris, e sugando sua lubrificação como um viciado de merda. E, como a boa garota que era, Malu pegou um travesseiro e colocou sobre seu rosto, evitando que seus gemidos acordassem quaisquer pessoas da casa.

Meu dedo médio começou a participar da minha tortura.

Apenas com um leve circular em sua entrada, eu percebi que a garota sofreria para me receber. A boceta era apertada e pequena.

Um bom agrado para mim, um tormento para ela. Continuei a lambar seu clitóris e empurrar a ponta do meu dedo para dentro dela, doido para meter ali.

Seu suor escorria, e eu sentia o meu se acumular nas costas, mesmo com o ar-condicionado tão frio. Estávamos queimando dentro de um universo só nosso, onde, aparentemente, as consequências não tinham o peso de nos fazer parar.

Por um segundo, me perdi nela.

Entreguei-me ao seu corpo, mesmo não estando dentro dela, querendo decorar cada segundo que estava passando ali entre suas pernas, com a língua praticamente enterrada em sua boceta.

Desejei que seu cheiro me acompanhasse por um longo período porque estava me tornando, minuto a minuto, obcecado por ele.

Como se o mundo tivesse parado completamente, observei seu corpo se contrair, suas unhas fincarem no meu couro cabeludo, e ela se entregar a um orgasmo que parecia beirar à dor, de tanto que gemia, abafada por meu travesseiro.

Lambi sua boceta inteira até que ela aproveitasse por completo seu êxtase e parasse de se contorcer, sugando seu orgasmo e deixando meus lábios completamente molhados por ela.

Malu tirou o travesseiro do rosto e, com o sorriso mais bobo que eu já tinha visto, me olhou. Nem deixei que ela falasse, voltei a colar meu corpo no dela, beijando seus lábios e deixando-a experimentar seu gosto delicioso.

O beijo bruto me levou a segurar suas mãos para cima outra vez, para que, em seguida, com a outra, abaixasse meu short e cueca, liberando meu pau, que logo procurou sua boceta apertada.

Senti seu corpo ficar tenso quando a cabeça do meu pau forçou a entrada para dentro dela. Parei, beijando seus lábios com um selinho delicado.

— Vai doer, né? — Suas mãos passeavam pelas minhas costas e seus tornozelos se cruzaram em minha bunda.

— Eu sou grande, então... Sim, Meu Bem, vai doer. — Passei meu nariz no dela, sorvendo seu olhar com o meu. Meu nervosismo deu lugar a uma calma que chegava a ser estranha. Era nossa primeira vez, mas foi como se eu já tivesse feito isso com ela um zilhão de vezes. — Você tem certeza de que quer que seja comigo?

— Sim... — Fincou suas unhas em minha pele e me puxou com os pés para que eu voltasse ao encontro dela. — Quero que você seja meu primeiro tudo.

Meu primeiro tudo.

A frase ecoou na minha cabeça e se fincou no meu coração como uma praga, que foi tomando conta de tudo.

Ao entrar, sua boceta me sugou ao mesmo tempo em que me apertou de uma forma sufocante. Sentia do meu couro cabeludo até a ponta dos meus pés se arrepiar. Seus olhos ficaram vermelhos e poucas lágrimas se formaram ali quando, num impulso, rompi sua pequena barreira. Ou, pelo menos, era o que achava, já que a passagem, enfim, ficou bem mais aberta.

Eu nunca conseguia entrar inteiro em uma mulher. Meu pau era grande, mas não tão grosso, então sabia o que fazer e como fazer.

— Você está bem? Como se sente? — perguntei, me esforçando ao máximo para ficar parado.

— Dói um pouco. É estranho estar assim... — Uma de suas mãos foi até meu rosto, me acariciando.

— Assim como, Malu? — questionei, estrangulado e doido para me mexer, mas ainda me mantive parado.

— Cheia. — Seus lábios selaram os meus com delicadeza.

Gemi, enfiando meu rosto em seu pescoço e fazendo um esforço sobrenatural para não me mover.

— Se mexe... — Ela pediu, docemente. — Disse para fazer o que quiser comigo. — Puxou-me com delicadeza e me olhou nos olhos. — Me fode, Augusto.

— Porra, não fala assim... — implorei, sentindo o pequeno fio do meu autocontrole se esticar ainda mais. — Preciso ir com calma com você.

— Me fode. Por favor, *Meu Bem*.

E, assim, ela o rompeu.

Ao se abrir mais para mim e me receber, meti em Malu sem muita força, mas, ainda assim, com muito mais do que ela conseguiria aguentar. Agarrei seu cabelo, tomando sua boca e deixando uma de minhas mãos no meio de nós dois, alcançando seu clitóris para massageá-lo de um jeito que ficasse submersa no máximo de prazer que eu conseguia proporcionar a ela.

Minhas estocadas firmes se misturavam com suas reboiadas, e eu torcia para que aquela foda não acabasse nunca, tudo porque ela acabou se tornando uma das mais prazerosas que já tive.

Maria Luiza gemia em minha boca e, depois de um tempo, seu beijo não conseguia mais acompanhar o meu. Ela estava perdida dentro do seu próprio corpo, ou seria do

meu, já que me olhava como se estivesse vivendo um momento mágico.

Acreditava que a primeira vez de uma garota sempre devia ser um momento mágico.

Meu corpo todo tensionou ao olhar para ela e senti o orgasmo vir como uma explosão tão forte, que não fiz nenhuma questão de controlar. Pelo contrário, só me impulsionou a ir mais rápido e mais forte. Geralmente, aquele era o momento em que eu a trocava de posição para postergar meu gozo. Mas não naquela noite. Ela estava com dor, ainda não estava pronta para tudo o que eu tinha para dar.

Engoli seu gemido com minha boca. Viramos uma massa de sons, suor e porra, já que tirei meu pau na hora e gozei na sua barriga, lambuzando-nos.

Eu a beijei com calma, tentando voltar para o mundo real.

Sentia-me aéreo e confuso. Seus olhos estavam tranquilos quando a olhei pela primeira vez pós-orgasmo e o seu sorriso surgiu assim que ela notou que eu estava tranquilo. Que eu não iria surtar.

Fiz tudo porque quis. E faria aquilo sempre que ela quisesse.

— Não se apaixone por mim, Malu.

O sorriso dela só se abriu mais, mostrando as covinhas.

— Com um pau que nem entra na minha boceta por completo?

— Beijou meu nariz. — Nunca.

Gargalhei, caindo ao seu lado.

— Caralho... — Olhei para o meu pau, coberto com algumas manchas de sangue. — Fizemos sem camisinha.

Eu nunca trepava sem camisinha. Nunca.

Era calculista na cama, tal qual era na vida. Isso era um problema.

Meu Deus, que porra!

— Eu tomo pílula, só para você saber — informou, olhando diretamente para o sêmen que estava todo esparramado em sua barriga.

— Nunca fiz sexo sem camisinha antes. Estou livre de doenças, se quiser checar meus exames. — Apoiei-me sobre o cotovelo, virando de lado para ela. — Perdão por isso, Malu... Eu devia ter pensado antes. Nem vou te oferecer justificativas.

Desculpa, de verdade, mas juro que nunca faço sem.

— Transei com você porque confio em você. Está tudo bem, Augusto. Doeu, mas foi muito bom. E percebi que esqueceu de

colocar a camisinha e deixei que continuasse. Estava com tesão demais. Mas, olha só, parece que eu fui uma primeira vez para você também.

— Não pode aceitar que alguém faça o que não quer com você, ok? E, principalmente, mesmo que não queira, sempre use camisinha...

Ela me cortou.

— Augusto, relaxa. Eu sei. Era virgem, não burra. Não estrague o momento.

— Você sangrou um pouco. Está com dor? — perguntei, preocupado.

— Estou dolorida, mas já esperava por isso. Para ser sincera, esperava algo mais traumático. Foi gostoso... — Mordeu o lábio inferior, contendo um sorriso. — Eu transei.

— Você transou. — Sorri.

— Com você... — E lá estavam as covinhas.

— Comigo.

— Viu, Augusto? Você sabe fazer coisas além de gritar e ser mal-humorado — constatou com o nariz em pé, apenas me provocando.

— Está dizendo que eu sei foder, mas que sou um chato? — Arqueei as sobrancelhas.

— Exatamente, Senhor Mancini.

Soltei uma risada anasalada.

— Vamos tomar um banho, Senhorita Bittencourt, antes que eu surre sua bunda. — Levantei-me, ainda sorrindo.

Eu nem mesmo gostava de sorrir, mas, naquela noite, parecia que era tudo o que eu conseguia fazer.

— Você não teria coragem... — Cerrou os olhos, se levantando também. Não me passou despercebido como ela estava confortável pelada na minha frente.

— Ah, querida, você não faz ideia de como eu faria e gostaria disso. — Pisquei para ela, mas captei o quanto aquele papo a interessou.

E, como o bom e velho ditado dizia: as quietinhas eram as piores. Se bem que, para mim, aquela ali, de quieta, nunca teve

nada.

Eu só poderia torcer para que, depois de tudo o que ela quebrou, não quebrasse também o meu pau.



MARIA LUIZA BITTENCOURT

Mão pra trás você 'tá presa

Hoje tu vai ser minha ceia

Shiu, calada

Movimentos lentos tudo dentro no talento

Foi você quem quis me conhecer, malvada

Luiza Sonza ft. Ludmilla - Café da Manhã

Eu dei.

Meu Deus... Eu dei e gostei de cada minuto.

Quando acordei no meio da noite, o único pensamento que eu tinha era Augusto. Ele de camiseta polo, bermuda elegante e com aquele charuto nos lábios.

Eu o quis o tempo inteiro na festa. Eu o quis ainda mais sabendo que ele estava tão próximo a mim, dormindo no andar de baixo. Então, nem pensei, eu só desci. Esqueci até mesmo de quem era eu. De quem era ele.

Quando me vi diante da porta do quarto de hóspedes, me assustei. Afinal, o que eualaria para ele? *"Oi, tudo bem? Você poderia aplacar um pouco meu fogo no rabo?"*

Eu travei. E, como se o destino zombasse de mim, ele abriu a porta. Não deu tempo nem de correr.

Pela primeira vez na vida, ser tão tímida me ajudou em alguma coisa. Foi graças ao meu jeito que fiquei travada, sem saber como agir ou reagir. E, quando dei por mim, estava com Augusto dentro de mim. Grande, duro e tão, mas tão gostoso que, por muito pouco, eu não pedi por mais.

Então, ao estar ali, deitada e olhando para o teto enquanto Augusto ressoava baixinho em seu sono profundo, soltei um suspiro seguido de um baita sorriso. Foi incrível, muito melhor do que eu imaginava que seria. Ele foi carinhoso do jeito dele e, claro, muito cuidadoso. Isso estava pregado na minha mente.

Sabia que ele tinha pegado leve na madrugada, tanto é que eu sentia minha boceta arder, mas nada que fosse insuportável ou ruim. Era só um incômodo diferente.

Eu o observei dormindo todo esparramado na cama, de barriga para cima, e parecia tão calmo e relaxado que cheguei a sentir inveja porque eu sentia tudo, menos calma.

Vendo sua pele bronzeada pelo sol, seu abdômen definido, braços grandes e musculosos que, horas antes, estavam por toda parte do meu corpo, e seu pau que, mesmo mole, tinha um tamanho que, por um momento, chegou a me assustar, mas, no final das contas, parecia usar muito bem... Estava impossível controlar o desejo que ainda me queimava, como se tivessem ateadado fogo em mim e na porra do meu juízo.

Já eram nove da manhã e eu continuava ali, sem me levantar e temendo ser a última oportunidade de gozar chamando o nome dele. Toquei seu braço de leve e isso o fez se mexer um pouquinho, mas logo me puxou para seu peito, me acolhendo em seus braços e beijando o topo da minha cabeça.

Augusto era um cara muito estranho. Era rude e grosseiro, mas também era muito atencioso e carinhoso. Pelo menos, comigo tinha sido.

— Que horas são? — murmurou, sonolento.

— Nove, mas todo mundo foi dormir tão tarde ontem que ainda não conseguiram acordar.

Passei a mão pelo seu peitoral, sentindo os poucos fios entre meus dedos.

— Você precisa ir para o seu quarto, Meu Bem — disse. Em contrapartida, passava a mão no meu cabelo e me prendia a ele pela cintura.

— Eu preciso... — Mas não me movi.

Aos poucos, Augusto foi acordando e percebi quando foi se dando conta do que tínhamos feito durante a madrugada. Seu semblante passou de calmo para meio preocupado, até voltar ao mesmo ranzinza de sempre.

— Está pirando, né? — murmurei.

— Não. — Finalmente me encarou, prendendo meu olhar no seu. — Estou apenas preocupado com você.

— Comigo?

— Você estava me observando dormir, pede beijos como se ainda estivéssemos no colégio... Eu não posso deixar que se apaixone por mim. Você vai sofrer, Maria Luiza — enfatizou, com sua sinceridade que já estava começando a me irritar.

— Meu Deus, Augusto, você parece um vinil riscado com esse papo. Vai me dizer que todo mundo que se deitou na sua cama se tornou obcecada por você?

Eu queria saber como ele fodia, não como ele amava.

— Sua tia se apaixonou por mim — lembrou-me.

— Não tenho como te defender dessa, meu querido, você sempre soube que ela era apaixonada por você. Transou com ela porque quis! Eu não tenho uma paixão secreta por você, só vi uma oportunidade. Você é lindo, me desejou, me despertou interesse...

Aproveitei para finalmente começar a me relacionar com alguém.

Não complique isso, ok?

— Por que estava me olhando como se estivesse se apaixonando, então? — Minha perna subiu por sua coxa musculosa até que minha boceta tocasse sua lateral. Permitted que ele sentisse o motivo do meu olhar. Do meu toque. — Ah, por isso?

— Uhum... — Sorri. — Estava pensando que eu conheci você fodendo fofo.

— Fodendo fofo? — repetiu em tom de pergunta e um tanto ofendido.

— Queria saber como você fode de verdade.

Pareceu que aquela pequena frase foi o atestado de óbito da minha boceta porque, sem que eu esperasse, ele me girou na cama, me deixando de bruços e com a bunda à sua mercê.

— Você consegue me tirar do sério, garota infernal...! — Senti seu pau roçar na minha bunda. Duro como uma rocha, pronto para me foder. — Eu estava sendo educado, porque você não aguentaria tudo o que tenho para te dar.

— E quem disse que eu não aguento? — murmurei contra o colchão, não vendo quase nada por causa dos meus cabelos, que tampavam toda minha visão.

Levei um tapa estalado na bunda, que me fez gemer em agonia. Foi dolorido, mas fez palpitar muito mais do que qualquer beijo que ele já tinha me dado. Achava que eu realmente gostava daquilo.

— Você gosta disso, não é, sua vagabunda? — Massageou minha bunda, só para, em seguida, desferir outro tapa seco.

—

Como é gostosa e atrevida... Essa sua boca ainda vai te colocar em problemas.

— E você vai fazer algo a respeito? — perguntei, amando tirá-lo do seu eixo.

— Um dia, vou te ensinar como levar um pau até sua garganta, mas não hoje. — Com as próprias pernas, abriu as minhas e encontrou minha boceta com os dedos. — Hoje, eu vou te *foder*.

Como uma puta, já que é isso que quer ser minha. — Chegou ainda mais perto da minha orelha. — Minha putinha.

— Não sou sua — rebati, gemendo baixinho conforme sentia dois dos seus dedos entrarem na minha boceta ardida.

— Quem está com os dedos dentro de você? — indagou, com a voz que usava sempre que estava puto.

Aquele seu tom rude, normalmente, me fazia chorar. Porém, agora, estava me fazendo ficar inflamada de tanto desejo.

— Você.

— Quem vai te comer agora? — Seu hálito quente batendo contra minha nuca e seu pau apontado para a minha bunda.

— Augusto, aí não...! — praguejei, hesitante, num nível de tensão e tesão que estava me deixando tonta.

— Não vou arrombar seu cu. Hoje. — Mordeu minha orelha.
—

Mas eu quero que todos os seus primeiros sejam meus, inclusive esse.

— Esse não será seu.

Tudo bem... Seria, sim. Mas eu só queria que ele ficasse ainda mais bravo. Mais bruto.

Seus dedos abandonaram minha boceta, e ele desferiu mais um tapão na minha bunda.

— Quando eu mando, minha putinha obedece. Entendeu, Maria Luiza?

Se eu não tivesse entendido até aquele momento, ele me faria entender. E nem se importaria em acordar a casa inteira.

Augusto Mancini era louco, e eu estava amando sua loucura.

— Entendi.

Meu quadril foi erguido, me deixando de quatro, empinada e aberta para ele.

— Cabeça no colchão. Não se levante. — Minhas costas doíam um pouco por conta da curvatura, mas logo passou quando ele me agarrou pelos cabelos e me manteve presa.
— Você quer que eu use camisinha? Tem uma na minha carteira.

— Não. Quero sentir você inteiro — murmurei em resposta.

— Quer? — Senti a cabeça do seu pau na minha entrada. —

Por que, sua garota inconsequente?

— Quero sentir sua porra escorrer de mim...

O aperto do meu cabelo ficou ainda mais forte e dolorido.

Gemi.

Isso. Era isso o que eu queria.

— Olha como eu deslizo nessa boceta com facilidade...

Pude senti-lo me tomar pouco a pouco, com calma para que não me machucasse tanto, mas, ainda assim, sentia arder ao ser preenchida.

Que sensação maravilhosa...

Sem falar mais nada, ele começou suas estocadas firmes e sem a delicadeza da noite anterior. Minhas mãos seguravam firmemente no lençol, numa tentativa quase idiota de melhorar a pressão que eu sentia dentro de mim.

Era arrebatador.

Seu pau me tocava em pontos que eu mesma não conhecia, e suas mãos me dominavam de um jeito que parecia que meu próprio

corpo já não era meu.

Essa era uma verdade gostosa de admitir: deitada naquela cama, na posição que ele queria e sendo comida do jeito que pedi, eu já não era mais minha. Eu era dele. Dele e do prazer que ele me proporcionava.

Minhas costas foram arqueadas ainda mais quando ele me puxou pelos cabelos para ficar mais empinada na sua direção.

Augusto entrava em mim e saía quase que por completo, fazendo a estocada ser tão intensa quanto funda. Gemi alto demais, ou, pelo menos, foi o que pareceu, porque tomei mais um tapa na bunda, que já estava dolorida.

Minhas pernas e mãos tremiam, mas não queria que ele parasse. Mesmo com a boceta dolorida, ainda queria que ele continuasse me tomando e me dando aquilo que eu havia pedido.

Foi ainda mais maravilhoso quando Augusto me deitou na cama completamente e se deitou em cima, ainda com o pau enfiado bem fundo em mim, e começou a meter mais devagar, mas com a mesma intensidade. Meus cabelos saíram dos meus olhos graças a ele, que segurou em meu queixo, girando meu rosto por cima do ombro, e me beijou. O resquício de energia que havia em mim foi sugado quando sua língua invadiu minha boca com devassidão.

Os lençóis faziam uma fricção maravilhosa nos meus seios e no meu clitóris, completando os estímulos que eu recebia. Eu sentia tudo em todos os lugares.

— Está demais para você, projeto de vagabunda? — Meteu mais forte. — Já vai gozar, sua vadia?

— Não. — Lutei contra as sensações que estavam me fazendo chegar ao limite.

— Vai, sim. — Meteu mais forte. Mais fundo.

Que delicioso...!

— Dê o seu melhor. — Eu o desafiei, como se não tivesse medo de morrer.

Foi o bastante para que ele saísse de mim e me puxasse para fora na cama, me deixando de pé, mesmo com as pernas bambas.

Sem que eu esperasse, meu rosto estava na cama novamente, na beirada, e acreditava que nunca estive tão

exposta para ele antes.

Senti seu pau bater em meu fundo outra vez e, sem calma, ele foi me tomando.

Suas mãos passavam por minhas costas, minha bunda, mas foi quando chegou ao pescoço que ele me segurou ali e me puxou para si, colando seu peito nas minhas costas, sem deixar de se enterrar em mim por nenhum segundo.

Augusto privou um pouco da minha respiração, e aquilo só deixou tudo mais intenso. Lágrimas brotavam nos meus olhos, meus gemidos baixinhos eram controlados perto do que eu realmente sentia dentro de mim.

— Está gostando de ser punida? É isso o que garotas insolentes recebem. — Uma estocada forte. — Dor. — Mais uma estocada forte. — Olhe como seu pescoço é perfeito para minha mão, Meu Bem.

O aperto se afrouxou, e eu quase implorei para que ele continuasse.

Minhas mãos foram puxadas para trás e senti sua língua pelo meu pescoço, minha orelha, minha nuca e, em seguida, o aperto no pescoço ficou firme de novo, me lembrando do chupão que ele tinha me dado ontem. Estava dolorido *pra* caralho.

Uma batida na porta me fez retesar, mas Augusto não parou de meter, só subiu a mão do meu pescoço até minha boca, tampando-a completamente.

— Se você der um pequeno murmúrio, estamos fodidos. Então fique quietinha enquanto eu como você — sussurrou no meu ouvido, me fazendo arrepiar.

— *Augusto, acorda! Já são dez horas. Você viu a Maria Luiza?*

Bebi ontem e não me lembro se ela ficou aqui ou foi dormir na casa da Ágata.

Meu Deus, era o meu pai.

Contudo, não consegui nem ficar tensa porque meu orgasmo estava tão iminente, que só sentia meu corpo flutuando e a visão turva.

— Ela foi com a prima. — A voz dele estava calma, mas um pouco ofegante. A penetração já não estava tão forte, mas, ainda assim, intensa.

Quero gozar! Preciso gozar!

— *Vai tomar um banho?*

Por que ele continuava ali?

— Sim. Vinte minutos, e eu saio — berrou, conforme descia sua outra mão até meu clitóris, liberando meus braços. — Goze, mas caladinha.

— *Beleza.*

Enfim, meu pai se afastou.

E, finalmente, eu gozei. O pau de Augusto me encheu de porra ao mesmo tempo em que eu era levada por sensações tão fortes que chegava a chorar. Sentia dores, mas eram boas. Minha boceta palpitava e minhas mãos tremiam, completamente sem controle.

Demorou muito mais tempo para que toda aquela onda de sensações passasse, mas Augusto me segurou por todo o

tempo, não me deixando cair. Quando voltei ao mundo real, notava não só um ardor na minha boceta, mas também no meu rosto.

— Por Deus, podíamos ter sido pegos! — sussurrei.

Ele saiu de dentro de mim, já não sustentando mais sua ereção.

Seu gozo escorreu pelas minhas pernas. Não que aliviasse a ardência de alguma forma, mas causava um tipo delicioso de prazer.

— Mas não fomos — rebateu, satisfeito. Virei-me para ele. —

Você foi muito safada.

— E você gostou — concluí, me pendurando em seu pescoço e contendo um sorriso. — Então, isso é o que é uma foda?

— Sim. — Ele me puxou pela bunda, cravando seus dedos em minha carne. — E, pela sua cara, adorou cada segundo dela.

— Adorei. Mas estou muito dolorida.

— Vem, vamos tomar banho antes que dê alguma merda. —

Mas, antes de me puxar junto com ele para o banheiro, completou ao fitar meus olhos: — Você é o segredo mais delicioso que eu já tive.

E, com aquele elogio, entendi que ainda repetiríamos aquela loucura muitas outras vezes.

15
Segredos



AUGUSTO MANCINI

Faz carinha de santa despede do pai

Ele nem imagina o que a filha é capaz

Tem que ser censurado o trupé que ela faz

Luan Santana - Sogrão

Com um sorriso no rosto e uma falta de vergonha na cara, que já me era característica, entrei na cozinha dos Bittencourt como se aquela fosse minha casa. E não deixava de ser. Sempre tive liberdade na casa do meu melhor amigo, mesmo que sua mulher não fosse muito com a minha cara.

Melinda era uma boa pessoa, só que era controladora e rancorosa demais. Meu rápido envolvimento com a irmã dela já iria completar vinte anos e ela simplesmente não conseguia superar o assunto que até mesmo Isadora já tinha superado.

Isadora já era casada, tinha dois filhos e parecia muito mais confortável com minha presença do que a irmã mas, mesmo assim, a esposa do meu melhor amigo não largava a porra

do osso. Era só me ver para a cara de cu aparecer com força.

— Bom dia, padrinho. — Malí foi a primeira a me receber. —

Mamãe está brava porque a Malu não dormiu em casa.

— Será que ela, finalmente, arrumou um namorado? — Maria Julia perguntou, mas parecia que a pergunta tinha sido feita para mim. Aquilo me deixou meio tenso.

Namorado ela não tinha arrumado, mas problemas... Isso, com certeza.

— Ela não está na casa da Ágata? — questionei, me sentando à mesa e tentando parecer o mais tranquilo possível. Nunca me importei com Malu antes, então não poderia mostrar que me importava de repente.

— Dante ligou para lá agora, mas sabe como são essas meninas... Pode ser mentira — a mamãe superchata respondeu.

— Maria Luiza não consegue mentir. — Eu esperava que ela conseguisse, sim, e muito bem. — E, qualquer coisa, você vai colocá-la de castigo, ela vai chorar e tudo ficará bem.

— Ela não pode sumir assim, Augusto.

Ela não sumiu, carma... Só estava na minha cama e gemendo horrores.

— Relaxa, amor. Ela estava com a Ágata. Disse que brigou com o ex e que precisava da Malu. Sabe como nossa filha é, não ficaria bem em não dar certo apoio à prima.

Ela ficaria arrasada, realmente.

Como aquela garota fez para ir até seu quarto sem emitir um único barulho, eu não sabia, mas achava que, se eu consegui ensiná-la a gozar em silêncio, conseguiria ensiná-la a ser um pouco articulada também.

— Padrinho, nós vamos ao cinema hoje? Só eu e você?

Era meu programa com aquela pequena. Pelo menos, uma vez por mês, saíamos juntos e tínhamos um programa só nosso.

— Hoje, vamos todos para a casa da vovó — Melinda avisou.

— É aniversário dela.

— Ah, não...

Desde pequena, Malí sempre foi mais respondona. Muito mais do que Malu ousava sonhar em ser. Se bem que, comigo, aquela peste não tinha papas na língua.

— Semana que vem, você sai com o tio Augusto — Dante disse, amoroso como sempre. — Cara, amanhã, nós temos que rever aquele projeto que o Henrique disse estar dando merda.

— Eu já vi. Vou passá-lo para Maria Luiza. — Senti todos ficarem tensos na mesa. Até a pequena Malí. — Não vou fazê-la chorar. Do jeito que me olham, parece que eu sou um ogro.

— Você é. — Melinda não economizou na sinceridade. — Ela chorou por dias depois da palhaçada que você fez naquela reunião.

Mentirosa, ela ficou tranquila depois daquilo. Ao contrário da mimada da mãe dela, entendeu perfeitamente o que eu

quis fazer e o porquê fiz. Percebi, com certa apreensão, que ela sempre me entendia, mesmo que não concordasse com meus termos.

— Não escuto ninguém encher seu saco por fazer seus estagiários de escravos.

Ela os mantinha sob uma carga horária e pressão quase avassaladoras.

Ninguém ali era santinho. Nem mesmo Dante, que sabia bem ser um demônio quando queria. Éramos todos duros, calculistas e frios. Não éramos os melhores à toa.

— Falando de trabalho no café da manhã de um domingo?

Só a sua voz doce fez meu estômago vibrar. Parecia algo como medo. Ou seria tesão... Ou sei lá que porra era aquela. Mas, de todas as opções, fiquei com o medo. Se aquela garota desse algum mínimo indício do que tínhamos feito, estaríamos os dois fodidos.

— Lavou o cabelo, minha filha? E passou maquiagem? Você odeia maquiagem. — Melinda parecia um gavião em cima da menina.

Mães sabiam quando algo não estava certo.

Bom, a *minha* não sabia, mas, geralmente, elas sabiam. E, tudo bem, Malu passando maquiagem era realmente estranho, mas eu deixei a porra de um hematoma no seu pescoço porque a mordi como o maldito desgraçado que era e deixei uma marca que ainda não tinha entendido como ela conseguiu cobrir.

— Que pergunta é essa? — devolveu, se sentando ao meu lado, mas ignorando minha presença, como sempre fez.

— Ela acha que você não estava na casa da Ágata. — A boca frouxa da filha do meio de Dante disse.

Maria Luiza franziu o cenho diante do comentário de Majú.

— Mãe, por que eu iria mentir sobre isso?

Aos olhos dos pais, ali, ela parecia um anjo. Os óculos de grau, a roupa comportada e até mesmo a vermelhidão das

bochechas... Tudo nela dava a entender que era uma santa. Mas, agora, eu conhecia o outro lado daquela garota e poderia dizer que estava impressionado.

Malu aguentou bem ao estar na minha cama, e eu não tinha pegado nada leve com ela. A garota ainda era praticamente virgem, tinha horas que havia perdido aquele lacre, mas percebi que gostava de intensidade tanto quanto eu. Ela se entregou sem reservas e suportou os tapas e os xingamentos com um sorriso no rosto.

Ela adorou o que eu fiz com ela. E, só por causa disso, fiquei louco para fazer de novo.

Outro ponto que ficou na minha cabeça era como ela era inexperiente, porém nada ingênua. Conhecia bem as mulheres e sabia quando alguém estava se apaixonando, e não era o caso de Malu.

A garota quietinha e tímida, na verdade, estava em busca de problemas.

E em busca de diversão; uma coisa que eu jamais iria negar a ela.

No momento em que a fodia, entendi que ali éramos dois adultos e que estávamos muito conscientes sobre o que

estávamos fazendo, então tudo estava bem. Eu não precisava fingir que era um príncipe encantado, e ela não precisava ser a mesma garota perfeita de sempre.

— Você anda muito diferente.

Sim, gênio... Sua filha já tinha vinte e dois anos, e vocês não a deixavam crescer.

— Está tudo bem, mamãe. Juro. — Como mentia bem a filha da puta. Só pelo jeito que sentou à mesa, eu sabia que não estava bem. A boceta gostosa devia estar ardendo como o inferno. —

Sobrou tudo isso de bolo?

Logo, ela trocou de assunto e continuou me ignorando completamente, o que foi bom e ruim ao mesmo tempo.

Bom, porque ninguém mais desconfiou de nada. Ruim, porque eu já sentia falta dos olhos dela sobre mim.



Verifiquei meu celular pela quarta vez seguida. Todos os meus amigos de balada estavam se arrumando naquele momento para ir ao nosso bar de sempre, mas eu seguia ali, largado no meu sofá com uma bermuda velha e assistindo *Mad Men* pela vigésima vez.

Tinha certeza de que estava vivendo a pior ressaca que eu já tive na vida, e olha que não era de álcool.

Flashes do que aconteceu entre Malu e eu passavam na minha cabeça, e nada de ruim atingia meu corpo. Muito pelo contrário, só sentia ainda mais tesão e uma coisa ainda maior do que isso. Não sabia o que ela havia feito comigo. Talvez, tivessem sido os pedidos ou aquela porra de covinha, que sempre tinha vontade de morder cada vez que ela sorria.

Eu não sabia, mas ela havia me enfeitiçado.

Sentia-me completamente dopado por ela e a um passo de mandar mensagem para aquela infeliz pedindo para que fosse até minha casa só para me dar aquela boceta gostosa de novo. E o pior era que sabia que Malu era tão sem noção que iria. Que, mesmo dolorida, me daria novamente porque, de covarde, ela não tinha nada.

Caralho...

Estava revoltado. Essa era a palavra.

Revoltado!

Como eu estava daquele jeito por uma mulher que mal sabia beijar? Não tinha nenhum sentido. Só podia ser a possessividade de ser o primeiro ou qualquer coisa assim.

Desarrumei meu cabelo e me deitei no sofá, puto e pedindo mentalmente para que aquela agonia louca passasse logo. Não estava gostando nada daquilo.

Maria Luiza, naquele momento, estava jantando com os pais.

Ou, pelo menos, foi o que havia dito na mensagem.

Mensagem...

Eu nunca mandei mensagem para mulheres antes. Meus lances sempre foram por ligação e nunca com muito ímpeto. Nem mesmo com Eva, com quem eu pensei em me casar, tinha a necessidade de trocar mensagens, apenas perguntava sobre seu dia ou seus problemas quando estávamos cara a cara. Mas lógico que, com ela, eu agiria diferente. Aquela fedelha desgraçada havia me enfeitiçado, então, quando me mandou mensagem com uma foto vestindo sua roupa nova, eu respondi tão rapidamente que cheguei a ficar com vergonha de mim mesmo.

O pior não foi nem quão rápido eu respondi, para ser sincero, e sim que corri como um idiota para pegar o celular quando escutei o barulho da notificação. Eu estava parecendo o Dante quando Melinda ligava para ele anos atrás.

Abobado. Parecendo um doente. Obcecado.

Limpei os olhos, me sentando no sofá da minha sala de TV novamente.

— Que porra você está fazendo comigo, Maria Luiza? —

balbuciei ao vento, pegando o celular outra vez.

Verifiquei a porra do celular, vendo a imagem que ela tinha me mandado de novo. Como era linda com aquele cabelo cacheado, os olhos risonhos e as malditas covinhas...

Ainda iria fodê-la admirando aquelas covinhas.

Eu tinha algumas horas para colocar aquela merda de cabeça no lugar. Não poderia mudar com ela dentro da MB. Afinal, ainda era seu chefe e ainda era meu dever ensiná-la tudo o que eu sabia.

Ainda era minha obrigação treinar aquela garota para ser a melhor arquiteta que ela poderia ser.

Proibi-me mentalmente de transar com ela na empresa, mesmo querendo muito, e de deixar explícito como ela poderia ter tudo de mim. Ela não poderia.

Eu ainda era eu.

Ela ainda era ela.

Além do tesão filho da puta que sentíamos, nada entre nós poderia mudar.

Outra coisa era que ela não poderia, de forma alguma, dar a entender que estávamos juntos. Primeiro, porque era antiético *pra* caralho o que estávamos fazendo e, segundo, porque eu genuinamente não queria perder meu melhor amigo.

Sim, eu sabia que tinha ficado com a filha dele, mas ele não precisava saber. Assim como nunca soube que cheirei pó aos dezoito e como eu realmente fiquei com a namorada do irmão dele em uma vida onde ainda não era casado com o amor da vida dele.

Segredinhos que eu escondia de Dante somente para que ele não se enchesse de mim e saísse da minha vida.

Podia não parecer, mas eu me importava com ele. Muito.

Não era o que diziam? O que os olhos não vissem, o coração não sentiria.

E foi por isso que mandei uma mensagem para Malu, explicando sobre os nossos passos. Nada poderia dar errado. Nada.

Augusto:

Amanhã, eu ainda serei seu chefe. Nada mudou, ok?

Maria Luiza:

Para você deixar de ser meu chefe, só se fosse demitido...

O que jamais será, né?

Como era abusada. Uma cretina.

Augusto:

Você entendeu.

Maria Luiza:

Comprei calcinhas novas. Fio dental.

E, ainda, para acompanhar a mensagem, ela mandou a porra de uma figurinha de uma garota brincando com os dedos.

Inocente...

Augusto:

Não as use no trabalho. Por favor.

Maria Luiza:

Você não manda em mim.

Faltou só mostrar a língua e sair correndo para completar a mentalidade de criança.

Olha que merda você está fazendo, Augusto... Olha a merda, caralho!

Augusto:

Se usar, eu vou te foder na minha mesa, Maria Luiza.

Não estou brincando.

Maria Luiza:

Só para você saber: na segunda, vou usar uma verde.

Beijos, Augusto. Até segunda.

Aquela garota iria acabar comigo!

Joguei o celular longe sobre o sofá e fui direto para o chuveiro gelado, numa tentativa falida de apagar tudo o que queimava no meu corpo.

De todas as possibilidades que eu tinha, escolhi a pior.

Escolhi continuar pecando.

Escolhi manter meu segredo e saciar meu desejo.



MARIA LUIZA BITTENCOURT

Complicada e perfeitinha

Você me apareceu

Era tudo o que eu queria

Estrela da sorte

Raimundos - Mulher de Fases

Eu sempre chegava na empresa antes do meu chefe. Ordens dele. E, apenas por isso, parei de pegar carona com meus pais e comecei a ir com Ágata todos os dias.

Eu era um horror na direção e, se juntasse meu sono e meus problemas em conseguir estacionar, eu chegaria no trabalho atrasada, então seguia tendo que aguentar o mau humor da minha melhor amiga às sete da manhã, mas poderia ser pior. Ela poderia estar fazendo perguntas.

Perguntas que eu não estava a fim de responder.

Perguntas que, depois de um gole de café, seriam inevitáveis.

Ágata dirigia como se ainda esperasse a alma voltar para o corpo. Já eu me sentia agoniada no banco ao lado. Ela morava no mesmo condomínio que eu, então nunca tive problemas com atrasos ou coisas assim, menos naquele dia. Naquele dia, fiquei nervosa durante a escolha da calcinha e quase perdi minha carona.

Sentia-me estranha. Nunca fui dada a ser tão oferecida antes.

Se fôssemos sinceros, nunca fui dada a ficar tão exposta para alguém, mas Augusto me dava a liberdade de ser

assim. Não ele, exatamente, mas talvez o que eu sentia por ele.

Tesão.

Achava que tesão poderia ser libertador, no final das contas.

Pelo menos, era o que parecia, já que eu estava usando uma calcinha verde enfiada na minha bunda e rezando para que meu chefe fizesse o que tinha prometido para mim e me comesse em cima da sua mesa.

Minha boceta ainda estava sensível e, depois de dormir com uma pomada para assaduras, eu torcia para que ela desse conta do meu fogo, já que, aparentemente, era infinito. Só de pensar nas mãos de Augusto em mim, me fazia suspirar...

Não de paixão, de jeito nenhum. Aquilo era apenas desejo.

Eu tinha certeza.

Augusto nunca me perguntou, mas, talvez, se tivesse, iria saber que eu também nunca me apaixonei e achava que, assim como ele, tinha nascido com defeito de fábrica. Vi Ágata se apaixonar pela primeira vez por um garoto da nossa sala durante o colegial e presenciei quando ele quebrou seu coração. Eu a vi ficar com Jonas pela primeira vez e se afastar dele. Eu a vi cair em queda livre por Sebastian Sinclair na faculdade durante o intercâmbio e se espatifar no chão, como várias outras garotas. Mas não poderia mentir, nunca a compreendi totalmente porque jamais passei pelo mesmo.

Meu coração nunca bateu mais forte por ninguém, nunca fiquei obcecada a ponto de olhar todas as redes sociais,

nem mesmo de chorar no banho escondida para ninguém escutar.

Por muitas vezes, me sentia como um peixe fora d'água porque, mesmo sabendo que o amor existia, achava que nunca iria conseguir amar alguém. Talvez, eu fosse muito pessimista ou, sei lá, só nunca tivesse conhecido o cara certo. Mas o fato era: eu poderia até ser sensível demais, movida por sentimentos que nem sempre deveria escutar, mas nunca me apaixonei e achava pouco provável que me apaixonaria pelo melhor amigo do meu pai.

Era um desastre, mas burra, eu nunca fui. Apaixonar-me por Augusto seria pedir para sofrer. Um sofrimento o qual não estava nem um pouco a fim de enfrentar.

Ele era egoísta e, além disso, jamais se apaixonaria por mim.

Jamais me assumiria.

Estava entrando naquela história muito consciente do que estava fazendo. Ele não era um príncipe encantado, era um crápula.

Um lindo e gostoso crápula. E estava satisfeita em entregar minhas primeiras vezes, mas não meu coração. Isso, nunca.

— Então, quando vai começar a falar sobre onde você estava e porque eu tive que mentir para sua mãe em pleno domingo de manhã? Sabe que odeio falar com ela logo cedo — Ágata disse, ainda olhando para o trânsito, com o copo de café da sua cafeteria favorita em mãos.

— Que tal quando seu mau humor passar? — devolvi, sorrindo e torcendo para que ela não me matasse.

— Você deu para o Augusto, Maria Luiza? — indagou, sem nenhuma paciência.

— O quê?! Como você sabe?!

— Se eu não soubesse, agora saberia... Gênia! — Revirou os lindos olhos castanhos.

— Não me respondeu. — Tentei fugir da sua confrontação.

— Sempre teve uma coisa nele que eu nunca entendi. —

Bebeu um gole do seu café, logo deixando o copo no suporte. — E, antes que você negue, pode ir parando. Eu te conheço melhor do que qualquer um. Você sempre admirou o Augusto, mesmo tendo medo dele, e o defendia quando falávamos sobre ele. Defendeu, até mesmo, quando ele te humilhou na frente de todo mundo.

— Ele estava me dando uma lição. E eu realmente podia ter feito um trabalho melhor.

Sabia daquilo no momento em que finalizei meu projeto.

Era fácil ser a melhor e, às vezes, ficava acomodada porque tudo o que eu fazia era bom e aprovado. Sempre. Augusto me tirava da zona de conforto. E eu gostava disso. Aliás, o respeitava muito por causa disso.

— Viu? É exatamente por isso. Além de você sempre olhar para ele como se quisesse ser comida. Eu te conheço, nunca senti desejo por ninguém que transbordasse em seus olhos e, por ele, fica tão na cara que chega a ser assustador. — Ela virou o volante um pouco para a direita, saindo do nosso condomínio. — E ele te

olha da mesma forma. Era uma questão de tempo até você cair na cama dele.

— Está tão na cara assim? — questionei. Sirenes tocavam na minha cabeça. Se ela percebia com tanta clareza, talvez mais pessoas percebessem também.

— Para os seus pais, claramente, não está. Eles te veem como uma santa, e o Augusto como um demônio que jamais olharia para você. Meus pais estão na mesma, eu dei uma conferida.

— Eles sabem que eu não dormi na sua casa?! — quase berrei.

— Lógico que não. Falei que você dormiu e logo foi embora.

Mas imagina se eu tivesse falado que estava na sua casa?

Estaríamos fodidas. — Minha melhor amiga estava sendo uma chata, mas não estava errada.

— Bom... Deu tudo certo, no final das contas.

— Você realmente perdeu a virgindade com Augusto? — Quis confirmar, erguendo as sobrancelhas, como se a situação a apavorasse completamente.

— E o BV também... — Senti meu rosto esquentar de vergonha.

— Primeiro, eu preciso de detalhes. Depois, preciso de explicações. O Augusto? Uma escolha tão louca quanto a minha de trepar com o Jonas de novo.

— Mas eu não amo o Augusto...

Fui cortada no mesmo segundo.

— E eu não amo o Jonas.

Claro. E o Papai Noel existe.

Ágata consumia minha paciência com aquela história de não amar o cara que sempre rondava seus pensamentos.

Sim, ela até se apaixonou por outros, mas sempre voltava para ele.

Sempre ele.

— Não sei o que aconteceu comigo, eu só me senti confortável o bastante na presença dele para pedir que me ensinasse a ser mais como ele.

— Uma idiota, então — concluiu com um cinismo que lhe era característico.

Revirei os olhos.

— Ele não é tão ruim. E, sim, ele tem desejo por mim, mas achei que não iria fazer nada a respeito disso. Não sei... Pensando agora, as coisas só foram acontecendo.

Eu o desejei cada vez mais, e ele foi cedendo a mim com a mesma intensidade. Só aconteceu, e eu não estava arrependida.

Muito pelo contrário, estava muito feliz.

— Eu estou bem. Eu quis, Ágata. Fui atrás dele, desci até o quarto onde estava e pedi. Tudo fui eu. E não me arrependo —

contei, de forma sincera.

— Meu Deus, você deu... — Solto uma risada incrédula. —

Você deu e é desapegada!

— Bom, eu peço beijos e, às vezes, faço biquinho para consegui-los, mas... Sim, acho que sou meio desapegada. — Dei de ombros.

— Amiga, acho que você é o carma do Augusto. — O sorriso que estampava seu rosto chegava a ser diabólico.

— Por que diz isso?

Às vezes, eu tinha dificuldade de acompanhar a mente mirabolante da minha melhor amiga.

— Porque, finalmente, o Augusto tem uma mulher na cama dele que quer apenas o corpo dele, não o coração.

Como pode alguém ter a mente tão maligna quanto essa?

— Ele já deve ter tido mulheres que não se apaixonaram por ele, Ágata. Me poupe...

— Se ele teve, me apresente porque eu só sei de histórias onde ele esmaga o coração delas. Seja pela grosseria ou por pedidos de casamento descabidos.

Opa, aquela história era nova para mim.

— Quem ele pediu em casamento?

— A Eva. Pediu em casamento, mas disse que não a amava.

No mesmo dia.

Por Deus, como era idiota...

E gostoso.

— Nossa, ele é um idiota.

— Sim, mas eu te conheço. Você é fofa e parece ser toda emocionada, mas também sabe ser fria como ninguém. Não é à toa que nunca sofreu por algum babaca qualquer.

— Está me dizendo que confia que eu não irei me apaixonar por ele?

— Estou dizendo que tenho certeza de que ele irá se apaixonar por você, mas você não irá se apaixonar por ele.

E foi ali que ela acordou de um sonho muito gostoso.

— Ninguém irá se apaixonar, ok? Iremos só nos divertir. Ele irá me ensinar algumas coisas e, finalmente, estarei apta a conhecer o amor da minha vida e parar de pensar em como sou estranha e solitária para ter algum relacionamento.

— Vamos ver... Mas eu nunca erro.

Spoiler: ela sempre errava.

— E o Jonas, hein? — Mudei de assunto, cutucando um pouquinho sua ferida.

— Você acredita que caí no papo dele? De novo.

Claro que acreditava, porque ela amava aquele cara. Porém era teimosa demais para aceitar.

— Você não caiu no papo dele, você o quer. É diferente — rebati.

— Tanto faz, mas preciso sair com outra pessoa. Preciso deixar o Jonas para lá.

— Por que não tenta fazer dar certo? Você o ama, Ágata.

— Você sabe que não quero um relacionamento. Não com alguém que não tenho certeza se me ama na mesma intensidade.

— Foi a primeira vez que a escutei admitir, mesmo que de forma indireta, que amava o Jonas.

Sendo assim, o assunto foi encerrado porque o que eu tinha para falar, ela ainda não estava pronta para escutar.

Eu poderia jurar que Jonas a assumiria, se soubesse que ela o amava. Mas aquela história não era minha. Eu não tinha muito o que fazer perante as decisões dela. E Ágata sabia o que era melhor para si. Se ela achava que o melhor era correr de Jonas, acreditava



nela. Não era como se eu soubesse o que fazer naquelas situações, afinal.

Tudo que eu sabia era sobre desejo, não sobre amor. E

esperava que continuasse assim pelo tempo que estivesse dando meu corpo ao crápula em pessoa.

Já eram quase oito horas da noite quando decidi ser imprudente.

Augusto correu de mim como o diabo fugia da cruz naquele dia, tudo porque, logo quando chegou de manhã, quis saber qual era a calcinha que eu estava vestindo.

“Você está vestindo a porra da calcinha verde, Maria Luiza?”

Sua voz soava como um trovão dentro da sala.

“Sim, por quê? Quer ver?”

Devolvi, com um sorriso travesso.

E foi o bastante para que ele se virasse e saísse da sala com passos firmes e audíveis.

Como era dramático...

E, desde então, ele se enfiou em qualquer lugar que não fosse na nossa sala, tudo para não me ver e fazer o que tanto queria comigo.

Por um lado, eu o achava fofo. Estava respeitando as regras e me respeitando também. Por outro, achava que ele estava sendo um idiota. Era só uma foda no escritório, afinal. Se me recordava bem, há uns anos, a namorada dele era uma de suas secretárias.

Duvidava muito que ele não a tivesse comido em cima de sua mesa.

As coisas que ele faria comigo em cima daquela mesa...

Maria Luiza:

Chega a ser falta de educação você nem ver a calcinha que eu estou usando.

Deixou minha bunda uma gracinha.

Ele respondeu minha mensagem no mesmo segundo.

Augusto:

Você é uma peste.

Maria Luiza:

E você é um covarde.

Mas, é sério, já imaginou a calcinha?

Bem melhor do que a sem graça que usei no fim de semana.

Augusto:

Não faça isso comigo. Estou em uma reunião com sua mãe.

Maria Luiza:

Ficou de pau duro?

Soltei uma risada, imaginando a cena.

Pobre Augusto... Eu iria atormentá-lo só para fazê-lo pagar por todas as vezes que me fez chorar por causa da sua cara de mau.

Augusto:

Quando eu te pegar, vou dar uma surra nessa sua bunda magrela e te deixar sem gozar por dias!

Maria Luiza:

Duvido.

Você é tipo o Gus, do Meu Malvado Favorito. Parece ruim, mas, na verdade, é super mole e bonzinho.

Augusto:

E eu lá parecia bonzinho enquanto te enforcava e socava meu pau em você, Maria Luiza? Sua boceta ainda deve estar toda assada, e você fica pedindo por mais. Cadê a garota tímida que eu conhecia?

Maria Luiza:

Você gozou dentro de mim, Gus. Não é como se não fôssemos íntimos o suficiente para que eu me sinta à vontade com você.

Augusto:

Pare de me chamar de Gus. Imediatamente.

Ah, se ele soubesse como eu estava amando tirá-lo do sério naquele momento. Antes, eu chorava por cima quando aquilo acontecia, agora, chorava por baixo.

Maria Luiza:

Só se me fizer gozar. Com o seu pau.

Soltei uma gargalhada, imaginando como ele devia estar putô.

Logo aproveitei para pegar minhas coisas e ir embora com Ágata.

Uma coisa era brincar, outra muito diferente era aguentar as consequências disso.



AUGUSTO MANCINI

Me prenda, me abraça e não saia

Aceito esse emprego de cobaia

Luana Prado - Cobaia

Acordei puto.

Puto e de pau duro.

Aquela fedelha desgraçada conseguiu a proeza de me emputecer por causa do meu tesão. Poderia dizer que era a porra de um recorde, já que, quando se tratava de sexo, eu raramente ficava bravo. Mas, até em relação ao melhor assunto de todos, ela conseguia me tirar do sério.

Ajeitei-me à minha mesa, conferindo o horário em meu relógio de pulso e esperando a infeliz aparecer.

Sabia que ela geralmente chegava à empresa às sete e meia, antes mesmo do que eu, como mandei no seu primeiro dia ali. E

quem a via cumprindo tal ordem, não percebia que, dentro daquela mente, vivia um capeta enrustido em pele de

cordeiro.

Acordei mais cedo do que meu habitual naquele dia sentindo uma dor incontrolável nas bolas, o que me fez tomar um banho gelado, pular a academia e ir direto para o escritório para encontrá-la e pedir, com toda minha elegância e educação, que me desse aquela boceta gostosa e aliviasse a ereção que me causou.

A luz foi ligada e uma Maria Luiza completamente alheia adentrou a sala, mexendo no celular um tanto concentrada enquanto, provavelmente, conferia os e-mails, já que era sempre naquele horário em que ela respondia os meus.

Naquela terça-feira, ela estava com uma saia azul-escura que ia até os joelhos e era toda colada em seu quadril, combinando elegantemente com a blusa vermelha de seda. Os cabelos estavam presos como sempre, mas logo estariam soltos e sobre mim. Afinal, adorei me enfiar neles. Da textura ao cheiro, os cabelos cacheados dela me enlouqueciam.

— Maria Luiza... — eu a chamei, fazendo com que tomasse um susto, pulando para trás e quase caindo de bunda no chão, mas conseguiu se segurar em sua própria cadeira.

Ela era mesmo um desastre, mas que, ao contrário de poucas semanas, não me deixava mais irado, e sim de pau duro. As voltas que o mundo dava...

— Cacete, Augusto! Que susto! — praguejou, ofegante.

— Bom que se sinta assustada, porque eu mesmo estou puto

— proferi sério, cruzando minha perna esquerda sobre a direita. —

Sabe como é dolorido dormir de pau duro, sua fedelha do caralho?!

— Levando em consideração que eu não tenho um pau, não

— respondeu simplesmente, ao largar suas coisas em cima da sua mesa de qualquer jeito, sem sensualidade nenhuma. E aquilo só fez meu pau endurecer mais.

O jeito destrambelhado dela me deixava à beira do limite.

— Maria Luiza... — Ela ofegou diante do meu chamado. —

Venha aqui. Agora.

— Pede *por favor*.

O sorriso cretino que ela tinha nos lábios só me irritou mais.

— Vem aqui, vagabunda. — Cerrei meus olhos, rezando para que ela seguisse, pelo menos, essa ordem. Porque, até mesmo o projeto da semana passada que eu tinha pedido para o dia anterior, ela não havia entregado ainda.

— Se eu não for, você vai fazer o quê? — Arqueou uma de suas sobrancelhas e cruzou os braços, ainda parada no mesmo lugar.

Respirei fundo.

— Por favor, seja boazinha. Venha aqui, se ajoelhe e abra essa boca esperta. Vou te ensinar como se chupa um pau.
— Minha resposta exausta fez com que ela, finalmente, se movesse.

Virei minha cadeira — que, graças a ela, era nova —, e abri as pernas, observando-a se ajoelhar para mim com o rosto

sério e avermelhado. Nem mesmo a maquiagem conseguia tampar o quanto estava com vergonha.

— Por mensagem, você é tão valente, não é, minha putinha?

— Acariciei seu queixo, elevando-o em minha direção. — Quer aprender a chupar um pau, Maria Luiza?

— Quero.

Pude senti-la tremer levemente sob meus dedos.

— Está com medo, Meu Bem? — Meu polegar passou pelos seus lábios gostosos e entreabertos, que eu ainda nem tinha beijado naquele dia, mas, apenas para puni-la, não iriam ser bem tratados.

Não quando ela havia feito de tudo para me tirar do sério.

Não quando ela, claramente, gostava do meu lado filho da puta.

— Não sei fazer isso, mesmo querendo fazer...

A ponta da sua língua tocou levemente meu dedo e foi o suficiente para saber que ela me faria gozar com facilidade.

— Primeiro, você precisa desabotoar minha calça. — Olhei para minha calça que, por coincidência, era do mesmo tom de sua saia. Meu pau já pressionava o zíper, buscando alívio.

Eu poderia ter batido uma.

Poderia até ter buscado outra boceta. Seria tão fácil.

Mas eu não quis.

Como uma criança birrenta, coloquei na cabeça que a queria e apenas ela seria capaz de aliviar o meu desejo.

Com as mãos trêmulas, Malu desabotoou meu cinto marrom e, com muita calma — até demais para o meu gosto —, abriu o botão e, logo em seguida, o zíper. A imagem dela me olhando com aqueles olhos verdes enormes por detrás dos óculos enquanto tirava meu pau para fora da cueca me fez salivar. Prometi a mim mesmo que não iria beijar a boca dela, mas caí em tentação e a beijei mesmo assim.

Enquanto enfiava minha língua com raiva em sua boca, puxei o elástico de seu coque, liberando os cachos e permitindo que

caíssem livremente em suas costas. O beijo se encerrou comigo mordendo seu lábio inferior como se tivesse com fome.

E eu estava. Com fome dela.

Com fome e com saudade da sua boceta melada. A mais gostosa que eu já havia comido.

Escorei na cadeira novamente e deixei que ela encarasse meu pau, tocando-o. Conhecendo-o de maneira curiosa e lenta.

— Não vou conseguir colocá-lo inteiro na boca — soltou, envergonhada.

— Tenho vinte e quatro centímetros, ninguém consegue. — Fui sincero. Não tinha o porquê exigir uma coisa da pobre garota que ela jamais iria conseguir fazer.

Um pau tão grande tinha seus benefícios mas, na maior parte do tempo, trazia malefícios. Nunca conheci uma

mulher que conseguisse recebê-lo inteiro na boceta, além de um boquete bem-feito. Com um pau daquele tamanho, beirava à utopia. E nem podia culpá-las, não devia ser mesmo muito confortável receber algo tão grande em seu corpo.

— Meu Deus... — Enquanto ela me observava mais de perto, peguei em sua mão, ajudando-a a me masturbar com calma e sentindo um alívio imediato que fez até mesmo meus ombros caírem. — Gosto de escutar seu gemido.

— Vai escutá-lo ainda mais quando colocar meu pau na sua boca.

E, como uma boa garota, ela colocou.

Primeiro, passou a língua pela cabeça do meu pau. De forma inexperiente, o circulou com os lábios e depois chupou o mesmo ponto, e eu poderia jurar por Deus que vi estrelas no mesmo momento.

O movimento, por mais que fosse pequeno e nada intenso, arrepiou meu corpo inteiro, me fazendo trincar o maxilar. Tomei seus cabelos em minha mão, segurando perto do couro cabeludo e tentando ter autocontrole o suficiente para ensiná-la a fazer aquilo sem que eu gozasse muito rápido no processo.

— Use a mão para me masturbar onde sua boca não alcança

— comandei. — E me engula até onde você conseguir. Não use os

dentes. Só quero língua e lábios, ok?

Sua resposta foi fazer exatamente o que eu pedi, me engolindo com calma em sua boca quente e molhada. Minhas pernas se tensionaram e meu pau pulsou com o estímulo delicioso.

Demorou um tempo até que se soltasse e chupasse com mais avidez, mas, aos poucos, ela foi. Sua boca esperta me sugava ao passo que a mão a seguia. Deixei que fizesse como queria, e como conseguia, recebendo qualquer coisa que ela tinha para me dar porque, se fosse para ser sincero, qualquer coisa seria suficiente para que tirasse o melhor de mim.

Não sabia o que me deixava mais louco: seus olhos ou sua boca.

Por um momento, tudo o que eu via era sua imensidão verde, que me admirava e seduzia de um jeito tão maluco que me perdi nela. Foi como se, naqueles minutos, tudo o que existia no universo era eu, ela e nosso pequeno instante de depravação. Porque Malu podia ser muitas coisas, mas, ali, conforme levava meu pau em sua linda boca, era apenas uma devassa que estava amando receber uma boa lição.

Empurrei um pouco mais, ajudando-a a me receber. Senti sua língua deslizar por todo o eixo e gemi um pouco mais descontrolado do que antes. O ritmo começou a se intensificar. Ela, ora ou outra, se permitia usar os dentes que, para minha surpresa, só intensificou ainda mais meu prazer.

Ela não era perfeita, mas era tão boa que estava me fazendo querer gozar em poucos minutos, mas não me entreguei. Fiquei na borda do orgasmo iminente, só observando sua saliva escorrer pelo canto de seus lábios ao passo que me provocava a ponto de todos os meus músculos estarem completamente retesados.

Meu coração martelava, e era exatamente o bendito que eu estava deixando fora da equação por todo o momento. Eu

sempre fui bom em ignorá-lo, então não seria naquela ocasião que faria algo diferente.

Não seria ela que faria isso mudar.

Não seria ela que o faria bater mais forte pela primeira vez.

Completamente atordoado diante daqueles olhos, desisti da minha ideia de deixá-la sem orgasmos. Desisti da ideia de gozar em sua boca.

Queria aquela sua boceta. E queria já.

— Chega. Deite-se na mesa, vou te foder. — Seu olhar passou de arregalado para risonho em poucos segundos e, calada, como nunca tinha ficado antes, ela me obedeceu, debruçando-se sobre a mesa. — Eu fico louco quando me obedece...

Levantei-me da cadeira e me aproximei, tirando seus cabelos das costas, beijando sua nuca e arrancando um gemido sofrido de sua boca avermelhada. Completamente usada.

— Minha boceta está dolorida de tesão — gemeu baixinho, quando puxei sua saia para cima, deixando-a embolada na cintura e a bunda empinada em minha direção.

A calcinha preta, simples e de linho era bem diferente do que eu tinha imaginado no dia anterior, mas nem me importei. Foderia Maria Luiza até mesmo se ela estivesse com uma calcinha enorme e bege. Nunca liguei muito para essas merdas mesmo, minhas parceiras não duravam muito com a porra da calcinha no corpo.

Desci o tecido por suas pernas, puxando-o de qualquer jeito, e Malu deu uma reboladinha para me ajudar a tirá-lo do seu

corpo.

Com os pés ainda dentro dos saltos, chutou a calcinha para o lado, voltando a ficar empinada para mim.

— Você perdeu seu presente ontem... — ofegou baixinho, assim que passei o dedo médio na sua boceta vermelha e quente, louca para me receber.

— Seu problema, Maria Luiza, é esse inferno de boca que não sabe ficar fechada... — Deslizei meu pau sobre sua bunda, deixando-a necessitada por mim.

Um dia, eu ainda foderia aquela bunda.

— Vai gozar dentro de mim de novo? — murmurou contra os meus papéis sobre a mesa. Ela iria foder meus projetos, mas eu não estava nem ligando. Só pensava em entrar nela e liberar aquele orgasmo o quanto antes.

— Você quer?

Deus quisesse que sim, porque eu estava louco para ver aquela boceta toda melada com meu sêmen de novo...

— Quero. — Empinou-se toda para mim. — Vai, Gus! Mete em mim.

Dei um tapa estalado na sua bunda sem nenhuma misericórdia e, no mesmo segundo, a penetrei. Não fui lento nem cuidadoso.

— Ai... — gemeu deliciosamente. — Ainda estou ardida.

— Ainda está ardida e pedindo pelo meu pau, Maria Luiza? Vê como é uma puta?

Ela me lançou um sorriso por cima do ombro.

Eu amava aquilo.

Amava que ela fosse minha putinha e gostava de ser.

Iria comer tanto aquela garota, que chegaria um tempo em que seu corpo iria me receber por completo, por puro costume.

— Sua puta...! — Amassou um dos papéis com a mão quando estoquei mais forte, em um vai e vem mais intenso do que tinha imposto antes. — *Minha*. — Soquei mais um pouco. — Até o tempo que *eu* quiser.

— E que *eu* quiser. — Mais um tapa. — Caralho, Augusto...!

— Olha a boca...! — Segurei seus cabelos da nuca com firmeza, impulsionando mais minha pélvis contra a dela, ainda tomando cuidado para que não entrasse mais do que ela dava conta de aguentar. — Quer que a empresa toda saiba que você é uma vadia, Maria Luiza?

— Não... — gemeu de maneira sofrida, mas, quando eu fiz iminência de parar, ela projetou mais sua bunda contra mim, me recebendo novamente.

Malu gostava de sexo dolorido, suado e intenso.

Uma combinação perfeita para permanecer na minha cama.

— Então, quietinha. — Segui metendo, ficando completamente louco com a sensação de aperto que ela me proporcionava.

Sentia meu corpo inteiro formigar, dos pés ao couro cabeludo, e a pressão embaixo do meu umbigo ficava maior a cada segundo.

Chegava a ser dolorido segurar o gozo por tanto tempo.

A boceta de Malu palpitava ao meu redor, me levando ao misto de agonia e prazer, o que fazia meu corpo suar em combustão.

Trepar com aquela garota me fazia descer ao inferno e gostar de cada minuto daquela porra. Desci uma das mãos e, em movimentos circulares leves, toquei seu clitóris, levando-a a reagir na hora.

Entregamo-nos loucos ao orgasmo, deixando que ele sugasse até o último resquício de nossas energias.

Enquanto eu enchia sua boceta de porra, ela revirava os olhos e amassava meus papéis, gemendo tão baixinho que chegava a engasgar. Foi lindo vê-la naquele estado.

Continuei metendo devagar até que seu orgasmo passasse e eu voltasse ao planeta Terra. Saí de dentro dela, observando no mesmo segundo meu gozo espesso escorrer de dentro da sua boceta. A visão fez meu pau acordar um pouco, mas logo me controlei. Ela estava dolorida, e seria até pecado pedir para que fizesse mais alguma coisa comigo.

Como se não fosse pecado o suficiente que ela estivesse dando para mim...

— Nossa, isso foi intenso... — disse, levantando-se da mesa e logo fazendo uma careta ao ter que se abaixar para pegar sua calcinha do chão.

— É para deixar meu gozo escorrendo pela sua boceta. Quero que fique com meu cheiro, que se lembre de mim a cada maldito minuto do dia — bradei, limpando meu pau

com o lenço de papel que ficava em minha gaveta de artigos pessoais.

— Você não está...

— Estou, sim. Falando bem sério. — Olhei em seus olhos, meu tom de voz rude. — Quero que, a cada passo que der hoje dentro desta empresa, lembre-se do que fez e a quem essa boceta pertence.

— Augusto... — Ela estava boquiaberta.

— E, enquanto esse caso durar, somos exclusivos. Ok?

Malu mordeu o cantinho do lábio inferior.

— Você será exclusivo a mim também? — Pareceu ainda mais em choque.

— Sim. Estou te comendo sem camisinha, Maria Luiza, acha que eu te colocaria em risco? E não quero que me coloque em risco também.

Além da vontade de querer socar qualquer filho da puta que toque em você.

Não queria que ela recebesse mais ninguém no meio das pernas, nem que tomassem seus beijos. Por ora, eles eram meus.

— Um ótimo ponto. — Arrumou sua saia. — Isso é um pouco desconfortável, estou melada demais.

— Bom. Desconfortável é bom. — Beije seus lábios, depois a pontinha de seu nariz. — Vai entender como fiquei desconfortável nessa madrugada.

— Como você é malvado... — Sorriu.

Desferi um tapa na sua bunda, me segurando para não puxá-la para mim mais uma vez.

— Você gosta, Meu Bem. — Sabia que me adorava. — E, antes que eu me esqueça, vamos para o Guarujá no meu aniversário.

— Está me convidando para as suas festas loucas que minha mãe sempre proibiu meu pai de ir? — indagou, um pouco assustada.

Em defesa de Melinda, ela tinha razão em não liberar o Dante para ir às minhas festas. Nenhuma esposa queria o marido em uma orgia.

— Não, seremos só nós dois. Dê um jeito de ser liberada, mas em segredo.

— Isso é fácil. — Deu de ombros. Antes de se virar e ir para sua mesa, Malu me olhou. — Estou ficando viciada em você, Augusto.

A sinceridade dela ainda iria me matar.

— Que bom. Porque eu já estou completamente obcecado por você e por essa sua boceta gostosa.



MARIA LUIZA BITTENCOURT

Meu estilo é clássico, amor pra poucos

Meu humor é ácido

Manu Gavassi ft. Gloria Groove - Deve Ser Horrível Dormir

Sem Mim

— Falou para o seu pai que ia viajar com a Ágata? — Augusto quis confirmar, segurando o volante de sua *Mercedes* com uma carinha de poucos amigos, mas que quase me fez sorrir.

Como podia um homem ser tão mal-humorado como ele?

— Era a desculpa perfeita. Ela foi para Salvador com um grupo de amigos. — Inclusive, me jurou que não iria sentar no Jonas, como se eu fosse cair naquele papo. Ela era iludida, mas eu não. —

E eu disse que ia também.

— Seu pai me encheu o saco a semana inteira por causa disso. Dante precisa se tocar que você cresceu. Às vezes, acho que ele esquece que você tem vinte e dois anos — murmurou, realmente irritado.

— Dá um desconto para ele... Faz dois anos que ele não passava meu aniversário comigo, e esse ano era uma chance. Por causa da viagem, ele perdeu isso. — Passei a mão por sua perna musculosa, que naquele dia estava parcialmente de fora, graças à bermuda bege que usava.

— Nem me lembre dessa porra. Ele passou os últimos dois anos numa choradeira por perder seu aniversário. O meu mesmo, ele nem ligava mais de perder.

Precisava confessar que não me lembrava que fazia aniversário tão próximo de Augusto. Ele era do dia sete de setembro, já eu era do dia nove. Talvez fosse por isso que ele nunca tivesse comparecido a uma única festa de aniversário minha. Estava ocupado demais em suas festinhas.

— Ele é um bom pai... — Encostei-me no banco, sorvendo a imagem daquele homem dirigindo.

As veias salientes nos antebraços, os dedos longos que seguravam firmemente no volante, além dos olhos cobertos por óculos de sol e que o deixavam tão sexy quanto ficava em seus ternos.

Não dava para negar que era um homem bonito. Tão bonito quanto imponente, mas não era só sua beleza que o fazia ser tão sedutor. Era sua presença. Augusto Mancini era o tipo de homem que não só víamos, como também sentíamos.

— Seu pai é o melhor. É muito sortuda por tê-lo — confessou, tranquilo.

— Nunca entendi como podem ser tão amigos. São tão diferentes.

— Acho que é justamente por isso que somos tão amigos. Seu pai é minha consciência, e eu sou sua leveza. Ele me obriga a ser uma pessoa mais certinha e eu o obrigo a se divertir.

Falar do meu pai me dava certo amargor na boca. Eu o conhecia muito bem e sabia que ele jamais aprovaria meu envolvimento com Augusto. Não suportaria ver a decepção em seu olhar, se soubesse da verdade. Mas isso, ainda assim, não me fez parar.

— Como você obriga o Senhor Bittencourt a se divertir? —

indaguei, curiosa. Sabia que havia muitos lados do meu pai que eu não conhecia.

Papai era um cara muito parceiro, presente e completamente apaixonado por mim e pelas minhas irmãs, mas se levava a sério demais. Nunca o vi brigar com a minha mãe ou xingar em nossa frente. Nas festas, sempre bebia pouco e, ao contrário de Augusto, não fumava nada. Nem cigarro, muito menos charuto.

— Vamos ao Morumbi quando tem algum jogo interessante.

Meu pai e Augusto eram são paulinos roxos e viviam brigando com os outros colegas por futebol.

— No caso, toda quarta-feira. Ou, pelo menos, é o que minha mãe fala.

— Sua mãe exagera. — Deu uma risada irônica. — Mas, desde que você voltou ao Brasil, não fomos mais. Ele realmente estava com saudade de você. Toda semana, o pegava olhando para alguma foto sua, como se tivesse morrido ou algo assim. Dante é dramático demais.

— Não fala assim! Ele é preocupado. E eu gosto, sabe, do jeito que ele cuida de nós, se preocupa e sempre está presente. — Olhei para a rodovia, evitando um pouco a imagem de Augusto. — Gosto de como ele faz café da manhã para nossa família e sempre sabe o que dizer quando estou com problemas, além, é claro, de saber tudo sobre mim.

Ou, pelo menos, sabia. Até eu beijar a boca de Augusto pela primeira vez. Depois disso, fiz o que nunca tinha feito antes. Menti para ele.

— Lembro de quando você nasceu e ele ficou obcecado pela ideia de ser um bom pai. Acho que era por causa do seu avô. Ele disse algo muito ruim quando descobriu que Melinda estava grávida, e isso ficou marcado em Dante de algum jeito.

Aquele comentário me interessou. Deixou-me curiosa.

— O que ele disse?

Augusto pegou em minha coxa, gerando ondas doloridas até minha boceta. Nenhuma pomada de assaduras estava dando conta do meu fogo, essa era a realidade.

— Que ele não seria um bom pai e que iria estragar a vida daquela criança indefesa. No caso, você. — A voz dele foi ficando cada vez mais baixa, como se falar sobre aquele assunto o incomodasse.

— Por que parece que não gosta de pensar nisso?

Notei que ele umedeceu os lábios com a língua e se remexeu no banco. Seus olhos se mantiveram longe de mim, grudados na rodovia.

— Não gosto de pensar no que seus avós falaram para ele e, para ser sincero, não gosto de pensar no seu pai sofrendo. Ele sempre tentou muito ser um bom pai, e conseguiu. Mas a que preço, sabe? Por isso, eu sempre fiz questão de manter o bom humor dele nos nossos encontros no Morumbi nas quartas-feiras, além do happy hour nas sextas. São pequenas coisas que o fazem relaxar e lembrar que ele não tem nem quarenta anos ainda.

— Você realmente se importa com ele. — E precisava confessar que achava aquilo bonito. Eles tinham uma ligação tão próxima quanto Ágata e eu.

— Seu pai é meu irmão. Ele é minha família, Malu.

Toda vez que ele dizia meu apelido, minha barriga gelava em um espasmo muito estranho.

— Sempre te achei meio estranho, tão distante da minha família... Era quase como se apenas meu pai existisse, e nós não.

Augusto, em geral, era um homem estranho.

— Nunca lidei bem com essa coisa toda de família. E sua mãe também não ajuda.

A birra que ele tinha com minha mãe era de conhecimento universal. Ele nunca gostou dela. Talvez, no começo, por ciúmes.

Depois, porque a achava mimada e irritante. Mas o problema não era bem esse, e sim que Augusto não fazia nada para esconder sua opinião sobre ela. E minha mãe não gostava dele por tabela. Sentia-se ofendida por ele sempre reclamar dela com meu pai e, às vezes, até expressar seu descontentamento com a relação dos dois.

Augusto dizia que meu mal era minha boca, mas o dele também era.

— O Senhor Mancini não parece ser um pai ruim — falei, brincando com seus dedos em meu colo. — Por que tem problemas com famílias?

Pelo jeito que me olhou, jurei que não iria falar sobre nada.

Mas, então, Augusto suspirou, como se estivesse se rendendo a mim e aos meus olhos suplicantes.

— Eu não tive bem uma família, como a sua. Sabe que meus pais se separaram, certo? — Concordei com a cabeça. — Então sabe que eu era muito pequeno quando aconteceu. Tinha sete

anos, e minha mãe praticamente me largou com meu pai para viver um romance com um ator famoso da época.

— Eu não sabia disso.

— Não é nada muito trágico, mas... Sei lá, tem coisas que mexem com a gente. Crescer sem minha mãe mexeu comigo.

Então, acho que não sei lidar com isso tudo. — Limpou a garganta, desconfortável. — Não sei lidar com coisas que eu não tenho.

— Mas gostaria de ter? — A pergunta pareceu desconcertá-lo um pouco, já que sua respiração ficou mais pesada por um momento. — Você gostaria de ter uma família?

— Hm... — Limpou sua garganta novamente. Augusto odiava falar sobre coisas pessoais. Lembrava que uma de suas namoradas era melhor amiga da minha mãe e vivia reclamando de como ele era fechado. — Já pensei sobre isso e, sim, claro, eu gostaria de ter tido uma mãe mais presente e um pai menos workaholic, talvez. Mas a vida é como é. Não dá para ficar chorando por esse tipo de coisa.

— Ainda é novo, pode se apaixonar por alguma mulher, se casar e ter filhos. Sabe disso, não é?

Imaginei um Augusto envelhecendo sozinho, enquanto o melhor amigo conseguia uma família enorme e feliz. Devia ser dolorido.

— Tem trinta e sete.

E eu falei por cima dele:

— Trinta e oito amanhã, já vai se acostumando.

Sua resposta foi um revirar de olhos.

— Tenho quase trinta e oito anos, não vou me apaixonar, e mulheres, em geral, não querem se casar sem amor. Então o melhor para mim é apenas seguir minha vida do jeito de sempre.

— Alguma mulher ainda vai roubar seu coração, Senhor Mancini. Não tenho dúvidas disso — afirmei com tranquilidade, me espreguiçando no banco e sentindo aquela leve tontura que sempre sentia quando viajava de carro.

— Está se sentindo nauseada? — Ele abriu o porta-luvas do carro, e o que vi ali me deixou com um sorriso idiota nos lábios.

— Você sabe que eu tenho comidas favoritas para viagem?

Augusto era um bom homem, afinal. Mesmo sendo um crápula chato e sem noção, ainda assim, era um bom homem.

— Essa historinha de que *Tic-tac* e *Cheetos* de requeijão passam sua náusea pode até ser válida para os seus pais, mas não para mim — resmungou, mas nem liguei, logo pegando um pacote do meu salgadinho favorito com uma empolgação como se estivesse diante de uma joia.

— Não é válido para você, mas comprou três pacotes. E ainda comprou *Coca-cola*. — Sorri para ele. — Obrigada por

isso.

Sentia meu interior vibrar e o coração saltar mais rapidamente pela primeira vez.

Já havia me feito de doida muitas vezes na minha vida. Era mestre em fingir que tudo estava bem quando, na verdade, estava beirando à catástrofe. Era a mais velha de três irmãs, morei fora por dois anos, e meus pais nunca nem imaginaram que eu me sentia sozinha e meio alheia a tudo e a todos em Crownford.

Era boa naquilo.

Era boa em ignorar meu coração.

— Coloca um aqui na minha boca. E vê se não suja meu carro

— resmungou mais uma vez, ignorando meu agradecimento.

— Vai me dizer que é um desses caras que são apaixonados pelo próprio carro? — questionei, colocando um salgadinho em sua boca, como ele havia pedido.

— Não sou apaixonado por ele. Sou cuidadoso, é diferente.

Tradução: ele era completamente obcecado pelo bendito carro.

— Meu Deus, Augusto... Você é um clichê ambulante! Galinha, viciado em futebol e carro, e, ainda por cima, tem uma *vibe* de CEO.

Só falta gostar de BDSM para completar todos os requisitos para ser um Christian Grey.

— Só de pensar nesse cara, eu tenho urticárias. Você já viu esse filme? É horrível! Como que alguém, em sã consciência, gosta daquele lixo?

Quanto ódio contra o pobre Cristiano Cinza...

— Ah, até que tem umas cenas legais... Podemos ver *365 dias*. Aí, sim, você vai ver um filme genuinamente ruim.

Só de imaginar a cena dele vendo aquele filme já me dava vontade de rir.

— Falando nisso, Senhora Viciada em Cinema, fui ver o tal do *Meu Malvado Favorito*. Nem mesmo o nome do personagem principal você acertou... Não é Gus, é Gru, e eu não tenho nada a ver com ele. — O bico que ele fez o tirou da faixa dos trinta e poucos anos e jogou diretamente para cinco.

Bebezão demais!

— Ah, eu vi já faz muito tempo! Mas você é igualzinho. E, *pera* aí, você assistiu ao *Meu Malvado Favorito*?!

— Lógico. Você me comparou ao tal do Gru , precisava saber do que se tratava.

— Gus e Gru... É quase a mesma coisa! — brinquei, enquanto pegava mais uma porção de salgadinho.

— Tem uma diferença enorme. Além, é claro, de que eu sou maravilhoso e o cara é feio que dói!

Como eu disse, um bebê chorão.

— Você deveria engarrafar o seu ego e vender, sabia?!

Eu mesma iria comprar um pouco.

— Eu menti? Se eu bem me lembro, você mesma disse que sou lindo.

— Realmente. Seu defeito está na personalidade — concluí, já com um sorriso no rosto porque sabia que ele iria ficar zangado.

— Vai me dizer que eu não sou uma pessoa ótima?! — brincou.

— Metido. Grosso. Sem educação. Super sincero...

— Fodo bem... — completou, convencido.

— Eu já disse metido?! — Sorri.

— Já. — Apertou minha perna. — E, mesmo assim, foi comigo que quis ter suas primeiras vezes. Quem é mais louco, eu ou você?

Por um momento, me peguei pensando em quanto tínhamos a perder com aquela nossa loucura.

Ele, a amizade do melhor amigo.

Eu, a confiança dos meus pais.

Será que ele pensava naquelas coisas? Será que ele se importava?

— Nós dois. — Ignorei meus pensamentos. — Nós dois somos completamente insanos.



AUGUSTO MANCINI

Te avisei, não sou flor que se cheira

Mas essa abelha é teimosa

Me cheira e ainda me beija com essa boca gostosa

Luan Santana - Abalo Emocional

A casa no Guarujá sempre foi meu santuário. Enquanto meu melhor amigo vivia no exterior nas férias, eu passava meu tempo lá, descansando, surfando e aproveitando o sol.

Aquela casa havia sido onde passei boa parte das minhas férias quando eu era criança e tinha um enorme apego por ela.

Largava tudo em São Paulo no meu aniversário para ficar lá durante o feriado inteiro.

Na maioria das vezes, minha turma de balada ia junto e ficávamos, pelo menos, quatro dias submersos em álcool e bocetas aleatórias, mas, naquele ano, decidi ficar só com ela. Por dois motivos:

1- Não queria nenhuma outra mulher, além dela.

2- Minhas festas não fariam o estilo de uma garota que havia perdido a virgindade uma semana atrás.

Ela ainda estava se conhecendo e aprendendo, e, com o tempo, teria suas próprias experiências. Eu não queria estar presente, porém. Por motivos que ainda desconhecia, pensar em Malu com outro homem me irritava e me deixava em alerta. Por isso, havia pedido exclusividade antes que desse alguma merda.

Eu era sempre bem claro quanto às minhas expectativas e, com Maria Luiza, isso não seria diferente.

A casa estava igual sempre esteve. Meu pai a comprou havia muitos anos, quando o condomínio fechado ainda estava em construção, mas, até então, já tinha passado por inúmeras reformas.

A última, desenhada por mim.

Enfim, a mansão contava com quatro quartos, todos com banheiro, duas cozinhas — uma dentro da casa e outra fora —, além da sala de jantar, sala de estar, de TV e outra só de jogos, que era onde eu passava a maior parte do meu tempo.

Sempre que ia para lá, ficava jogando sinuca ou passava o dia na minha lancha, que era minha verdadeira paixão. Geralmente, acordava cedo e já ia para o mar.

Afinal, uma orgia ficava ainda melhor com o barulho do mar se misturando aos gemidos de uma mulher.

— Nossa, faz anos que não entro aqui. — Maria Luiza entrou na sala, segurando apenas sua mochila, já que fiz questão de carregar sua mala.

Podia até ser idiota, mas não era mal-educado, como ela ousava dizer.

— Malí ainda era bebê quando vocês passaram o Ano-Novo aqui pela última vez.

Fazia seis anos. Eu me lembrava, até porque, fazia seis anos que eu não passava mais aquela data com Dante graças às suas viagens para Disney.

Eu o entendia perfeitamente. Três filhas, uma delas estava morando nos Estados Unidos naqueles últimos dois anos... Fazia sentido. Mas, porra, todos os anos a Disney? Eu não tinha a menor intenção de passar a virada do ano abraçado com o Mickey, então sempre recusava seus convites.

— Você abriu a cozinha e tirou aquela paleta de cores azuis...

Ficou um clima praiano interessante. Moderno, mas, ao mesmo tempo, aconchegante. — Ela olhou para cima, arregalando os olhos.

— Nossa, você abriu esse pé direito? Parece bem maior do que antes!

— Queria colocar janelas maiores para dar a sensação de estarmos dentro da praia o tempo todo, então destruimos três quartos no segundo andar e abrimos tudo. Inclusive, o teto. — Dei

de ombros, observando seu vestido longo e branco, todo larguinho, rodar enquanto ela admirava o interior da casa.

Malu estava linda, e as aberturas do vestido na região da cintura estavam começando a me dar vontade dela.

Aquele era um ponto que estava se transformando em um problema durante a semana, porque eu estava sempre com vontade dela. A cada momento que passávamos juntos, eu queria mais e mais, e nada parecia me saciar.

— Ficou realmente lindo! É bem diferente do estilo que você costuma colocar nos seus projetos. — Seu comentário chamou minha atenção, e ela percebeu. — Você sempre coloca coisas escuras, detalhes em aço e pouco vidro nos prédios que assina.

Aqui, está tudo aberto, claro e arejado.

— Eu desenho para São Paulo, Meu Bem. Não dá para ser tudo aberto, os compradores não gostam.

— Essa é a parte do nosso trabalho que não gosto muito, confesso.

— A parte comercial? — questionei, chegando mais próximo dela com calma, retendo cada detalhe daquela garota e tentando imaginar como tive a sorte de ter um pouco dela para mim. — São negócios.

— Sou artista, Augusto... Dinheiro, geralmente, é a última coisa em que eu penso.

Eu a puxei para os meus braços. Naquele dia, ela estava ainda mais baixa, usando apenas chinelos de dedo azuis num tom bem clarinho. Podia sentir sua pele quente sob meus dedos em sua cintura.

Porra de garota gostosa.

— Isso vai mudar a partir do momento em que você começar a entender que ser uma boa arquiteta não é só fazer projetos inovadores, mas também saber vender para

as pessoas. Se o que você fizer, não vender, seu esforço não terá valido nada.

Suas mãos foram até meu peito, e ela levantou o rosto para que conseguisse me olhar nos olhos.

— Discordo. Sempre vale quando fazemos as coisas para as pessoas. E genialidade não tem a ver com dinheiro, e sim inovações, como você mesmo disse. Nem tudo tem que ser puramente comercial.

— Tudo depende do que você quer ser. Se quiser ser incrível na MB, o comercial conta muitos pontos. Não é à toa que seu pai coloca metas de vendas para seus gerentes. Tudo no nosso negócio envolve vendas e muito dinheiro.

Observando seus olhos, percebi como eram claros de um jeito muito diferente do comum. Eram verdes, mas iam fazendo um degradê até ficarem bem escuros nas bordinhas das íris.

Eram os olhos mais extraordinários que eu já tinha visto na vida.

— Sou uma Bittencourt, quero fazer bem para a empresa, mas do meu jeito. Com a minha assinatura. — Ela beijou meus lábios rapidamente, me impedindo de responder ou argumentar. —

Augusto, posso te perguntar uma coisa?

— Claro, Meu Bem.

O jeito que ela me desarmava, às vezes, chegava a me assustar.

— Por que se importa tanto com a minha carreira? Por que se importa comigo? Hoje, te conhecendo um pouco mais, sei que não se importa com nada nem com ninguém lá na empresa. É um chefe mais chato, mas, geralmente, deixa as pessoas bem livres... Por que, comigo, é diferente?

A pergunta dela me faz apertar meus dedos em sua cintura um pouco mais.

— Como você mesma disse, é uma Bittencourt. É uma das herdeiras daquela empresa, além de ter um talento filho da puta.

Seria uma estupidez não me importar com isso. Quero que você ocupe meu lugar quando eu for vice-presidente, e para isso preciso que esteja pronta. Não quero passar aquela cadeira para mais ninguém. — Fui sincero.

Tive minhas questões com ela antes, mas nunca neguei suas qualidades.

— Finalmente, nessa semana, fui elogiada por algo... — Fez um biquinho. — Só não precisava lembrar do meu primeiro projeto medíocre. Vai ficar falando sobre aquilo até quando?

— Como você lembrou muito bem durante o caminho até chegarmos, amanhã é o meu aniversário e é feriado. Não vamos falar sobre trabalho aqui.

Ali, eu só queria a Maria Luiza.

Não a herdeira.

Não a filha do meu melhor amigo.

Não a garota que eu praticamente vi crescer.

— Então, o que vamos fazer no restante do dia? — Abriu um sorriso, e não me segurei ao dar uma mordida em uma das suas covinhas, levando um tapinha fraco no braço.

— Quer conhecer minha lancha? — A pergunta fez a fedelha segurar o riso, e eu franzi o cenho. — O que foi?

— Nada. — E continuou com aquele ar brincalhão, sem que eu entendesse que porra ela estava achando tão engraçado.

— Maria Luiza..., não me irrite. Estou sendo tão bonzinho com você. Até te deixei comer aquele *Cheetos* fedido no meu carro —

falei, fazendo manha ao repreendê-la.

Eu. Augusto Mancini. Fazendo manha.

Era de foder.

— Você comeu também — rebateu, arrebitando o nariz. Como sempre, com uma resposta na ponta da língua.

— E vou te comer também, bem gostosinho... Mais tarde, se me disser do que porra está rindo.

Minhas mãos desceram até sua bunda, puxando-a para mim, e ela ofegou baixinho ao sentir meu pau já meio ereto pressionar sua barriga.

— Vai me comer de qualquer jeito porque não me toca desde segunda-feira... — Fez beicinho, mas levou um tapa na bunda de qualquer maneira. — Ai, Augusto! — gemeu, aumentando ainda mais a projeção de seus lábios.

— Mas bem que você queria que eu te fodesse todos os outros dias. Eu tenho dó dessa boceta. Já estava toda

assada na segunda, precisava dar um descanso a ela. — *Mesmo ansiando, a cada momento, por mais.* — Não me respondeu, o que é tão engraçado, Malu?

— Lembra que eu falei que você é um clichê ambulante? —

Sorriu de uma forma cretina. Ela iria me ofender, aquela pequena provocadora. — Então, você é velho, tem lancha... Tem uma garota mais nova em seus braços.

Desferi outro tapa na bunda dela, levando-a a gargalhar ainda mais.

— Está me chamando de velho?! — indaguei, rindo também.

— Está batendo na porta dos quarenta. Novo não está, né?

O rosto era de anjo, mas eu a conhecia melhor do que ela se permitia mostrar para os outros. Aquele anjo, na verdade, era um capeta da melhor qualidade.

— Estou na melhor idade! Pelo menos, eu não cheiro a leite ninho ainda — brinquei.

— Melhor idade, é? — Mordeu o lábio inferior. — Acho que poderia melhorar.

— No que eu tenho que melhorar, Maria Luiza? — Prendi seus cachos da nuca nos meus dedos com força. — Quer que eu te pegue ainda mais forte?

— Não... — arfou, soltando um pequeno gemido. — Quero que seja o primeiro a dormir de conchinha comigo. — Cheguei a tensionar as costas. Eu só dormia na mesma cama com namoradas, e, ainda assim, depois de um tempo de relacionamento. Era íntimo demais. — Por favor?

Percebi o quanto estava se sentindo mais confortável comigo.

Suas bochechas nem ficavam mais tão coradas quando me pedia tais coisas e o medo, agora, nem tinha mais espaço.

— O que eu não faço por você, Meu Bem? Me diz — cedi, respirando fundo ao abraçar o caos que era minha relação com Maria Luiza.

— Mas, se você não quiser... — Subitamente, ela ficou sem graça. Talvez, por ter percebido que aquilo não era muito comum para mim.

— Quero. — Suas unhas passaram por minha nuca, me arrepiando. — Te trouxe para cá para dormir na minha cama, dormir de conchinha pode fazer parte do pacote.



Ela estava me dando tantas de suas primeiras vezes, o que custava dar algumas das minhas para ela?

— Sabia que, às vezes, eu nem te acho tão ruim assim? —

questionou, alheia ao meu coração, que batia freneticamente por causa de sua simples frase.

E saiu do meu abraço, indo mexer em sua mochila. Eu fiquei ali, parado e tentando entender se estava tendo um ataque cardíaco ou estava prestes a me meter em problemas ainda maiores com aquela garota.

— Augusto, temos que nos trocar, senão, vai ficar tarde para ir ao mar. — Subiu levemente o olhar até mim. — Você está bem?

— Sim... Claro. Ótimo. — Rapidamente, peguei sua mala e caminhei para o quarto, no andar de cima, mas minha cabeça não parava de refletir sobre minha reação a algo tão simples.

Quando a vi soltar as malas no chão do meu quarto, do meu lar, o lugar o qual eu nunca havia aberto para ninguém, percebi o motivo da minha morte iminente.

Eu gostei de ser bom para ela.

Eu me importava com a opinião dela.

Eu estava fodido.

O biquíni branco que ela usava combinava perfeitamente com sua pele e os olhos verdes. Eu estava sentado há vários minutos apenas observando Maria Luiza lendo um livro sobre arquitetura enquanto aproveitava o pôr do sol.

Era uma cena linda.

Tão linda que me deu vontade de desenhá-la, uma coisa que eu não fazia há séculos fora do meu trabalho. Quando era jovem, amava desenhar. Passava horas do dia com um beco nos lábios e um lápis nos dedos, e achava que era essa sensação que Malu me fazia sentir e que era tão gostosa.

Ela me fazia bem porque me conectava com um Augusto que havia largado para trás há muito tempo.

Acendi um charuto, tragando profundamente e deixando meu pulmão filtrar a fumaça intoxicante, mas que me aliviava imediatamente. Era fumante desde os dezoito, e foi um vício que me pegou tão rápido quanto o meu tesão por Malu. Não percebi o que estava fazendo, até realizar que já estava fodido.

Era um cara naturalmente obcecado, na verdade. Tudo o que eu gostava, fazia demais.

Trepava demais.

Malhava demais.

Fumava demais.

Bebia demais.

E, por incrível que parecesse, sentia demais. Pena que nunca havia sentido as coisas certas.

Malu se virou para mim e, ao fechar seu livro, largando-o no estofado na ponta da lancha, que era onde ela estava deitada, foi até mim. O seu olhar me dizia tudo o que eu precisava saber. Os bicos dos seus seios também.

Ela queria ser fodida. Tanto quanto eu queria fodê-la.

— Está muito quieto, Senhor Mancini — disse, parando na minha frente e me deixando sem a porra do fôlego.

— Estou apreciando a vista, Senhorita Bittencourt.

Meus olhos caíram em sua boceta, ainda coberta pela calcinha do biquíni.

— E gosta?

Arfou quando eu puxei um dos laços da lateral de seu biquíni.

— Gosto. — Puxei o outro com calma e cuidado. — Gosto mais quando posso ver tudo o que esconde. — Olhei para ela, que me observava de cima, e a visão me fez endurecer na hora. Sua cabeleira estava caída toda para a frente e suas pupilas estavam tão dilatadas, que o verde dos olhos chegava a estar escondido. —

Gosto de tudo em você, Maria Luiza.

— Cuidado, Augusto... Posso achar que você está se apaixonando por mim — brincou, mas, internamente, eu sabia que corria o risco de estar certa.

Minha resposta foi passar a língua levemente por sua boceta quando o tecido foi ao chão, apenas experimentando seu gosto mais uma vez.

Era como estar drogado dela.

Aquela porra de boceta ainda iria me enlouquecer.

Ela inteira iria me fazer dar entrada na porra de um hospital psiquiátrico porque eu, claramente, estava ficando louco.

— Eu não me apaixono, Senhorita Bittencourt — murmurei, subindo meus lábios por sua barriga, que tinha várias pintinhas, deixando-a arrepiada.

Minha mão, que já tinha largado o charuto, subiu até suas costas, abrindo a parte de cima do biquíni. Observei a outra peça cair no chão e os seios deliciosos dela ficarem completamente aparentes.

— Não se apaixonou por pessoas, já por bocetas... —
insinuou, afastando as pernas levemente, num pedido silencioso para que eu começasse a chupá-la. Não obedeci.
— Sei que está viciado em mim.

— Estou — afirmei com sinceridade, conforme tocava sua boceta levemente com o dedo médio.

Por causa da academia, meus dedos eram um pouco calejados, mas isso só parecia fazê-la se sentir ainda melhor. Suas dobras já estavam lambuzadas com sua lubrificação. Sabendo o que faria com ela naquela noite, toquei seu clitóris, mas logo desci até sua entrada, penetrando-a bem ali. Malu jogou a cabeça para trás, gemendo sem pudor algum diante da invasão.

Foi uma imagem do caralho vê-la nua, à luz do luar com o mar de fundo, se doando ao prazer que meus dedos davam a ela enquanto segurava em meus ombros.

Ela estava parecendo a porra de uma deusa, e, embebedado pela sensação que me provocava, pressionei meu polegar em seu clitóris ao mesmo tempo em que a penetrava com mais um dedo. Malu apertou ainda mais meus ombros e apoiou um dos pés ao meu lado, no estofado onde eu estava sentado, se abrindo mais para mim.

Sua boceta esmagava meus dedos e suas unhas entravam na minha carne, mas não parei de me movimentar para dentro e para

fora dela, nunca deixando de admirá-la. Sua boca se abria levemente, emitindo um som tão gostoso quanto sufocante.

Eu mal conseguia falar.

Mal conseguia pensar.

Tudo rodava ao redor dela. Minha paixão. Meu vício.

Quando comecei a passar o polegar pelo seu clitóris de maneira ainda mais intensa, sentindo o nervo duro e pulsante contra meus dedos, ela começou a rebolar em resposta, buscando junto comigo o prazer que não parecia só querer.

Ali, gemendo meu nome e pedindo por mim, Malu parecia necessitada.

Parecia viciada também.

Meti nela ainda mais rápido, beijando sua barriga e ajudando-a, ao passar meu braço livre ao redor da sua cintura, a se manter de pé. Seus líquidos escorriam pelos meus dedos, fazendo a penetração ficar cada vez mais fácil e escorregadia.

E foi só colocar a língua no seu clitóris, que escutei um gemido ainda mais alto e um pedido sofrido para que eu não parasse.

Daquela vez, obedeci.

Suguei seu clitóris, sem parar de meter nela com meus dedos, e não demorou muito para que suas unhas se fincassem em meus ombros e seu gemido passasse a ser murmúrios tensos, desconexos e sufocados.

Não parei de meter, até que seu orgasmo tivesse acabado.

Precisei segurar mais firmemente em sua cintura, trazendo-a para o meu colo, para que ela não caísse no chão. Montada em cima de mim, com a boceta toda melada, deixei com que se recuperasse.

Malu passou um tempo com a testa no meu ombro, a respiração ofegante, mas logo tomou meus lábios em um beijo apaixonado e completamente entregue. Sua língua dançava com a minha, ao passo que nossas mãos passeavam por nossos corpos.

Foi ela quem tirou minha sunga, e foi ela quem segurou meu pau e, com calma e olhando no fundo dos meus olhos, desceu, conectando nossos corpos e roubando não só gemidos dos meus lábios, mas também batidas erradas do meu coração.

Ela não sabia o que fazia, porque aquilo era tão diferente para ela quanto para mim. Estávamos vivendo coisas completamente diferentes, mas era uma primeira vez para ambos.

Segurando seu quadril, fui ditando o ritmo, sentindo cada parte dela dar prazer a mim, fosse com a língua, que brincava com a minha, ou com sua mão, que fazia um carinho gostoso no meu cabelo, ou com sua boceta, que apertava e sugava meu pau de uma forma que achava difícil segurar o orgasmo por muito tempo.

Eu nem queria segurar.

Foi a primeira transa que não pensei em nada. Minha mente era uma tela em branco que Maria Luiza era a única que seria capaz de pintá-la.

Seus olhos estavam tão brilhantes e o semblante tão em paz, que eu me perguntava se ela sentia o coração disparar como o meu.

Se ela sentia que o mundo nunca esteve tão certo quanto naquele momento.

Porque nada parecia tão certo, quanto tê-la em cima de mim.

Na minha lancha, no meu quarto, na minha sala de trabalho...

Na porra da minha vida, bagunçando e quebrando tudo o que via pela frente.

Tirei seus cabelos do rosto e os segurei, querendo vê-la por completo, enquanto rebolava em cima de mim. Foi a primeira vez que senti a iminência do orgasmo vir por conta de um olhar.

Um lindo e vibrante olhar esverdeado, que parecia tão eletrizante quanto em choque.

Sentindo que ela se movimentava cada vez mais rápido, descii uma das minhas mãos até seu clitóris e a toquei do jeito que já tinha aprendido que ela gostava. E, assim, ela seguiu para seu orgasmo junto comigo.

Entregamo-nos sem reservas, gozando como dois animais, mas sem perder o contato dos nossos olhos, que pareciam completamente conectados um com o outro.

Foi o primeiro orgasmo calmo e arrebatador que eu tive.

Foi o primeiro que não precisei abrir a boca para expressar nada.

Foi o primeiro que senti meu coração ganhar vida.

Com o mar e as estrelas de testemunha, pela primeira vez, eu não fodi ninguém.

Eu fui fodido.

E o pior? Eu amei cada segundo.

Amei...

— Temos que fazer isso de novo... — Ela se aconchegou no meu pescoço, ainda comigo dentro dela. — Adorei ficar por cima.

— Adorou? — Ela não sabia ainda, mas, depois daquela noite, tinha ganhado o direito de fazer o que quisesse comigo. — Vamos fazer de novo, só espera eu voltar a sentir minhas pernas.

— Primeira vez que eu acabei com você. — Deu uma risadinha.

Correção: primeira vez que alguém acabou comigo. Na minha vida toda.

— Considere como uma reparação histórica, já que eu sempre te fodi em todos os sentidos que essa palavra pode ter.

Ela gargalhou.

Ela gargalhou e meu estômago gelou.

Porra, Maria Luiza...!

— Acho que adoro você, Augusto — confessou, perdendo um pouco do sorriso. — Não pira, é só que gosto de como me sinto quando estou com você.

— E como se sente, Meu Bem? — perguntei, engolindo cada uma das palavras que eu poderia falar e que foderia com tudo.

Contentei-me apenas em fazer um carinho em seus cabelos.

— Eu mesma. — Sorriu, mostrando as covinhas, que logo me fizeram passar a mão livre por elas. — Me sinto eu mesma com você, e isso é bem raro.

— Você é rara.

Você é capaz até de fazer meu coração errar as batidas.

— Pensei que eu fosse um desastre — brincou, mas eu não sorri.

Não consegui porque estava completamente perdido nela.

— Você é. Um lindo, viciante e intoxicante desastre. Um desastre raro que não quebra, e sim conserta.

Minha fala matou seu sorriso, que logo virou um beijo.

Um beijo que recomeçou toda nossa brincadeira.

Um beijo que prometeu calar minha boca e nossos pensamentos.

Naquela noite, Malu pintou nosso quadro de vermelho bem escuro, e juntos deixamos qualquer arte entediante para trás e abraçamos o caos que os melhores desastres causavam.

Abraçamos a destruição dos nossos corações.

Abraçamos nossa perversão.

Abraçamo-nos. Somente nós dois.



MARIA LUIZA BITTENCOURT

Tua boca na minha, minha desgraça

Teu peito no meu, só bate e arregaça

Eu quero você e você disfarça

Jão - Você Vai Me Destruir

A pele quente de Augusto me recebia e se fazia de cama, enquanto eu observava o sol e o mar pela grande janela do quarto.

O clima gostoso só me deixava ainda mais ansiosa, porque meus sentimentos estavam todos uma bagunça...

Aconcheguei-me mais, como se isso fosse possível.

A vontade era que aqueles dias ali durassem, pelo menos, uma eternidade, e isso me assustava. Tudo porque nada daquilo estava nos meus planos. Aquele frio na barriga, a vontade de largar tudo e ficar só com ele...

Adorei cada momento da nossa viagem e, para ser sincera, queria que ela continuasse por mais alguns dias. Sentia-me feliz ali.

Sentia-me bem.

E sabia que era ele.

Era por causa dele.

Eu era boa em ignorar meu coração. Sim, isso era verdade. Eu sempre fui, mas, naquele momento, observando o peitoral de Augusto subir e descer com a respiração tranquila, sentindo sua pele esquentar a minha, sua mão segurar firmemente minha cintura e me acalmar ao escutar as batidas do seu próprio coração, não conseguia ignorar as batidas descompassadas do meu.

Depois de dois dias dormindo com ele, rindo das suas piadas ruins e descobrindo que, além de tudo, ainda sabia cozinhar como ninguém e amava Elvis Presley mais do que era considerado normal para um homem como ele, eu sabia o porquê do meu coração estar assim.

Sabia o porquê de cada gole de vinho na noite anterior, pois ele ficava ainda mais frenético.

Sabia o porquê quando Augusto transou comigo em cima da bancada da cozinha. Fiquei tão hipnotizada por ele...

Eu me apaixonei por Augusto Mancini e nem sei como isso aconteceu. Talvez, a fagulha sempre estivesse ali, eu só não tinha percebido ainda. Talvez, foi quando eu o beijei pela primeira vez ou quando entreguei meu corpo e intimidade a ele. Não sabia ao certo... Naquele momento, tudo o que passava na minha cabeça era que estava apaixonada por ele.

Queria que aquilo desse certo.

Mas não iria dar...

Ele me avisou, não foi? Pediu para que eu não me apaixonasse.

Em minha defesa, eu não sabia que, dentro daquele chefe idiota, morava um homem tão bom... Que sempre deixava meu *Tic-tac* preferido na minha mesa e fazia macarrão à carbonara para mim só porque era o prato que eu mais gostava. Um homem que me chamava de puta na cama e Meu Bem na mesma sentença.

Ok, essa parte não soou tão boa, mas eu gostava.

Gostava quando ele sempre corria na praia pela manhã e voltava com água de coco. Gostava do fato de que havia aberto uma parte da sua vida para mim, para balançar tudo aquilo que eu estava dando para ele.

Simplesmente adorava a risada dele.

Sério! Na noite anterior, quando fiz um cover particular de Elvis Presley para ele no meio da sala, a gargalhada dele ressoou direto na minha barriga, e foi tudo tão natural... Ele me puxou pela cintura e me beijou com tanto carinho, que eu achei que iria derreter.

Foi a primeira vez que dormi ao lado dele de pijama e sem tê-lo enterrado até o fundo em mim... E eu o adorei mesmo assim.

Eu o adorava, esse era o problema.

E saber que, logo, sentiria falta dele, me doía um pouco... Não muito, não era desesperador. Mas a dorzinha estava lá, como se fosse um alfinete me espetando e me fazendo recordar de que aquilo ali havia nascido para dar errado.

Era o que acontecia com casos ilícitos, como o nosso, afinal.

Eles nasciam com efêmeros olhares e morriam tão rapidamente como haviam começado.

Como se eu entrasse em uma banheira cheia de gelo; sentia meu coração diminuir e se apertar, porque eu nem poderia culpá-lo.

Augusto foi sincero. Ele não me iluiu, não me obrigou a nada, não brincou com meu coração.

A culpa realmente era minha.

Por um breve momento, me arrependia de ter pedido para que ele fosse meu primeiro... Mas logo passou. Ao observar sua boca fina e bonita, sua barba por fazer e seu cabelo escuro e desarrumado, abri um sorriso e tudo se esvaiu. Ele seria o primeiro a quebrar o meu coração também. Mas, até então, seria o primeiro que o faria reagir daquele jeito, então tudo se compensava.

Ele prometeu que faria com que eu me divertisse, mas me mostrou tão mais do que isso... Era louco que, em apenas quatro semanas, um mês, um simples agosto... Ele simplesmente me mostrou uma versão estranha de mim mesma que eu gostei de forma genuína.

Meu problema nunca foi o que eu achava do meu corpo, porque amava vê-lo em cima de Augusto, e definitivamente não era por causa dele. Não era por causa dos seus elogios, mas sim porque eu me sentia poderosa ao seduzi-lo, ao ser admirada por ele.

Senti-me feliz sendo honesta sobre minha obsessão com filmes e irritantemente grata por ter visto que, posso não ser desejada por todo mundo no mundo, mas era uma mulher desejável para aqueles que conseguiam ver a beleza na minha estranheza. Alguém que iria se apaixonar pelos meus

óculos de grau e pelo meu jeito de falar mais do que a boca, e minha genialidade.

Assim como eu adorei cada uma das partes estranhas e irritantes de Augusto.

Assim como eu me apaixonei por ele, mesmo sendo tão cretino.

Beijei seu peitoral, sabendo que estava em rota de colisão e que iria bater a qualquer momento, mas não havia muito o que fazer. Nós ainda não havíamos acabado, ainda tinham primeiras vezes que eu queria que fossem dele e precisava de mais um pouco de tempo para saborear qualquer que fosse o gosto daquela paixão para, enfim, libertá-la.

Porém, sabia que ele não era meu. E não iria me iludir. Se Augusto dizia que seu coração nunca pertenceria a ninguém, eu confiava nele.

Ele se conhecia bem mais do que eu poderia ousar um dia conhecer.

Entrei no banheiro e senti um pequeno ardor ao fazer xixi. Um ardor que estava me incomodando desde o dia anterior e era diferente do ardor que eu sentia quando estava assada. Esse, incomodava bem no final da barriga. Soltei um leve gemido, mas logo me higienizei e fui para o banho, aproveitando para lavar meus cabelos.

Era meu aniversário de vinte e três anos, e mesmo que tivesse começado meio estranho, ainda assim, queria me sentir bem.

A cada etapa do banho, sentia que estava batalhando internamente comigo mesma. Minha cabeça teimava em ir até Augusto. Ficava rememorando cada dia daqueles três

ali, no paraíso. As sensações, os gostos, as risadas... Por que tudo ficava tão doce quando estávamos apaixonados?

Soltei uma risada incrédula. Minha história daria um livro cômico, daqueles quase trágicos.

Ele era melhor amigo do meu pai, mais velho, um crápula, e meu coração jurava que era a melhor coisa que encontrou? Que Augusto Mancini era a melhor coisa para nós dois?

Senti duas mãos grandes passarem pelo meu abdômen e um beijo foi depositado no meu ombro, ao passo que tirava o condicionador do cabelo. Abri meus olhos calmamente, tentando

fazer com que minha respiração não falhasse ao vê-lo, tendo a plena consciência de que estava fodida.

— Acordou cedo.

Sua voz no meu ouvido arrepiou minha pele e travou minha respiração na garganta.

Me ajuda, Deus! Me ajuda a ser um pouquinho falsa.

— Precisei usar o banheiro. — A primeira coisa que apareceu na minha cabeça foi constrangedora, mas era menos do que tudo o que meu coração gritava. — Estou com dor para fazer xixi.

— Acha que eu te machuquei? — Augusto me virou com cuidado, até que nossos olhares se colidissem. E, nossa..., como podia alguém ser tão lindo?

Se eu fosse um pouquinho mais mimada, daria uma birra homérica para ter aquele homem para sempre.

Minha versão apaixonada era uma tonta... Que mané birra, ele não é nosso! Não é. Não quer ser. Sossega.

— Acho que não, dói mais para fazer xixi, e também está doendo bem embaixo do umbigo — explico, minha voz mais baixa do que o normal.

Augusto tocou meu queixo com o polegar, fazendo um carinho que era muito bem-vindo.

— Talvez, você esteja com infecção urinária. Algumas mulheres têm depois de terem feito muito sexo. — E foi o que basicamente fizemos naquele final de semana. Muito. Muito. Muito sexo. — Você tem um ginecologista que confia em São Paulo? Se não tiver...

Cortei-o.

— Eu tenho, não se preocupa. Já até tinha marcado porque...

— Senti minha voz falhar um pouco, então limpei a garganta para ajudar.

— Porque perdeu a virgindade — completou.

— Isso.

— Ótimo. Me avise depois da sua consulta. Provavelmente, vai ter que tomar antibiótico, e isso corta o efeito do anticoncepcional, então teremos que usar camisinha para evitar qualquer tipo de problema.

Seus dedos calejados ainda faziam um carinho preguiçoso no meu rosto.

— É, tem isso também.

— Você está estranha. O que foi? — Antes mesmo que eu pudesse responder, ele continuou: — Ah, está achando que eu esqueci do seu aniversário? Foi a primeira coisa que eu lembrei quando acordei. Inclusive, quando você voltar para o quarto, tem uma surpresa para você.

Certo, aquele caminho era bem melhor.

O caminho da mentira.

— Pensei que tinha esquecido! — Sorri, com uma falsidade que dava até vergonha. — Comprou um presente para mim? Nossa, eu sou uma péssima pessoa... Não comprei nada para você.

— Você já me deu o bastante. — Deu de ombros e esboçou um sorriso pervertido, que me fez desferir um tapinha em seu braço.

— Como você é idiota!

Aproveitei para terminar de enxaguar meu corpo rapidamente.

Era uma pessoa curiosa, não era à toa que vivia me metendo em confusão.

— Já vai sair do banho? — perguntou, me observando enquanto deixava a água cair no seu corpo, trocando de lugar comigo.

— Sou curiosa! Quem mandou falar sobre o presente?

Saí molhando o piso inteiro, me enrolando na toalha de qualquer jeito e já me encaminhando para o quarto.

— Por que você tem que bagunçar tudo? Olha o chão do banheiro, Maria Luiza! — bradou, mas nem liguei. Fui direto ver meu presente.

Quando cheguei na cama, não consegui conter as poucas lágrimas que surgiram nos meus olhos. O papel enorme sobre o lençol tinha uma ilustração simples, apenas no tom cinza do lápis.

Era eu, deitada, rindo... Mais precisamente, gargalhando.

Além de desenhar bem, Augusto me mostrou como me via e, porra..., eu era linda.

Sem tocar no papel, voltei para o banheiro, limpando as lágrimas e sorrindo. Esqueci completamente de qualquer futuro

dolorido que viria pela frente.

— Você desenha bem *pra* caralho, Augusto! — elogiei, animada. — Eu amei o presente. Amei demais!

— Fazia anos que eu não desenhava alguém. — Ele chacoalhou a cabeça, um pouco descrente. — Nem sabia que ainda conseguia fazer isso.

— Não só faz, como faz bem. Estou impactada.

— Ei, não disse com todas as letras. — Colocou a cabeça para fora do box, molhando o chão inteiro. Certeza de que iria me culpar, mesmo sendo culpa dele toda a bagunça. Quer dizer, uma parte dela. — Feliz aniversário, Malu.

Não me segurei e beijei seus lábios em resposta.

— É a primeira vez que me deseja *feliz aniversário* em vinte e três anos de existência — brinquei.

— Nossa, que otário... — Sorri em resposta. — Te desejo tudo de melhor, Malu.

Malu.

Segurei o choro na garganta de pavor. Eu não deveria gostar daquela merda. Mesmo se, por um milagre, aquele homem se apaixonasse por mim, meus pais iriam me matar. Principalmente, minha mãe. Meu pai sempre foi mais compreensivo e, por mais que ficasse decepcionado, ainda assim, tiraria forças do além para me ver feliz. Minha mãe era diferente. Na cabeça dela, o melhor para mim só ela sabia, e, definitivamente, o melhor para mim não era um cara como Augusto.

— Obrigada, Gus. — Beije seus lábios com mais calma do que antes, aproveitando os lábios dele de uma outra forma.

Quando me afastei, observei seu sorriso novamente. Ele estava feliz e, por um breve momento, eu fiquei feliz por fazê-lo feliz.

Deus, estava tão, mas tão fodida...

Porra de coração burro!



AUGUSTO MANCINI

E o peito tá doendo

Tomara que seja infarto

Se for amor, eu tô ferrado

Aí vai ser pior o estrago

Diego & Victor Hugo - Infarto

Depois de um final de semana insano, muito mais do que qualquer um que já tivesse vivido, entrei no prédio na MB. No entanto, me sentia estranho, quase como se estivesse ficando doente.

Minhas mãos suavam. Meu coração acelerava de tempos em tempos. Meus pelos na nuca se arrepiavam. Minha barriga se contorcia de um jeito desconfortável. Parecia que estava em uma montanha russa, porém, só estava prestes a abrir a porta da minha sala para dar de cara com ela. A loira que andava perturbando até os meus sonhos.

Havia deixado Malu na esquina de sua casa há mais de doze horas e precisava confessar que já estava louco para vê-la novamente. Eu precisava controlar aquela merda. Não por mim, mas por ela. Não poderia brincar com o coração dela e, quanto mais eu abria espaço da minha vida para aquele projeto de arquiteta, mais eu abria espaço em seu coração. Isso não poderia acontecer.

Quando adentrei a sala, lá estava ela. Sentada à sua mesa, que ficava encostada na parede, e com seu *tablet* ligado,

Malu já desenhava alguma coisa que não fazia ideia do que era. Os cabelos

estavam presos e, naquela manhã, ela usava mais um dos seus terninhos coloridos que me tiravam um pouco da compostura.

Não, Augusto. Não começa.

E para piorar, ela estava de azul.

Malu ficava linda de azul.

Inferno!

Cara, como podia o tesão por uma mulher ser tão forte?

— Bom dia, Maria Luiza — murmurei, indo para minha mesa.

Criei forças para me acalmar e não dei um beijo em seus lábios, como havia feito nos últimos três dias. Controlei-me.

— Bom dia, Gus.

O apelido me fez ficar até tonto.

Era doença aquela porra. Só podia ser.

— Hoje, preciso conferir seus projetos. — Olhei diretamente para o meu computador. — A planta baixa do prédio residencial já está pronta?

— Mas o prazo ainda não acabou — rebateu, apressada.

— Me passa o que você tem, preciso conferir. Nesta semana, vou ter muitas reuniões e não vou conseguir te dar muita atenção.

Não quis nem ver sua reação.

Se ela ficasse tranquila, eu ficaria incomodado.

Se ela ficasse triste, meu humor não ficaria melhor.

Então, só abri minha caixa de e-mail e ignorei seu rosto bonito.

— Já está no seu e-mail, Augusto.

Sua voz pareceu normal. Normal até demais, e admitia que aquilo me fodeu um pouco.

Malu nunca ficava afetada por mim do jeito que eu ficava por ela. Sim, ela tinha tesão, às vezes me olhava com aqueles olhos apaixonados, mas que eu já tinha aprendido que eram nada mais nada menos que fogo na boceta.

E por que caralho aquilo era importante para mim? Não era exatamente o que eu queria?

Estava ficando louco. E aquela garota estava me deixando pirado.

Tinha, para mim, que eram aqueles malditos terninhos que deixavam sua bunda redondinha e tão gostosa de apertar. Ou às

vezes poderia ser os óculos terríveis que ela usava para trabalhar.

Talvez poderia ser os bicos que fazia antes de chorar ou a gargalhada que dava quando eu falava alguma bobagem.

E tinham as covinhas. As malditas covinhas que faziam meu coração pular com tanta rapidez que parecia que eu iria ter um ataque cardíaco antes de ficar melhor de verdade.

— Mas que porra...! — balbuciei para mim mesmo.

— Algum problema, Augusto?

A vontade de berrar a verdade para ela era enorme, mas me controlei. Respirei fundo, como um maldito otário que era, e me controlei.

— Nenhum que você consiga resolver. — Então, no mesmo momento, percebi a decepção em seus olhos. — Vou falar com seu pai, não precisa me esperar para almoçar.

— Mas eu não ia... Nunca almoçamos juntos — contrapôs, confusa.

Eu sei, inferno! Mas queria almoçar com você.

— Qualquer coisa, estou no celular.

Levantei-me, um tanto ansioso. Estava doido para sair dali e chorar as pitangas para Dante.

O pai da infeliz.

Mas aquela ideia realmente foi genial...!

Beijei seus cabelos antes de dar o fora da sala. O seu perfume doce e enjoado ficou no meu nariz desde o momento em que dormi com ela e era isso que estava mais me tirando do sério. Eu fechava os olhos e ela vinha na minha cabeça, eu abria os benditos e eles a procuravam por todos os cantos.

Era como se Maria Luiza estivesse em todos os lugares porque, no fim das contas, ela estava em mim. Grudada como a porra de um carrapato.

Fui para a sala do meu melhor amigo, ignorando a todos. Não queria ter que falar com ninguém porque precisava desabafar, e o único para quem eu podia contar sobre qualquer coisa era ele.

Porque era assim que as coisas aconteciam para mim: quando algo estava errado, eu corria para o colinho do meu melhor amigo em busca de ajuda.

Entrei na sala do Dante, ignorando os chamados de sua secretária, e me deparei com ele sentado calmamente à mesa enquanto observava a esposa falar sobre alguma coisa que não me interessava.

— Augusto? — Dante perguntou confuso. Já sua mulher virou-se na cadeira e me olhou por cima do ombro com certa repulsa.

— Estamos resolvendo um problema familiar, Augusto — a chata falou, mas me sentei na cadeira ao seu lado mesmo assim.

— São oito e meia da manhã de uma segunda-feira e estamos no meio do expediente. Se resolvam em casa, lá é o lugar de assuntos pessoais. — Abri o botão do meu terno, ficando mais confortável, e a olhei com o mesmo desdém que ela olhava para mim.

— Nossa reunião é em meia hora, cara. — Dante olhou para sua mulher, como se pedisse paciência.

Eu me segurava muito para não brigar com Melinda a pedido de Dante, mas não abaixava a cabeça para ela. A mulher achava que comandava o mundo, mas eu não dava a mínima.

Ninguém mandava em mim. Nem mesmo ela.

— Precisamos repassar umas coisas. Fiz alterações no projeto, o que significa que...

— Que preciso alterar a apresentação. Que merda, cara! — Eu já tinha alterado, mas ele não precisava saber disso. — Amor, podemos conversar sobre a Malu em casa?

Malu?

— Claro. — Suspirou, ressentida. Ao levantar-se, beijou os lábios do marido e saiu da sala, sem nem olhar na minha cara.

Rancorosa do caralho... Eu lá tinha culpa por suas amigas e irmã serem iludidas?

— O que aconteceu com a Malu? — perguntei, mantendo o tom desinteressado, como quem não queria nada.

— Mentiu sobre a viagem que fez no aniversário. Falou que estava com a Ágata, mas não estava. Nós vimos, pelas fotos, que ela não aparecia em lugar nenhum... Melinda desconfiou, ligou na casa que supostamente ela estava, e um garoto disse que não tinha nenhuma Malu lá.

Minha gravata chegou até a me sufocar.

Porra. Porra. Porra.

— E com quem você acha que ela estava?

Dante não sabia mentir. Se ele tivesse desconfiado de algo, agora seria o momento da verdade.

— Ela tem vinte e três anos, certeza de que estava com alguém, mas não quis me contar. Melinda quer deixá-la de castigo, mas, como eu disse, nessa idade, eu já estava

muito bem casado com a Melinda. É só a mentira que me incomoda, sabe? Ela nunca mentiu para mim. E se ela perdeu a virgindade, vou ficar chateado por não ter me contado. Malu sempre me conta tudo.

Cheguei até a limpar a garganta.

— Cara, essas coisas são meio pessoais... Maria Luiza é tímida, acho que ela não iria te contar.

— Ela é tímida com pessoas que não conhece e não tem intimidade. Depois, ela se solta. Sou o melhor amigo dela, sempre fui. — Recostou-se na cadeira, olhando para sua enorme janela, que, assim como a minha, dava para a Avenida Paulista.

— Sinceramente, acho que vocês deveriam dar um tempo a ela. Se Malu não contou, é porque não queria que vocês soubessem. É uma adulta já. É responsável e está em segurança.

No máximo, arrumou um rolo que não significa muita coisa. Coisa normal de gente jovem.

— Augusto, ela nunca gostou de passar o aniversário longe.

Quando estava em Crownford, ficava superchateada. Se está com alguém, com certeza, essa pessoa é importante para ela.

Foi como tomar um soco na cara. Fiquei até tonto.

— Preciso falar com você. — Troquei logo de assunto. Se bem que o assunto era o mesmo, mas, enfim... — Estou com uma pessoa.

— Não era sobre a apresentação que precisava falar? —

Dante prendeu o riso, incrédulo. — Você é um arrombado mesmo.

— Você já ficou obcecado por uma mulher? Tipo, pensa nela o tempo todo, quer falar com ela o tempo todo... O sorriso dela te causa umas coisas estranhas e o choro dela aperta seu peito? — O

cretino franziu o cenho ao mesmo tempo em que sorriu. — É sério, Dante! Essa porra parece uma doença.

— Não é doença, já me senti assim uma vez.

Eu sabia que ele não me daria a resposta que eu queria, mas perguntei mesmo assim.

— E o que você fez para isso passar?

Aquela merda tinha que passar.

— Não tem como passar. O máximo que eu consegui fazer foi me casar com ela. — Deu de ombros. *Como que eu vou me casar com sua filha, Dante? Você vai me matar!* — Está apaixonado, Augusto. Finalmente, alguém entrou no seu coração.

— Nem fodendo!

Aquela fedelha desgraçada conseguiu o impossível!

Ela me deu a sua primeira vez e eu dei a primeira batida sincera do meu coração? Era sério isso?

— Não acha que está muito velho para surtar por causa disso?

Cara, relaxa. Você vai namorar com ela, eventualmente, se casar.

Pronto, sem drama, sem caos e sem complicações.

Levantei-me de supetão da cadeira, completamente ansioso e não conseguindo ficar parado.

Nada com Maria Luiza era simples. Ela nem mesmo se apaixonou por mim. Sabia disso porque conhecia as mulheres, sabia quando elas estavam apaixonadas. Malu gostava do meu corpo, do sexo comigo e da facilidade que todo aquele rolo tinha.

Porra, ela era eu.

A versão feminina de mim mesmo.

Ela só trocava mensagens engraçadas e impessoais, nunca me chamava para nada que envolvia sentimentos, até falava que gostava de mim, mas não pirava se eu a tratasse com indiferença.

Na verdade, ela nem parecia ligar muito para mim.

Ou ligava? Naquela manhã, ela parecia decepcionada comigo.

Porém eu a tratei mal, ou seja, qualquer uma ficaria decepcionada.

— Você está surtando. — Dante segurou mais ainda o riso, ficando vermelho igual Malu. Eles não eram muito parecidos, mas tinham alguns trejeitos iguais.

— Ela é mais nova e não está apaixonada por mim — confessei, de uma vez.

— Já falou com ela sobre isso? Ela disse com todas as letras que não se apaixonou por você? — Levando em conta que

eu havia mandado que ela não se apaixonasse, achava que ficava difícil saber. — E, sobre ela ser mais nova, isso é um detalhe. É só um número, não ligue muito para isso.

Chegava a ser cômico, porque era óbvio que ele não aceitaria meu relacionamento com Malu. Dante iria pirar.

— Ela tem vinte e três anos, Dante. — A cara dele se fechou na hora. Tudo ao redor pareceu congelar. — Sem sermão.

— Você se apaixonou por uma menina que tem a idade da Maria Luiza?!

— Eu não estou apaixonado, inferno! — rugi, contrariando-o.

— Ah, você está, sim. — Ele parecia incrédulo. — Você é imbecil?! Vinte e três anos? Ela é um bebê!

— É maior de idade — rebati, tentando me defender.

— Fala isso para o pai dela. Cara, se Malu estivesse com um homem da sua idade, eu não iria aprovar, sinceramente.

Certo, dava para ver que eu e Malu juntos nem era algo que passava em sua cabeça. Era a mesma coisa que dizer que os ETs chegariam à Terra.

— Não me parece algo do feitio da Maria Luiza mesmo —

concordei, mordendo o interior da boca. Porque era a verdade. Não parecia, só que aquela garota guardava seu lado maquiavélico a sete chaves.

E eu tinha certeza de que era um lado que ela mostrava só para uma única pessoa no mundo.

Eu.

— E jura que a menina não se apaixonou por você? Eu diria que é um milagre.

— Eu não falei com ela, mas é o que parece. E, falando assim, parece que cada mulher que passou pela minha cama se apaixonou por mim. Há mulheres que gostam dos príncipes, não dos vagabundos. — Desviei os olhos, afrouxando a porra da gravata.

— Então, fale com ela e assumo a menina, se for ela quem você realmente quer. — Deu de ombros, como se não estivesse me pedindo o impossível.

— Você mesmo disse que o pai dela vai me matar.

Vou te perder, Dante...

Não era capaz de ver como ele ainda seria meu amigo, se eu assumisse a sua filha.

— Augusto, todo amor se prova de alguma forma. O meu, provei quando enfrentei o juiz. O seu, será enfrentar todos os seus medos e inseguranças, além dos pais da menina. — O olhar dele me mostrava tudo que eu não queria ver. Ele me conhecia mais do que a si mesmo. Ele sabia que era real. Havia caído de quatro pela fedelha. — Tudo vai dar certo. Coragem.

— E se ela não gostar de mim? — questionei, soando como a porra de um adolescente, olhando os carros passando pela avenida lá embaixo.

Jamais vou perdoar Maria Luiza por me tornar aquele tipo de homem.

— Então, você irá provar do seu próprio veneno. Sejamos sinceros, você bem que merece depois de ter magoado

tantas mulheres.

E quando o senhor certinho estava errado?

Não podia acreditar que iria ter que fazer aquilo.

Suspirei, completamente derrotado.

Olha a merda em que me meti...!

22
Diálogos sinceros, ou quase...



MARIA LUIZA BITTENCOURT

Congela o teu olhar no meu

Esconde que já percebeu

Que todo meu amor é teu

AnaVitória ft. Matheus & Kauan - Fica

Tudo estava tão estranho que já estava começando a me incomodar. E olha que eu gostava do estranho. Estava acostumada com ele.

Primeiro, meus pais estavam me rondando e pareciam querer me contar alguma coisa, mas ainda não sabiam como. Segundo, Augusto estava literalmente fugindo de mim. Sabia disso porque fazia dois dias que ele chegava

bem depois de mim e ia embora sem que eu visse, logo depois de suas reuniões. Até mesmo Ágata estava estranha, dando desculpas para não me dar carona até a empresa e, nos últimos dias, durante o horário do almoço, disse que tinha médico e sumiu o resto do dia.

Mordi a pontinha da caneta do meu *tablet*, tentando entender como colocaria três quartos e três banheiros em um apartamento de setenta e três metros quadrados, mas não conseguia pensar em mais nada. Estava completamente angustiada. Principalmente, por causa de Ágata. Ela não era esse tipo de melhor amiga, não sumia do nada nem omitia coisas. Ela era presente, se importa...

Algo estava errado e estava me frustrando não saber o que era.

Olhei mais uma vez para o desenho, me esforçando para me concentrar, mas não consegui. Bufei, suspirando, o que fez uma

mecha do meu cabelo voar em frente ao meu rosto. Odiava me sentir daquele jeito. Sozinha.

Lembrava-me um pouco da minha infância, acreditava, quando papai não estava no Brasil e mamãe vivia com a cabeça enfiada nos estudos. Uma parte da minha história que não era tão legal; já havia passado, mas me deixado com algumas memórias. Achava, sendo sincera, que eu me sentia meio sozinha mesmo.

Nossa, mas acordei meio dramática hoje...

Desviei o olhar para o nada, engolindo em seco e sentindo as primeiras lágrimas rolarem pelo meu rosto. Meu *smartwatch* mostrou a data, me lembrando que faltava um dia para o meu período, e isso explicava o porquê me sentia

tão sensível. Muitas mulheres não sentiam nada quando estavam perto do seu período, já eu sentia a porra toda. Cólica, choros infundados e uma vontade enorme de ficar apenas deitada e sozinha, mesmo odiando me sentir solitária.

Talvez, esse fosse um traço meu que eu nunca deixava transparecer muito. Tinha muito medo da exclusão, o que era uma merda, porque eu sempre me sentia excluída. Fazia parte da minha rotina.

Rolei meus olhos para mim mesma.

Não gostava de ser ingrata. Afinal de contas, eu tinha tudo o que uma garota da minha idade poderia querer.

Tinha dinheiro, pais preocupados, um emprego... Porra, eu praticamente tinha uma empresa. Não poderia ser assim, não poderia ficar chateada por causa de míseros detalhes.

Funguei, querendo apenas um algodão doce e uma cobertinha, já que o frio ainda estava duro em São Paulo, acompanhado de uma chuva intensa.

Tampo meu rosto com as mãos, finalmente chorando *pra* caramba, e expulsando tamanha angústia e todas as coisas ruins que estava pensando. Entretanto, não demorou muito para que eu sentisse mãos firmes segurarem meus ombros.

Claro que, bem agora, ele apareceria na nossa sala. A TPM não iria apenas me humilhar, ela iria me enterrar no fundo do poço.

— Ei, querida... — Percebi que ele se ajoelhou ao meu lado.
—

O que aconteceu? Por que está chorando tanto? Alguém te

magoou?

— Meu útero... — respondi, entre soluços.

— O que tem seu útero, Meu Bem?! — Não olhei para ele, mas sua voz preocupada só fazia com que mais lágrimas caíssem.

— Está sangrando.

Sinceramente? Humilhante!

— Como assim, Malu?! — Ele tocou meu rosto, me fazendo olhar em seus olhos, e fui consumida instantaneamente por um aperto no peito. Não era ruim, muito pelo contrário, era muito bom.

— Estou menstruando... Não desceu ainda, mas estou de TPM. Vai descer entre hoje e sexta. — Ele sorriu, um tanto aliviado e compreensivo, o que só me fez chorar mais. — Para de rir de mim!

— Não estou rindo de você, amor. — Estava, sim. Achava que me enganava, mas não enganava, não! — O que eu posso fazer por você?

Pera aí... "Amor"?

Não se ilude, coração. Não precisa nem tentar.

— Compra algodão doce? — pedi, tendo a solução na ponta da língua com tanta rapidez que me fez parecer uma desesperada.

— Rosa. É o meu preferido.

— Você ainda gosta dessa porra? — devolveu, limpando minhas bochechas delicadamente com os polegares.

Sim, eu fui uma garotinha que amava algodão doce. Augusto, inclusive, odiava, porque eu me sujava inteira e sujava as coisas com minhas mãos melecadas de açúcar.

— Gosto, mas não compro sempre para não piorar minha gastrite.

— Com a tonelada de *Tic-tac* que você come, Malu, sua gastrite não vai melhorar nunca.

— Me deixa! — Bati em sua mão. — Estou sensível.

— Tem certeza de que não está mentindo para mim? Não aconteceu mais nada? Já te vi chorando milhares de vezes, mas parece mais magoada do que o normal agora — disse, com um jeitinho tão doce, que me fez abrir a boca.

— Meus pais estão estranhos, e Ágata também. Até mesmo você parece estranho nesta semana. — Limpei meus olhos com calma, respirando fundo. — Fiquei me sentindo um pouquinho excluída.

— E se sentir assim te magoa? — Ele parecia tão interessado.

Ou era apenas minha cabeça apaixonada que queria que eu acreditasse nisso.

— Sim... Não gosto disso. — Solucei, sentindo as lágrimas quentes descerem pelo meu rosto tudo de novo, trazendo a atenção de Augusto para elas.

— Ei... Não chore, querida — disse, me puxando para o seu peito e me abraçando. — Sobre seus pais, eu posso te ajudar.

Agora, sobre o resto...

— Você pode ajudar sobre meus pais, mas não pode me explicar o porquê está estranho? — indaguei, me aconchegando nele ao sentar no chão. Quer dizer, ia sentar no chão, mas Augusto me puxou até seu colo.

— Eu sou assim, Meu Bem... Às vezes, sou apenas estranho.

— Beijou minha têmpora, fazendo com que eu me aconchegasse mais.

Ele não era tão estranho e estava mentindo para mim. Sabia disso, já que também ficava estranha quando queria fugir de algumas situações.

Augusto estava fugindo de mim.

Será que ele notou que eu me apaixonei por ele?

— Quero meu algodão doce... — choraminguei, fazendo manha. Até porque, ei, era um direito meu como uma pessoa que possuía um útero.

— Vou te dar, Malu. Mas, antes, preciso falar sobre seus pais.

E nós.

Poderia jurar que gelei até a alma quando escutei suas palavras.

— Nós?

Então, está rolando um nós? Olha lá, minha eu apaixonada e iludida atacando novamente.

— Seus pais sabem que você não estava com a Ágata no feriado do seu aniversário. — Meu corpo todo resetou. Quis sair do seu colo, em pânico, mas ele não deixou. — Dante acha que está envolvida com alguém mas não sabe quem, e, pelo que sei, está falando com sua mãe para resolver do jeito que acha melhor.

— Puta merda, minha mãe vai me matar! — Voltei a chorar ainda mais. — Ela odeia mentira... Ela vai me matar, Augusto!

— Malu, você tem vinte e três anos. Não é mais uma menina, é uma mulher. Sua mãe não pode te deixar de castigo nem te obrigar a contar tudo sobre sua vida para eles. — Limpou minhas lágrimas, mas isso só fazia com que mais caíssem pelas minhas bochechas. — Não fique assim, vai ficar tudo bem.

— Não vai... Não gosto de decepcionar meus pais.

— Você não os decepcionou, querida. Está vivendo sua vida, do jeito que acha melhor. É responsável, trabalha bem e fez tudo que uma filha poderia fazer para dar orgulho para um pai. —

Augusto segurou meu rosto com firmeza, seus olhos fixos nos meus. — Malu, não se deixe levar por esses sentimentos. Converse com seus pais, mas não caia nessas armadilhas. Como eu disse, você não é mais uma criança.

— Não entende como minha mãe é...

— Entendo. Conheço sua mãe há anos. Ela é superprotetora e um pouco sufocante, mas você precisa crescer. Com o seu

salário de *treinee* aqui na empresa, já poderia até estar morando sozinha, e garanto que só não está porque ela que não deixa. — Encolhi meus ombros porque era verdade — Estou certo, não estou?

— Eu devo respeito a eles, são meus pais... — rebati suas palavras, ignorando sua pergunta.

— Você deve respeito, mas não fidelidade. — Por um momento, fiquei confusa, e ele percebeu. — Olha, você ama seus pais, assim como eu amo muito o meu, mas tem horas que temos que decepcioná-los. Não dá para agradá-los sempre.

— Vindo do filho que só sabia fazer merda, é muito encorajador... — murmurei.

— Não sou um bom filho, é verdade, mas vivo a vida que sempre sonhei. Não sigo os passos de ninguém. Meu caminho é

meu e, ainda assim, tenho o amor do meu pai. E, para ser sincero, eu o respeito *pra* caralho, mesmo não fazendo tudo que ele acha certo.

— Acha que eu tenho que contar a verdade para os meus pais? Digo, não sobre nós dois, mas sobre o Guarujá?

— Não sei o que deve fazer, Malu, só estou dizendo para não se culpar tanto. Sim, você mentiu. Sim, foi um erro. Mas não é o fim do mundo. Você fez uma escolha e agora precisa lidar com ela, sem abaixar a cabeça para a superproteção deles. Basicamente, você precisa ser uma adulta.

Às vezes, ele era tão duro que chegava a me agoniar, mas eu sabia que estava certo. Por um instante, fiquei ali,

refletindo sobre suas palavras.

Depois de alguns minutos, eu ainda me sentia perdida dentro da minha própria cabeça, mas, pelo menos, um pouco mais calma.

Ele havia se levantado, comigo em seu colo, e se sentado na poltrona que ficava no canto a nossa sala. A respiração de Augusto no meu pescoço alivia um pouco da minha angustia, assim como suas mãos, que acariciavam minha cintura.

Aquilo era bem interessante, para dizer o mínimo, já que eu nunca fui de buscar conforto no colo de alguém. Mas o dele era confortável. O dele me aliviava.

— No sábado, vai acontecer o aniversário do Fernando, amigo da Ágata. Que ir comigo? — Augusto se remexeu embaixo de mim, meio desconfortável, mas não disse nada. Provavelmente, estava pirando sobre eu querer que ele conhecesse uma parte dos meus amigos. Ou, pelo menos, o que eu tinha mais próximo do que poderia chamar de amigos. — Eu sei, do nada... Se não quiser, não precisa ir... Vai ser em uma boate que fica ali na República, sabe?

— Sei... Eu vou — respondeu, meio contrariado.

— Se for para ir de cara feia, você não precisa nem ir — disse, irritada. Estava completamente sem paciência para os *pitis* dele.

Contudo, suas mãos ficaram mais firmes na minha cintura, me segurando em seu colo.

— Eu quero ir, só acho que você foge demais dos seus problemas.



— Vou me resolver com meus pais, apenas não quero mais falar sobre esse assunto — murmurei. Já estava ficando louca para dar um beijinho nele.

— Promete que não vai deixar de fazer as coisas que te fazem feliz, só porque os outros não querem que você faça?

— Prometo.

— Promete que não vai mais chorar? Hoje, no caso. Porque chorar, para você, é quase algo natural.

Augusto era um escroto, mas ignorei. Estava tão perdida na boca dele.

Achava que ela poderia compensar a falta do algodão doce.

— Augusto... — murmurei.

— Você não me respondeu.

Suspirei e segurei em sua nuca, puxando-o para mim e ignorando seu pedido.

— Cala a boca, só me beija.

E ele nem mesmo esperou que eu terminasse de falar. Grudou a boca na minha e me tomou.

Foi o beijo mais desesperado que experimentei na vida, achava que também tinha sido o melhor. Tudo porque foi um beijo apaixonado.

Podia jurar que tinha sentido o coração dele bater acelerado contra o meu peito, mas já tinha notado que a cabeça apaixonada era iludida.

Não estava dando para confiar na minha, ultimamente.

Estava assistindo à televisão enquanto passava O Poderoso Chefão. Era a sexta feira perfeita, afinal. Eu, minhas porcarias, e uma tonelada de filmes bons para assistir. Nada poderia acabar com a minha paz.

Porém, sempre existia aquela máxima. Quem tinha família, nunca estaria em paz e, só para contrariar meu pensamento, meu pai bateu na porta.

— Ei, filha! Está acordada? — Passou apenas a cabeça pela fresta da porta para dentro do quarto, ainda segurando na maçaneta.

— Sim. Pode entrar — respondi, carinhosa.

Era agora. Ele iria me perguntar sobre o feriado.

Augusto não disse com todas as letras, mas, para mim, era óbvio que ele não queria que meu pai soubesse sobre nós dois.

Mas, também, saber do quê? Estávamos tendo um caso puramente casual e, para ser sincera, eu achava que Augusto já estava se cansando de mim.

Ele sempre se cansava de todas, uma hora ou outra.

— Podemos conversar? — perguntou, se sentando na ponta da minha cama.

— Claro. — Pausei o filme e liguei a luz do quarto, piscando algumas vezes para me acostumar novamente com a claridade.

— Eu não sei muito bem como começar essa conversa... —

Limpou a garganta. — Nós... Hm... Eu e sua mãe...

Eu tinha evitado qualquer assunto na hora do jantar, porque minhas irmãs estavam na mesa, mas, depois, perdi completamente a coragem. E, para falar a verdade, escutar as reclamações da minha mãe àquele horário não seria uma boa ideia. Estava cansada, com dor e muito sufocada dentro da minha própria cabeça, então tinha deixado para outro dia a resolução dos meus problemas.

— Vocês descobriram que eu não fui viajar com a Ágata no feriado da Independência... — murmurei, envergonhada.

Decepcionar meu pai, realmente, era o meu maior problema.

— Isso... — Vi o rastro de preocupação cruzar seus olhos. —

Por que mentiu, filha?

Porque viajei com seu melhor amigo. Inclusive, me apaixonei por ele. Perdidamente. Estou fodida, pai... Me ajuda?

— Fiquei com vergonha de dizer a verdade. Só pareceu... mais fácil.

Seu rosto suavizou na hora.

— Nunca teve vergonha de mim antes, filha.

Falar sobre filmes, projetos e outras coisas não era nada parecido com sexo na escala de possíveis conversas com os pais.

— Falar sobre homens com você parece um pouco demais, pai...

Eu o amava muito, mas, mesmo se não estivesse ficando com Augusto, jamais falaria sobre aquele tipo de assunto tão abertamente.

Eu era uma pessoa naturalmente envergonhada e, por mais que, às vezes, minha língua não ficasse quieta na boca, ela tinha discernimento. As coisas também não eram uma bagunça. Queria dizer, eram, mas uma bagunça organizada.

— Ah, então tem um homem — concluiu.

Certo, agora seria a hora de ser o mais cínica possível.

— Sim, mas, antes que você e sua cabeça emocionada comecem a pensar, já te adianto que não tem nada demais. É só...

Hm... Sexo... — Afinal, nem contar a verdade sobre minha paixão aguda, eu poderia.

Meu pai era boca aberta com Augusto, vivia desabafando sobre a gente — suas filhas — com ele, e apostava meu rim esquerdo que iria falar sobre minha paixão pelo homem que, para ele, seria sem nome.

— Deixou de ficar com a gente por um rolo casual? — Parecia que ele não tinha caído no meu papo. — Isso não parece muito o seu estilo.

— Não sou romântica, pai... Sabe disso.

— Pode não ser romântica, mas é reservada. Pelo que eu sei, nem tinha beijado ainda e, agora, está tendo rolos casuais —

rebateu, atento a mim e às minhas expressões. Ele sabia que eu estava mentindo, mas eu não iria abrir a boca de jeito nenhum. Não poderia.

— Pai, fiz intercâmbio por dois anos... Não é como se eu tivesse me segurado lá.

— Então, perdeu a virgindade. — Assentiu com a cabeça.

Ai, Deus, eu estava corando... Constrangedor nem era capaz de começar a definir o que toda aquela situação era.

— Sim, já faz um tempo... — Na verdade, fazia quase três semanas, mas... Ei, quem estava contando?

— E você foi ao médico? Está se cuidando, usando camisinha? Existem doenças e...

— Pai! Vinte e três anos, lembra? — brinquei, arqueando as sobrancelhas.

Vinte e três anos mas não estava usando camisinha com o *ficante* porque... Eu nem sabia o porquê. Achava que era porque era burra mesmo.

Burra e iludida.

— Mas, para mim, você sempre será minha garotinha... A que chorava por horas, se não fosse pega no colo, e que amava algodão doce e balas coloridas em formato de

ursinho. — Fez um carinho no meu pé. — Odeio que esteja crescendo tão rápido.

— Ainda sou sua garotinha, papai...

Eu acreditava que uma parte de mim sempre seria.

— Espero que sim... E, sobre esse garoto, tem certeza de que não quer me contar sobre ele?

— Não é nada tão importante, estamos apenas nos divertindo.

Ele é legal, engraçado e muito bonito, mas não passa disso.

—

Ajeitei meus óculos no arco do nariz. — Estou bem, pai. Estou apenas sendo uma mulher adulta. — Respirei fundo antes de ser um pouquinho mais verdadeira. E cruel. — Vocês são bons pais, mas, agora, sou adulta, ok? Já não precisam mais me educar e, sei lá, ficar pegando no meu pé.

— Apenas ficamos preocupados. Mentir não é do seu feitio.

— Às vezes, eu só não quero compartilhar algumas coisas que acho que vocês não precisam saber, mas não é por mal. Você não compartilha tudo com o vovô e a vovó, né?

— Isso é tão estranho... Acho que, depois do intercâmbio, eu e sua mãe só queríamos nossa garotinha de volta, mas, obviamente, você nunca mais vai ser nossa garotinha porque cresceu e se tornou uma mulher, e, por mais que eu queira te colocar debaixo das minhas asas e te proteger do mundo, preciso te libertar. — Ele se deitou ao meu lado, na cama, pegando um dos meus salgadinhos.

O gatinho reclamava que eu comia muita porcaria, mas não contava

para ninguém sobre a gaveta de merdas que ele escondia no próprio escritório.

Inclusive, era por causa dela que ele malhava duas horas por dia, todos os dias, religiosamente.

— Você é um bom pai e fez um bom trabalho. Pode ficar calmo, Senhor Bittencourt. Mesmo com quinze anos, você criou sua filha muito bem. — Apertei meus lábios um no outro. Um bolo estranho se formou na minha garganta, mas logo engoli, sentindo meus olhos esquentarem.

— Você e suas irmãs são as melhores coisas que eu já fiz na vida. Te amo muito, filha. — Beijou o dorso da minha mão, libertando o gosto da culpa da ponta da minha língua.

Sentia-me mal por esconder do meu pai a verdade, mas era o melhor para ele e para mim. Aquela paixão iria passar e, no final das contas, todo mundo ficaria bem.

Eu iria consertar aquilo.

Iria consertar meu coração.



AUGUSTO MANCINI

Se você quiser eu vou te dar um amor

Desses de cinema

Não vai te faltar carinho

Plano ou assunto ao longo do dia

Se você quiser eu largo tudo

Vou pro mundo com você meu bem

Vanessa da Mata - Ai, ai, ai

Sempre gostei de festas. Nunca me incomodei com o calor, muito menos com as pessoas esbarrando em mim. Jamais me importei se minha garota da vez estava nos meus braços ou escondida em algum canto da festa dando para algum dos meus amigos de farrá. Provavelmente, eu estava comendo uma de suas amigas também.

Eu amava aquilo ali. Sempre amei.

Problema era que, naquela noite em específico, eu não estava amando nada. Estava preocupado com Malu, que, como eu suspeitava, estava mesmo com infecção urinária e estava tomando antibiótico, que fez questão de colocar no bolso da minha calça e praticamente ordenar que a lembrasse de tomar a dose às duas da manhã.

Ela não podia beber, os amigos de Ágata mal falavam com ela e a amiga parecia estar com algum problema, já que

levou minha garota para o banheiro longos minutos atrás e não saiu mais de lá.

Sim, eu estava preocupado. Muito. O que era praticamente um milagre, porque, como eu disse, nunca me preocupei com ninguém

antes. Era meio vergonhoso dizer algo do tipo, mas eu sempre ignorei coisas que não era do meu interesse; e o bem estar de ninguém era do meu interesse. Até porque, convenhamos que o meu também não era.

Nenhuma das mulheres com quem eu namorei se importavam com meu resfriado ou com como eu gostava das coisas. Muito pelo contrário, sempre fui muito bom pelo meu sobrenome, por causa do meu sexo ou minha carteira, mas eu, inteiramente, não.

Isso que Dante nunca entendeu, nunca fui gostado até pelos meus defeitos. Ele tinha isso com Melinda. Mesmo se irritando, ela amava o coração frouxo dele e ele amava a boca maldita dela. Eles se amavam, e ponto final.

Ninguém nunca havia me amado. Às vezes, se apaixonaram, sim, tipo a tia da Malu, mas não passou disso. Eu sempre fui um cara esquecível. O babaca que ensinou que homens poderiam ser uns escrotos, mas nunca passou muito disso. Talvez, eu não quisesse que passasse. Joguei bem no papel que me foi me dado e gostava dele, era tão conveniente quanto as mulheres que caíam nos meus braços.

Mas não com a Malu.

Era estranho, porque ela nunca fez nada demais. Ela nem mesmo queria que eu gostasse dela. Não sabia como tinha acontecido, a coisa toda simplesmente desenrolou a ponto

de eu estar sentado no bar da balada, com um copo de whisky nas mãos, observando a pista de dança e ignorando qualquer insinuação que a ruiva peituda ao meu lado fazia — e, sim, eu notei que ela era peituda porque, até o momento, Maria Luiza havia tomado meu coração, minha mente e meu pau, mas não meus olhos —, pensando em como eu faria para trazer minha loirinha de volta à pista, onde eu a teria sob meu olhar.

Não por posse, mas sim por cuidado.

Revirei meus olhos, virando o último gole do meu Whisky.

Ok, também tinha uma pitada de posse.

Passei os últimos dias pensando sobre meus sentimentos e percebi que estava certo. Eu realmente me apaixonei por ela. Não tinha como lutar contra isso, nem mesmo tentar fugir dessa porra.

Era como usar drogas, quando se estava no meio da onda, não tinha mais o que fazer, apenas curtir.

Mas não era amor.

Não era.

Ainda não me sentia pronto para lutar por Maria Luiza e, mesmo tendo uma voz que não se calava na minha cabeça dizendo que desejava que ela estivesse apaixonada por mim também, racionalmente, eu sabia que não deveria querer isso. Paixões acabavam. E rápido.

Não iria fazê-la me amar por algo passageiro. Não iria destruir minha amizade de anos com Dante por uma coisa tão pequena, como paixão.

Seria passageiro.

Isadora, tia da Malu, me superou em poucos meses. Todo mundo era capaz, e eu também seria.

Meu aperto no peito era um grito silencioso tentando me fazer enxergar que estava errado, mas sabia que não estava. Minha cabeça sabia mais do que esse coração intoxicado. Então, me tirando da minha própria enxurrada de merda, eu a encontro vindo pelo corredor, segurando a mão da amiga e revirando os olhos cobertos por aqueles óculos feios que sempre usava, cada vez que alguém esbarrava nela.

Ágata era bem menor do que Malu, o que me fez sorrir um pouco.

Malu, perto de mim, parecia tão pequena, mas ela não era. Em um contexto geral, ela era uma garota alta e que chamava atenção de um jeito ou de outro.

Naquela noite, estava vestindo uma camiseta preta com os dizeres "*Quem lhe oferecer segurança, será o traidor*", de O

Poderoso Chefão, que eu já tinha percebido que era seu filme favorito e calça jeans justa, que combinavam perfeitamente com o *All Star* vermelho surrado, que ela parecia amar.

Geralmente, quando estava com seus terninhos coloridos, não parecia tão mais nova.

Na empresa, ela sempre estava elegante, de saltos, cabelos presos e uma maquiagem mínima. Agora, parecia que não tinha

feito questão nenhuma para estar ali ou para chamar atenção. Eram esses detalhes que me faziam ter certeza de que ela não estava apaixonada.

Malu não fazia o mínimo para me impressionar. Não se arrumava, não perguntava se eu estava saindo mesmo com o pai para ver mais um jogo do São Paulo ou se estava com alguma outra mulher que era mais experiente do que ela, ela nem mesmo pedia por atenção. Só beijos e *Tic-tac* de laranja, que eu sempre soube que eram seus preferidos e que, a partir de algum momento que não sabia como, sempre ficavam no bolso do meu paletó. Ela não se importava com meu passado, nem mesmo com minha rotina.

O máximo que fazia era me chamar para sair e, ainda assim, quando o fazia, via que me tratava como um amigo que ela fodia de vez em quando.

Resumindo: não tinha como a fedelha ter se apaixonado porque ela cagava para mim.

Mas, então, tinham seus olhos, que brilhavam quando me viam, assim como estavam brilhando naquele instante. E também tinham as covinhas quando ela sorria alegremente ao olhar para mim.

O corpo inteiro de Malu reagia quando me encontrava e sempre era assim. Quer dizer, desde o Guarujá, eu percebia isso com mais clareza, e sabia que era diferente comigo porque observei quando cumprimentou os amigos de Ágata e suas covinhas não deram o ar da graça.

Tornei-me patético.

Meu Deus, Maria Luiza, olha o patético imbecil em quem você me transformou...

— Desculpa por ter demorado tanto, Ágata precisava de mim.

A prima de Malu não só sabia da gente, como ajudava a manter tudo no mais absoluto sigilo.

Maria Luiza parecia confiar sua vida à Ágata, assim como eu confiava a minha ao Dante. Por isso, também confiava nela. Ela era o *Dante* de Malu.

Se meu melhor amigo sonhasse que eu acabei de puxar a filha pela cintura e dei um beijo nela no meio de uma boate famosa, não

daria mais a vida por mim. No mínimo, ele me tiraria da dele.

Gostaria muito de dizer que sentia remorso por estar fazendo uma coisa que magoaria meu amigo, mas não conseguia sentir nada parecido quando a língua dela estava deslizando pela minha, o que me causava uma calma absurda. Nem mesmo quando as unhas se fincavam em meus braços ou quando minha mão tocava nos seus cabelos sedosos.

Não conseguia me arrepender de ter aceitado o pedido daquela louca garota, que era o poço da contradição.

Não conseguia me arrepender dela.

Meu coração pulava e eu me sentia vivo, muito mais do que qualquer coisa na vida já tinha me deixado. Quando estávamos nos beijando, eu sentia que poderia perder o ar e morrer, e fazia isso dando uma sonora gargalhada.

Uma gargalhada que eu nunca fui muito dado a oferecer, mas que, então, havia se tornado rotineira.

— Nossa, os beijos estão ficando cada vez melhores... —
murmurou, sem fôlego.

Como eu queria que se apaixonasse por mim, Maria Luiza.

— Estão? — Ela concordou com a cabeça, sorrindo sem vergonha nenhuma de mim. Segurei um dos seus cachos e o enrolei no meu dedo, brincando com ele de um jeito que aprendi que amava. — O que aconteceu com Ágata?

— Enjoo. — Ela olhou para a amiga, um tanto preocupada.

Ágata estava abraçada a um homem negro, alto e com bíceps que facilmente dariam o tamanho da minha cabeça.
— Meus tios vão matá-la...

— Ágata está grávida? — Semicerrei os olhos.

Conhecia bem o irmão de Dante para dizer que não era bem isso que ele desejava para a amada filha naquele momento.

Os Bittencour eram uma família conservadora, e muito rígida quando os assuntos eram esses. Dante teve que escutar muito do pai, mas nada tão péssimo quanto o que os pais de Melinda causaram. E esse tipo de conservadorismo era tudo em prol da carreira. Raul era muito ligado ao sucesso e a dinheiro, tanto que quando Pablo e Caique se assumiram ele não se importou. O

relacionamento deles não interferia na empresa, já a gravidez do Dante sim. Um filho na idade dele era um atraso e ninguém poderia negar isso.

Esses eram os valores que foram passados para ambos os herdeiros Bittencourt. Ágata estava fodida.

Ágata era muito nova, ainda nem havia completado 23 anos, recém-formada e tinha tanto para buscar. Não que ela não fosse conquistar tudo o que quisesse com um neném, mas a vida, sem dúvida nenhuma, ficaria mais difícil.

— Sim... Mas não conta para o meu pai! — suplicou, arregalando os olhos.

— O segredo dela está a salvo comigo. — E era verdade. Iria devolver o favor que ela estava fazendo a mim. — O pai é aquele cara?

— Sim, o Jonas — murmurou em resposta. — Ele já sabe, falou que vai assumir e tudo, mas Ágata está com medo. Ela nem estava confortável em ter um relacionamento, imagina um bebê.

— Eles, pelo menos, se gostam? Não precisam ter um relacionamento por causa do bebê. — Proferi as mesmas palavras que eu disse ao pai dela anos atrás.

— Eles sabem, mas Jonas a ama. E quer criar o filho dele com a mulher que ama. Mesmo que Ágata negue, ele sempre quis sair desse rolo juvenil que vivem, mas ela sempre fugiu. Ele só seguiu o fluxo.

— Mas ela o ama? — perguntei, ao passo que meus dedos roçaram sua pele por dentro da camiseta.

— Ama, mas sente muito medo. Imagina... Ela foi abandonada pelos pais, viveu em um abrigo até ter oito anos, e sabemos que não era bem tratada lá. Ágata tinha medo do amor e demorou anos para que conseguisse confiar nos pais, ou até mesmo em mim. Com Jonas, não seria diferente.

— Mas agora ela terá um neném.

— Sim, agora ela terá. E, por mais que o medo dela permaneça o mesmo, é madura para saber que está na hora de perder o receio de se machucar. Ela tem a oportunidade de dar um

lar para o filho, de construir uma família. Mesmo não sendo na hora certa, ela quer isso.

— E você? Um dia, ainda vai querer isso?

Eu a trouxe para mais perto de mim. Se, um dia, alguém me contasse que, no meio de uma boate, eu estaria falando sobre futuros filhos com alguma mulher, eu daria uma sonora gargalhada.

— Acho que sim, não sei. Definitivamente, não quero fazer isso sozinha, e não agora. Não antes de me sentar em sua cadeira, claro.

Seus olhos reluziram uma ambição que eu admirava muito.

— Na minha cadeira? — Apertei sua bunda com força.

— Na sua — afirmou, lentamente. Suas mãos passaram para minha nuca e as covinhas voltaram a aparecer. — Você sabe que eu mereço aquela cadeira.

— Você não merece ainda. Não aprovei nenhum projeto seu.

— *Ainda*. Mas, na segunda, vai aprovar.

— Tão confiante, Senhorita Bittencourt...

Nem parecia que era a fedelha que chorava quando eu a olhava torto uns meses atrás.

— Você vai. Aquele projeto está perfeito, e eu vou batalhar por ele.

Tinha certeza de que ela iria. *Boa garota.*

Não respondi, entretanto. Não queria dar esse gostinho para ela. Mas havia conferido seu projeto antes mesmo de sair do escritório no dia anterior e já até tinha assinado e encaminhado para os engenheiros responsáveis.

A filha da puta conseguiu ter um projeto aprovado em dois meses de empresa. Eu demorei oito meses. O recorde era meu.

Meu celular apitou, avisando que já estava na hora do remédio dela. Peguei-o no bolso do blazer e, com apenas um olhar, ela entendeu do que se tratava. Tomando da minha água, ela engoliu o comprimido e sorriu.

Aquela garota estava sempre sorrindo, e eu gostava disso.

Gostava de como aquele sorriso me afetava.

— Tira uma foto comigo? — pediu, meio sem graça. — Não pira, é só para guardar de recordação. Você sabe, sobre essa coisa

de ser o primeiro e tudo mais.

Eu a virei de costas para mim, encaixando-a entre minhas pernas, e tirei meu celular do bolso. Era óbvio que eu faria qualquer coisa que ela pedisse, ainda mais se pedisse envergonhada, como havia feito agora.

Ela sorriu quando apontei o celular para nós, e aproveitei para morder descaradamente a maldita covinha que ela esbanjava.

A gargalhada que ela deu fez meu estômago se comprimir.

— Me deixa ver. — Tomou o celular de mim. — Nossa, ficou ótima!

Mostrou-me a imagem, toda animada, e eu amei o que vi. O sorriso dela, os cabelos soltos, o jeito que ela se encaixou no meu abraço perfeitamente. Tudo.

Porra, Malu...

Eu a puxei para mim novamente, beijando-a mais uma vez e esquecendo um pouco de onde estava e da merda que poderia dar, caso alguém postasse uma foto nossa na internet.

— Vamos embora? — murmurou, contra meus lábios.

— Já? Você mal se divertiu com seus amigos.

— Eles não são meus amigos... E, não sei se notou, mas não sou muito chegada a baladas eletrônicas. — Chegou com a boca pertinho do meu ouvido. — Prefiro ficar só com você... Sabe, tendo *aulas*.

— Você é tão safada...

E eu gostava tanto disso.

— Então, vamos? — Bateu aqueles cílios na minha direção de forma angelical, como se não fosse a porra de um pecado em forma de ser humano.

— Vamos. Mas não sei se sabe que você não pode fazer sexo.

Vai doer e será desconfortável, tem que esperar seu antibiótico acabar.

Bem que eu queria meter naquela garota a noite inteira...

— Eu sei. — O sorriso que abriu era perverso. — Você vai me ensinar a te colocar inteiro na boca.

Só de imaginar a cena, meu pau pulsou dentro da cueca.

— Vamos, Maria Luiza. — Peguei na sua mão, saltei do banco onde estava sentado, e nos encaminhei para a saída.

— Nossa, quanta pressa! — Riu, ao meu lado, mas tinha certeza de que ela estava tão sedenta quanto eu.

No caminho, fui pensando se a levava para o meu apartamento ou não, mas rapidamente desfiz a ideia da minha cabeça. Levá-la para lá seria um problema. Ninguém nunca havia marcado minha casa. E já bastava a fedelha do capeta ter me marcado.

Não queria lembranças dela lá. Não depois do pé na bunda que ela iria me dar dali uns dias.

E não, eu não estava sendo negativo, e sim realista. Todas me deram um pé, até as que estavam apaixonadas. Com Malu, não seria diferente.



AUGUSTO MANCINI

Meu amor

Não faz isso comigo por favor

Enquanto eu sou o frio, tu é calor

É que meu ecossistema bagunçou

E seja para onde for, te levo meu amor

Luiza Sonza - Caos/Flor

Eu a trouxe para a minha casa.

Era um otário mesmo. Quem fazia uma grande merda, mesmo sabendo que estava fazendo uma grande merda? Era por isso que eu nunca quis me apaixonar. Exatamente por essa merda que nunca gostei de sentimentos. Quando eles te moviam, as coisas saíam do controle.

E eu amava o controle.

Eu amava o previsível.

E nada com aquela garota era previsível.

Maria Luiza entrou no meu apartamento já observando cada mísero detalhe. Por um momento, achei que ela estava analisando a arquitetura do local e relaxei, mas, quando ela abriu a boca, voltei a ficar tenso.

— Quanto mais eu te conheço, menos sei quem você é.

— Como assim? — pergunto, tirando meu blazer e deixando-o no cabideiro, atrás da porta de entrada.

— Quem te conhece superficialmente, acha que você é um playboy, mulherengo e insuportável. Logo, isso iria

transparecer no seu apartamento, mas não é assim que acontece. — Ela para em

frente ao meu sofá e faz uma breve careta. — Ok, sofá de couro.

Um pouco playboy, definitivamente.

— O que você sabe sobre mim?

Se era que sabia de alguma coisa.

— Sei que é metódico, sempre chega na empresa pontualmente, fuma quatro cigarros por dia, nunca mais do que isso.

Até mesmo quando minha mãe te irrita em alguma reunião, você não desconta na nicotina. Nunca vai embora do escritório antes das oito da noite e sempre da *oi* para o pessoal da limpeza. Na verdade, eles são os únicos com quem você é educado e polido. — Como ela havia notado aquilo? Observei-a meio fissurado na sua imagem quando se sentou no meu sofá. — Você ama maçã, ou pelo menos é o que parece, já que come duas toda vez antes do seu terceiro cigarro do dia. Falando nisso, aprendi a fazer uma torta de maçã ótima nos Estados Unidos, quer que eu faça para você?

— Que... quero — gaguejei.

Eu gaguejei.

Eu gaguejei?

Jurava que ela não prestava atenção em mim. Eu estava tão, mas tão errado.

— Você está corando, Augusto? — Esboçou um sorriso brincalhão nos lábios.

— Não sabia que prestava tanta atenção em mim.

Foi a vez dela de corar.

— Não sou eu quem guarda *Tic-tac* no bolso e compra Cheetos toda sexta-feira para a ficante.

Ficante.

Palavra feia. Nem mesmo combinava com o que eu queria que ela fosse.

— O que mais sabe sobre mim, Malu? — Coloquei as mãos nos bolsos da calça social, adorando a sensação que seus lindos olhos verdes provocavam em mim.

— Que ama futebol, mas se empolga mais quando fala com meu pai sobre o assunto. E tenho, para mim, que ele é sua pessoa favorita no mundo.

Ele era mesmo.

Até *ela* chegar, seu pai era minha pessoa favorita no mundo.

— Você tem alguma cor favorita?

Eu não tinha, mas, agora, amava o tom rosado das bochechas dela. E amava os verdes dos seus olhos. Também amava as suas roupas azuis.

Caralho, acho que eu amo essa garota.

O mundo parecia que tinha colidido, mas eu não me sentia eufórico nem mesmo ansioso. Para ser sincero, me sentia

em paz.

Sereno.

Foi como respirar depois de passar minutos me afogando em um mar revolto.

Eu estava bem.

Eu estava vivo.

— Tenho algumas. — Foi minha resposta. — E você tem?

— Gosto muito de azul. — Então, era por isso que todos os projetos dela tinham um toque de azul? — Não tenho muitas coisas preferidas, acho que sou meio de fases.

— Eu não sou.

Fui andando devagar até ela, observando com cautela seu corpo, seus olhos, tentando ver o invisível, aquilo que poderia estar nas entrelinhas.

O que você sente por mim, Malu?

— Imaginei que não. As únicas coisas das quais enjoa rápido são as namoradas. — Franziu o nariz de uma maneira bonitinha, que me fez sorrir.

— Elas não eram favoritas para mim.

— Elas não eram boas o suficiente para se tornarem pessoas favoritas para você? — Cruzou os braços, desviando seu olhar do meu, fingindo voltar a observar a decoração.

Ah, então aquele assunto a incomodava. Respirando fundo, abri a boca, decidido a contar para a fedelha um dos meus

maiores segredos.

— Eu que não era bom para elas. Nunca terminei nenhum dos meus relacionamentos. — Nem mesmo com a tia de Malu.

— Está brincando, né? Todo mundo sempre falou que ninguém passa de quatro meses de relacionamento com você.

Sua resposta me fez rir sem humor nenhum.

— Ninguém me suporta por mais de quatro meses. Não que elas estivessem erradas, eu realmente não sou lá essas coisas como namorado.

E aquilo não era mentira.

Eu trabalhava até às oito e, por mais que jamais tivesse traído ninguém pelas costas, não deixava de ir aos jogos de futebol ou barzinhos só porque a flor do campo não podia ir comigo. Ou, pior, não queria ir.

Não era o que chamavam de pau mandando, como Dante.

Não colocava ninguém acima de mim mesmo. E achava que nunca iria colocar.

Nem mesmo Malu.

— Por que diz isso? — questiona, com um vinco confuso na testa, que sempre aparecia quando era contrariada.

— Porque não sou. — Abri os punhos da camisa social, sentindo o tecido me sufocar. — Não sou o cara que leva flores, nem que vai ao show do artista favorito. Não lembro de datas comemorativas e não sei sobre coisas específicas,

como o tipo de sapato que a mulher gosta. — Quer dizer, de Malu era fácil. *All Star* vermelho detonado. Mas, também, era apenas um. Não eram dez.

— E, geralmente, não me apaixono.

— Achei que *nunca* se apaixonava.

É, eu também achava. Até te conhecer.

— Resumindo... Eu não sou um príncipe encantado, e as mulheres cansam das minhas merdas. Não as culpo de forma nenhuma, porém. Sou muito chato, metódico, como você mesma disse. E, além de tudo, trabalho demais.

— Então ninguém se apaixonou verdadeiramente por você, né? — Seu pai discordaria disso, mas não falei nada. Deixei que ela seguisse seu raciocínio. — Sempre achei que, quando gostamos de alguém, gostamos até mesmo dos defeitos.

— Os defeitos ficam suportáveis depois de um tempo, e como os meus são insuportáveis...

Ainda lembrava de quando minha mãe disse que não poderia ficar comigo porque eu era terrível. Eu era mesmo uma criança

péssima, e entendi isso bem cedo.

— Sério que realmente acha isso de si mesmo? — indagou, com a voz suave. Era de pena, ou compreensão.

— Na minha cabeça, as relações são simples. Ou você gosta da pessoa ou não, e ninguém é obrigado a gostar de ninguém. Não choro no banho por isso, mas também não

ofereço meu coração na bandeja para qualquer uma. Não sou idiota.

— Não te acho tão difícil assim de lidar.

Aquilo, sim, era uma informação interessante.

— Você mesma diz que sou egoísta, chato, mimado, entre várias coisas mais. E, para ser sincero, eu sou mesmo, e é por isso que não choro porque ninguém cometeu a insanidade de me amar.

Não causo mal para as pessoas, sou sincero, não iludo ninguém, não finjo ser alguém que não sou. Se, um dia, acontecer o milagre de uma mulher gostar até dos meus defeitos. — Se, um dia, alguém gostar até mesmo do que minha mãe não gostou. — Aí, então, eu vou ter achado minha exceção.

— Exceção? — Ela parecia confusa, com o cenho franzido.

— Eu assisti a um filme uma vez, idiota, diga-se de passagem, chamado *Ele Não Está Tão A fim de Você*. — A pequena cretina segurou o riso, mas ignorei, me sentando na poltrona escura à sua frente. — O filme é um clichê terrível, mas demonstra o que quero dizer. Eu sempre sou a regra, e tudo bem. Sou um bom cara para passar algumas semanas junto, transar loucamente ou, sei lá, se divertir. Não consigo ser um príncipe. Não consigo fingir.

— Você é um babaca gostoso. É isso o que acha de si mesmo?

Ela parecia não concordar com aquelas palavras, no entanto.

— Eu sei que sou mais do que isso, mas sei também que não atendo às expectativas em relação a ser um cara legal. Eu não sou legal.

— Qual eram as flores preferidas da Eva? — ela perguntou, cerrando os olhos para mim. — Porque tinha rosas na minha mesa no meu primeiro dia de trabalho.

— Malu, não me transforme em um cara que eu não sou.

— Acho que esse é o problema. Você não é só o playboy desapegado. Muito pelo contrário, tem sentimentos, só cuida deles sabiamente. Em relação a tia Isa — fez uma careta —, você era novo, e eu entendo que a machucou quando tudo acabou com ela.

Mas, sejamos sinceros, ela não queria você, ela queria uma ideia.

Você não trai, não ilude, não desrespeita. Sim, é grosseiro e muito boca suja, mas também é um cara que me lembra de tomar remédio e compra minhas coisas favoritas, até já cozinhou meu prato predileto para mim. Você se importa. Pode não ser com palavras doces e juras de amor eterno, mas você se importa, e isso, por si só, te tira do lugar de babaca.

— Isso ainda é pouco.

Sempre foi e sempre seria pouco. Por isso, havia desistido daquelas merdas. Não era bom para ninguém e não tinha a intenção de mudar porque não considerava meus problemas como defeitos.

Gostava de mim, do profissional que eu era, do filho que eu era, do amigo que eu era.

Não era perfeito, mas era bom. Sabia que sim.

— Eu gosto — ela murmura tão baixinho, que eu mal escuto.

— Eu gosto de você, Augusto.

Meu sorriso foi irônico.

— Malu, até ontem, você vivia chorando por minha causa.

— Como chefe, você é terrível, e eu continuo achando que serei mil vezes melhor do que você. — Não discordava dela, mas também não disse nada. — Gosto de como me trata, de como cuida de mim. Não é apaixonado por mim, mas não me sinto julgada, e isso já é gostoso *pra caramba*. — Minha barriga gelou no mesmo segundo. — Mesmo você não tendo se apaixonado por mim, sempre senti que você era a minha exceção.

— Ninguém nunca percebeu que eu sou louco por maçãs antes. Nem mesmo seu pai.

A boca dela fez um formato de pequeno “o” bonitinho. Eu era inseguro, mas não era burro. Malu tinha sido pega no pulo.

— Não pira, por favor... Eu não consegui me controlar! E, para sua informação, tudo isso é culpa sua! — acusou-me, fazendo um esforço enorme para não chorar ao embaralhar as palavras.

— Ah, minha culpa?! — murmurei, sorrindo.

— Fica dizendo para que eu não me apaixone, mas é bem apaixonante!

Porra, ela era realmente uma gracinha.

— Não queria te magoar. — Endireitei-me no meu assento. Até porque, achei que você queria um príncipe, e eu não conseguiria ser tão perfeitinho assim. — Me acha apaixonante?

— Gosto de como olha bravo para as pessoas, e depois sorri para mim, me tranquilizando. E gosto de como é organizado, porque eu também sou. — Ela tinha a ilusão que era, mas eu iria deixá-la acreditar nisso. Mal sabia ela que ser metódica e organizada eram coisas completamente diferentes. — Admiro como você trabalha duro, mesmo não precisando. Seu coração é bonito porque você sempre tem boas intenções, e, mesmo que eu não concorde em nada com seus métodos, acho que, no fundo, você sempre quer o bem das pessoas. Mesmo que não pareça, na maioria das vezes você é um homem generoso.

— Conheço pessoas que diriam que o inferno também está lotado de boas intenções.

— Todo mundo sabe que você é um cretino, e você é mesmo, mas deixa isso claro. Nada do que você faz é para o mal, é sempre para o bem. Eu realmente sou mimada e infantil. Porém, mesmo que ache suas grosserias desnecessárias, entendo que queria me ajudar uns meses atrás. Você gritava comigo quando eu quebrava suas coisas, mas ninguém quer ter coisas importantes destruídas.

Você sempre disse que não se apaixonava por ninguém, porque não gosta de brincar com o coração alheio. Não é para ser maldoso, é justamente o contrário.

Meu coração pulava tão rápido que eu sentia que era capaz até de desmaiar.

— Então, você se apaixonou por mim, mesmo isso sendo completamente fora de lógica. Mesmo eu sendo um cretino.

Ah, Maria Luiza, eu vou cuidar tão bem de você...

— É... — Pigarreou. — Desculpa? — disse, em tom de pergunta, completamente tímida e com vergonha de ter se exposto tanto.

— Não — respondi, recostando-me na poltrona e abrindo minhas pernas, totalmente em paz.

Eu a achei.

Maria Luiza era minha exceção.

Ela não ficava tensa nem ansiosa em me agradar porque se sentia confortável comigo. Eu a deixava confortável.

— Vem aqui, Meu Bem.

Ela não sabia ainda, mas entraríamos em uma guerra, e não seria nada bonito.

— Augusto... — Não se moveu, desviando o olhar.

— Não vou comer você. Vem aqui — chamei-a, com o tom de voz completamente calmo. Nem parecia que, por dentro, estava eufórico.

E ela foi. Meio insegura, talvez pensando que eu iria terminar com ela, mas foi. Sempre contrariando a si mesma, também era tão corajosa que chegava até a me assustar.

Eu a puxei para montar em meu colo, com suas pernas abertas, colando nossos peitos e segurando com firmeza em seus quadris.

— É um jeito meio estranho de me dar um pé na bunda... — murmurou.

— Não vou te dar um pé na bunda.

Nunca iria te dar um pé na bunda, mas você não precisava saber disso, por enquanto.

— Ah — soltou, desconcertada.

— Passei dias infernais pensando que você não tinha se apaixonado por mim.

Na verdade, havia passado dias pensando em como eu faria com que esse milagre acontecesse.

— Por quê?

Certo, nem me atreveria a dizer que a fedelha era sonsa, porque eu também não tinha notado que ela havia se apaixonado.

— Porque eu queria que você fosse minha exceção — falei, com a voz rouca, mais constrangido dessa vez.

— Augusto Mancini! — Ela parecia desacreditada, com os olhos brilhantes, e seus dedos foram para minhas bochechas. —

Não acredito que se apaixonou por mim!

— Em minha defesa, você é bem apaixonante. — Usei as palavras dela, sorrindo em resposta às suas covinhas, que apareceram instantaneamente.

— E eu achando que você ia me fazer chorar... — murmurou, contra minha boca, não me deixando espaço para responder sua afirmação.

Queria lembrá-la que ela não estava vivendo um romance clichê. Por mais que parecesse, aquilo ali não era uma

daquelas comédias açucaradas e de final feliz certo.

Eu ainda era um Mancini.

Ela ainda era uma Bittencourt.

Eu ainda era melhor amigo do pai dela.

Ela ainda era quinze anos mais nova do que eu.

Eu ainda era seu chefe.

Ela ainda era minha funcionária.

Nossa paixão ainda era perversa e proibida. E, agora, para completar, também era perigosa.

Nosso jogo não envolvia mais corpos e reputações, e sim corações. E, quando se envolvia corações, os danos poderiam ser imensamente maiores.



MARIA LUIZA BITTENCOURT

Pra você guardei o amor que nunca soube dar

O amor que tive e vi sem me deixar

Sentir sem conseguir provar

Sem entregar

E repartir

Nando Reis, Ana Cañas - Pra Você Guardei O Amor

Foi a primeira vez que dormi ao lado do Augusto, e não transamos. Ele me emprestou uma de suas camisetas, me deixou deitar em seu peito e até me acordou às sete da manhã para tomar um dos meus remédios.

Por causa da infecção urinária, além de tomar alguns medicamentos, eu fui aconselhada a não manter relações sexuais por um período, mas precisava confessar que já estava sentindo falta de tê-lo junto a mim. Dentro de mim.

Passei minha mão em seu peitoral liso, descendo calmamente os dedos até chegar ao tanquinho, que não chegava a ser rasgado, mas estava ali, definido. Contornei os seis gomos e observei atenta sua barriga se contrair. Ele era tão lindo que chegava a doer uma parte específica do meu corpo.

Ainda não sabia se era eu e meu coração sonhador, mas sempre tinha vontade de tocá-lo, de ficar perto dele. Era como se ele tivesse um sensor que me despertasse, e eu amava isso.

Amava me sentir viva.

Ao contrário do que eu imaginava, não tinha fogos, muito menos declarações melodramáticas. Às vezes, as coisas

aconteciam tão naturalmente que tudo o que existia eram sorrisos bobos, carinho e um pouco de constrangimento.

— Não comece algo que não tem como finalizar, Meu Bem.

—

Sua voz rouca e sonolenta adentrou meus ouvidos, arrepiando cada centímetro da minha pele.

— E quem disse que eu não tenho como finalizar?

Observei seu rosto, reparando em cada detalhe. As pequenas rugas perto dos olhos. A barba rala e bem aparada, que sempre arranhava um pouco meu rosto ou minhas pernas. A boca fina, que exibia um sorriso preguiçoso tão perfeito que me arrancava tantas sensações...

Acreditava que havia sido aquele sorriso que tinha arrancado meu juízo.

Ou, talvez, fossem os olhos azuis. Tão profundamente escuros e azuis, que pareciam com o anoitecer.

Diziam que era sempre à noite que coisas ruins aconteciam, então, talvez, tivesse sido por eles que eu havia cometido meu maior ato de loucura.

Meu único ato de loucura.

— Você está olhando como... — O sorriso dele morreu, seus olhos passavam pelo meu rosto, analisando o que via ali, e ele respirou fundo. — Por que eu sinto que botaria fogo no mundo por você?

— Porque você botaria — murmurei, já chegando perto dos seus lábios. — Porque você vai.

— Eu vou.

E, sem dizer mais nada, ele tomou meus lábios.

Não beijou, ele tomou. Eram dele mesmo, não tinha o porquê não entregar. Nada cruzava minha cabeça, eu só sentia. Mãos.

Língua. Apertões. Chupadas. E gemidos, que foram lindamente engolidos pelos lábios dele.

Eu era dele.

Fácil assim.

De um jeito muito simples, naquele beijo, tentei mostrar que eu o amava e que aquilo ali não era uma simples paixão passageira,

era mais. Bem mais. Era algo que queimava e acalmava. Era casa.

Era para sempre.

Meu coração não pulava, estava calmo, assim como o de Augusto. Não havia motivo para ansiedade, muito menos medo, mesmo havendo todos os motivos do mundo para nos causar pânico.

Quando ele me tomava e saqueava minha boca com a sua, eu estava completamente em paz.

Aquilo ali era certo. Cada parte do meu corpo se moldava ao dele com perfeição, minha estranheza combinava com a dele. Ele via mais do que eu mostrava e eu sabia reconhecê-lo em sua imensidão de defeitos.

Não éramos para ser. Nós não tínhamos a marca registrada do destino.

Éramos um erro fora de tempo, de jeito e da moralidade.

Éramos violentamente o primeiro grande erro um do outro.

Mas éramos.

Mesmo

ninguém

querendo

ou

ninguém

mesmo

compreendendo, nós éramos.

Nós nos apaixonamos perdidamente. Pulamos do penhasco não nos importando se, na queda, iríamos nos estilhaçar em um milhão de pedaços. Tiramos as máscaras que mantínhamos para sobreviver no mundo, mesmo não gostando tanto assim do que havia por baixo. Nós nos envenenamos na paixão mais perversa e imoral que poderia existir, nos perdemos um no outro, e eu não queria mais me encontrar.

E, pelo gemido que arranquei de sua boca, ele também não.

— Posso te chupar? — perguntei, ofegante.

Augusto nem me respondeu, apenas segurou firmemente em meus cachos com as mãos, tirando-os do meu rosto, e apontando para baixo com o queixo, me mandando descer.

Fui descendo, experimentando sua pele com a minha língua e sentindo seu gosto na pontinha dela. Não queria perder nenhuma reação sua enquanto via seus olhos azuis me observando com uma tranquilidade invejável.

Com as mãos tremulas, descii sua calça de moletom junto com a cueca, deixando seu pau saltar para fora, batendo em seu umbigo.

Sentei-me nos meus joelhos e, calmamente, tirei a blusa dele do meu corpo, deixando meus cabelos longos e cheios tamparem meus seios, ficando só com minha calcinha rosa-pink e fio dental.

— Você é perfeita...

Eu não era, mas não sentia a menor vontade de ser com ele.

Sabia que bastava ser eu mesma.

Sorri, caindo de quatro, e não me contive ao traçar seu pau inteiro com a língua calmamente, torturando-o até chegar no seu saco e dar uma chupada em cada uma de suas bolas. Eu andava aprendendo uma coisa ou outra falando com Ágata e fazendo pesquisas, precisava confessar.

E, naquela manhã, eu o tomaria inteiro. Até à garganta.

Segurei em seu membro com uma das mãos e o engoli com cuidado, deixando minha baba escorrer por toda a extensão. Foi lindo observar como ele amava isso. Senti seus dedos na raiz do meu cabelo, me puxando até que ardesse um pouco, fazendo minha boceta pulsar.

O movimento, no começo, era devagar e calmo. Ele estava me deixando acostumar com seu tamanho. Enquanto

chupava, minhas mãos me ajudavam onde eu não conseguia alcançar.

Quanto mais ele gemia e seus olhos se tornavam pesados, mais eu me sentia confiante para continuar. Tudo era uma questão de relaxar e deixar que ele assumisse o controle. E, ali, na sua cama, eu gostava disso. De me sentir controlada inteiramente por ele.

Sem dizer uma única palavra, eu tirei minhas mãos do seu pau e as apoiei em suas coxas, deixando minha garganta relaxada para que me ensinasse a dar prazer a ele sem que tivesse que se prender.

Augusto entendeu rapidamente o que eu queria e firmou sua mão no meu cabelo. Segurando mais firmemente, foi me descendo por seu pau até que meu ar ficasse travado nos pulmões. Eu o sentia pulsar na minha garganta.

Era agonizante.

Era torturante.

Eu amei.

— Tenta tampar a respiração, melhora a ânsia. — ordenou, trancando o maxilar.

Fiz o que falou e senti meu pulmão arder, mas ainda era demais. Lágrimas queimaram meus olhos e eu as senti descendo pelas minhas bochechas. Mas fiquei presa ali, até Augusto me puxar de volta. Não o tirei da boca inteiramente, voltei minha língua para a cabeça, rodeando-a, para, enfim, ser empurrada para a base novamente, engolindo-o inteiro.

Uma leve ânsia atingiu minha garganta e meu estômago, mas respirei fundo, sentindo mais lágrimas se formarem, e quando ele saía inteiro da minha boca, estava completamente ofegante, mas louca por mais. Uma das mãos dele foi até meu queixo, limpando a baba que escorria ali, e levou até sua boca.

Eu chorei, mas não reclamei.

Senti a garganta arder, mas suportei. Eu adorei.

A cada momento, eu sentia mais facilidade em aguentar o que ele tinha para me dar. A cada momento, eu gostava mais e mais daquilo.

— Toque na sua boceta. Vamos gozar juntos. — Ele não parou de meter em minha boca, e eu fiz o que mandou.

Com o seu pau entre meus lábios, desci meus dedos pelo meu corpo, afastei minha calcinha para o lado e toquei no meu clitóris do jeito que sempre fiz, sentindo a onda de calor se apossar no meu ventre e queimar meu corpo e minha mente, me deixando atordoada em meio à névoa do prazer.

Minha garganta estava sendo poupada, mas ele seguia comandando toda a situação. Eu o sentia por toda minha língua, era quente e tinha um gosto diferente, mas não era ruim. Também não poderia dizer que era maravilhoso, mas meu prazer estava em ver seu rosto.

Os olhos pesados, os gemidos roucos e baixinhos, a boca entreaberta, a respiração ofegante... Eram essas coisas que tinham minha atenção total.

Meus dedos estavam molhados por minha excitação, e meu clitóris estava inchado e pulsante. Não conseguia me

concentrar nele direito, contudo, porque tudo começou a ficar demais.

Meus gemidos escapavam angustiados e abafados dos meus lábios, me fazendo engasgar, mas não o suficiente para nos fazer parar.

Tudo ficou mais rápido, mais intenso, mais dolorido.

Percebi quando suas coxas tensionaram, ao mesmo tempo em que minha barriga se comprimiu.

— Vou gozar, Malu... — Ele fez força para me tirar de cima do seu pau, mas não deixei. Fiquei ali, chupando enquanto conduzia a mim mesma para o orgasmo. — Porra, então engole tudo, amor...!

E eu o fiz.

Senti o primeiro jato quente de porra alagar minha boca. No mesmo instante, meu corpo iniciou uma crise de um orgasmo calmo e dolorido. Engoli tudo o que consegui, mas senti o gozo escorrendo pelo meu pescoço até chegar nos meus seios, me lambuzando.

O gosto era tão estranho quanto eu imaginava, mas não chegou a me dar vontade de cuspir para fora.

— Vem aqui. — Ele me puxou para cima dele e, colando nossos corpos, beijou minha boca, provando do seu próprio gosto e deixando seu corpo melar juntamente com o meu.

Era mais um primeiro com ele.

Queria dar a ele todos os meus primeiros. Todos seriam dele.

Apenas dele.

Quando o beijo terminou, me senti ser puxada e levada até o banheiro em seu colo. Foi ele quem tirou minha calcinha e foi ele quem ligou a água quente para que a banheira se enchesse. Não conseguíamos falar porque nossas bocas estavam ocupadas se beijando.

Era cataclísmico. E tão gostoso que mais parecia uma droga.

Augusto era mesmo uma droga, tão potente quanto as mais perigosas que existiam no mundo. A única diferença era que não sentia em nenhuma parte do meu corpo que ele me faria mal.

Augusto era uma das melhores coisas que eu conquistei na vida.

Podia até estar sendo iludida, mas iria confiar nos meus instintos. Iria cometer a enorme loucura de confiar no meu coração.

Entramos na banheira, ele primeiro, e eu seguida, me deixando entre suas pernas, praticamente me abraçando por trás com seu tamanho. Senti suas mãos pegarem sabiamente meus cabelos e prendê-los para cima em um coque mal feito, mas servia o propósito.

— Foi gostoso? — perguntei, audaciosa.

— Foi. — O sabonete líquido gelado em meus ombros me fez arquear um pouco as costas. — Qualquer coisa que eu faça com você é gostoso.

— Mas eu quero ser boa.

Queria vê-lo pirar comigo, assim como eu pirava com ele.

— Você já é boa.

Senti a bucha esfregar as minhas costas. Dobrei meus joelhos, descansando meu rosto de lado ali.

— Você me entendeu. — Revirei os olhos.

— Você também me entendeu, Maria Luiza. — Ele falou, contra minha pele, logo deixando um beijinho no meu ombro.

— Sou inexperiente... — murmurei, um pouco constrangida.
—

Queria te deixar louco, mas você já viu tanto. Você foi meu primeiro, mas eu sou sei lá quantas sua. E, sem julgamentos, acho que está certo, mas, você entende? Sabe onde me tocar, o que fazer, ou não.

E eu não sei nada.

Aquilo realmente me chateava um pouco.

— Sua inexperiência é um detalhe que me agrada. Gosto quando pede para que eu te ensine, gosto de como seu corpo reage tão rapidamente ao meu. E, para ser sincero, você foi minha primeira em muitas coisas. — Sua voz continuava baixa, mas ele abandonou a bucha e limpou o sabonete das minhas costas com a água. — Nunca tinha tirado a virgindade de ninguém, nunca tinha dormido com ninguém sem dar uma na noite anterior. Nunca trouxe ninguém para dormir na minha casa. Na minha cama.

— Sério? — disse surpresa.

— Sério. — Beijou meu ombro com delicadeza. — Eu nunca tinha colocado minha amizade com Dante em risco por ninguém,

nunca tinha deixado meu coração ser tomado por ninguém... Sou inexperiente em tantas coisas. Sexo não é tudo.

— Mas é uma grande parte. — Sorri, olhando para ele por cima do meu ombro, mas logo sendo puxada para deitar em seu peito.

Percebo no seu sorriso que está nervoso. Um pouquinho sem graça. Ainda é assim quando eu falo sobre meus sentimentos.

Como se ele não soubesse o que falar.

— Sim, mas isso pode ser mais um problema para você do que para mim. Eu já vivi, já fiz tudo o que queria, já experimentei tudo o que tinha para experimentar.

Hum, aquilo era algo interessante.

— Já beijou homens?

Ele brincou com um fio solto do meu cabelo e sorriu.

— Uma vez, em uma aposta. Mas não é minha praia — respondeu, com sinceridade.

— Já transou com quantas mulheres ao mesmo tempo? — perguntei, sem ciúmes, só por curiosidade.

— O máximo foram seis em uma noite. — Meus olhos quase saíram para fora do corpo. — Eu tinha dezoito anos e fui em

uma casa de swing. Fiquei assado por duas semanas, nunca mais fiz uma coisa dessas.

— Eu jamais faria uma coisa dessas.

— Esse é o ponto, Malu. Comigo, você vai perder várias experiências. Eu não consigo te dividir com ninguém. O que estou querendo dizer é que entendo caso precise de um tempo para viver suas experiências, mas eu não vou conseguir participar disso. Não consigo mais te dividir com outros homens. Ou você está comigo, ou está solteira. Os dois não dá. — Ele parecia estar falando bem sério.

Bobinho, mal sabia ele sobre meus desejos... — Fui seu primeiro e, mesmo que, talvez, não seja o único, serei o seu último.

— É uma promessa, Augusto?

Contive um sorriso, beijando no lugar onde seu coração batia.

— Um dia, vou ser seu marido, Maria Luiza.

E, só pelo tom de sua voz, eu sabia que ele não estava brincando.

Meu peito, dessa vez, sentiu o baque, e eu engoli em seco.

Se, antes, ele não era meu destino, sentia que, para onde eu caminhasse agora, ele estaria me esperando na linha de chegada.

Era ele.

Augusto era minha exceção.

— Nunca quis mais ninguém — confessei, e ele cerrou os olhos para mim. — É sério, nunca quis. Sim, eu queria perder a virgindade, mas senti confiança só com você. — Meu estômago se retorceu em vergonha. — Me apaixonei por você e, mesmo que você fizesse questão, eu não conseguiria ficar com mais ninguém.

— Eu não deveria gostar tanto disso. — Beijou os dedos da minha mão. — Mas gosto.

— Gosto que tenha se apaixonado apenas por mim... — Sentia a possessividade se implantar em cada músculo do meu corpo.

Ele era meu.

Só meu.

— Quero você só para mim — sussurrei. — Nunca gostei de dividir o que é meu.

— Você não vai. — Seus dedos desenhavam em meu rosto, como se quisesse me memorizar com seu toque. Ele suspirou. —

Seus pais vão nos matar.

É, aquela parte não seria legal.

— Eles vão. — Soltei o ar pela boca de forma tensa. — E as pessoas da empresa vão falar bastante.

— Elas vão — concordou. — Está pronta para isso, Malu?

Ele nunca mentiu para mim, e não seria justo que eu fizesse isso com ele.

— Não, ainda não. Ainda quero te conhecer mais e, sei lá, continuar nessa nossa bolha.

Queria fingir que aqueles problemas nem existiam.

— Vou enfrentar o que for por isso aqui, não tenho medo de ninguém. Nem de perder ninguém. Não, se eu ganhar você.

Cadê meu ogro? Raptaram e colocaram qualquer outra coisa no lugar?

— Meu Deus, você está latindo?! — brinquei.

— Latindo, Maria Luiza? — Às vezes, eu me esquecia de que ele era velho. — Não zoa minha idade, senão, já, já eu começo a zoar você por todas as referências da minha época que você não pega.

— Ei, não começa! Homem *cafelinho* não responde assim.

— Famoso pau mandado. — É, devia ser a mesma coisa. —

Escravoceta. Ou o que eu chamava de otário, quando tinha uns quinze anos.

— É, deve ser tipo tudo isso aí — falei, rindo.

— Então, ficaremos escondidos.

— Só mais um pouquinho.

Só até eu me acostumar com a ideia de decepcionar meus pais.

— Faremos do seu jeito. No seu tempo — murmurou, contra meus lábios.

— Augusto... — chamei-o baixinho.

— Diga, Malu. — Suas mãos enormes cobriram as laterais da minha bunda.

— Dá a patinha?

Soltei uma gargalhada alta quando ele segurou meus punhos com uma das mãos e me deu um ataque de cosquinhas com a outra, fazendo com que a maior parte da água da banheira pulasse para fora, alagando todo o banheiro.

Naquele dia, rimos.

Rimos até a barriga doer.

Ele assistiu todos os filmes da série de O Poderoso Chefão comigo e comeu minha torta de maçã.

Eu escutei todas as músicas dos cantores de rock da idade da pedra que ele gostava e aprendi que, por trás daquele homem grosseiro, tinha, na verdade, a pessoa mais divertida que eu havia conhecido.

E aquela foi a primeira vez que eu permiti que meu coração batesse desenfreadamente por ele.



AUGUSTO MANCINI

Mas gosta de boteco e de cerveja de garrafa

E nunca ligou para toda fumaça que eu faço

E toda vez que eu relaxo

Eu imagino um mundo belo assim, com você do lado

Atitude 67 - Cerveja de Garrafa

Setembro passou voando, e eu só queria saber dela.

Da boca dela.

Da boceta dela.

Da risada dela.

Já fazia mais de um mês que estávamos vivendo um relacionamento escondido e não parecíamos, sequer, nos importar.

Era como ter o melhor dos dois mundos. Meu melhor amigo ainda saía comigo duas vezes por semana, meu pai ainda se orgulhava de mim, ninguém na empresa enchia a porra do meu saco.

E eu, ainda por cima, a tinha.

Precisava confessar que nunca tinha vivido dias tão bons quanto aqueles últimos. Maria Luiza me trazia uma calma que, há muito tempo, eu não tinha. Não tinha mudado minha rotina, ainda dormia tarde depois de um chopp com os amigos, acordava cedo para malhar, trabalhava como um louco. Mas não tinha drama, não tinha briga, não tinha desconfiança.

Na maioria das vezes, eu saía com ela, mas notava que Malu confiava em mim, e isso era bem diferente de tudo o que eu já tinha vivido.

Criamos o nosso jeito de fazer as coisas, e que combinava com a gente. Tínhamos nossas próprias piadas, amávamos desenhar e cozinhar juntos, e parecíamos estar virando além de amantes, mas também amigos.

Acreditava que essa era a grande diferença. Eu, além de foder com ela, também me importava com as coisas dela, e ela com as minhas. Ela sabia sobre minha relação com meu pai, e eu sabia tudo sobre os pais dela, de uma maneira muito mais íntima.

Éramos íntimos, e ponto final.

— Ficou sabendo que Ágata está grávida? — Dante estava na churrasqueira de sua casa, preparando seu famoso churrasco de domingo.

Era uma tradição, desde que ele comprou aquela casa, fazer, pelo menos, um churrasco por mês para reunir a família e os amigos. Dante amava essas coisas. Casa cheia, barulho, crianças por todos os lados... Não foi à toa que teve três filhas.

Três. Ele era insano.

— Fiquei. Os corredores daquela empresa são piores do que coluna de fofoca.

— Ela acabou de fazer vinte e três anos... Pablo e Caíque nem vieram hoje, estão meio assustados.

Os Bittencourt sabiam fazer drama como ninguém.

— Cara, ela não é mais adolescente, não precisa desse caos todo. A menina já se formou, é advogada da empresa e, pelo que eu fiquei sabendo, o garoto é residente em cirurgia em um dos melhores hospitais de São Paulo. Você foi pai com quinze anos e fez um ótimo trabalho, ela vai fazer também.

Eu era puramente racional, nunca tive muita paciência para dramas desnecessários.

— Hoje em dia, eu entendo melhor meu pai.

— Acho que, agora, você deveria o entender menos — rebati.

— É complicado. Nunca achamos que nossos filhos estão prontos para crescer e construir suas próprias vidas. Malu mesmo anda estranha, quieta, fica o final de semana todo praticamente fora... Melinda fica puta, porque ela mal tem tempo durante a

semana e, no final de semana, some e volta só para o almoço de domingo.

Bebi minha cerveja, tentando manter minha cara de paisagem.

— Você não disse que ela estava com um namoradinho? —

Namoradinho era de foder. — Nada que você e a Melinda não fizessem.

— Vai ficar rebatendo minhas reclamações só com esse argumento? — Sorriu de canto, ainda de olho na carne. Talvez, estivesse pensando em como iria conseguir fazer minha cabeça.

Dante sempre ganhava nossas discussões pelo cansaço.

— Só acho que vocês estão ligados na *vibe* pais do ano e esquecem do óbvio. Elas cresceram. Tanto Ágata quanto Malu são adultas, e devem ser tratadas como tais.

— Saudades de quando você me ignorava quando o assunto era minhas filhas. Bons tempos. — Estava ali algo que eu tinha que concordar. — E a novinha? Já desistiu de você?

— Estamos nos conhecendo.

— Porra, Augusto! Não vai assumir a menina nunca?

Bom, no caso, a menina que não parecia querer me assumir, meu chapa.

— Ela está com medo da reação da família. Estou dando tempo a ela e aproveitando para conhecê-la melhor. Vou entrar em uma guerra por ela, Dante. Preciso ter certeza do que estou fazendo.

E, a cada dia que passava, eu tinha ainda mais dessa certeza.

Malu valia a pena.

Malu valia tudo.

— Ainda não acredito que, finalmente, se apaixonou. É como ver um milagre acontecer bem diante dos meus olhos.

— No momento em que ele disse aquilo, uma cabeleira loira apareceu no quintal. Estava usando apenas um micro biquíni amarelo e uma saída de banho branca por cima, e eu tive que controlar minha respiração e a porra do meu pau. *Maria Luiza iria me pagar.* —

Maria Luiza anda diferente, usando roupas mais...

— Joviais? — Eram mais depravadas, isso sim. Ela fazia aquilo para me provocar. Sabia que eu ficava louco quando usava

aquelas calcinhas pequenas.

— Isso. De alguma forma, ela parece mais confiante, e fico feliz por isso, mas também ansioso. Quero conhecer o moleque que está tomando o coração dela. Não sei se o parabenizo ou se dou um soco nele.

Você vai querer dar um soco, confie em mim.

— Não acho que é o cara que a faça se sentir mais confiante, é a situação. Ela trabalha bem, provavelmente sente que pode conquistar coisas e, inclusive, esse cara. Malu anda reconhecendo seu potencial, isso é importante.

— Fico feliz que anda se dando melhor com ela, sempre rejeitou a coitada como se ela tivesse lepra.

Como eu disse, um dramático do caralho.

— Eu não a rejeitava. Nunca gostei muito de crianças, e Malu era chorona e chata *pra* caralho. Só nunca quis me envolver. —

Melinda odiava que Dante não se importava com a minha notória distância de suas filhas, mas ele sabia que eu só fazia o que queria e o que gostava. Ele, mais do que ninguém, sabia como eu funcionava.

— É uma pena, podia ter sido tipo um bom tio para elas.

Deus que me livre!

— Sou da Malí. — Foi o que consegui dizer.

— Pelo menos, de uma. Já estava na hora.

— Hoje, você está mais dramático que o normal. O que foi?

Ainda não superou a derrota do nosso time na quarta-feira passada?

— Nem toca nesse assunto. — Dante era completamente louco por futebol, tinha até artigos de colecionador, e ver nosso time perder era o fim para ele. — Ver os filhos crescerem mexe com a gente. Se não fosse um chato do caralho, iria entender o que estou dizendo.

— Não sou chato, sou realista.

— Chato do mesmo jeito.

E eu já não estava mais escutando suas reclamações. Só tinha olhos para minha garota, brincando com suas irmãs, enquanto a mãe e a tia tomavam sol na beira da piscina.

Mas eu só tinha olhos para *ela*.

Eu era dela.

Inteira dela.

Malu mergulhava com as irmãs, fazendo uma brincadeira que parecia ser uma corrida até a borda oposta da piscina. Ela gargalhava, gritava... Estava tão linda, tão ela.

— Você ainda tem alguma coisa com a Isadora? — Dante limpou a garganta, meio desconfortável.

— Isadora? — Logo entendi que ele achava que eu estava olhando para a cunhada. Aquilo era tão ferrado! Não podia dar na cara assim, mas me controlar estava cada vez mais difícil. — Cara, isso já faz mais de uma década e ela está com outro, vocês precisam superar! Estava olhando para as meninas, pensando em como o tempo está passando rápido. Estamos ficando velhos *pra* caralho.

— Estamos velhos, por isso vivo enchendo o seu saco para ser pai logo. Queria que nossas filhas crescessem juntas. —

Observei Dante olhar para Melinda com a mesma devoção que a olhava quando tinha quinze anos. — Se eu pudesse, teria mais um.

— Chega, Dante! Pelo amor de Deus, dê um tempo à pobre da Melinda. Além do mais, sua mulher fica um capeta quando grávida.

O mundo não merece pagar porque você tem tara em fazer filho com o próprio capeta.

— Quem é o dramático agora? — Ele desdenhou, tirando uma picanha no ponto perfeito do fogo. — E alguém pode me culpar?

Minha mulher é linda, gostosa e, ainda por cima, é minha.

Mas continuava sendo um capeta.

Deus me livrasse daquele capeta!

Caralho, Maria Luiza, você vai fazer a Melinda ser minha sogra? É sério essa porra?

— Tá bom, Senhor Romântico. — Soltei uma risada. — Vai mais uma gelada? — perguntei, já indo rumo à cozinha e dando as costas para ele.

— Claro! — responde, provavelmente indo servir as madames e nossos pais.

Entrei na cozinha e abri a porta do freezer, pegando duas *long necks* e abrindo-as em cima da bancada de mármore.

Eu deveria dizer que era difícil enganar a todos e fingir que eu não tinha nada com ela, mas não era. Sabia como ninguém fingir o óbvio, mas mesmo não sendo difícil, era angustiante. Iria chegar um momento em que a mentira não seria mais uma proteção, e sim uma prisão. Tinha medo desse dia chegar.

Tinha medo do que poderíamos virar.

— Perdido em pensamentos, Senhor Mancini? — A voz gostosa dela entrou nos meus ouvidos ao mesmo tempo em que seu cheiro misturado ao cloro da piscina me arrematou.

— Pensando em como fica gostosa nesse biquíni indecente —

devolvi, baixinho. E ela tomou coragem para pegar uma lata de *Coca-cola* da geladeira, só com aquela porra de biquíni e a água escorrendo pelo corpo.

Seria tão fácil comê-la com ele, eu nem precisaria tirar. Apenas empurraria para o lado e a foderia sem maiores problemas.

— É bem fácil de tirar — murmurou.

— Nem precisaria tirar — provoquei, levando aquelas lindas bochechas a se avermelharem de vergonha.

— Tirar o quê? — A voz de Melinda ecoou na cozinha, e o refrigerante de Maria Luiza foi ao chão, lambuzando tudo.

Respirei fundo, tentando manter todas as minhas emoções sob controle.

— Ela quer tirar um pilar importante de um projeto, e eu não concordo — respondi, olhando para os olhos verdes da minha futura sogra, que observava tudo como um gavião.

Ela desconfiava.

Sabia pela maneira como nos observava.

Melinda era inteligente e não confiava nada em mim. Não confiava nas minhas ações, e pelo jeito que circulava o olhar pela filha, não confiava nela também.

Ela não havia nascido ontem, afinal.

Porra!

— Hoje é domingo, Augusto. Deixe minha *menina* em paz .

—

O jeito como cerrou os olhos para mim foi tudo o que eu precisava

para ter certeza de que Melinda tinha percebido que alguma coisa estava rolando e que iria fazer da minha vida um inferno. — Não precisa limpar o chão agora, querida.

— Só um minuto, mamãe — ela falou, já de quatro no chão, mas não olhei para ela. Não da forma como costumava olhar. — A Malí está na piscina esperando pela *Coca-cola*.

— Vou esperar você lá na piscina, não demore. — Virou as costas, mas, antes de voltar lá para fora, parou e olhou para mim por cima do ombro de um jeito que me irritou. — Não vai voltar para o churrasco, Augusto?

— Estou dando um tempo do sol e realmente quero discutir sobre o projeto com Maria Luiza agora. Eu tive uma ideia e não quero esperar para resolvê-la.

— *Hoje é domingo!*

— Exatamente. Hoje, você não é a advogada da empresa, então não enche a porra do saco! — enfrentei-a.

Chata *pra* caralho.

— Estou bem, mãe. É uma luta para ele olhar os meus projetos durante a semana com tantas reuniões — justificou, ainda corada e com aquele olhar de cachorro que caiu da mudança que sempre teve, ao se levantar do chão.

Malu sempre parecia uma menininha perto dos pais, muito diferente da mulher que batia de frente comigo sempre que eu a desrespeitava ou a contrariava.

— Coloque uma roupa, então, filha — resmungou, antes de finalmente sair da cozinha.

Sem esperar nem mais um segundo, segurei o pulso da minha mulher e a levei até o escritório, que ficava do outro lado da casa, próximo ao lavabo.

Ela iria pirar.

Sabia que iria.

— Minha mãe está desconfiada — apontou, nervosa, enquanto eu trancava a porta.

— Está.

Não tinha o porquê mentir. Não para ela.

— Augusto, ela vai me matar... — Mordeu o lábio inferior, a voz trêmula. — Vou ficar de castigo pelo resto da minha vida! Nós vamos foder com tudo! A amizade que você tem com meu pai vai para o ralo, está entendendo? Meu avô, Augusto! Tem noção do que ele pode fazer com você?!

Encurrelei Malu contra uma das paredes e coloquei minhas mãos de cada lado da sua cabeça, olhando diretamente em seus olhos.

— Sim, tudo isso vai acontecer. Não ligo em enfrentar todo mundo. Acha que, depois de ter você na minha vida, eu vou deixar alguém interferir no que quero? — Ela engoliu em seco. — Não vou te pedir nada além de calma, porque as coisas vão se ajeitar.

— E se não se ajeitarem? O que vamos fazer?

— Confie em mim, eu sempre dou um jeito nas coisas. Estou ciente das consequências, Malu, não sou um menino.

A respiração entrecortada não escondia o quanto ela ainda estava em pânico diante do vislumbre de todo o caos que estávamos armando.

— Me beija? — pediu, segurando firmemente na minha blusa polo.

Atentei-me à sua reação suplicante e desesperada. Ela queria paz, queria esquecer. Então, eu não me aguentei e a beijei, enfiando a língua naquela boca gostosa do caralho.

Senti tanta coisa quando a beijei, que não me segurei quando quis pegá-la no colo e prensá-la ainda mais contra a parede.

Estávamos desesperados. Talvez, com medo do que iria acontecer com a gente em um futuro próximo, mas aquele momento, ali, era nosso. Escutava as risadas e as conversas ao longe, no jardim dos fundos, mas isso não me impediu de abaixar meu short e puxar a calcinha do biquíni dela para o lado.

Suas unhas arranhavam minha nuca, e eu não a deixava gemer alto, tampando a boca dela com a minha e engolindo seus suspiros.

Não falamos mais nada conforme eu estocava meu pau em sua boceta com movimentos fortes, curtos e rápidos, enterrando o

máximo que dava sem machucá-la. Senti tamanha umidade e pressão na hora, tomando sua boca com ainda mais violência.

Queria passar para ela, usando meu corpo, o que éramos um do outro. Que aquela loucura toda fazia sentido. E que, sim, havia começado com uma brincadeira de uma mulher imprudente e um cara sem escrúpulos, mas, àquela altura, era mais.

Bem mais.

Estoquei forte. Intenso. Seus gemidos foram ficando cada vez mais audíveis, me obrigando a abandonar sua boca e

tampá-la com a minha própria mão.

— Quietinha, amor... — Seus olhos estavam pesados, o colo e o rosto rosados, e o cabelo uma bagunça total. Como era bom fodê-la... — Não vou conseguir abrir mão de você. Não vou conseguir fazer isso, não me peça para fazer uma porra dessa...!

Eu ficaria com ela às escondidas.

Eu ficaria com ela de qualquer jeito.

Eu ficaria.

Sua boceta me sugava e cada fibra do meu corpo parecia se preparar para o gozo, porque eu o sentia se contrair a um ponto que chegava a doer. Minhas bolas se repuxavam, clamando para esporrar nela, mas me segurei. Queria que ela gozasse primeiro.

Rebolei meu quadril e alcancei aquele pontinho que sabia ser o mais sensível dela, e, sem que ela esperasse, puxei a parte de cima do biquíni com os dentes e comecei a chupar seu mamilo, metendo cada vez mais forte.

Ela me arranhou, e eu a apertei.

Ela se contorceu, e eu me enterrei nela.

Ela explodiu, e me levou junto.

Viramos uma loucura de suor, porra e beijos sôfregos em poucos minutos.

Foi rápido e desesperado.

Foi uma conversa silenciosa, que só a gente entendia.

Ela estava com medo e queria ter certeza de que eu estava ali.

Eu estava apavorado e queria que ela ficasse segura de que daríamos certo.

Quando a tirei do meu colo, observei o líquido esbranquiçado escorrer de dentro das suas pernas, chegando até sua perna.

Precisei me segurar muito para não virá-la e comê-la de novo.

— Te machuquei? — perguntei, segurando em seu queixo e alisando sua bochecha, enquanto ela arrumava novamente o biquíni.

— Não... — Os olhos de Malu reluziam. Não era luxúria, não era paixão. Ela me amava. Mesmo não falando uma única vez aquelas três palavras, eu sabia porque, agora, eu sabia tudo sobre ela. — Estou pronta para contar para eles, não quero que descubram.

— Tem certeza?

Foi a minha vez de sentir meu coração descompassar.

— Tenho. — Engoliu em seco. Malu estava com medo. —

Quero que sejamos um casal. Quero que tenhamos um futuro e, para isso, precisamos nos assumir.

— Vamos fazer um jantar na sexta e contamos juntos, ok?

Precisava me despedir de Dante.

Porque ele poderia até aceitar aquele relacionamento, mas nunca mais iríamos ser como antes. Ele sempre seria meu

irmão e eu sempre o amaria, mas, na cabeça dele, aquilo ali seria uma traição. E Dante não perdoava traições.

— Combinado. — Beijou meus lábios com firmeza. —

Realmente tem certeza disso, Augusto?

Eu te am...

Travei o pensamento.

Ainda não.

Ainda era cedo.

— Tenho certeza de tudo que envolve você.



AUGUSTO MANCINI

Por você conseguiria até ficar alegre

Pintaria todo o céu de vermelho

Eu teria mais herdeiros que um coelho

Eu aceitaria a vida como ela é viajaria a prazo pro inferno
Tomaria banho gelado no inverno

Eu mudaria até o meu nome

Eu viveria em greve de fome

Desejaria todo dia

A mesma mulher

Frejat - Por Você

Entrei na minha sala, ansioso para encontrar Malu, já que ela havia ignorado completamente minhas mensagens no dia anterior, depois do nosso momento no escritório de sua casa.

Não era um costume dela me deixar no escuro, porém, e, apenas por isso, eu sabia que alguma merda tinha acontecido.

Malu estava sentada na minha cadeira, enquanto Ágata estava do outro lado da mesa, também sentada, e ambas pareciam preocupadas.

— Você não está entendendo, nunca vi meu pai tão puto —

Malu disse, mordendo a pontinha do polegar, parecendo nervosa, e voltou seus olhos para mim. — Oi, Gus. Bom dia.

— Bom dia — devolvi, no meu humor habitual. Tenso. — Por que seu pai estava puto?

— Aparentemente, Melinda e ele brigaram por sua causa —

Ágata explicou. Certo, não seria a primeira vez. — Ela falou sobre a

desconfiança dela e ele não aceitou.

— Meu pai dormiu no quarto de hóspedes e, hoje, no café da manhã, eles mal se falaram... Chegou a ser esquisito.

Aquilo fez meu estômago se contorcer. Não era justo com ele o que eu estava fazendo. Não negava meus problemas, muito menos deixava de lidar com eles. Fui um péssimo amigo. A cada minuto que escondia a verdade, estava sendo um péssimo amigo.

— Precisamos contar logo para ele. — Foi o que eu disse, mandando uma mensagem para Dante marcando um almoço.

Precisava preparar aquele terreno logo. E o mais rápido possível.

— Vão fazer isso mesmo? — Ágata parecia mais apavorada do que nós. — Gente, vocês mal se conhecem... Estão juntos há dois meses e isso é pouco tempo para uma decisão que não tem volta.

— Nós já fizemos isso, Ágata. No momento em que concordei que ajudaria Maria Luiza a conquistar outros caras, eu já estava fodido. Tomei uma decisão e preciso arcar com as consequências dela. Mesmo que não sejamos para sempre, ainda assim, precisamos lidar com isso.

Ágata piscou algumas vezes, meio atordoada com minha fala, mas não deixei que falasse mais nada, ao continuar falando.

— Sei que não me conhece direito e tudo o que sabe sobre mim é uma mera superfície do real, mas não sou tão imaturo quanto demonstro. Talvez, um pouco inconsequente, mas, ainda assim, já vivi demais, já sei coisas demais e, por mais que eu tenha medo de perder o Dante, tenho mais medo de perder a Malu — eu disse.

Finalmente, eu disse a mais pura verdade. — Nós não programamos isso, foi acontecendo sem controle nenhum. Mas, agora, podemos lidar com isso. Eu devo lidar com isso.

Malu sorriu para Ágata, mas a amiga parecia ainda muito chocada. Coloquei minhas mãos nos bolsos da calça social azul-marinho e deixei que ela finalmente esboçasse sua opinião. Sabia que ela devia ter muitas.

— Tudo bem, você falou de você, mas já parou para pensar que a Malu também sofrerá as consequências? E se for só um

caso? E se, na semana que vem, você se cansar da boceta virgem dela, E aí? Ela que se foda com a decepção que causou nos pais.

Soltei um risinho gelado, tentando buscar uma paciência que eu não tinha para lidar com aquela menina.

Como eu odiava quando tratavam Maria Luiza daquela forma.

Ela não era uma adolescente, porra! Era uma mulher adulta e que sabia falar por si mesma.

— Ela te contou que foi ela quem escolheu contar para os pais? — Ergui as sobrancelhas, e Ágata se manteve impassível diante da minha pergunta. — Ela te contou que participa desse relacionamento tanto quanto eu?

Olhei para Maria Luiza, que parecia orgulhosa. Não de mim, mas de si mesma. Ela tinha, sim, muitos motivos para se orgulhar.

— Você sabe de tudo isso, Ágata — disse à amiga, com sua voz doce, tentando manter os ânimos calmos.

— Acho interessante que todos vocês sempre reclamam do modo que eu trato a Malu, seja como um chefe ou como *namorado*

— a palavra queimou na minha boca —, mas quem tira as palavras da boca dela e a superprotegem do mundo são vocês.

— Vai me dizer que tratá-la como rato era realmente uma boa coisa? — Ágata retrucou, não baixando a crista para mim. Tinha teorias que ela não abaixava para ninguém.

— Já chega, Ágata. Você não pode se estressar, agora está grávida. — Maria Luiza se impôs, apoiando as mãos na mesa com firmeza. — Todo mundo está estressado, mas sou adulta e estou ciente do que vai acontecer na sexta-feira. Não se esqueça de que fui eu que pedi para que ele ficasse comigo, para que dormisse comigo. No final das contas, eu escolhi fazer toda essa confusão.

— Não se vanglorie tanto, querida. Eu estava lá com você — brinquei, sorrindo de canto, fazendo-a rir e revirar os olhos.

— Só não quero que você se machuque, Malu... Não merece nada de ruim no mundo. — Havia muito afeto na voz de Ágata. Ela era uma boa amiga, só que ainda confundia a ingenuidade de Malu com imaturidade.

Sim, ela ainda corava diante de algumas situações e ainda não sabia fazer um boquete com perfeição, mas eram meros detalhes.

— Essa é a questão. Se eu não tivesse me apaixonado, ou se Augusto não correspondesse aos meus sentimentos, não teríamos tido problemas. Meus pais jamais iriam descobrir e tudo iria ficar bem. Não foi isso o que aconteceu, de

qualquer maneira, então, por mais que entenda sua preocupação, acho que vou me machucar de qualquer jeito.

Iria se machucar porque cometeu uma loucura quando se sentiu excitada por mim.

Iria se machucar porque cometeu a loucura de ter se apaixonado por mim.

Iria se machucar porque fez a insanidade de ter aceitado o meu coração.

— Como saímos de duas universitárias para esta vida de agora? — Ágata indagou, se afundando na cadeira.

— Saudades de quando chorava por causa de Sebastian Sinclair? — Malu brincou, atormentando a amiga.

— Vou me casar, Maria Luiza! Tem noção de que, se meu coração se partir, vai ser por causa de um divórcio?! — Ela parecia genuinamente chateada.

— Você não precisa se casar porque está grávida. — Tentei soar o mais tranquilo possível, mesmo não conseguindo.

— Ela que pediu o Jonas em casamento. — Malu se levantou da cadeira, caminhou até mim e me abraçou, ainda com a cabeça erguida para me olhar nos olhos. — Ela só é pessimista e sempre acha que todos os relacionamentos vão acabar.

— Ah, então ela é tipo eu uns meses atrás. — Beijei a pontinha do seu nariz.

— Realmente, vocês são nojentos de tão perfeitos um para o outro. — A garota que não exibia nem um resquício de

gravidez ainda disse, se levantando e indo em direção à porta da sala.

— Ágata... — chamei-a, fazendo com que olhasse para mim.

— Não seja tão teimosa, é óbvio que não faz nada que não queira, assumo logo que ama o Jonas.

— Conselhos vindo de você? — desdenhou, cerrando os olhos para mim.



— Eu pareço estar mais perto do final feliz do que você, não acha? — enfrentei-a.

— Seu namorado é um babaca — disse para Malu, e saiu da sala, pisando firme.

— E o seu é um amor, né! — Malu gritou, antes que ela batesse a porta, e respirou fundo. — Por que você tem que ser tão babaca com todo mundo?

— Porque eu guardo meu lado bom para você. E só para você.

— Bati na sua bunda, em um comando para que fosse para sua mesa. — Agora, vamos trabalhar, Meu Bem.

— Vamos — murmurou em concordância, sorrindo e balançando a cabeça em negativo.

Eu podia até ser um babaca, mas era um babaca que a amava, e, apenas por isso, sabia que eu valia a pena.

— Vai almoçar com meu pai? — Malu veio até mim, apoiando os quadris no espaço da mesa ao lado e esticando as pernas, cruzando os tornozelos. O terninho daquele dia era amarelo e combinava perfeitamente com os seus olhos.

Aquela garota ficaria feia de algum jeito? Acreditava fielmente que não.

— Vou. — Olhei para o relógio em meu pulso. — Inclusive, eu já estou atrasado.

— Ele está muito estressado, né? Ágata já reclamou da minha mãe umas seis vezes só agora de manhã... — Ela estava se culpando. — Sei que não gosta da minha mãe, mas ela estava certa, sabe. Eu ficaria puta, se você confiasse mais em alguém do que em mim.

— O problema do seu pai é querer me proteger dos problemas que eu mesmo provoquei.

Não era tonto. Melinda era uma chata, mas seu desgosto por mim tinha motivo. E não era apenas por sua irmã. Eu não aceitei bem seu casamento, e nem suas filhas. Qualquer pedra nos sapatos dela também lhe despertaria rancor. Não era fácil admitir isso, mas era a verdade.

— Odeio vê-los brigando...

— Nenhum filho gosta de ver os pais brigando.

Ainda me lembrava muito bem das brigas dos meus.

— Vai tentar acalmar um pouco o meu pai? — Peguei sua cintura, trazendo-a para meu colo, de lado. — Augusto...

— Vou acalmar seu pai e vou chamá-lo para jantar na minha casa na sexta. — Malu engoliu em seco, acenando com a cabeça em concordância. — Está em pânico?

— Pânico não, um pouco de receio. Mas conversei muito com Ágata hoje de manhã e percebi que tenho que enfrentá-los. Tenho vinte e três anos e acho que não dá para ter medinho de ser colocada de castigo ou dos meus pais me proibirem de fazer alguma coisa. Caso eles queiram jogar na minha cara que eu ainda moro com eles, terei que tomar uma atitude sobre isso. Consigo me manter com o dinheiro que ganho aqui e confesso que, às vezes, queria ter um espaço só meu e todo esse tipo de coisa.

— Eu saí de casa com a sua idade. É bom cuidar das próprias coisas. É um bom amadurecimento, na verdade.

Perceber que as roupas não iriam sozinhas para a máquina de lavar e que a comida não apareceria magicamente na geladeira, por exemplo.

Eu poderia dizer que ela tinha minha casa, caso precisasse, e lógico que cederia isso a ela, se acontecesse uma coisa mais grave, mas sentia que ainda não era o momento para uma proposta formal dessa. Queria fazer as coisas com calma com ela. Namorar por um tempo, depois noivar e, aí sim, casar.

Não queria que Malu pulasse partes da sua juventude por mim.

Queria que ela vivesse e tivesse muitas das experiências que eu mesmo tive.

Esperá-la era uma consequência de namorar alguém tão mais jovem.

— O medo da reação da minha mãe me atormenta mais do que a do meu pai, já que ela não gosta de você. Meu pai, pelo menos, gosta.

Naquele ponto, ela estava enganada.

Era Dante que seria o maior decepcionado naquela história toda.

Era ele nosso maior obstáculo.

— Sabe, uma parte minha gosta que estejamos passando por isso. Parece que estamos nos transformando em um time. — Malu falou, já envolvendo meu pescoço com os braços e se aproximando da minha boca.

— Fico feliz também, Meu Bem. Porque somos uma dupla. Eu e você.

Foi a vez dela de tomar minha boca em um beijo gostoso e lento.

Minhas mãos passavam por seu corpo, enquanto a sentia se arrepiar contra meu toque, me tomando com sua língua em uma brincadeira nada inocente. Como ela era gostosa... Sentia que eu poderia ficar horas ali com ela.

Meu lábio foi sugado ao mesmo tempo em que a porta da minha sala foi aberta.

Ninguém entrava na minha sala sem ser anunciado pelo meu secretário.

Ninguém, exceto o Dante.

Porra, por que eu não tranquei a porta?!

Não dava tempo nem de pensar. Tudo aconteceu muito rápido.

Malu saiu do meu colo em um pulo, Dante deixou cair seu telefone no chão, e eu tentei me manter o mais calmo possível para lidar com aquela situação ao travar minha respiração na garganta. Já havia feito muita merda na vida, mas nunca tinha visto meu melhor amigo decepcionado comigo como naquele dia. Seus ombros caíram em derrota, e a única coisa audível na sala era o soluço de Malu.

Ela conhecia o pai dela. Ela amava aquele pai e ver a decepção nos olhos dele estava fodendo com ela.

— Eu posso explicar, pai! — disse, chorando. Meu primeiro impulso foi levantar para acalmá-la, mas perdi um pouco da postura quando Dante fechou a porta atrás de si.

Ele odiava escândalo, e todo mundo ali sabia que ele iria fazer um digno de *Oscar*.

— Pois me explique! Tente me explicar como minha filha está fodendo com meu melhor amigo bem debaixo do meu nariz! — Ele segurou firmemente na maçaneta da porta fechada, tremendo de ódio.

Eu o conhecia melhor do que ninguém e sabia que ele estava se sentindo traído. E, para todos os efeitos, eu o traí.

Traí nossa lealdade.

— Dante, não fala assim com ela — rebati, finalmente segurando na cintura de Malu.

— Não estou falando com você ainda, seu filho da puta! —

Agora, sim, ele estava gritando. — Ele te seduziu? Ele te obrigou?!

Como ele ousava pensar tal coisa de mim?

Eu falei sobre ela com ele. Dante viu em meus olhos que eu estava apaixonado!

— Não, pai! Lógico que não! — Malu saiu dos meus braços e foi até o pai, que a rejeitou ao dar um passo para trás, colando as costas na porta. — Nós nos apaixonamos.

— Augusto não se apaixona, Maria Luiza! — Ele estava tão puto que chegava a ficar vermelho. — Ele é seu chefe, te viu crescer. Tem noção de como isso é nojento?!

— Eu a vi crescer?! Dante, não seja idiota, eu mal acompanhei a vida da Maria Luiza. Você sabe que a vi no nascimento e, depois, só fui realmente conviver com ela quando já tinha dez anos!

— E, desde então, você a quer, né, seu pervertido de merda!

Aquilo fez meu sangue ferver.

— Cala a boca! — Avancei sobre ele, ignorando o fato que eu estava errado na história. Tinha coisas que eu não poderia escutar calado. — Você me conhece! Você sabe que eu *já* seria esse tipo de cara!

Quis Maria Luiza a partir do momento que ela começou a trabalhar para mim. Eu a quis tanto que passei por cima de qualquer

coisa. Até mesmo dele.

Antes, ela era um detalhe. Quase como uma poeira que eu não conseguia limpar da minha vida. E me colocar como um doente, um psicopata pervertido chegava a me magoar. Mas era isso o que Dante queria. Ele queria me machucar do mesmo jeito que eu havia o machucado.

— Eu não te conheço porra nenhuma! — Enfrentou-me, jogando seu peito contra o meu. — Você não deveria ter feito isso comigo! Ela é minha filha!

— Eu me apaixonei por ela! Eu te contei! E vou enfrentar qualquer coisa para tê-la para mim, inclusive você! — afirmei, olhando para ele de forma altiva.

O que recebi em troca foi, finalmente, o que eu mereci desde o começo daquela história. Um soco bem no rosto, que me fez cair no chão. Sem nem tentar me recuperar, senti seu corpo em cima do meu e seu punho me atingir mais uma vez. Dois. Três. Quatro socos no rosto.

— Pai! Para!

Eu poderia tê-lo tirado de cima de mim e acabado com ele.

Estava com raiva de suas acusações e me sentia tão puto quanto ele, mas não fiz.

Por ela.

Pela mulher que chorava e tentava tirar o pai de cima de mim.

Ela iria odiar, se eu batesse nele.

Depois do quarto soco, ele pareceu escutar a filha e saiu de cima de mim. Ficou ali, me olhando, com lágrimas não derramadas nos olhos.

Éramos amigos há tantos anos, que era até difícil de conceber uma ideia onde eu não estava perto dele em algum momento. Ali, eu sabia que nossa amizade tinha acabado. E, para ser honesto, naquele instante, brotaram lágrimas nos meus olhos também.

— Fique longe da Maria Luiza! — Ele exigiu, dando seu último olhar para mim. — E você está proibida de ficar perto desse cretino de merda!

— Pai... — Malu tentou balbuciar algo, mas nada saiu. Ela estava se cagando de medo.

— Todos estão falando de você! Acha que sua mãe desconfiou como? As pessoas notam que passa seus almoços enfurnada nessa sala, sabem que vocês têm algo, e eu fui um tonto por não notar algo. É a sua carreira! Ele está fodendo até com sua carreira, como não nota? Já é vista com maus olhos por ser minha filha, imagina agora, que está dando para o chefe!

Ele nunca tinha sido tão duro e frio com ela antes, e isso a assustou. Malu estava travada no lugar e sua única reação foi continuar chorando. Meu peito se comprimia em uma angústia que eu nunca tinha sentido antes, vendo todas aquelas lágrimas vazarem dos seus olhos sem que ela pudesse controlar.

Eu conhecia bem Dante e sabia como ele era quando estava com raiva, já tinha visto outras vezes — não tão puto quanto naquele dia, mas tudo bem. Ele tinha o costume de ser um pouco vingativo, mas depois se arrependia das palavras que usava em uma discussão. Seu respeito por mim podia ter acabado para sempre, mas por Maria Luiza não.

Ele iria se arrepender, se continuasse a falar mais merda para ela.

— Dante, cala a boca antes que fale algo que vai magoar Maria Luiza de maneira irreversível! — bradei, mas ele já não olhava mais para mim.

— Vou te esperar no carro, Maria Luiza. Vamos para casa e, lá, conversaremos. Não quero escutar mais a voz desse filho da puta — disse, com o tom de voz mais baixo mas igualmente áspero.

Aparentemente, eu não tinha nem mais nome.

Mas sabia o que ele estava fazendo.

Mesmo depois dos socos, dos gritos e da falta de diálogo, lá estava eu, me preocupando com ele.

— Tudo bem... — ela finalmente disse algo para o pai. Sua voz saiu num murmúrio baixo e agoniado, e isso só fez minha insegurança aumentar ainda mais.

Bem lá no fundo, eu tinha minhas teorias sobre como Maria Luiza lidaria com os pais, e em nenhuma delas, eu sairia daquela história junto com ela.

Dante se virou e saiu da sala, batendo a porta com tanta força, que o estrondo seco foi ouvido, assustando tanto a mim quanto à minha namorada. *Minha namorada*. Malu ficou ali, estática, olhando para porta por alguns longos segundos, enquanto eu olhava para ela. Completamente do nada, ela se virou e abriu uma das minhas gavetas, retirando um lenço de papel de lá de dentro e vindo até mim.

Malu ainda estava em choque, como se não acreditasse em tudo o que viveu nos poucos minutos atrás. Quando encostou o lenço no meu lábio inferior, senti arder. Provavelmente, minha boca estava cortada e sangrando, e meu olho ficaria bem roxo mais tarde.

Dante me deu uma leve surra.

O homem que odiava brigas avançou para cima de mim, mas sabe o que mais foi louco nisso tudo? Ele, ainda assim, me deixou ali com ela.

Era uma chance para que eu fizesse o certo.

Era uma chance que ele me deu para terminar as coisas com ela.

Que se fodesse isso.

Que ele se fodesse.

Não iria terminar porra nenhuma!

— Eu posso ir com você — murmurei, olhando dentro dos seus lindos olhos e tentando achar novamente a fagulha que sempre esteve ali quando me via.

— Não. Preciso lidar com isso sozinha. — Sua voz saiu num sussurro, mas ela parecia decidida. Era corajosa, afinal. —

Desculpa por isso.

— Não é culpa sua... — Respirei fundo. Pelo menos, não era só culpa dela. Mas, pela careta que fez, não concordava comigo. —

Você precisa ir encontrar seu pai, Malu.

Se demorasse muito, ele apareceria ali de novo ainda mais irritado, e eu não queria que ele fosse verdadeiramente cruel com ela.

— Preciso. — Suspirou, trêmula. — Não queria que fosse assim...

— Eu também não queria. — Tirei sua mão com o lenço na minha boca e selei nossos lábios levemente, mas, logo, ela se afastou.

— Preciso ir.

O jeito que ela me deu as costas me fez estremecer.

Não conseguia ler suas reações. Tudo estava confuso e estranho, como se estivesse fora do lugar.

— Você me liga? — perguntei, já encarando seus ombros derrotados, quando ela segurou na maçaneta da porta.

— Sim. — Ela não virou para me responder, disse aquilo já indo embora da nossa sala. — Eu te ligo.

Assim, ela se foi.

E eu fiquei ali, me sentindo um lixo.

Mas pior foi sentir o medo que tomou conta de mim. Porque o que eu vi nos olhos de Maria Luiza instantes antes não era paixão, muito menos amor, e sim incerteza.

Entre a família e eu, a escolha dela parecia óbvia para mim.

Quase ri de desgosto. Todo mundo tinha tanto medo de que eu quebrasse o coração dela, mas mal sabiam que, provavelmente, era ela quem esmagaria o meu.



MARIA LUIZA BITTENCOURT

Era de verdade quando eu disse que eu te amava Você foi a pessoa certa na hora errada

Giulia BE - Pessoa Certa, Hora Errada

Meus pais estavam desapontados. Achava que, mesmo minha mãe desconfiando por causa dos boatos, no fundo, não acreditava que eu fosse tão idiota a ponto de cair no papo de Augusto.

Mas eu não caí sozinha.

Eu sabia disso. Ele estava apaixonado por mim.

Augusto Mancini me amava. Mesmo que ele não tivesse verbalizado isso com todas as letras, eu sabia que me amava.

Desde o começo, imaginei que ele nunca me assumiria, mas, se estava disposto a isso, era porque seus sentimentos eram muito mais fortes do que qualquer pessoa naquela sala pensava.

— Sabe... O que eu não entendo é o porquê você, mesmo sabendo de tudo o que já passei por causa daquele homem,

mesmo sabendo exatamente quem ele é, se deixou enganar por ele —

mamãe falou, conforme andava pela sala de estar da nossa casa.

Ela ainda estava com suas roupas de trabalho, e o sapatos altíssimos de salto arranhavam o chão, fazendo um som nada reconfortante.

— O Augusto é muito convincente — meu pai atacou o melhor amigo.

Ou seria o ex-melhor amigo?

— Sempre te falei que manter esse cara dentro da nossa casa era um problema! Sempre disse que ele não era confiável. — Minha

mãe estava tão brava que seu colo estava vermelho.

Havíamos chegado em casa juntos, mas eles nem conseguiram olhar na minha cara durante todo o tempo. Achava que foram brigando dentro do carro. Provavelmente, meu pai contou o que viu, e toda a briga de ontem apenas recomeçou. Mas, sinceramente, não sabia ao certo. Estava me sentindo anestesiada desde que saí da sala de Augusto.

Meu pai brigou por ele, sempre ficou do lado do amigo, e devia ser uma merda aquela sensação de traição.

— Eu sei, Melinda! Porra, eu sei! — Meu pai enfiou as mãos nos cabelos e deixou sua cabeça cair um pouco para a frente. Era horrível vê-lo tão arrasado assim.

— Precisamos tirá-lo daquela empresa. Não posso conceber que ele fique perto da Maria Luiza. — Sua fala finalmente

puxou minha atenção e me apavorou. — Augusto sabe manipular uma pessoa como ninguém, e não vou permitir que faça isso com a minha filha.

— O quê?! — Minha voz não saiu nada controlada. Até o momento, eles não tinham me feito nenhuma pergunta. — Vocês não podem fazer isso! Esse assunto não tem nada a ver com a empresa.

— Como não? Ele é seu chefe! Está claro, para mim, que toda aquela palhaçada que ele fez quando você chegou aqui era apenas parte de uma manipulação para ter você na cama dele. E você caiu como um pato. — Mãe acusou, com o tom de voz mordaz. O tom de voz que ela sempre usava nos tribunais.

— Então, *pera* aí... — Respirei tão fundo que cheguei a fazer barulho. — Você quer dizer que, na sua cabeça, Augusto é um homem abusivo e fez minha cabeça para que eu transasse com ele? E, além disso tudo, eu ainda sou culpada porque deveria saber melhor e não cair no papo dele? É isso?

Minhas palavras os acertaram como um chute. Minha mãe abriu a boca várias vezes, mas não disse nada, e meu pai parecia em completo choque no sofá. Era tão fácil encher a boca para dizer coisas tão desprezíveis quanto aquelas apenas para não assumir o óbvio. Eu só não entendia o porquê.

Estava tão cansada deles, de não ser escutada, de ser tratada como uma criança... Que senti meu sangue ferver no corpo, pronto para explodir com tudo.

— Você é apaixonada pelo Augusto, mãe? — insinuei, erguendo o queixo.

Meu pai se enrijeceu, e minha mãe arregalou os olhos como se eu tivesse dito a maior atrocidade dos últimos tempos.

— Lógico que não, Maria Luiza — rebateu, calmamente e com asco nítido em sua expressão. Ótimo, ela não estava mentindo.

— Então, qual é o maldito problema? Eu tenho vinte e três anos, e, na minha idade, vocês dois já tinham me tido. Inclusive, estavam até casados!

A raiva que eu sentia era tanta que não parecia mais a mesma pessoa. Estava tão puta com eles... Eles eram meus pais, o dever deles era me escutar e não apontar acusações infundadas sobre um assunto que mal sabiam a verdade.

— Você sabe de tudo. Ele nunca gostou do meu relacionamento com seu pai, sempre tentou colocar coisas na cabeça dele. Você não acha justo que eu não queria aquele homem perto da minha família?! — Cruzou os braços, ainda com aquela pose de quem sabia tudo do mundo.

Ela não sabia.

Não sobre mim e Augusto.

— Assim como você vai fazer de tudo para me separar dele?

— Devolvi seu olhar irritado, meu coração martelando no peito.

Uma coisa que eu havia percebido sobre mim naqueles últimos tempos era que meus pais sempre me colocavam em uma redoma para que provassem que eram bons pais. Eles eram novos quando me tiveram, e eu entendia em partes que precisavam mostrar sua capacidade de me criar.

Mas o que eles não tinham notado ainda era que eu já estava pronta para o mundo. Eles já tinham feito o suficiente por mim, e estava na hora de me deixarem viver e lidar com meus próprios erros. Não dava para me proteger do mundo para sempre.

— Não é a mesma coisa, Maria Luiza. — Meu pai ajudou minha mãe. — Filha, ele é muito mais velho do que você. Nesse

relacionamento, ele tem, sim, mais poder do que você. Ele viveu mais, sabe mais... Ainda é ingênua para muita coisa!

— Sim, é verdade, mas e daí? Dizer que o Augusto é um pedófilo nojento é um salto enorme, você não acha?

Aquilo foi a pior coisa que meu pai poderia ter dito para o amigo. Ele sabia que Augusto não era uma pessoa do mal. Ele era seu melhor amigo, o conhecia como ninguém.

Observei meu pai engolir em seco. Pelo que eu entendi, Augusto já tinha confidenciado que estava apaixonado por uma pessoa. Meu pai sabia da verdade, sabia das intenções dele.

— Sabe, estão com tanta raiva que estão sendo desproporcionais...

Os olhos da minha mãe se inflamaram ainda mais.

— Olha o respeito! — Mamãe bradou.

— Estou sendo respeitosa! — contrapus, mesmo com muito medo da sua reação e já sentindo as lágrimas pinicarem meus olhos novamente. — Vocês não me perguntaram nada, nem sequer ouviram a verdade. Exatamente por isso que me apaixonei pelo Augusto... Ele me vê, me enxerga,

confia nas minhas escolhas e na minha capacidade, coisas que vocês nunca fizeram!

— Isso não é verdade... Confiamos em você, filha. — Papai já tinha abaixado mais o tom de voz. Provavelmente, compadecido pelo meu choro.

— Então, por que sempre tentam me manter dentro dessa bolha?! Qual é o ponto de virar para um chefe e dizer para que pegue leve com sua filha? Qual é o ponto de ordenar que eu tivesse horários, mesmo estando em outro país? Controlar minha alimentação e tudo mais? Vocês não confiam em mim ou, pior, não confiam na educação que deram para mim. É a única coisa que eu penso quando vejo vocês completamente alucinados, como se o mundo estivesse acabando, por causa de uma coisa que nem é tão grave assim!

— Ele é seu chefe e é quinze anos mais velho que você — meu pai disse, mais uma vez, como um maldito disco de vinil riscado.

— Além de ter visto você crescer. Percebe como isso é problemático?! — minha mãe completou.

— Onde ele estava? — perguntei, firme, mas ainda chorando.

— Onde ele estava quando eu estava crescendo? Onde ele estava?

A primeira vez que recebi um parabéns de Augusto foi no meu aniversário de vinte e três anos. Para mim, até então, ele era só um babaca de quem meu pai insistia gostar. Sejam realistas! Se preocupar com a diferença de idade, eu

posso até entender, mas transformar meu amor por ele em algo sujo, eu não irei permitir.

— Amor?! — Meu pai engasgou, a voz falhada.

— Não era para ter sido assim... — Não era para eu falar primeiro para eles. — Nós iríamos fazer um jantar com vocês na sexta, iríamos explicar tudo direitinho, mas... Enfim, as coisas fugiram do nosso controle.

— Ele iria te assumir? — Agora, era minha mãe quem realmente parecia estar em choque. E eu sabia bem o motivo, já que, quando foi com minha tia Isadora, ele não a assumiu.

— *Eu* pedi para que ele ficasse comigo — confessei, envergonhada, limpando minhas lágrimas com o dorso das mãos. —

Eu pedi para que ele me beijasse, *eu* pedi para que ele tirasse minha virgindade... Tudo fui eu. E, para ser honesta, gostei de tudo.

Gostei dele. Augusto não é uma pessoa ruim... Sim, ele é grosseiro e meio rabugento, e admito que é um péssimo chefe, mas é uma boa pessoa. Se importa com as minhas coisas e cuida muito bem de mim.

— Ele nunca passa mais de quatro meses com uma pessoa.

Acha que seria diferente com você? Ele vai acabar quebrando seu coração! — minha mãe contrapôs, ainda firme em sua oposição a qualquer coisa boa que envolvesse Augusto. Aparentemente, não iria mudar de opinião tão cedo.

— Primeiramente, foram todas as namoradas dele que terminaram com ele.

— Porque ele não consegue gostar de ninguém, mais do que gosta de si mesmo! — Ela jogou as mãos no ar, como se eu não estivesse vendo a coisa mais óbvia do planeta, mas era ela que não via o maldito óbvio.

— Acha mesmo que, para ele, é fácil brigar com meu pai?

Tudo bem que minha carreira vai ser afetada, mas a carreira dele também não sairá ilesa. É um escândalo.

Nosso amor tinha tantas barreiras que eu mal conseguia contá-las.

— Se Augusto foi capaz de colocar as mãos em você antes mesmo de se apaixonar, ele não tem respeito nenhum por mim, Malu. — Meu pai se escorou no sofá, parecendo completamente exausto. E magoado.

— Eu pedi por isso!

— E ele aceitou. — Meu pai seguiu firme. — Você não entende e nem tem que entender, mas ele não deveria ter feito isso. Éramos uma dupla. Conheço aquele homem desde que éramos crianças, compartilhamos todos os momentos um com o outro. Ele não me respeitou.

— Por quê?! — Senti seus olhos questionadores em mim. —

Por que ele não te respeitou?

— Porque você é minha filha! Porra, como não pode perceber que isso é errado? É nojento, Maria Luiza! — Meu pai se levantou do sofá, impaciente. — Ele pode não ter acompanhado você crescer, mas, de alguma forma, estava

lá. Ele segurou minha mão em cada passo que eu dei sendo pai novo. Acha que não passa na minha cabeça desde quando ele quer comer você? Porra, não vou me desculpar por pensar nessas coisas!

Por Deus...

— Além do mais, mesmo que isso fosse tirado de questão, ele é mais velho e pode ser que, para você, isso não seja nada, mas é, Maria Luiza. Você é uma menina ainda, é tão manipulável quanto uma adolescente. Imagina se ele quiser tirar proveito disso? Ele está em uma fase de vida completamente diferente da sua. Já passou pela sua cabeça que ele pode tirar sua juventude? — Minha mãe estava com sua pose de advogada outra vez. E aquilo me irritava profundamente.

— Já pararam para pensar que ele simplesmente não me pressiona a nada? Ele até se dispôs a me deixar livre por um tempo,

para, então, engatar em um namoro. Ele queria ser meu primeiro e o último, mas nunca me obrigou a ser o único.

Notei que meu pai se assustou, mas minha mãe continuava impassível.

— Você está fazendo isso tudo parecer normal, mas não é! Ele é seu chefe, Maria Luiza! Tem noção disso?!

Santo Deus, eu tinha certeza de que não seria a primeira *treinee* a se envolver com um dos diretores.

Mas, naquele momento, eu entendi que eles não iriam aceitar.

A cada argumento que eu jogasse na mesa, outros três contrários seriam expostos. Eu não tinha como ganhar aquela discussão.

Meus ombros cederam, derrotados, e eu perdi meus pais de vista, deixando que as lágrimas tomassem conta dos meus olhos de vez.

— Sinto muito, Malu... Mas não iremos aprovar esse relacionamento. Somos seus pais e queremos seu bem. Augusto está proibido de vir aqui e você está proibida de vê-lo. — Meu pai parecia estar mais calmo, como se falar tais palavras fosse o que ele mais queria desde o início.

— E, mesmo que você não queira, vou pedir a demissão do Augusto. Acho que está mais do que na hora de ele lidar com as consequências dos atos dele.

Por que eles não eram capazes de enxergar além do que parecia ser o certo?

Sim, os seus argumentos eram válidos, mas eles nem checaram, nem cogitaram levar meus motivos em consideração.

Não era justo. Nosso amor não era nojento. Era lindo.

Éramos o encontro de duas pessoas completamente diferentes, mas que se complementavam de uma maneira quase perfeita.

Era como encaixar duas peças de um mesmo quebra-cabeça.

Mesmo que não fizesse sentido, éramos perfeitos um para o outro e, não importava quem escolhesse as almas gêmeas

nesse mundo, essa pessoa fez Augusto para mim e eu para ele.

Eu tinha certeza disso.

Tinha certeza do meu amor por ele.

— Pode subir para o seu quarto, Malu. Nós já terminamos essa conversa.

E eu subi, porque realmente tínhamos terminado aquela conversa.

Eles não queriam escutar, e eu também não queria mais falar.

Não tinha mais nada a se fazer, além de aceitar o óbvio.

Meu amor e do Augusto era impossível.

E, para amores assim, existia apenas uma saída.



AUGUSTO MANCINI

Haja colírio para esse vermelho

Cê chorou o mês inteiro

Haja copo pra esconder sua expressão de

Desespero

Tá sofrendo, né?

Nega não, tá sim

Guilherme e Benuto ft. Hugo e Guilherme - Haja Colírio

Malu e seus pais saíram da empresa ao meio-dia daquela quarta-feira e, desde então, eu não tinha mais notícias dela. Nem de ninguém, para ser honesto. O único que falava comigo era meu pai, que avisou que foi protocolado um pedido de demissão para mim em nome de Raul. Óbvio que o pai de Dante iria ficar ao lado do filho.

Ninguém me perguntou nada, tudo o que fizeram foi inferir uma verdade em suas cabeças e pronto. Esse era o problema das pessoas, elas viam o que queriam ver. Já havia me questionado se era tão ruim quanto falavam que eu era e, na minha opinião, era, sim firme, sincero e muito direto, mas não era uma pessoa ruim.

Como chefe, levava meus empregados ao limite com prazos curtos, milhões de pedidos de alterações e, definitivamente, um perfeccionismo exacerbado, mas nunca fiquei com nenhuma das minhas subordinadas. Tudo bem, admitia que fiquei com uma das minhas secretárias, mas aquilo foi um erro que logo resolvi.

Esse era um ponto importante: eu não insistia em erros. Se eu deixei que as coisas com Maria Luiza chegassem no ponto que

chegaram, era porque sabia que era o certo para mim no momento.

Mas, ao que parecia, achava que estava errado.

Já havia se passado das duas da manhã. Meu corpo estava leve e meus olhos, pesados por causa de toda a maconha que eu fumei, além da garrafa de whisky que eu quase sequei, tudo para tentar me acalmar.

Meu peito estava em agonia e meus olhos constantemente pinicavam por questões que fugiam do meu controle.

Ok, eu admitia. Estava com medo de tê-la perdido.

O pai dela, eu já vinha digerindo que iria me jogar para escanteio, mas ela não. Confiei nos olhinhos apaixonados e nos suspiros. Confiei na porra da torta de maçã e nos beijos roubados no meio do expediente. Confiei nos dedos entrelaçados e nos suspiros. Porra eu, até mesmo confiei na Taylor Swift, que ela havia me apresentado na semana anterior, enquanto eu a levava para a minha casa.

— *É sério! Esse álbum é inspirado no nosso relacionamento.*

Malu não era muito madura, isso era um fato. Mas era com frases como aquela que eu me lembrava que ela tinha saído da adolescência há poucos anos.

— *Taylor Swift? — Eu podia ser jurássico na cabeça dela, mas sabia quem era a loira. Aparentemente, todas as mulheres do mundo eram fissuradas por ela e pela tal da Beyoncé.*

— *Sim! — gritou, animada, aumentando o volume do rádio do carro. — But it would've been fun if you would've been the one, ooh!*

Meus ouvidos chegavam a latejar de tanto que ela gritava eufórica e desafinada com a música, mas gargalhei. Estava abobado com a mensagem que ela queria me passar. Malu queria que eu fosse o cara certo para ela.

E eu era.

Ou, pelo menos, eu achava que era. Até aquele dia.

Dei mais um gole no meu whisky, tentando fugir das memórias que tinha com Maria Luiza na minha mente, mas escolhi me foder ainda mais quando coloquei a própria encarnação do mal para tocar no aparelho de som.

— Vamos lá, Taylor, me faça desejar não ter sido tão idiota!

Cliquei no aplicativo de música e logo “The 1” explodiu nos autofalantes da minha casa.

Minha barriga doía de fome, minha cabeça, antes leve, pesou mais do que uma tonelada e todos os cenários possíveis passavam na minha cabeça. Era exatamente por isso que nunca quis entregar meu coração para ninguém. Justamente por causa dessa ansiedade, dessa angústia.

Pedi uma pizza rapidamente pelo aplicativo de comida e fiquei ali esperando, largado no sofá.

Taylor Swift cantava que, se os desejos dela estivessem se tornando realidade, o cara por quem ela estava apaixonada seria o certo, e que tudo teria sido divertido. Porra, e eu não sabia porque caralho aquilo me fez chorar.

Porque teria sido divertido, se ela fosse a certa. Se eu pudesse ter feito as coisas certas, teria sido incrível. Eu a faria feliz *pra* caralho. Não tinha dúvidas de que Dante e

Melinda iriam ver aquilo e não aceitariam o relacionamento que, sim, admitia não ser convencional, mas era real.

— Inferno! — Limpei meus olhos, irritado por estar fazendo uma coisa que nem costumava fazer.

Gostava da minha racionalidade. Ela me trazia paz de espírito, mesmo quando eu deveria sentir remorso. Mas, naquele dia, não estava conseguindo fazer isso. Não quando havia perdido minha mulher e meu melhor amigo ao mesmo tempo.

Dante sempre foi uma parte importante da minha vida, era o único que me entendia com um olhar, o primeiro a sair em minha defesa. Ele sempre foi um bom amigo, já eu não podia dizer o mesmo sobre mim.

A real era que eu era egoísta, desejava as coisas e as tomava para mim, pouco me fodendo para as consequências. Mas, uma hora, elas chegariam.

Havia chegado, então.

Havia chegado de um jeito que eu nem esperava.

Para mim, as coisas eram logicamente simples. Em determinado momento, eu teria que escolher entre Maria Luiza e Dante. E eu escolhi.

E me fodi!

A campanha me assustou, mas logo pulei do sofá e fui até a porta receber minha pizza, já que a larica do caralho consumia meu estômago. Ainda gostava de fumar maconha de vez em quando, bem menos do que eu fumava quando era adolescente, claro, mas odiava a porra da fome que me dava.

Além dos olhos vermelhos, que me ajudavam a fingir que, então, eram apenas por causa da droga, e não pelo choro idiota que ousei expulsar pela loira que tomou meu coração.

“Você não teria interesse em me ensinar a conquistar garotos?”

Eu tive a porra do interesse, e olha onde acabei? Sofrendo em plena terça-feira.

A pessoa tinha que ser muito fodida para sofrer em uma terça-feira.

Abri a porta na força do ódio, levando a pessoa do outro lado a dar um grito de susto.

Um grito que me levou ao céu e ao inferno ao mesmo tempo.

— Que porra?!

Será que aquela merda, agora, me gerava alucinações?

— Por que está atendendo à porta de cueca, Augusto? —

Malu entrou na minha casa como um furacão, parecendo com o mesmo modo de quando entrou na minha vida.

Os cabelos estavam soltos, e o vestido amarelo de florzinhas davam um toque angelical, que, agora, sabia bem que ela passava longe de ter. Fechei a porta e esfreguei os olhos, um pouco atordoado ao notar que ela não tinha chegado só.

Malu carregava três malas junto com ela, além, claro, de duas necessaires, que logo foram parar no chão junto com seus sapatos, que só chegaram até o meio da minha sala.

Ela era um desastre, e poderia jurar que nunca tinha ficado tão feliz por toda aquela porra de bagunça na minha casa.

— Você está escutando Folklore, da Taylor? — indagou, meio desconcertada.

— Você tem um galho no seu cabelo? — devolvi, me aproximando devagar e tirando o pedaço de folhagem dos seus

cachos.

— Augusto... — Ela me observou atentamente, tentando entender algo que não sabia bem o que era.

— Malu... — disse, com a mesma entonação dela, só porque...

Sei lá o porquê.

—Você está bem, amor? — Suas mãos seguraram meu rosto, enquanto ela me analisava minuciosamente. — Andou chorando?

— Fumando maconha, na verdade.

Não era mentira, certo?!

— Já vi você fumando maconha, e não foi nada parecido com isso. Estava chorando, sim. — Ela não iria comprar mesmo minha desculpa. — Por que estava chorando, Meu Bem?

— Por que tinha um galho nos seus cabelos? E por que minha casa está cheia de malas suas? — Tentei fugir de sua pergunta, me sentindo um idiota.

— Responde a minha pergunta primeiro, que, então, respondo a sua. — Ela cruzou os punhos atrás de suas costas e balançou o corpo de forma meio desajeitada, jogando o peso de uma perna para a outra.

— Ah, não, Malu... — Passei as mãos pelo rosto, já sentindo a vergonha tomar conta. Desde quando eu sentia vergonha, merda?

— É humilhante.

— Por quê? Estava sofrendo, e isso não é humilhante. Meu pai era seu melhor amigo, deve doer perdê-lo — disse, compreensiva, piscando aqueles olhinhos para mim.

Ah, se ela soubesse...

— Tive mais medo de perder você, Malu.

— Ah.. — Sua boca se abriu levemente, em choque. — Achou que eu não iria ficar com você?

— Faz mais de vinte e quatro horas que eu não tenho notícias suas, e tudo virou um caos na empresa. Até me demitir, eles vão.

Aquela parte, eu ainda nem tinha parado para pensar com clareza.

Meu emprego era uma das coisas mais importantes para mim.

Tudo bem, seria fácil arrumar outro, mas aquele lugar era o legado

do meu pai, e seria foda perder aquele espaço. Meu pai iria ficar decepcionado *pra* caralho comigo.

— Desculpa, mas eu tinha que bolar um jeito de ir embora de lá.

— Calma, você fugiu de casa?!

Ela não era normal. Exatamente por isso que era perfeita para mim.

— Eles não quiseram me escutar, Augusto. Não tinha mais o que fazer. Basicamente, nenhum argumento meu era validado, apenas queriam que eu aceitasse essa palhaçada de castigo, e não vou aceitar. Sou adulta, tenho um salário, e se para viver com liberdade, tiver que dar o fora da vida deles, é exatamente isso que vou fazer. — Malu estava confiante, e aquilo me deixou com um orgulho do caralho dela. — Hoje, depois de passar dois dias trancada no quarto, percebi claramente como eles me sufocam. Não sou um bebê e não devo ser tratada como um!

— E, então, você fugiu? — Abafei minha risada com uma tosse falsa. Fugir de casa no meio da noite era muito coisa de adolescente.

— *Eu saí de casa*, é diferente. — E seria agora que sua mãe surtaria de vez. — Deixei um recado para eles avisando que estava saindo. E, não se preocupa, vou achar um lugar para mim. Com meu salário, não devo achar nada muito estrondoso, mas vai dar para o gasto.

— Não estou preocupado. E, se quiser morar aqui...

Ela nem me deixou terminar de falar.

— Não. Eu preciso crescer. Sabe? Realmente crescer. Viver com base no que eu ganho, cuidar das minhas coisas e tomar minhas próprias decisões, para, então, um dia, vir morar com você.

— Não consegui me conter e a trouxe para mim, envolvendo-a com meus braços. — Eu sei que parece muito louco o que estou fazendo, mas eu realmente não quero te perder e também não quero ficar a vida inteira pagando uma dívida que eu nunca pedi para ter.

Mas, e o galho no cabelo?

Ah, que se fodesse. No dia seguinte, eu tentaria descobrir que porra ela havia feito para aparecer na minha casa às duas da manhã com um galho enfiado no meio dos cachos.

— Como assim, *dívida*? — perguntei, confuso.

— Sempre fui obediente e muito submissa aos meus pais porque engoli uma crença que até mesmo você ajudou a colocar na minha cabeça, que eu tirei a juventude deles. Que, de uma forma cruel, acabei com a vida deles, mas não tenho culpa de ter sido feita. Não tenho culpa por ter nascido e, por isso, não tenho dívida nenhuma. Eles não podem me obrigar a viver uma vida só porque acham que é o correto.

— Desculpa pelas coisas que eu já disse sobre isso... Eu não tinha ideia que te afetavam desse jeito.

Senti a culpa me inundar, transformando a saliva em minha garganta em areia pura.

— Afeta... — Ela suspirou e beijou meus lábios, mas logo fez uma cara feia. — O cigarro e o charuto, eu até consigo tolerar, agora, a maconha não dá, não.

— Vou tomar um banho, Senhorita Chata *pra* Caralho.

Dou uma risada quando ela cerrou os olhos para mim, e arrumou aqueles óculos feios no próprio nariz.

— E, só para sua informação, eu fiz tudo isso por mim, mas também por nós dois. — Meu coração virou a porra de um tambor de escola de samba quando ela me olhou com aquele olhar de menina apaixonada que eu tanto amava. — Para quem nunca tinha sido escolhido antes, você foi escolhido muitas vezes hoje, Senhor Mancini.

— E, para quem sempre foi covarde, você foi muito corajosa hoje, Senhorita Bittencourt. — Deixei um beijo casto em sua testa, permitindo que a gratidão inundasse meu peito.

Como eu era grato por tê-la em meus braços outra vez.

Como eu era grato por ter entregado meu coração a ela.

— Não vou deixá-los te demitirem — Malu murmurou, pertinho de mim. — Sei que, mesmo sendo um dos herdeiros, você pode ser demitido, mas não me importo com isso. Você não fez nada de errado.

— Não posso namorar com funcionárias, Malu.

— Então, metade daquela empresa precisa ser demitida. —

Ela segurou minha nuca com firmeza e uma obstinação que eu sempre via em seus olhos quando era desafiada. — Não vai ser demitido. Vou provar que você não fez nada de errado.

— Vai me salvar, Meu Bem?

— Sim, eu vou.

E, no momento em que ela me beijou novamente, eu tive a certeza de que ela já tinha me salvado.

30
Universo colapsado



AUGUSTO MANCINI

Estranho seria se eu não me

apaixonasse por você

Nando Reis - All Star

Meus olhos ainda estavam pesados quando escutei o barulho do meu chuveiro sendo ligado.

A cama me abraçava, meus lençóis ainda se enroscavam em mim, e eles tinham um cheiro bom... Mas não era o de amaciante, era o dela. Tudo ali parecia ter o toque dela. Já sentia falta do seu corpo no meu e dos seus cabelos enroscados nos meus dedos, quando, a cada momento da noite anterior, os toquei para me lembrar de que ela estava ali, ainda estávamos juntos e que as coisas estavam dando errado, mas ainda éramos certos um para o outro.

Abri meus olhos com dificuldade, sentindo minha cabeça latejar de dor graças à porra da erva e do whisky da noite anterior.

Às vezes, eu me esquecia de que não era mais um moleque de vinte anos e que bebedeiras em dia de semana cobravam seu preço. Sentei-me na cama com dificuldade,

vendo o mundo rodar um pouco e observando a quantidade de roupas de Malu que tinha jogada na minha poltrona, que ficava ao lado da janela do meu quarto.

Como uma pessoa conseguia fazer tanta bagunça em menos de doze horas na casa de alguém? Ignorando a lembrança do copo quebrado na minha pia ontem à noite, quando ela insistiu em me

ajudar na limpeza da cozinha, sorri quando tropecei em seu chinelo lilás no pé da minha cama.

Meu quarto, que sempre viveu imaculado, agora parecia um cenário de horror onde um unicórnio havia sido assassinado e seus restos estavam por todos os lados.

Malu gostava de roupas coloridas, e já havia percebido que adorava que combinassem entre si. Por exemplo, se ela estivesse usando um vestido vermelho, provavelmente, os sapatos também seriam vermelhos. Se o terninho fosse verde, os sapatos seguiriam a mesma lógica.

No passado, achava suas roupas cafonas *pra caralho*, mas, então, achava mesmo uma gracinha. Gostava que ela tinha o jeito dela e gostava ainda mais que ela nunca havia ousado mudá-lo por minha causa. Ela não precisou mudar. Os óculos horrorosos que, até então, ela agora só usava em casa, estavam na mesinha de cabeceira que nunca foi usada por ninguém além de mim, assim como seu *tablet*.

Era uma loucura o modo como as coisas dela se encaixavam ali. Se encaixavam comigo...

Era como juntar o sol e a lua em um mesmo lugar.

Sentia-me um idiota por, um dia, ter achado que não poderíamos dar certo. Malu cabia perfeitamente em mim,

além de trazer uma leveza para minha vida que eu admitia que estava mesmo precisando. Já eu, trazia um pouco mais de seriedade a ela.

Ela me adoçava e eu a azedava um pouco. Parecia estranho, mas era exatamente isso. Era perfeito.

Abri a porta do banheiro, encontrando-a lavando seus belos cabelos enquanto cantava alguma música que eu não fazia ideia de qual era. Ela era tão linda, que eu chegava a ficar um pouco abobado ao sorver sua imagem. A pele era tão clara que seus cabelos claros chegavam a fazer contraste. As mãos eram firmes e trabalhavam habilidosamente nos cabelos, conforme a água se esparramava pelo seu corpo, me dando inveja. Queria que fosse eu... Queria que fossem minhas mãos a segurar os bicos de seus seios e, logo em seguida, descer pela sua barriga até chegar na boceta.

Adorava como ela mantinha seus pelos aparados, curtinhos, mas ainda seguiam ali. Pirava em como seu quadril estreito se abria um pouco, dando lugar a uma bunda pequena que eu amava apertar e deixar marcada.

Era louco por ela.

Completamente rendido por ela.

Mas o que fodia mesmo eram as covinhas, que estavam se mostrando naquele exato momento, quando me olhou com aquele olhar apaixonado e abriu um sorriso que era capaz de iluminar até os dias mais nublados de uma São Paulo, que era conhecida como uma cidade melancólica.

— Bom dia, amor.

Amava quando ela me chamava assim.

— Bom dia, Meu Bem.

Meu pau já dava sinais, completamente acordado com seus olhares lascivos em minha direção.

— Não quer entrar? — Ela passou a mão pelo vidro do box, limpando o embaçado graças ao seu banho hiper quente, para me enxergar melhor.

Estava lá outra diferença nossa: enquanto ela só tomava banho quente, eu só tomava frio.

— Se eu entrar aí, não vou conseguir me conter. — E, com o tesão que estava sentindo, não conseguiria ser delicado.

— Não quero que se contenha... — murmurou, usando aquelas covinhas indecentes para tentar me convencer de algo que eu mal precisava de convencimento.

— Você gosta de quando eu sou bruto ou de quando sou romântico? — perguntei, já tirando minha cueca e libertando meu pau, que parecia pesado e dolorido depois de uma onda insana de tesão me tomar.

— Gosto de você, Augusto. — Malu suspirou e encostou as costas no azulejo do banheiro com as mãos para trás, em um sinal claro de submissão.

Como ela me conhecia tão bem através de apenas um olhar...

Entrei e fechei a porta do box atrás de mim, sentindo pequenos respingos de água quente cair na minha pele, piorando meu caos

interno. Meu peito estava pesado e minha respiração um pouco trêmula. Ela me deixava nervoso. Depois de todas

aquelas semanas, ela ainda me deixava nervoso *pra* caralho.

Não era um nervosismo ruim. Muito pelo contrário, era um nervosismo bom. Era como estar despencando em uma tirolesa, mas tendo a segurança que eu não iria cair no vazio. Com Malu, a queda era segura.

— E eu amo você. — Alisei suas bochechas, enquanto ela processava a informação.

Ela engoliu em seco, os grandes olhos verdes se arregalaram e a boca tentava balbuciar algo, mas ela não conseguia falar nada.

Não queria que ela falasse, afinal. Eu disse aquilo porque estava pronto, porque era a mais pura verdade.

Eu a amava e queria ser o primeiro a dizer porque queria que ela se sentisse segura na queda tanto quanto eu me sentia.

Segurei seu pescoço com ambas as mãos, firmando-a no lugar, e dei um beijo calmo em seus lábios, saboreando sua língua e retendo seu gosto que, para mim, agora, tinha gosto de casa. De rotina. De *para sempre*.

Queria muito que ela fosse minha para sempre. A visão de Malu indo embora da empresa junto comigo, brigando por algum projeto na mesa de jantar, gemendo baixinho no meu ouvido quando eu a fodesse antes de dormir..., me fez sorrir, mesmo beijando-a.

Aquela garota me fazia feliz *pra* caralho e, no final das contas, eu havia entendido o porquê diziam que o amor era bom.

Amor nos fazia sentir vivos.

Nenhuma droga no mundo me fez sentir tão bem quanto Malu.

— Vou te foder. — Tracei seu lábio com o polegar. Maria Luiza já estava com os olhos pesados e o rosto vermelho, me mostrando que estava com tanto tesão quanto eu. — Com amor, mas, ainda assim, vou te foder.

— Augusto... — arfou, quando eu abri suas pernas com meus joelhos e a beijei novamente, tomando seus seios em minhas mãos e brincando com seus mamilos sem nenhum pesar.

Eu os apertava, beliscava e massageava sem deixar Malu tomar o mínimo de fôlego. Instintivamente, ela começou a passar a

boceta na minha perna, tentando acompanhar o ritmo do beijo duro que eu dava em seus lindos lábios.

As unhas dela me seguraram como se eu fosse a porra do seu bote salva vidas, mas não parei. Continuei brincando com seu corpo ao passo que ela se amolecia completamente em meus braços.

Quando seus dedos ousaram brincar com meu pau, segurei-os, puxando suas mãos acima da sua cabeça.

— O único alívio que vou ter será quando entrar na sua boceta, Malu.

Sua resposta foi abrir ainda mais suas pernas para mim, em um pedido silencioso para que eu metesse logo.

Tomei seus seios com meus lábios, mamando primeiro em um deles, mordiscando levemente seu bico, para, em seguida, fazer o mesmo com o outro. Sentir seu bico na minha língua enquanto escutava seu gemido fez meu saco se apertar e meu pau implorar por um alívio.

Desci minha mão livre até sua entrada, encontrando-a completamente encharcada para mim. Meus dedos a exploraram inteiramente, distribuindo sua umidade por todo o lugar, mas focando principalmente em seu clitóris inchado e avermelhado.

Com movimentos firmes e circulares, trabalhei ali por um tempo. Malu se contorcia, rebolava e mordia meu ombro, completamente entregue aos estímulos que eu impunha sobre seu corpo. De tão mole que ela estava, precisei firmar sua cintura com meu braço, dando a segurança que ela precisava para gozar.

Não foi o orgasmo mais potente que eu já a vi ter, e eu nem queria isso. Era apenas o começo para ela. Naquela manhã, Maria Luiza iria conhecer a beleza do orgasmo múltiplo. Era o relaxamento que ela precisava para uma reunião na qual seríamos apedrejados.

Antes mesmo que seu corpo terminasse de relaxar pós-orgasmo, a virei para a parede, segurando seu quadril empinadinho para mim, que me dava abertura para que eu entrasse nela. Com um movimento lento e quase torturante para mim, eu abri espaço em sua boceta quente e fui pouco a pouco tomando-a como queria desde o momento em que abri meus olhos naquele dia.

A boceta me apertava e melava, me levando a soltar um gemido rouco que vinha direto da minha garganta, que estava completamente seca, mas me segurei até que ela se

acostumasse com a invasão. Os dedos finos tentavam segurar na parede, procurando, de alguma forma, suportar a pressão que seu ventre sentia, mas ela não reclamou nem pediu para parar. Malu se empinou ainda mais e veio de encontro com meu quadril, ajudando meu pau a escorregar quase até inteiro para dentro dela.

Tomei seus cabelos, segurando-os perto da raiz, e mordendo sem leveza nenhuma seu pescoço exposto e arrepiado, dando a primeira estocada firme contra ela.

— Vê como você foi feita para mim, Malu? — murmurei em sua orelha, mordendo-a levemente em seguida.

Queria marcá-la inteira.

Queria que ela tivesse a certeza de que era minha. *Apenas minha.*

— Sou sua... — arfou, encostando a testa na parede e se segurando cada vez mais firme enquanto eu metia nela devagar, mas sempre com firmeza. — Isso está tão bom... Estou perto de gozar de novo.

Um sorriso satisfeito despontou em meus lábios.

— Eu sei, Meu Bem. — Segurei um dos seus seios, ainda metendo nela e procurando seu ponto de maior prazer.

Malu procurou minha mão livre, e com nossos dedos entrelaçados, me fez cobrir seu corpo, colando meu peito em suas costas. Ela soltou um gemido sôfrego, encontrando mais um orgasmo, esse bem mais forte do que o primeiro. Não parei de estocar nela, segurando seu corpo. Era impossível não curtir e não ficar totalmente embriagado com o som gostoso que saía da sua boca.

Ela era uma delícia de amar e uma perdição de foder.

— Como eu amo você, Malu... — falei em seu ouvido, sentindo minhas bolas se contraírem, mas segurei. Ainda não era o momento de me entregar ao orgasmo, queria que ela gozasse mais uma vez.

— Augusto... — Olhou-me por cima do ombro, beijando minha bochecha e, em seguida, tomando minha boca como era possível,

completamente transtornada por causa do prazer que assolava seu corpo.

Ela parecia agoniada, mas não parou nenhum segundo de rebolar contra mim. Seu orgasmo não parecia acabar, mas também não estava tão potente quanto no momento em que havia começado.

A dor de seus arranhões era muito bem-vinda, e, quando sua boceta começou a palpitar em volta de mim, eu sabia que não tinha mais como segurar o prazer de nós dois. Enfim, eu fodi sua boceta.

Firme.

Forte.

Duro.

Segurando seus cabelos e seu quadril, fazendo-a tomar todo meu pau, não tive dó nenhum quando lágrimas brotaram em seus olhos ao explodir do terceiro orgasmo, levando sua boceta a me apertar tão forte que foi impossível não sentir a pressão das minhas bolas, que clamavam para que eu libertasse nosso próprio prazer.

— Não vou aguentar outro...! — choramingou, ofegante, e encostou o corpo no meu. Suas mãos estavam trêmulas, e ela não tinha controle algum do próprio corpo.

— Vai... — Saí dela e virei-a para mim, pegando-a em meu colo e metendo em sua boceta outra vez com seu corpo prensado contra a parede, o que deixava todo o trabalho para mim. — Vai aguentar tudo que eu tenho para te dar...!

Ela sorriu.

A fedelha desgraçada ousou sorrir para mim.

E aquilo só me deu mais energia para beijar sua boca e socar meu pau até que finalmente me visse sem escolha, a não ser liberar meu gozo dentro dela. Era o êxtase que eu precisava para que meu corpo inteiro se reduzisse a um monte de músculos relaxados e entorpecidos.

Era o que eu precisava para ter certeza de que aquela seria a única boceta que eu queria ter para o resto da minha vida.

— Não acredito que me fez gozar quatro vezes... — disse, trêmula e ofegante. Malu escorou a testa no meu peito, tentando respirar fundo para voltar ao nosso mundo.

— Quatro? — Aquele quarto, eu não tinha aproveitado. Eu a descí do meu colo, mas ainda mantendo suas pernas abertas, para aproveitar a visão do meu gozo, escorrendo de sua boceta. Que visão do caralho.

Minha.

Ela já era uma delícia, marcada assim, então... Fazia meu sangue ferver querendo entrar nela novamente.

— Gostou? — questioneei, trêmulo, não estando mais são do que ela.

— Sim, mas estou dolorida. — Ela abriu um sorriso fraco. — Gosto quando me deixa dolorida.

Minha resposta foi dar um selinho profundo em seus lábios.

— Augusto... — murmurou baixinho, atraindo minha atenção.

Eu já tinha notado que ela me chamava assim quando iria dizer algo sério.

— Maria Luiza... — devolvi em tom de brincadeira, tentando aliviar as batidas fortes do meu pobre coração.

Um dia, ela ainda iria me fazer infartar.

— Eu amo você.

Foi simplesmente a melhor coisa que ela me falou e também foi a primeira coisa que me gerou uma onda surreal de possessividade sobre ela.

Sua virgindade e nem mesmo seu primeiro beijo me gerou esse sentimento louco e quase primitivo dentro de mim, mas aquelas três palavras me fizeram querer ser não só o primeiro, nem apenas o último.

Eu queria ser o único.

Aquele coração colorido, errático e completamente desorganizado precisava ser apenas meu.

— Acho que eu te amo desde o momento em que me beijou...

— Suas bochechas atingiram o tom de vermelho que fazia meu estômago se encher de malditas borboletas, ou sei lá o que caralho era aquilo. — Nunca vou entender o porquê você me deu coragem para te dar todos os meus primeiros, mas, quando penso nisso, tenho teorias de que meu coração sabia, antes mesmo de bater por você, a quem pertencia. Acho que tudo sempre foi seu. Meus beijos,

meu prazer... — Agora, ela estava ainda mais vermelha. — E, por mais que as pessoas não entendam, eu sei o que eu sinto. E isso, nós, é o certo. Você é o meu destino, Augusto Mancini.

Aquela garota.

Aquela linda garota...

Eu estava longe de merecê-la, mas isso não importava. Tomei seus lábios porque nenhuma palavra seria capaz de traduzir o que eu sentia diante de tudo aquilo, e finalmente me permiti sentir em paz com qualquer coisa que o destino colocasse no meu caminho.

Qualquer coisa valeria a pena porque, no final das contas, meus braços eram a casa dela e seu coração era meu lar.

Só meu.

31

Onde existe guerra, existe caos



MARIA LUIZA BITTENCOURT

É preciso amar as pessoas

Como se não houvesse

Amanhã

Porque se você parar pra

Pensar

Na verdade não há

Legião Urbana - Pais e Filhos

Parecia um pesadelo.

Meu pai não olhava na minha cara, minha mãe massacrava Augusto como se ele fosse um criminoso na frente de todos os membros da diretoria, demonstrando todas as regras que ele infringiu, além, claro, do porquê meu relacionamento com ele era um problema...

Minha mãe o fazia parecer um perverso por sair com uma mulher tão mais nova, como eu. Até dúvida sobre desde quando ele tinha começado a ter intenções de me seduzir. Ela até criou uma teoria sólida de como tudo isso aconteceu. Primeiro, Augusto minou minha confiança, estabelecendo uma relação tóxica comigo como meu chefe. Para minha mãe, ele me deixou vulnerável e, então, me seduziu até obter o que queria.

Era uma boa teoria, porém ela cometeu um erro primário.

Minha mãe não me questionou sobre nada.

Como eles iriam fazer uma tese sem que a vítima tivesse sido ouvida? O que eu via ali era um show de horrores.
Minha vida

peçoal estava exposta para toda a chefia da empresa onde eu trabalhava e que herdaria daqui a uns anos.

Todo aquele show era nada mais e nada menos do que a resposta de duas pessoas mimadas que cresceram em berço de ouro e achavam que mandavam no mundo. Eu entendia meus pais, eles estavam com medo. Estavam longe de estarem prontos para ter uma filha de vinte e dois anos.

Essa era a verdade da qual eu sempre fugia quando o assunto eram eles. Meus pais não estavam prontos, mas eu sabia que havia dado o meu melhor como filha para que toda aquela preocupação fosse infundada. Eu fui a melhor na escola, nunca tomei um porre, não usei drogas, não respondia e raramente precisava ser chamada atenção... Então, contudo, eu via claramente que queria que eles não se sentissem mal por, muitas vezes, acharem que não davam conta de mim.

Só que, dessa vez, eles erraram demais.

Não, eles não precisavam aceitar meu relacionamento, mas trazer isso para a empresa era algo tão infantil que chegava a ser constrangedor. Meu avô, como o bom pai e sogro babão que era, estava deixando tudo desenrolar como se nosso tempo não fosse precioso.

Estávamos a três meses do nosso lançamento mais importante do ano. Augusto tinha tanto trabalho para fazer, e eu mesma, nem se fala... Para ser sincera, cada uma das pessoas presentes naquela sala de reuniões estava fodida pelos próximos três meses, mas claro que Melinda e Dante

Bittencourt fariam o que queriam e que se fodesse todo o resto.

Eles queriam o Augusto fora, e apenas isso era importante.

Por birra. Ou, no caso do meu pai, por um sentimento corrosivo de traição que, aparentemente, estava deixando-o cego.

— É por isso que o Senhor Mancini, mesmo sendo um dos herdeiros, deve ser desligado desta empresa. Temos que zelar pela nossa reputação e pelo bem-estar da nossa filha.

— O olhar da minha mãe queimava sobre mim, e eu o sustentei. Ela sabia que eu tinha saído de casa, mas, pelo que Ágata me contou, ela achava que eu estava apenas tentando chamar atenção.

A sala caiu em um profundo silêncio, e, quando meu avô começou a abrir a boca para proferir palavras que, provavelmente, me magoariam mais, resolvi agir. Aquela era a minha história.

Aquela era a minha verdade.

Aquela era a minha vida e o meu legado.

— Tudo isso é vexatório — disse, sentindo a mão do meu pai pegar na minha sob a mesa, mas logo esquivei de seu toque.

Meu olhar saiu da minha mãe e foi diretamente para o homem pelo qual eu cometeria minha maior loucura.

Eu iria me expor.

— Em plena terça-feira, nós não deveríamos estar discutindo sobre o relacionamento de uma pessoa de vinte

e três anos com outra de trinta e oito, quando ambos estão conscientes a todo momento do envolvimento. Ambos somos maiores de idade e toda essa tese que a Doutora Bittencourt fez, só faria sentido se eu ainda fosse uma adolescente e respondesse pelo código do estatuto do adolescente, o que não é o caso. — Foi a vez de olhar para o meu pai. — Tudo o que aconteceu entre nós foi no âmbito privado, e a Doutora Bittencourt nunca me questionou sobre a verdade dos fatos. Se ela tivesse feito isso, saberia que tudo começou com um pedido meu.

— Filha... — Era minha mãe, mas cortei-a, falando mais alto.

— Eu queria aprender a flertar. Todos aqui sabem que sou um terror no quesito desenvoltura social, e, mesmo sendo bonita, eu não conseguia me relacionar porque tinha muita vergonha e acabava estragando tudo. Não foi assim com o Augusto. Ele conseguia me ver. E, no meio desses ensinamentos — ninguém precisava saber que eles nem mesmo começaram —, nós nos apaixonamos. Assim como meu pai se apaixonou pela filha do juiz e meu avô se apaixonou pela filha do coronel. — Respirei fundo. —

Sobre nossa diferença de idade..., sim, ela existe. Assim como em vários casais. É verdade que vamos enfrentar várias questões, mas nada que precise ser discutido em uma reunião de uma empresa tão grande quanto a nossa. Meu relacionamento não é pauta da MB e nunca será. E, caso vocês mandem embora o melhor arquiteto

desta empresa por pura birra, saibam que passarão para o país inteiro quão medíocre nós somos.

Quando eu finalmente parei para tomar uma água, todos estavam me olhando boquiabertos, talvez, por eu não ter gaguejado nenhuma vez ou, talvez, tenha sido porque eles

nunca tinham me visto tão altiva antes, mas isso não me parou. Não poderia parar.

Esse era um limite que meus pais teriam que engolir.

Eu cresci, eles sabendo lidar com isso ou não.

— E, para deixar claro, *eu* pedi para ele me beijar, *eu* pedi para ele dormir comigo e *eu* pedi para namorar comigo. *Eu sempre pedi.*

Toda essa história aconteceu por minha causa. Não foi ele que me seduziu, fui eu que o seduzi. — Augusto arqueou as sobrancelhas, tampando o sorriso com os dedos. Ele parecia orgulhoso e isso fez meu sangue correr mais rápido nas minhas veias. — E são muito perigosas todas essas acusações, sabiam? Primeiro, porque são mentira e o Augusto pode processar vocês por calúnia e difamação.

Segundo, porque um assunto tão sério não deveria ser tratado tão levemente. Existem pessoas que realmente são abusadas.

Histórias assim existem, mas essa não é a minha história. Chega a ser desrespeitoso com todas as vítimas de pedofilia, estarmos sendo tão descuidados.

Terminei o discurso meio ofegante, com todos os olhos em mim. Até mesmo meu avô parecia estar em completo choque com tudo o que tinha escutado. Nunca fui respondona com eles. Muito pelo contrário, sempre fui muito submissa diante da minha família, mas não poderia deixar que nada de ruim acontecesse com o Augusto. Ele merecia mais. Meu pai o conhecia, sabia que não tinha muitos escrúpulos, mas, no fundo, Augusto era bom. Sabia que era.

Como um sentimento tão louco poderia me tomar com tanta intensidade em menos de dois meses?

A única parte ruim de amar Augusto era ter que enfrentar as pessoas que obtinham meu amor incondicional. Estava sendo terrível enfrentar meus pais. Pior ainda era receber esse tratamento frio e irritante vindo deles, mas, no final das contas, eu sabia que precisava fazer isso por mim mesma.



Lutar para viver o meu amor não era uma birra, nem mesmo uma afronta aos meus pais. Não do jeito que eles imaginavam. Lutar por aquilo era lutar pelas minhas escolhas e tê-las respeitadas.

— Então, acho que podemos concluir que, por mais que não seja moral, Augusto não cometeu um delito penal nem civil, o que o impossibilita ser mandado embora. — Senhor Mancini, o pai de Augusto, quem disse. Meu Deus, agora, ele era o meu sogro... —

Alguém tem alguma objeção? Podemos começar a votação?

Meu avô olhava para o meu pai e os dois tinham uma conversa silenciosa a qual eu não era capaz de entender muito bem, e minha mãe tentava um contato visual o qual eu não queria sustentar.

Ninguém disse mais nada por um tempo, até que, finalmente, a votação para a demissão oficial de Augusto começou.

Até que, enfim, parecíamos livres de uma parte dos nossos problemas.

Dei as costas para a sala de reunião e fui em direção à sala de Augusto. Sentia os olhares de todas as pessoas em mim, mas ele não me deixou estancar no lugar, não me deixou sucumbir.

Pela primeira vez, Augusto Mancini, diretor técnico da MB

Incorporadora, o crápula, o pior chefe, o rabugento, aquele que nunca passou mais de quatro meses com uma namorada, entrelaçou nossos dedos e me segurou com firmeza, dando olhares altivos para quem tivesse coragem de nos julgar silenciosamente.

Sempre achei Augusto um tanto bravo e imbecil, mas, agora, via que ele era altivo e sincero — menos quando tinha relação a estar dormindo com a filha do melhor amigo. Daí, ele mentia que era uma beleza. E ali estava ele, abrindo nosso relacionamento para toda a empresa com uma mensagem clara.

Ele ainda mandava em tudo.

Ele ainda não tinha escrúpulos quando o assunto era trabalho.

Ele não ligava para o que os outros pensavam.

E isso tudo me confortava ao perceber que estava andando tão altiva quanto ele.

Nosso amor não era certo, mas a única pessoa que tinha o direito de encher o saco era meu pai, mas até ele ficou mudo depois de tudo o que falei na reunião daquela manhã. Eu o conhecia bem e, pelo olhar que me deu no final, estava refletindo sobre a situação.

No fundo, aquele romântico incurável sabia que, quando o amor se instalava no fundo da alma, não tinha o que fazer.

Quando Augusto fechou a porta atrás de mim, fui jogada contra a parede e tomada por um beijo ansioso e quase punitivo. Ele parecia desesperado por mim, e precisava confessar que eu também estava por ele. Mas era mais do que amor o que ele parecia sentir, se era que algo mais poderoso do que esse sentimento louco realmente existisse.

— Você é foda para caralho, Fedelha! — murmurou, fitando-me com seus lindos olhos azuis. — Não acredito que falou aquilo tudo por mim... Não acredito que mentiu por mim.

Minha resposta foi um piscar de olho para ele, assim como ele havia feito no aniversário da minha irmã mais nova, quando estraguei o bolo ao deixá-lo cair.

E, sobre a mentira, bom... Ninguém precisava saber que ele não tinha me pedido em namoro ainda, né? Minha família era tradicional e deixar claro que estávamos namorando seria um passo importante para que eles entendessem que aquilo ali era sério.

— Não podia deixar você ser injustiçado por minha mãe. Sim, eu entendo que você foi muito cuzão com ela e nunca irei pedir para que goste de você, mas isso não dá liberdade de ela destruir sua carreira. Meu pai tem o direito de se sentir mal com o que está acontecendo, mas nossa vida privada tem que ser discutida em âmbito privado — expliquei, recebendo aquele sorriso orgulhoso novamente.

— Só não quero te separar dos seus pais, Malu. Toda essa loucura, querendo ou não, é porque eles te amam e estão realmente preocupados com você...

Eles estavam, sim, preocupados comigo, mas também estavam preocupados consigo mesmos e sua imagem como pais.

— Não é você que está me afastando deles. Foram eles que me proibiram de falar com você, foram eles que tiraram meu celular, foram eles que me mandaram subir para o quarto e nem me escutaram... Eu tive que pular a porra da minha janela para conseguir sair daquela casa!

Augusto prendeu o riso, e eu fiz o mesmo.

— Por isso apareceu ontem na minha casa com a porra de um galho na cabeça?!

— Pensei que nem iria se lembrar disso...!

Já eu nunca iria me esquecer daquela cena deplorável.

Eu pulando a janela, com a ajuda das minhas irmãs e Ágata.

Tudo tinha dado certo, até que, quando estava indo para o carro da minha prima, tropecei e caí em um arbusto. Em minha defesa, eu não conseguia enxergar direito para onde estava indo porque estava sem óculos e ocupada demais ao tentar correr. Era um ou outro...

— Como me esquecer de uma cena tão maravilhosa como aquela? — Augusto, antes, se irritava com meu jeitinho, mas, até então, sabia que tinha aprendido a gostar.

— Em minha defesa, eu não queria mais uma discussão com meus pais e...

— Isso, porque você quis tomar essa decisão para se tornar uma pessoa mais madura... — interrompeu-me com um certo tom de ironia, que me fez rir.

— Ah, não dá para se ter tudo na vida! E, como eu disse, eu não fugi, apenas saí de casa. Eles iriam me fazer refém?!

— Do mesmo jeito, não quero que corte relações com seus pais, Malu. Sei o quanto eles te amam e acho que, com o tempo, podemos todos nos acertar. Somos adultos e isso aqui não é o fim do mundo. Concordo que seu pai tem o direito de ficar puto, mas não é como se eu tivesse te desrespeitado ou feito você sofrer.

Pensando nisso, uma coisa realmente parecia estranha.

Augusto já tinha me feito chorar várias vezes, mas nenhuma delas foi por causa do nosso relacionamento. Como namorado, ele era perfeito, já como chefe... Ainda era um escroto.

— Foi doloroso entrar naquela sala tendo seus olhos decepcionados em mim... — Minha garganta queimou, mas preendi o choro. Não queria demonstrar o quanto aquilo estava me afetando.

— Sempre tentei ser boa para eles, uma boa filha, alguém de quem eles se orgulhassem.

— Eu conheço seu pai, e ele está orgulhoso de você. Dante, agora, está puto e muito incomodado comigo. Eu sou o problema.

Mas vi como te olhou na reunião. Ele estava encantado porque você estava lutando... — Ele tomou fôlego. — Estava lutando por amor, e ele, mais do que ninguém, sabe como isso é uma prova de amor do caralho.

— Eu fui bem foda, né?! — Mordi o cantinho do lábio inferior, já me derretendo em seus braços.

— Você foi foda, Meu Bem! — Augusto apertou-me ainda mais em seu abraço e deu um selinho intenso nos meus lábios. — Você é foda *pra* caralho.

E, mesmo sentindo uma angústia por ter decepcionado as pessoas que eu mais amava no mundo, me permiti sorrir porque tinha conquistado o homem que eu nem sabia que queria.

Augusto era o cara certo.

Meus pais só precisavam ver o mesmo que eu.

32



Uma vez crápula, sempre crápula

AUGUSTO MANCINI

Conhecia todos os seus jeitos de trapaça

Infelizmente, eu caí

Me perdi no centro dessa cara bonita

É tão difícil de sair, mas tudo certo

Jão - Idiota

É verdade, eu sempre odiei lidar com a incompetência alheia.

Irritava-me ter que ensinar o óbvio para aqueles idiotas que se recusavam a aprender, pelo menos, o básico sobre projetos.

Sim, eu sabia que exigia muito, mas ninguém naquela sala poderia ousar dizer que recebia mal. Nosso plano de *treinee* era um dos mais bem pagos do Brasil.

Eles recebiam bem, logo, precisavam trabalhar bem.

O problema daquela geração de bosta era que não passavam de uns mimados e que se achavam melhores do que todos. Tudo bem, eu admitia que era tão arrogante quanto eles, mas jamais ousei entregar um projeto porco para o meu superior. Jamais envergonhei como cada um da minha equipe estava me envergonhando naquele dia.

Meus arquitetos seniores já estavam treinados, sabiam como eu gostava das coisas e entendiam o padrão da MB. O problema eram os fedelhos, que sempre queriam inovar mas só acabavam sendo uns idiotas.

Dante adorava ensinar as pessoas, Melinda e até mesmo Caíque, irmão do Dante, também gostavam, então achava que a merda era comigo, porque não tinha a menor paciência.

Em minha defesa, explicar o óbvio era extremamente frustrante. E, de todos os meus dozes subordinados, quem tinha conseguido me irritar mais era a porra da minha namorada.

Respondi os e-mails dos projetos deles na força do ódio, mas, dela, eu precisaria de algo mais.

Por que ela era minha namorada? Não.

Mas por que ela foi teimosa com uma coisa que ela não deveria ser? Com certeza!

— Maria Luiza — chamei-a da minha mesa, e apenas pelo meu tom de voz, ela arqueou as costas.

— O que eu fiz?!

Ah, então ela não sabia?

— Sente-se aqui na minha frente. Vamos bater um papo.

Deus, como eu amava quando ela arregalava aqueles olhos para mim.

Como eu amava quando ela colocava aqueles olhos em mim.

— Se for a respeito do atraso do projeto do prédio comercial, eu e minha equipe entramos em discordância sobre o estilo de fachada, e ficamos meio trava...

Ergui minha mão para que ela parasse de falar.

Então, queria dizer que o projeto que já deveria estar com algum dos meus arquitetos sêniores, ainda não havia sido entregue? E ninguém me disse nada?

— Há quanto tempo é formada, Maria Luiza? — perguntei, seco. Estava puto com aquela equipe do caralho que nunca deixava meu trabalho fácil.

— Ué, vai fazer cinco meses agora.

Cinco meses. Ela era um feto!

Um feto que ousava achar que sabia melhor sobre as coisas do que eu.

— Eu sou formado há quinze anos. Quantas especializações você tem?

— Vou entrar na primeira em janeiro... Falta um pouco mais de um mês. — Sentou-se na cadeira em frente à minha mesa e apoiou as mãos trêmulas em seu colo.

— Eu tenho cinco. — Cinco especializações para ela cagar para os meus conselhos e fazer merda na porra do projeto... —

Então, quando eu digo que não cabe um estacionamento para mais de 150 carros é porque não cabe, caralho! — exaltei-me.

— Mas eu fiz caber, e ficou dentro das normas — defendeu-se, sabendo exatamente sobre o que eu estava falando. — Que eu saiba, bons arquitetos conseguem fazer o impossível.

— Bons arquitetos fazem bons projetos. Eu avisei que sua ideia não era boa.

Eu havia rejeitado a ideia dela, isso sim.

— Pensei que não era para te escutar. — Arqueou as sobrancelhas, e seu tom debochado só me irritou mais.

— Maria Luiza, uma coisa é quando estamos em algum tipo de desafio, outra coisa é quando você está fazendo um trabalho que realmente será utilizado pela empresa. Porra, sua petulância vai fazer tudo atrasar! Meu engenheiro precisa calcular as coisas, mas mandou o projeto de volta

porque disse que a garagem do seu prédio estava um delírio coletivo!

— Delírio coletivo? — indagou, agora envergonhada.

— Refaça essa merda! E termine no seu prazo com seu time!

Se eu receber alguma reclamação por conta do seu atraso, as coisas não vão ficar boas — enfatizei, me levantando, já louco para ir fumar meu bendito cigarro.

Era aquela porra de trabalho que me obrigava a fumar.

— Odeio seu lado chefe. Você é um cretino! — rebateu, enquanto eu dava as costas para ela.

— E eu odeio seu lado *treinee* petulante. Refaça essa porra!

Você tem vinte e quatro horas.

E, assim, bati a porta da minha sala, extremamente puto.

Meu secretário me olhava meio assustado, mas o ignorei e fui direto para o elevador. Estava de saco cheio daquela merda de empresa. E de todos os olhares que todos me lançavam como se eu fosse o pior dos homens. Ok, eu tinha feito algo meio imoral, mas também não era para tanto.

Nunca fui família da Maria Luiza. Ela era linda, inteligente e tão incrível que eu acabei me apaixonando. Simples assim.

Não aguentava mais me sentir errado e culpado por uma coisa que, para mim, parecia normal. Ela ser filha do meu amigo parecia um mero detalhe. Eu a fazia feliz..., queria dizer, menos quando brigava com ela por causa de trabalho, mas isso era apenas um ponto da nossa relação.

Entrei no elevador e escorei minha cabeça no metal gelado, sentindo uma angústia do cão tomar conta de mim.

A verdade era que, em momentos como aquele, eu iria fumar e ainda tinha meu melhor amigo do meu lado. Dante me escutaria, me daria uma lição de moral sobre paciência e essas merdas, e me faria sentir melhor.

Nós não nos falávamos há pouco mais de um mês, e isso estava me matando lentamente... Era uma coisa estranha porque me sentia extremamente feliz com Malu. Tínhamos uma rotina gostosa, saíamos aos finais de semana ou, às vezes, íamos até o Guarujá e, durante a semana, eu cozinhava para ela e víamos filmes juntos para, logo em seguida, transarmos como loucos antes de sermos vencidos pelo cansaço.

Malu era a pessoa mais importante para mim, e, sim, ela me fazia feliz, mas eu sentia falta do meu amigo. Do meu irmão.

Que confusão do caralho...

— Você está bem?

Sua voz inconfundível atravessou meus ouvidos.

Cheguei até a empertigar minha coluna. Àquela altura, ele nem mesmo ficava no mesmo recinto que eu, somente ficávamos juntos apenas se fosse em alguma reunião importante.

— Eu pareço bem? — devolvi, puto.

Puto com ele e comigo.

Puto por causa daquele drama todo que eu ainda tinha dificuldade de entender.

— Você parece uma merda, na verdade.

Um silêncio constrangedor se estabeleceu entre nós, algo que nunca havia acontecido antes, e isso só me deu mais raiva.

— Está cuidando bem dela? — murmurou sua pergunta, após inspirar fundo. Sua dúvida me fez virar de frente para ele.

— Eu a amo, Dante. O que você acha? — Praticamente cuspi as palavras. — Mas ela sente falta dos pais dela. Esse gelo que vocês estão dando nela é tão cretino quanto estúpido.

— Estamos falando com ela — corrigiu-me ao se defender.
—

Acha que não está sendo um inferno para nós também?

— Mensagens de bom-dia e perguntando se está tudo bem são a mesma coisa que nada!

Saí do elevador, indo diretamente para a área aberta, e ele foi atrás de mim.

Ah, ele estava com vontade de brigar? Achava ótimo, porque eu estava me coçando para descer o cacete nele.

— Ela saiu de casa, Augusto! E está morando com você, quer que eu faça o quê?! — indagou, atrás de mim, enquanto eu acendia um cigarro.

— Seja o pai dela! — berrei. — Quero que volte a ser o pai dela porque, nem em um milhão de anos, o que está

fazendo é ser um bom pai. Sim, ela tem um namorado que você não gosta. Sim, ela fez algo que você não aprova, mas você deve amor incondicional à sua filha! Ela é sua filha!

— Não ouse dizer que eu não a amo, Augusto! Malu é tudo para mim. E você sabe disso!

— Sei?! — Ri, sem humor nenhum. — Não sei se eu te conheço mais, Dante. E olha que cresci ao seu lado. Nunca imaginei que você fosse capaz de me acusar de coisas tão nojentas como aquelas.

Aquela porra ainda não me descia... Tirava até o meu sono.

— Jamais achei que você fosse capaz de uma merda daquelas, mas senti que eu não te conhecia direito. Você mentiu na minha cara, caralho! — rebateu, tão puto quanto eu.

— Queria que eu falasse o quê?! Que eu estava com a Maria Luiza e que estávamos nos conhecendo melhor?

— Para de querer dar uma de santo, você transou com ela antes mesmo de se apaixonar.

— E o que seria mais Augusto Mancini do que isso? Acha que eu ia me apaixonar como? Observando-a desenhar? Ou quando gargalha vendo uma cena ruim de um filme de ação? Ou quando

chora de saudade de vocês? Ou quando eu compro *Tic-tac* para ela? — Traguei a porra do cigarro, sentindo minhas mãos tremerem.

Nem eu sabia quando havia me apaixonado por ela, só sabia que, em algum momento, aconteceu e não iria me desculpar por isso.

— Foi desrespeitoso. — Dante parecia exausto.

— Mas não foi um crime, como você e sua mulher fizeram parecer — murmurei, magoado. — Eu só fiz bem à sua filha, nunca a magoei e estou entregando uma coisa para ela que eu nem sabia que existia.

— Você se interessou por ela.

— E vai chorar até quando por causa dessa merda?! — Estava cansado de ser bonzinho com ele. Que se fodesse também! — Ela é adulta, eu também. Ela pediu uma coisa para mim, eu dei, e você só sabe que estamos juntos porque eu me apaixonei! Porque eu me descuidei!

— Então ia foder minha filha pelas minhas costas?!

— Dante, quantas vezes eu fiz algo desse tipo?! Eu peguei sua cunhada, sua prima, três das melhores amigas da sua mulher... Eu sempre me mostrei para você. Não estou dizendo que é bom, estou dizendo que você sempre bancou ser meu amigo, mas, agora que estou levando alguém a sério, agora que finalmente estou fazendo o que você sempre quis que eu fizesse, fica dando uma birra só porque é sua filha!

— Você é inacreditável! Como não vê que isso é um problema? — Bateu as mãos contra o corpo, indignando com tudo que saía da minha boca.

— Tira essa cabeça da bunda! Ela é sua filha, mas não é sua propriedade! Ela é uma pessoa com desejos, com coração e, primordialmente, com escolhas. Para de achar que eu fui o lobo mau que a seduziu. — Joguei a porra do cigarro no cinzeiro, louco para pegar outro. — Eu peço desculpas por ter aceitado a loucura que ela me propôs, mas não vou me desculpar por tê-la beijado, não vou pedir desculpas por

tudo o que vivi com ela e jamais vou pedir desculpas por tê-la conquistado. Malu é a melhor coisa que já me aconteceu, e, mesmo que isso tenha acabado com nossa amizade,

eu, ainda assim, não me desculparei. Porque, assim como você disse para o seu pai há quase 24 anos, eu digo agora. *Não vou me desculpar por amá-la!*

Dante me observou em silêncio por tanto tempo que eu quase achei que iria me dar as costas e ir embora. Mas, ao invés disso, ele engoliu em seco e ficou.

— Então você realmente a ama?

Caralho, como ele era lento!

— Acha mesmo que eu colocaria minha carreira em risco por ela, se não fosse nada? Acha que eu teria aceitado seus socos sem revidar? Acha que eu a aceitaria na minha casa, se eu não a amasse? Nenhuma das minhas namoradas dormiam na minha cama, Dante. Ela tem a porra de um lugar no meu guarda-roupas. E, por mais que soe cruel, acha que eu a escolheria, ao invés de você, se realmente não a amasse? — expus toda a verdade, já que era isso o que ele precisava escutar.

— Isso ainda, parece um sonho para mim... Um pesadelo — confessou, tenso, mas com o tom de voz mais ameno. — E eu sinto falta dela. Não acho que ela é uma propriedade minha, ou da Melinda, mas é estranho ver aquele bebê que você cuidou, alimentou e educou se transformando em um adulto.

— O que eu entendo é que, naquele dia que eu me sentei com você na sala de estar do seu pai, você jurou para ele que seria um bom pai e não vejo isso acontecendo agora.

Ligue para sua filha, escute o que ela tem a dizer e lide com as escolhas que ela fizer para a vida dela. Seu dever não é comandar, e sim cuidar e amá-la.

Passei por ele, louco para abraçar minha namorada. Queria sentir-me aliviado por estar lutando por ela tanto quanto ela lutou por mim.

Não fiquei para escutar sua resposta, dei as costas e voltei para minha sala e para o meu trabalho, já que, agora, graças a ele e a Melinda, precisava provar que eu não era apenas bom, e sim o melhor.

Malu não fazia ideia, mas, naquele momento, estávamos no mesmo barco.

Mas eu tinha confiança de que ambos mostraríamos para o mundo do que éramos capazes.

Se havíamos sido capazes de entregar nossos corações um para o outro, seríamos capazes de qualquer coisa.



MARIA LUIZA BITTENCOURT

E agora eu não quero manter a minha paz

Eu gosto do caos que você me traz

Jão - Ressaca

Fazia alguns minutos que eu estava sentada na mesa de jantar da casa de Augusto — também conhecida como minha casa temporária —, tentando arrumar minha cagada no projeto de um prédio do qual fiquei responsável pela garagem. Era a pior parte, e Augusto sabia que eu não era boa nisso. Poderia apostar que havia me designado para o projeto apenas por causa disso.

Eu ainda o odiava como chefe.

Ele ainda era intragável e cruel, e, pelo que eu vinha conhecendo dele, não mudaria tão cedo.

Augusto era teimoso, mas precisava dizer que, dessa vez — um milagre, diga-se de passagem —, ele realmente estava certo.

Então, lá estava eu, arrumando coisas que o engenheiro pediu para arrumar, engolindo meu orgulho e admitindo que, até então, minha teimosia tinha me obrigado a fazer o mesmo trabalho duas vezes.

É... Não dava para ganhar todas.

A bosta do programa travou bem na hora de tirar um dos pilares que iniciou todo esse problema e foi no mesmo momento em que meu digníssimo namorado entrou no apartamento, logo tropeçando em um dos meus tênis que deixei na porta de casa. Sem querer, óbvio.

Não tinha culpa de que eu tinha um prazo pequeno e meu chefe era um idiota.

— Desculpa... — murmurei, já prendendo o choro porque minha vontade era de jogar aquele maldito computador pela janela.

— Pelos sapatos, pela bagunça na minha mesa ou por não ter me escutado quando deveria? — questionou, cínico, e aquilo só fez com que as lágrimas caíssem sem que eu pudesse pará-las.

Algumas coisas nunca mudariam...

— Nenhuma dessas coisas... Te xinguei na minha cabeça.

Ele soltou uma risada e me abraçou por trás, depositando um beijo no meu pescoço.

— Crápula não é bem um xingamento, Meu Bem.

Lógico que ele gostava de como o chamávamos pelos corredores da empresa. Aquele sádico do inferno.

— Meu chefe é um idiota... — resmunguei, ainda olhando para a tela do computador à medida que sentia seus lábios diretamente na minha clavícula.

— Ah, ele é? — Deu uma mordida no lugar que antes estava beijando. Não tinha dor, apenas deixava meu corpo em alerta.

— Sim! Ele gritou comigo hoje e vou ter que virar a noite refazendo esse projeto, que, tudo bem... Eu sei que não está perfeito, mas está bom.

— Parece que ele não aceita nada menos do que perfeito, Meu Bem. Espera... Você está chorando? — perguntou, virando meu rosto delicadamente para ele.

— Estou frustrada! Passei o dia segurando o choro para não me debulhar em lágrimas na frente de todo mundo. Ele não gosta de quando eu demonstro fraqueza.

— Ele parece realmente um babaca. Eu deveria dar um soco nele — disse, limpando minhas lágrimas, mas eu podia ver um lapso de sorriso em seus lábios.

Ele estava orgulhoso por eu não estar descontando nele os meus problemas do trabalho. Estava feliz pois aprendi a separar as coisas.

— Você não pode porque ele é meu chefe. E, no final das contas, desta vez, ele meio que está certo. — Dei de ombros.

Nossos lábios quase se tocavam pela aproximação e eu estava doidinha para beijar sua boca.

— Você vai conseguir refazer o projeto. Não tenho dúvidas.

Suas mãos acariciaram minhas bochechas e seus lábios pairaram sobre os meus. Meu corpo relaxou e minhas lágrimas até pararam.

Augusto tinha um certo poder sobre mim. Não era sobre dominação, era sobre como ele me fazia sentir. Esse homem tinha uma áurea que me arrebatava só de colocar aquele par de esferas de aço em mim.

— Ele gritou comigo, sabia? — murmurei, fazendo manha, porque, se tinha uma coisa boa sobre namorar com Augusto, era o quanto ele poderia me mimar.

Logo depois que fazia merda, claro.

— Eu tenho certeza de que ele é uma pessoa intragável. —

Prendeu o riso. — Mas você não me deixou defender sua honra. Eu poderia quebrar a cara dele em dois segundos.

— Você deveria defender minha honra com palavras, sabe?

— E como eu faria isso? — devolveu, entrando na minha onda e nem parecendo mais o chefe idiota que me irritava profundamente durante a maior parte dos meus dias.

— Dá uma assustada nele! Fale que me fazer chorar é coisa de gente sem alma.

Ele tentou esconder um sorriso que insistia em escapar por seus lábios.

— Tenho certeza de que a alma dele já está no inferno há muito tempo.

E, assim, eu já estava em seus braços em um piscar de olhos.

Beijamo-nos por mais tempo do que eu planejava. Eu me perdi completamente ali. Sua língua era macia e seu hálito de hortelã misturado com a nicotina me convidava a uma certa calma. Era assim que eu sabia. Sabia que amava aquele homem.

Augusto não me deixava nervosa mais, muito menos ansiosa.

Quando estava com ele, ficava calma e tão relaxada que me sentia em casa. Essa era a questão mais interessante: mesmo não estando mais lá, eu me sentia em casa.

Claro, sentia falta dos meus pais... Nossa, como eu sentia falta dos meus momentos em família, mas era ali, com ele, que eu me sentia em casa.

Amava aquilo.

Eu o amava.

Eu o amava *pra* caralho.

— Eu te amo — soltei sobre seus lábios, e isso o fez sorrir.

Ele sempre sorria quando aquelas três palavrinhas flutuavam entre nós.

— Eu te amo também, Meu Bem. — E beijou meus lábios calmamente mais uma vez antes de suspirar e abrir aqueles lindos olhos para mim.

A beleza áspera de Augusto seguia intacta. Ele ainda tinha o maxilar forte e marcado, assim como suas sobrancelhas grossas e barba cerrada. Ainda parecia um homem implacável, mas, aos meus olhos, principalmente quando estávamos daquela maneira, ele era o homem mais doce que já havia conhecido.

Gus guardava um lado dele apenas para mim. E eu gostava disso.

Gostava de ser dona do seu lado adocicado.

— Falei com seu pai hoje.

Ele sempre parecia triste quando falava sobre aquele assunto.

Augusto me escolheu a despeito do meu pai, mas isso não queria dizer que não estava sofrendo por fazê-lo.

Estava doendo. Mas ele aguentava.

Augusto parecia aguentar muita coisa por mim.

— Brigaram?

Encolhi-me na cadeira, já sentindo falta das suas mãos em mim. Do mesmo lugar onde estava sentada, eu o observava caminhar até o bar, no canto da sala.

Até então, meus pais já estavam falando comigo, mas apenas o básico. Sempre me perguntavam se estava bem, se precisava de algo, porém, nada além disso. Não almoçávamos mais aos domingo juntos nem assistíamos aos nossos filmes preferidos às quartas-feiras.

Minhas irmãs me ligavam todos os dias e sempre diziam que papai estava triste e mamãe, às vezes, chorava quando ninguém estava olhando.

Pelo que conhecia dos meus pais, eles sabiam que tinham agido mal, mas eram teimosos e mimados demais para dar o braço a torcer. Sabia que eles só queriam ser bons pais, contudo ainda não tinham entendido que, ocasionalmente, serem bons pais era deixar que o filho vivesse aquilo que queria e que, caso se machucasse, seu papel era cuidar dos machucados.

Quando se tinha filhos adultos, o controle não estava mais com você. As decisões não estavam mais em suas mãos. E devia ser uma bela sensação de impotência lidar com isso, mas, ainda assim, era necessário que o fizesse.

Meus pais precisavam lidar com isso.

— Não foi uma conversa tranquila, mas me segurei porque, de verdade, eu cansei do seu pai. Cansei de ter que ficar explicando a mesma coisa milhões de vezes. Ele sempre me encheu o saco sobre amor e todas essas merdas, daí, eu acho a pessoa que quero passar o resto da minha vida e,

por ser você, ele pira. Me acusa de crimes! Crimes, Maria Luiza?!

Aquilo também não me descia de jeito algum. Era um assunto indigesto.

— Não entendo como eles não percebem como estão errados... A gente não fez nada demais, e eu nem sou tão nova assim.

— Eu disse tudo o que estava entalado, mas, por respeito a você, não fui tão duro. Conheço o Dante, ele vai refletir sobre o assunto e vai fazer a cabeça daquela insuportável, como sempre conseguiu fazer. — Augusto suspirou e se serviu um pouco de whisky, virando a dose inteira de uma vez.

— Sente muita falta dele, né?

Para falar a verdade, me sentia mal por causar tanto caos na vida de todos. Às vezes, me permitia até sentir culpa por ter feito aquele pedido ao Augusto. Se apaixonar por mim, de todos os pecados dele, parecia que havia sido o pior.

— Sinto. — Ele nunca mentia para mim. — Mas não mudaria nada do que aconteceu nesses últimos meses. No momento em que eu coloquei minha boca em você, sabia que tinha feito uma escolha.

Inconsequente ou não, foi a melhor coisa que fiz.

— Não queria que as coisas ficassem tão ruins para você...

Será bem ruim agora e não sei quando vai parar. Eles mal te chamam para as reuniões da empresa.

— Estou cagando para isso. Sem mim, aquela empresa não funciona. Ou vão dá-la para os mimados dos seus pais, que fazem de um assunto pessoal, um assunto da empresa? Essa birra deles vai passar e, no final das contas, eu terei tudo. Você, meu cargo e meu lugar, que é meu por direito — disse friamente, com sua arrogância característica.

No mesmo momento, meu celular apitou, fazendo meu estômago gelar em resposta.

Era minha mãe.

Melinda Bittencourt:

Oi, filha. Como você está?

Vamos almoçar juntas amanhã? Acho que precisamos conversar.

Por que sempre que alguém dizia essas malditas palavras, nossas cabeças instantaneamente entravam em colapso?

— É minha mãe. Me chamou para almoçar — falei, ainda olhando para o celular. — Disse que temos o que conversar.

— Como eu disse, terei tudo. Se bobear, até seu pai volta para o posto que sempre foi dele.

— E ainda ousa falar que meus pais são mimados... Você não parece ficar muito atrás, afinal.

— É que, ao contrário dos seus pais, sou mimado mas sei lidar com as adversidades da vida.

Não estava errado. Quando ele estava, né?

Respondi minha mãe dizendo que estava ansiosa para falar com ela. Mas eu realmente estou cansada dessa história.

Queria viver a parte tranquila do meu relacionamento. Não iria abrir mão de Augusto, porém, então meus pais teriam que entender minhas escolhas, gostando ou não.



MARIA LUIZA BITTENCOURT

Despencados de voos cansativos

Complicados e pensativos

Machucados após tantos crivos

Blindados com nossos motivos

Emicida - Passarinhos

Fazia alguns minutos que minha mãe comia sua salada enquanto meu pai não tirava os olhos de mim, como se tentasse encontrar a cura do câncer em meus olhos. Só se ouvia o barulho de conversas paralelas e talheres contra louças vindo das outras mesas do restaurante. Chegava a ser cômico o quanto eles estavam desconfortáveis.

Ai, meu Deus... Por que eles só não cortavam o drama?

— Gente, pelo amor de Deus... É só falar. — Finalmente cortei o silêncio torturante, colocando os talheres sobre a

mesa. — Não precisam ficar tão ansiosos com algo que é simples.

— Não é nada simples. — Mamãe contrariou, em um murmúrio.

— O que não é simples, mãe? — indaguei, já ficando sem paciência.

— Malu...

Ah, não! Aquele papo chato de novo não.

— Vocês não cansam? Pelo amor de Deus, gente, faz semanas que estão rodando nos mesmos argumentos. Isso já está insuportável. Não vou terminar com o Augusto, não estamos fazendo nada de errado! Coloquem isso na cabeça de vocês.

— Nós já sabemos! — ela disse, um pouco alto demais, fazendo com que as pessoas que estavam nas mesas ao lado nos olhassem. Meu pai segurou a mão dela como se pedisse calma, e isso a fez respirar fundo. — O que é difícil não é aceitar toda essa loucura que virou nossa vida, e sim começar a falar sobre isso. Não sabemos o que temos que fazer.

Eles não sabiam? Pois eu tinha na ponta da minha língua o que queria.

— Apenas me falem o que estão pensando e vamos lidar com isso. Era o que tinha que ter sido feito desde o início — expliquei calmamente, atenta às reações deles.

Era meu pai quem iria ditar aquela conversa, então era ele quem precisava estar tranquilo com a situação. Minha mãe, entretanto, já havia aceitado a derrota. Sabia porque seus

ombros estavam caídos e ela nem parecia estar mais com raiva.

Talvez, só um pouco ansiosa...

Tudo bem, nunca tinha visto minha mãe tão ansiosa.

— Primeiro, preciso dizer que nunca esperei que você e o Augusto acabassem juntos. Na minha cabeça, era algo tão fora da realidade que parecia mais uma brincadeira de mal gosto. Nunca cogitei que todos os boatos que estavam rolando pela empresa fossem reais.

Os boatos estavam sendo uma parte difícil de lidar, na verdade. Mas havia uma coisa interessante sobre namorar alguém que não dava a mínima para ninguém: quando você parava de aumentar a importância da opinião das pessoas na sua vida, as coisas ficavam mais fáceis.

Muitos ainda diziam que eu só tinha meu cargo por causa dos meus pais, outros diziam que eu só tinha tido um projeto aceito por Augusto porque ele era meu namorado... E que se fodesse tudo isso.

Iriam falar sempre, independentemente do que eu fizesse.

Falavam da minha mãe até hoje. Era algo que eu tinha que aprender a lidar. Não estava sob meu controle.

Eu era a melhor *treinee* daquela empresa e era o meu chefe que sempre reconheceu isso, eu deitando na mesma cama que ele

ou não.

Augusto sempre viu meu potencial.

— Segundo, foi difícil lidar com a desonestidade dele. Vocês deviam ter contado para a gente antes, nos preparando para o baque da realidade.

Ri em escárnio diante de suas palavras.

— Igual você fez quando minha mãe estava grávida de quatro meses, pai? O problema de vocês é a hipocrisia. Queriam que eu tomasse decisões que nem mesmo vocês tomaram — rebati, já sentindo a irritação tomando conta de mim.

— Se quiser ser tratada como adulta, então aja como uma —

minha mãe disse, com calma. — Você tem vinte e três anos, nós tínhamos quinze. Não adianta querer colocar as coisas na balança da mesma forma. Admita que lidou com seu relacionamento como uma adolescente, e Augusto não fica muito atrás.

— Não está sendo justa, mãe! Nós íamos contar naquela semana! — Encolhi meus ombros.

— Vocês estavam juntos há meses! Se tinha peito para ficar com Augusto, tinha que ter tido peito para assumir para o seu pai o que estava acontecendo.

— Então a culpa da reação de vocês é minha?! — perguntei, ofendida.

Eles queriam que eu chegasse em casa e falasse o quê? Que havia me apaixonado pelo melhor amigo do meu pai?

Eu estava assustada.

— Não estamos falando sobre isso, só dizendo que, se você queria ter lidado com esse assunto às claras, teria que ter sido sincera quando falou do tal homem com quem estava saindo.

Papai estava tão desconfortável quanto eu.

— Então era para eu dizer que eu estava saindo com Augusto? Que vocês iam aceitar numa boa? — Pela careta deles, aquilo não iria rolar. — Gente, só admitam que vocês erraram na reação, que demoraram para entender meu relacionamento. Pronto, não é difícil.

— Nunca gostei do Augusto. Isso não é segredo para ninguém e confesso que tenho medo de que ele te machuque. — Minha mãe

fugiu da responsabilidade.

— Quem está me fazendo chorar antes de dormir não é ele, né? — contrapus, e isso fez meus pais se encolherem. — Na verdade, vocês sempre falam sobre como o Augusto é, mas meu pai sempre disse que aquele homem sabe amar. Ele é divertido, carinhoso e extremamente cuidadoso. Ele nunca me fez chorar.

Pelo menos, não fora do trabalho. Têm noção disso?

— E se ele quebrar seu coração? — meu pai perguntou, com o cenho franzido e reluzindo preocupação.

— E se eu quebrar o coração dele? Sou mais nova, vivi menos coisas. Vai que eu vejo que não era isso o que eu queria? Pai, você conhece o Augusto... Acha que ele teria marcado um jantar com você para assumir nosso relacionamento, se não tivesse realmente comprometido com nosso relacionamento? Acha que ele escolheria

comprar essa guerra, se não tivesse certeza de que conseguia arcar com ela?

E ali estava o reconhecimento de que ele sabia.

Meu pai sabia sobre todos os sentimentos de Augusto. Eles eram carne e unha, afinal, e se conheciam de cor.

O problema do meu pai foi cair na pilha da minha mãe.

Mas esse sempre foi o defeito dele. Ser rendido demais.

— Não faria nada de diferente... Eu não podia contar algo que estremeceria a relação de vocês por nada. Tinha que valer a pena.

— Estava tão segura do que eu falava que minha voz nem embargou.

— Esse tempo foi importante para algumas coisas ficarem claras para mim. — Minha mãe afastou sua esquecida salada, arrastando o prato para frente. — Sei como é ruim quando seus pais não apoiam seu relacionamento. Vivi isso por um tempo e foi péssimo. Não quero ser esse tipo de mãe para você. Quero o seu bem, sempre quis. Mesmo que eu não entenda, Augusto é o seu escolhido... É para ele que resolveu dar suas primeiras vezes, então... — senti-me enrubescer —, vou confiar em você. Vou confiar na educação que eu te dei.

Aquilo, sim, me fez chorar. Foi impactante escutar que ela confiava em mim.

Nunca imaginei que eles, finalmente, iriam ver que eu tinha mesmo crescido.

— Mas, como sua mãe, não posso deixar de ser sincera sobre o que acho que é melhor para você. — Estava bom demais para ser verdade... — Você está há pouco tempo com o Augusto. Como mesmo disse, ele é mais velho e está em outra fase da vida. Não pule suas fases para viver as dele. Não cresça antes da hora, você não precisa disso. Quer sair de casa? Tudo bem, não gosto da ideia, mas entendo a escolha. Agora, ir morar com ele? Acho cedo demais. Namore, saia em encontros, viva essa parte gostosa do namoro de maneira leve.

Ela não disse mas percebi que queria ter tido a oportunidade de viver tudo aquilo também. Só então, entendi o porquê eles tinham tanta dificuldade em me ver crescer. Meus pais não queriam que acontecesse comigo o mesmo que aconteceu com eles. Ambos não queriam que eu crescesse antes da hora.

— Está dizendo que vai aceitar meu relacionamento? —

Sequei algumas lágrimas que caíram em meu rosto rapidamente.

— Estamos dizendo que não achamos que essa é a melhor escolha para você, mas não estamos em posição de escolher nada.

Essa é sua a vida. Esse é o seu coração. Você cuidará dele da forma que achar melhor. Seu avô me disse algo quando nasceu, mas só entendi agora... No momento em que cortei o cordão umbilical que ligava sua mãe e você, te demos ao mundo. Não podemos querer você só para nós. Você é boa demais para ficar guardada num casulo — papai disse, também emocionado.

Devia ser mesmo difícil ver sua filhinha crescer...

— Não queria deixar vocês bravos... — Fui sincera. —

Desculpa por ter fugido de casa.

— Desculpa por ter acusado seu namorado de coisas que, agora, estão claras que foram infundadas. — Minha mãe parecia com dor em assumir aquilo. Ela odiava estar errada.

E, daquela vez, ela estava mais do que errada. Ela foi injusta e impulsiva. Um erro brutal para uma jurista tão competente como ela.

— É para ele que precisam pedir desculpas. Vocês quase arruinaram a carreira de uma pessoa que não fez nada criminoso.



Foi cruel.

— Nós iremos pedir. — Papai engoliu em seco. — Ele está magoado comigo, sei disso, mas vou falar com ele. Ambos vamos.

— E sobre a amizade de vocês? — questionei, ansiosa.

— Não sei, filha... Um passo por vez, ok? — Ele pediu com os olhos para que eu não o pressionasse com o assunto, e compreendi imediatamente.

A bola não estava mais com o meu pai, e sim com o Augusto.

Agora, era a vez dele de abrir mão do orgulho e perdoar.

Porém estava ali uma coisa que eu não sabia sobre meu namorado.

Quão poderoso poderia ser o seu rancor?

— Você o perdoou rápido assim?! — indaguei, embasbacada, com a caixinha de comida chinesa no meu colo e os palitinhos no meio do caminho até minha boca.

Às vezes, aquele homem era muito estranho.

— Ele veio até minha sala junto com a megera da sua mãe, me pediram perdão e ainda mostraram que se preocupam com você. Queria que eu fizesse o quê? Não vamos esquecer que eu comi a filha dele, na casa dele, debaixo da porra do nariz dele...

Estava louco para assistir um jogo do São Paulo com Dante, aquela bosta de time só me faz passar raiva, e seu pai me fazer rir antes que eu tente entrar no campo para socar alguém.

Ele estava brincando, mas logo vi que aquela pose de mau não vale de nada quando o assunto era as pessoas que amava.

Augusto tinha um coração mais mole do que os marshmallow que eu ia comer depois do jantar.

— E minha mãe? — perguntei, louca de curiosidade para saber mais daquela tal conversa.

Aparentemente, enquanto eu estava em uma reunião com a gerência financeira, os bonitos estavam conversando como adultos daquela vez. Parecia até um milagre.

Deveria ser o Natal se aproximando.

— Sua mãe é um carma que eu vou ter que aceitar na minha vida por sua causa.

— Já tinha que aceitar por causa do meu pai, nem vem!

— Agora, ela é minha sogra, Maria Luiza... Olha que bosta!

—

praguejou, se jogando no sofá e abrindo aquela gravata que eu tanto amava.

Augusto ficava lindo usando azul.

— Pense que toda benção precisa de uma provação. Você vai ter que suportar minha mãe para ter a benção de me ter na sua cama todas as noites. — Dei um beijinho em seu ombro, tentando aliviar a tensão do pobre homem que, no final das contas, continuava não tendo um dedo muito bom para mulheres.

Em minha defesa, eu não achei que ele iria se apaixonar por mim. Nem em sonho.

— Nem isso eu vou! Você vai ter que se mudar e vamos ter um namoro normal. Puta que pariu... — Negou com a cabeça, visivelmente frustrado.

— Mas esse sempre foi o plano, amor.

— Eu ia tentar te convencer a ficar aqui... Gosto da sua bagunça na minha casa, dos seus lápis espalhados pelo meu tapete. Gosto de te ter aqui.

Aquilo me pegou completamente de surpresa e me emocionou.

Para alguém que nem gostava de relacionamento sério, ele parecia bem à vontade de ter um comigo.

— Não me sinto pronta para isso ainda, entende?

A verdade era que estava louca para ter um apartamento só meu e viver um pouco sem depender de ninguém.

Antes de Crownford, eu tinha os meus pais. Em Crownford, eu tinha a Ágata. Agora, eu tinha o Augusto.

Não queria mais isso. Queria ser do mundo, queria ser minha.

— Eu sei... E está certa, precisa viver certas coisas antes de se comprometer com um casamento.

Sabia que ele estava doidinho para casar, mas evitava falar sobre o assunto. Acreditava que até ele se assustava com sua vontade de levar as coisas adiante com tanta rapidez. Mas Augusto iria ter que esperar, pelo menos, uns dois anos para esse passo.

Queria viver um namoro com tudo o que tinha direito, para, então, subir o nível e partilhar tudo da minha vida com ele.

Seria incrível quando isso acontecesse.

Seria incrível ser mãe dos filhos dele.

— Mas, então, agora com uma simples conversa, onde meu pai disse o óbvio, vocês estão bem? — Aquilo ainda parecia tão estranho para mim. — Todo esse caos para nada? Achei bem sem emoção.

— Odeio drama. E estava de saco cheio do seu pai com aquela cara emburrada. Ele fez merda. Eu fiz merda. Pronto,

resolvido. Agora, além de tudo, ele é meu sogro, e será assim porque você é minha e vai continuar sendo enquanto eu viver nesta Terra. Melhor cortar o caminho do que ficar vivendo um rancor sem fim que só vai atrasar a minha vida.

— Vai me dizer que não tem paciência para rancor também?

— Gente filha da puta não se fode na vida. Olha para mim, Malu! Eu mesmo nunca tomei no cu. Quero dizer, além da minha mãe que vazou do Brasil quando criança, sempre deu tudo muito certo para mim. — Deu de ombros. — Eu poderia arrebitar meu nariz e fazer uma birra, do mesmo jeito que eles fizeram, mas, como eu disse, não tenho paciência para essas merdas. Eles surtaram porque são pais surtados. Eu fiquei com você porque não tenho limites. Fim da história. Próximo capítulo.

Como eu amava aquele homem!

Ele era simplesmente a melhor pessoa que eu já havia conhecido.

Eu amolecia seu coração, e ele amortecia meu drama.

Formávamos uma boa dupla.

— Acho que somos almas gêmeas — divaguei em voz alta.

— Achava que essa porra nem existia, mas... Sim, também acho. — Ele tomou os palitinhos da minha mão e pegou um punhado da comida. — Você é algo que eu procurava sem nem saber que estava, de fato, procurando.

E, simples assim, enquanto roubava minha comida sem, ao menos, disfarçar o delito — assim como fez com meu coração —, Augusto se declarou.

Como se não fosse nada demais.

Como se fosse a coisa mais normal que ele já fez.

Aquela era a parte mais louca. Porque, entre nós, aquelas coisas eram tão certas e naturais que parecia que sempre foi para ser daquela maneira.

— Será que isso é coisa do destino? — brinquei.

— Não acredito em destino. — Lógico que não acreditava...
—

A vida é feita por uma sucessão de escolhas, não tem nenhuma força supernatural governando nada. Até porque, quem seria capaz de colocar como alma gêmea de uma pessoa, a filha do melhor amigo dessa mesma pessoa?!

Isso porque ele não conhecia os Reis de Crownford e as histórias que rondavam a realeza daquela faculdade. Era cada uma pior do que a outra.

— O destino tem cara de ser sádico, isso sim — argumentei, risonha.

— Está mais para masoquista. Pensa... Que bosta você ter opção de fazer da vida das pessoas mais fácil e escolher ativamente torná-las mais difíceis.

— Ei, eu não deixei sua vida mais difícil!

— Meu Bem, agora não deixou, mas não se esqueça de quantas vezes me deixou de pau duro no meio de uma reunião. —

Aquele homem era mesmo uma piada. — Eu até chorei por você, pequena cretina.

— Chorou porque é ansioso. Eu não ia terminar com você.

Precisava confessar que ainda dava risada ao lembrar de chegar na casa dele e me deparar com a cena daquele homem alto, barbado e musculoso bebendo e se lamentando enquanto escutava Taylor Swift.

— Não desdenhe dos meus sentimentos! Eu seco suas lágrimas quando dá birra porque seu chefe escroto brigou com você.

Não se esqueça disso também.

— Viu como o destino é sádico? Me colocou para trabalhar com um homem sem escrúpulos! — Dei risada.

Porque agora era assim. Quando não estava me fazendo chorar por causa do trabalho, estava me fazendo rir com seu jeitinho cretino.

— É masoquista. Imagina a pobre alma que foi encarregada de achar uma alma gêmea para mim?

Certo, ele tinha um ponto.

— Não acredita no destino, então não pode opinar sobre o assunto. — Peguei meus palitinhos de volta, ainda rindo.

— Mimada!

— Cretino.

Foi a vez de ele sorrir.

— Ei, Malu... — Encarei seus olhos, deixando o sorriso morrer por algum tempo. — Não acredito em destino, mas, se eu pudesse arriscar, diria que você foi a melhor coisa que ele colocou no meu caminho.

E, enfim, suspirei.

Tínhamos conseguido.

Éramos um casal. Ainda tínhamos uma família. E era o começo perfeito de uma história cômica, de tão estranha.

Amava a nossa história.

— Eu iria te encontrar de qualquer forma.

Sendo meu chefe ou não.

Sendo praticamente da minha família ou não.

Augusto era meu.

Para amar.

Para odiar.

Para agora.

Para sempre.

Ele sempre seria apenas meu.

35

A felicidade está nas ondas



AUGUSTO MANCINI

A vida vem em ondas

Como um mar

Num indo e vindo infinito

Lulu Santos - Como Uma Onda no Mar

Meus projetos sempre tiveram uma assinatura e eu me importava muito com a minha. Todo artista tinha a sua, e eu como arquiteto, me considerava um artista. Mesmo sempre focando na parte comercial, ao contrário do que minha namorada falava, eu me importava muito com a parte artística.

Gostava de unir o útil ao agradável.

Já Malu não se importava tanto com os ganhos, e sim com a inovação.

Ela surpreendia em cada traço.

De uma forma leiga, ambos tínhamos nossas qualidades, mas focos completamente diferentes.

De qualquer forma, eu tinha a minha assinatura. Prédios que eram projetados por mim eram sempre escuros e com formas retas.

Só na Avenida Paulista, tínhamos dois dessa mesma forma. Sempre gostei de projetos mais sóbrios, como se eles se nublassem junto com o resto de São Paulo.

Como diretor técnico, eu ficava com poucos projetos em minhas mãos. Meu trabalho era muito mais burocrático do que artístico, porém sempre fazia questão de me comprometer com o projeto do último lançamento do ano.

Naquele ano, não havia sido diferente. E ainda fiquei eufórico quando notei que o projeto era na Rua Consolação, praticamente atrás do nosso prédio. Era um projeto que eu queria sempre ver, tudo porque ele era o melhor que eu já tinha feito.

Fazia um tempo que não me sentia ansioso para apresentar um trabalho, mas todos os olhos estavam em mim. E, depois da catástrofe que Dante e Melinda aprontaram, eu queria provar não só que era bom no que fazia, mas como também amava minha mulher com devoção.

Nunca fui de demonstrações públicas de afeto. Para ser sincero, nunca fui de demonstrar nem mesmo no privado. Nem, ao menos, me lembrava quando disse que amava meu pai pela última vez, mas sentia que era algo que eu tinha que fazer pela Malu. Não queria que ela duvidasse do meu amor nem mesmo por um segundo. Não queria que ninguém duvidasse.

Era quase cômico... Logo eu, que até um tempo atrás achava que amor não se provava. Para ser sincero, ainda não achava. Não podia dizer que minha mãe não me amava, mesmo que tivesse ido embora, como não podia ter certeza de que meu pai me amava, mesmo tendo ficado. Amor era um sentimento que não se provava, assim como a saudade ou a tristeza. Não era à toa que vários dos meus amigos de farra pareciam felizes, mas passavam a semana deprimidos e sozinhos. E que eu, mesmo não falando, sentia falta da minha mãe todos os dias.

Eu não chorava.

Eles não demonstravam.

Mas todo mundo sentia.

Amor era da mesma forma. Contudo, mesmo assim, lá estava eu, preparado para mostrar para a empresa inteira que eu amava minha mulher e que, se eu precisasse achar emprego em outro lugar para ficar com ela, eu acharia.

Fui chamado para a frente da sala de reunião. O cômodo estava escuro e todos os diretores importantes e seus assistentes estavam ali, inclusive a minha. Sabia que Malu me observava atentamente. Seu olhar era como fogo queimando minhas costas, e

ao me virar e deparar com ela, um pouco nervosa, era o alívio que eu precisava para aquela loucura que iria acabar cometendo.

Ela não tinha visto ainda o projeto e, talvez, por isso que estava nervosa. Não deixei ninguém tocá-lo. Ele foi pensado e desenvolvido apenas por mim.

— Bom, todos sabem da nossa tradição, porém, neste ano, eu quis trazer algo diferente para nossa empresa. — Respirei fundo, fechando o primeiro botão do meu terno azul-marinho. —

Geralmente, meus empreendimentos têm cores escuras e formas mais acentuadas. Todo mundo sabe disso, mas tudo aquilo que é previsível, às vezes, é chato. — Quem diria que um homem como eu gostaria de imprevisibilidade... Mas, agora, eu gostava. —

Apresento a você o empreendimento Maria Luiza.

Escutei alguns arfando, outros contendo sorrisos, e captei até Melinda recostando-se em sua cadeira com um olhar satisfeito.

Eu e Dante tínhamos voltado a nos falar, e mesmo não sendo mais a mesma coisa de antes, ainda éramos melhores amigos um para o outro. Melinda nunca tinha sido próxima, e, até então, estava ainda mais distante. Eu sabia que ainda estava sob o julgamento dela, mas nem me importava.

A única pessoa que precisava me aprovar era a Malu. De resto, estava tudo bem.

Depois da nossa conversa, Dante arrumou um apartamento para a filha com poucas quadras de distância do escritório. Maria Luiza não foi a única a amar a ideia da mudança, já que Malí também estava exultante pois tinha pegado o quarto da irmã para ela.

Fiquei com receio de as irmãs mais novas da minha namorada sentirem muito sua falta, mas a verdade era que as meninas já tinham se acostumado com a ausência da irmã mais velha por causa do intercâmbio. Além disso, por causa da diferença de idade, elas não eram realmente muito próximas.

Olhei para Malu, que tinha se afundado na cadeira e prendia uma mecha do seu cabelo em um dos dedos enquanto evitava a todo custo contato visual comigo. Estava ali uma questão: aquela garota ainda odiava ser o centro das atenções.

Uma pena.

Porque, para mim, ela sempre seria.

— Levando em conta o nosso terreno, optei por um prédio residencial. — Só aquele fato já fez Dante e meu pai sorrirem. Eu nunca desenhava prédios residenciais. O avô

de Malu seguia sério, sem esboçar nenhuma reação. Mas assim era Raul Bittencourt.

Malu o conhecia como um avô amoroso, já eu, como um CEO

respeitado e difícil de agradar. — Serão vinte e três andares, onde cada andar será com um único apartamento contendo cinco quartos, todos com suíte. — Passei os slides, mostrando a imagem do prédio que tinha um tom de amarelo pálido com formas onduladas e todas as suas janelas eram com vidro verde. Não precisava ser um gênio para ver que cada parte daquele empreendimento teve como inspiração a minha mulher. — Diferentemente de tudo o que eu já fiz, queria que não fosse algo impessoal, e sim aconchegante. Que desse uma áurea de lar no meio dessa cidade que nada se parece com o lar de alguém.

Queria que aquele prédio me lembrasse da sensação de estar submerso nos cabelos dela e sob seus lindos olhos verdes.

Pensei em todo o empreendimento quando estava dentro dela, na minha lancha. Eu ainda não sabia que a amava e ela ainda estava procurando por problemas, mas, de alguma forma, minha mente tentou me dizer que ela era meu lar.

— Vai ser um bom contraste a todo cimento e cinza desta cidade. — Dante comentou, dando um sorriso para Melinda, como quem dizia “ *Viu? Ele é uma boa pessoa.* ”

A própria sorriu para o marido, finalmente dando o braço a torcer. Melinda tinha inúmeros defeitos, mas sua principal qualidade era a inteligência. Ela não precisa dizer nada, não precisa nem me olhar, mas eu sabia que, agora, entendia a dimensão do que eu sentia pela filha dela.

Eu odiava me expor.

Eu odiava mostrar o que sentia.

Mas lá estava eu, mostrando-me e expondo-me, tudo em prol de Maria Luiza Bittencourt. Para que, enfim, os boatos que

rondavam o nome dela naquela empresa diminuíssem, pelo menos, um pouco.

A reunião seguiu como de costume. Meu projeto foi avaliado por todos, desde a ideia até os valores de execução. Tudo ainda precisava ser conferido e avaliado, mas sabia como era bom.

Respondi a todos com um sorriso convencido no rosto e uma confiança que sempre preocupou meu pai, mas que, agora, o enchia de orgulho.

Essa parte era foda.

Nunca dei orgulho àquele homem, sempre fui motivo das suas preocupações e noites insones. Mas ali, naquele momento, ele estava morrendo de orgulho. Não pelo projeto, mas por saber que seus pecados passados não me deixaram fadados a uma vida de solidão.

Quando as luzes se acederam de volta e Raul Bittencourt aplaudiu meu empreendimento de pé, tinha certeza de que finalmente havia conquistado sua confiança quando o assunto era Maria Luiza.

Eu não tinha que provar meu amor para ela. Isso, ela já sabia melhor do que ninguém.

Mas, para eles, eu tinha.

E provei.

Apertei a mão de todos e, em seguida, entrelacei meus dedos nos de Malu e a levei para nossa sala. Ela ainda tinha mais seis meses como *treinee* e seriam mais seis meses trabalhando no mesmo ambiente que eu.

Precisava confessar que sentia falta dela e de sua bagunça na minha casa, mas, assim como sempre quis que ela amadurecesse no trabalho, queria que ela amadurecesse na vida também.

Eu iria esperar enquanto ela vivesse todas as suas fases.

No meu íntimo, eu achava que sempre esperei por alguém como ela.

Quando fechei a porta, eu esperava que minha mulher fosse me atacar, se ajoelhar e me mostrar como me amava me dando um belo de um boquete, mas o que eu escutei me desarmou e me deixou um tanto quanto confuso.

Malu estava chorando.

— Mas o quê...? — Eu a trouxe para os meus braços e tirei os poucos fios de cabelo do seu rosto, tentando entender o que tinha acontecido com ela.

— Aquilo foi tão lindo, Augusto... — Ah, então era por isso.
—

Até a Ágata chorou, e olha que ela nunca chora.

Levando em consideração que Ágata estava grávida, ela chorava por qualquer coisa.

— Não chora, Meu Bem... — Limpei algumas lágrimas, mas estava satisfeito por saber que eu não era um namorado tão ruim assim, afinal. Pelo menos, não para ela. — Era para você ficar feliz.

— E para acabar com esse falatório que você vai me usar e, depois de quatro meses, jogar fora.

— É, também tem isso. — Ela sorriu, meu coração até tropeçou. — Eu sei que se incomoda com o que as pessoas pensam e falam, e, por mais que lide com isso da sua maneira, não quero mais que essa desconfiança paire em cima de nós. Sem contar que ver sua mãe com aquela cara de tacho, enquanto eu fazia uma puta declaração para você, valeu muito a pena.

— Meu pai parecia tão orgulhoso... Foi a primeira vez em dias que senti que ele te olhou com a mesma admiração de antes.

E aquilo parecia aliviá-la de uma forma que mal conseguia colocar em palavras.

Malu não falava muito sobre isso, mas sabia que se sentia muito culpada por acabar com uma amizade de anos. Mesmo eu falando que a decisão foi minha, ela ainda não conseguia controlar tal sentimento.

— Seu pai sabe que não estou brincando com você. E ele está feliz por mim porque sempre torceu para que eu encontrasse um amor. — Ele ainda não gostava quando me via beijando Malu, mas, aos poucos, estava entendendo que nós nos fazíamos muito bem.

— Tudo naquele prédio é inspirado em mim. E, nossa, ficou simplesmente arrebatador!

— Você me arrebatou, Malu.

Ainda me lembrava de quando coloquei meus olhos nela pela primeira vez no início daquele semestre.

Não foi amor à primeira vista.

Nem mesmo à segunda.

Maria Luiza me conquistou nos detalhes. Pouco a pouco. Com calma.

Ela não fez nada para ter meu coração. Pelo menos, nada muito consciente, mas, mesmo assim, o ganhou de presente. Então, eu sei que cada batida que ele dava pertencia a ela.

Ainda achava que não conseguia provar isso por palavras, nem mesmo com ações, mas acreditava que ela sabia quando olhava para mim, quando beijava minha boca e quando me recebia entre suas pernas, que eu a amava mais do que qualquer coisa no universo, e que nada, nem mesmo o tal destino que ela tanto acredita, é capaz de nos separar.

Porra, olha em que tipo de pessoa essa menina me tornou...

Estava mais rendido do que o pai dela.

— Nunca fui romântica, não tinha muita paciência para sonhar com meu príncipe encantado nem nada disso, mas preciso dizer que, nem mesmo se eu tivesse sonhado, iria ter pensado em alguém tão bom como você. — Amava o jeito que ela me enxergava. Amava ser amado por ela. — Sei que, para muita gente, você já foi ruim... E precisamos admitir que nem mesmo um bom amigo você é, mas, ainda assim, para mim, você é perfeito.

— Te incomoda eu ter sido seu único?

Ela tinha me dado todas as suas primeiras vezes e eu ainda pensava que, um dia, poderia ser que ela não quisesse que eu fosse o único.

— Não. — Beijou meus lábios com delicadeza. — Não foi algo premeditado, eu só me apaixonei pela primeira pessoa que me beijou. Nada na minha vida foi muito normal, então acho que isso também não seria. Quem tem a sorte de dar as primeiras e as últimas vezes para a mesma pessoa?

Estava lá uma coisa que eu achava que não iria concordar com ela, mas concordava.

Sorte a dela.

Queria eu ter tido essa sorte.

Devia ser de família essa porra.

— Você tem razão, Meu Bem. — Eu a presei contra a parede e sorri, vendo-a passar a língua pelo seu lábio inferior, umedecendo-o. — Eu amo você, meu desastre.

— Eu amo você, crápula.

E, assim, eu a beijei.

E, assim, eu senti que tinha meu mundo inteiro juntinho a mim.

Epilogo



MARIA LUIZA MANCINI BITTENCOURT – SETE ANOS DEPOIS

Quando o segundo sol chegar
Pra realinhar as órbitas dos planetas
Derrubando com assombro exemplar
O que os astrônomos diriam se tratar
De um outro cometa

Cassia Eller - Segundo Sol

— Você nunca me pediu em namoro. — Foi o que eu disse conforme olhava para o bercinho ao lado da minha cama.

Nós tivemos um bebê.

Certo, ainda parecia uma loucura ao lembrar que, no dia da minha posse como diretora técnica da MB, o teste de gravidez deu positivo. Digamos que foi uma manhã conturbada.

Tanto meu avô, quanto meu sogro haviam decidido se aposentar e cedido os seus lugares para seus filhos, o que gerou duas vagas na diretoria. Foram três semanas de testes, muitas cobranças e várias lágrimas no ombro do, então, meu marido, para, enfim, eu pegar a cadeira que sempre foi minha.

Eu era a diretora técnica mais nova que a empresa já teve.

Agora, sabia que também era a melhor.

Como eu sempre disse que seria.

— Nosso filho está dormindo, você tem um diamante enorme no seu dedo anelar, e se tocou só agora que nunca te pedi em namoro?!

Meu marido ainda era uma das pessoas mais lindas que eu já vi. Os anos passados haviam dado a ele uma porção de cabelos

brancos que lotavam a sua cabeça, mas a rotina com alimentação e academia seguia firme, como sempre.

— Sempre se gabou de ter todos os meus primeiros, mas não foi meu primeiro namorado. Não pediu. — Arrebitei meu nariz, fazendo manha do jeito que ele adorava.

Augusto, que estava sentado em uma poltrona ao lado da minha cama do quarto do hospital, se levantou e, com as mãos nos bolsos da calça jeans, sorriu para o filho, completamente rendido por ele.

Benjamin era, de longe, nosso melhor projeto. Nossa melhor conquista.

— Está ouvindo isso, Ben? Mamãe é ingrata. Só conta as coisas que eu não fiz, mas, as que eu fiz, ela esquece... Como desenhar um arranha-céu para ela ou também lutar contra dragões.

O pequeno Ben continuava dormindo, como se o mundo fosse inteiramente dele.

Minha gravidez inteira foi ótima, a pior parte foi escolher um nome. Eu simplesmente não conseguia me decidir. Então, como um bom companheiro, Augusto surgiu com uma ideia que me roubou um pouco o fôlego.

Ele sempre me chamou de Meu Bem, então nada mais justo que o fruto do nosso amor se chamar Benjamin. O nosso Ben.

É, eu sabia, meio brega. Ágata chorou de rir quando eu contei sobre a nossa decisão. Não que ela pudesse falar muito, já que sua filha, que já tinha seis anos e se chamava Mia, vivia reclamando porque os amiguinhos ficavam miando atrás dela e dando a desculpa de que estavam apenas chamando pelo nome dela.

Criança é um terror, credo... Coitado do meu pequeno Ben, que ainda teria tantas fases para viver.

— Lutar contra dragões? — questionei, já esperando que ele soltasse uma piadinha.

— Ah, querida... Brigar com sua mãe dá quase no mesmo.

Sabia!

Muitas coisas melhoraram com o passar dos anos. Minha gastrite, minhas crises de choro, as birras de Maria Júlia por alguma viagem que queria fazer e não podia, a pira da Maria Alice pelos

eletrônicos, a relação do meu pai com o Augusto, que, hoje era como se nunca tivessem brigado, minha habilidade em ser assertiva, o senso de humor duvidoso de Augusto...

Enfim, muitas coisas melhoraram. Menos a birra da minha mãe com o meu marido. Esses dois iriam ter ranço um do

outro para todo o sempre, e assim como meu pai, eu apenas decidi aceitar.

Papai dizia que esse era o preço que o destino cobrou de Augusto por dar alguém tão bom para ele. Já eu achava que era uma penitência por todas as suas galinhagens, até que achasse sua última. No caso, eu.

— Mas é sério! Quando meu pai descobriu que nós estávamos juntos e todo o caos foi formado, não tinha me pedido em namoro.

Lembrava-me que tinha até mentido na reunião sobre o fato de tê-lo pedido em namoro. Ele mentiu por mim no dia do bolo, eu menti por ele em relação ao namoro.

— Eu disse que estava apaixonado por você, Maria Luiza.

Odiava quando me chamava pelo meu nome inteiro.

Já ele amava me irritar de propósito.

— Não foi um pedido... — Passei a língua por meus lábios, dando um dos meus sorrisos travessos.

— Eu te pedi em casamento embaixo da Torre Eiffel, Maria Luiza, pelo amor de Deus!

Pedi mesmo. No dia do meu aniversário de vinte e cinco anos, ele se ajoelhou e, com a torre atrás de nós iluminando todo o cenário, me pediu para ser sua esposa.

Foi arrebatador.

— Ninguém nunca me pediu em namoro. Quer dar essa chance para outra pessoa?

Senti sua mão pelo meu cabelo, segurando-me pela nuca, e observei atentamente seu sorriso amoroso abrir espaço em seu rosto.

— Todos os seus primeiros são meus. Esse é o nosso combinado — murmura, com os olhos fixos nos meus lábios.

— E todos os seus últimos são meus... — Retribuí o sorriso apaixonado.

Sete anos depois, e eu ainda era toda dele.

Sete anos depois, e ainda éramos os primeiros e últimos um do outro.

— Senhora Mancini Bittencourt... — Tinha sido ideia dele colocar o seu sobrenome antes do da minha família. E, assim, eu me tornei a primeira pessoa a ter exatamente o mesmo sobrenome que nomeava nossa empresa. — Você me aceita como seu primeiro namorado oficial, já que aquele que você teve por dois longos anos era um babaca e nunca tinha te oficializado? Sabe como é, um prédio é muito pouco para oficializar o amor por alguém.

Puxei-o pela gola de sua camiseta polo e beijei seus lábios com delicadeza.

Ele ainda roubava todo o meu ar.

— Aceito, Senhor Mancini.

Ele me deu mais um beijo, mas logo fomos interrompidos.

Não pelo nosso filho, e sim pelo meu telefone, que estava tocando.

— Aposto que é o meu pai — murmurei, após suspirar, ainda com meus lábios grudados nos dele.

O Senhor Bittencourt, além de ser um pai superprotetor, era um avô extremamente babão. Só saiu do meu quarto do hospital depois de conhecer o neto porque a enfermeira orientou que todos me deixassem descansar um pouco.

— É a Ágata. Seu pai ficou aqui no hospital a noite inteira junto comigo. Mesmo não querendo sair daqui, no momento em que colocar a bunda na cama, vai dormir como um bebê.

Esperava que nosso bebê realmente dormisse como um bebê, porque pelo que conheço de criança, essa expressão era tão incorreta quanto a Ágata achando que ela e Jonas nunca iriam dar certo.

Precisava dizer que ela havia se casado com o homem e vivia muito bem? Depois de anos de birra e negação, minha melhor amiga tinha finalmente aceitado o fato de que o doutor era o cara certo para ela. Mia veio para o mundo para fazer a mãe dela pagar com a língua e admitia que era uma delícia de assistir.

Atendi o celular com um sorriso no rosto enquanto Augusto conferia nosso filho pela décima vez só naquela noite.

— *Já está apavorada?* — Foi o que ela perguntou, antes mesmo de dizer um *oi*.

— Não.

— *Já sentiu a dor para dar de mamar?*

Só de lembrar, fiz uma careta.

— E ainda dizem que anal que dói! Dar de mamar é pior. Ele já mamou quatro vezes e meu peito está tão sensível...

Augusto soltou uma risada ao escutar minhas palavras.

Mas juro que eram verdadeiras.

— *Se você, que dá para uma pica de vinte e quatro centímetros, fala que amamentar dói mais do que fazer anal, quem sou eu para questionar?*

Gargalho alto, mas logo me contive, com medo de acordar meu bebê.

Trinta anos nas costas e a gata ainda era completamente sem noção.

— Mas, até agora, estamos achando tranquilo.

— *Eles são uma gracinha, né? Saudades da Mia desse tamanho.* — Bocejou, acreditava que estava louca de sono, já que eram quase uma da manhã.

Quando Mia nasceu, Ágata logo se colocou na posição de mãe leoa e mudou muito da sua rotina por ela. Inclusive, todas as baladas e bebedeiras ficaram muito mais esporádicas, então era um milagre que minha prima e melhor amiga estivesse acordada àquela hora.

— Dá para acreditar que eu sou uma mãe?! Sempre reclamava que eu precisava ter filho logo para vivermos essa fase juntas... Demorei, mas cheguei! — brinquei, observando mais atentamente o homem que escolhi acariciar nosso filho com aquela mão imensa.

Ben ainda era muito neném para sabermos com quem iria se parecer, mas, pelo jeito que meu sogro ficou quando o

olhou pela primeira vez, ele era uma cópia fiel do Augusto.

— *Finalmente, amiga!* — Bocejou novamente. — *Espero que tudo fique bem por aí, e qualquer coisa, você me liga, ok?*

— Te amo, Ágata.

— *Também te amo, Malu.*

— Agora, vai dormir porque, amanhã, você tem reuniões e ainda precisa cuidar da nossa pequena.

Augusto se sentou ao meu lado na cama e me puxa para seu peito, colando minhas costas nele. A cama do hospital era pequena, mas, com um pouco de boa vontade, ele se ajeita ao meu lado.

— *Boa noite, amiga. Fiquem bem! Amanhã, eu e Jonas vamos passar aí.*

— Fico te esperando. Beijos.

E, assim, ela encerrou a ligação.

— Ágata não ia se aguentar, né? Tinha que constatar como você estava por ela mesma. — Augusto disse, brincando com meus cachos.

— Sabe como ela é...

Uma controladora nata.

— Gosto de como ela cuida de você. É uma boa prima e amiga. — Ela era mesmo. — Mas sabe o que estou me perguntando?

— Hm...? — murmurei, ficando molinha diante do seu carinho na minha cabeça.

— Por que lembrou desse detalhe do pedido de namoro logo agora?

Ah, isso...

— Por conta do seu sorriso enquanto acontecia minha cesárea.

— Meu sorriso? — Ele franziu o cenho, confuso.

— Você me deu um sorriso cúmplice quando eu derrubei o bolo da minha irmã no aniversário dela anos atrás, lembra?
—

Aconcheguei-me ainda mais nele.

— Do falecido bolo, lembro. Agora, do meu sorriso... não. —

Suas mãos foram para os meus ombros, afagando-me.

— Logo depois de mentir por mim, você esboçou um sorriso e... Não sei. Hoje, penso que aquele sorriso fez tudo mudar.

— O sorriso fez o crápula não ser tão crápula assim?

— Exatamente.

FIM

Ele começou uma massagem nos meus ombros que faziam meus olhos virarem em sua órbita.

Que delícia.

— Então, quando viu meu sorriso, lembrou de toda nossa história. De todos os nossos primeiros, e percebeu que faltava um.

Havia se tornado normal completarmos as frases e pensamentos um do outro. Já nos conhecíamos tanto e éramos tão íntimos que poderia dizer que nos conhecíamos de cor.

— Uhum — murmurei. — Mas você já consertou isso.

— Obrigado por isso, Malu.

— Pelo Ben? — Escorei minha cabeça em seu ombro.

— Não. Obrigado por ter sido a primeira a entrar no meu coração.

Aquilo me fez sorrir.

Aquilo fez com que eu me sentisse grata.

— Te amo para sempre, Gus.

Senti seus lábios roçarem em minha orelha, me arrepiando por completo.

— Eu te amo para sempre, minha fedelha.



Agradecimentos



Sabe quando a vida te dá várias marretadas e você parece que fica sem fôlego? Eu estava me sentindo assim.

Sufocada pelos meus próprios dramas, e um pouco cansada de escrever histórias tão complicadas e em muitos

momentos tristes.

Me sentava para escrever minha galera de Crownford e nada saía. Não por causa deles. O problema estava em mim.

E então, Nathalia me lembrou do Augusto, Tatiane e Gabriela berraram que eu tinha que escrever, Anna Carolina disse que estava ansiosa e estava formado o caos.

Eu que sempre fui certinha com meus lançamentos me vi encaixando um livro que não estava nos planos, com um personagem muito diferente do que eu estava acostumada, mas eu me joguei.

Eram minhas férias, caso ficasse uma bosta era só fingir que nada aconteceu.

Quando eu cheguei no cap. 10 eu sabia que precisava publicar. Que o livro era bom. Que eu conseguia sim escrever uma comédia romântica.

Eu acreditei neles e acreditei em mim. E assim seguimos.

Descansei na história de Augusto e Malu. Reaprendi que alguns amores são simples. E que nem tudo que é bom é complicado.

Amores tranquilos tem sua mágica.

Eles tinham uma mágica.

Obrigada Augusto e Malu por criarem o caos e me proporcionarem 45 dias tão intensos e incríveis. Amei escrever vocês. São de longe um dos meus casais preferidos.

As minhas amigas, agradeço o apoio e a paciência.

Acho que nunca estive tão ausente quando fiquei nesses dias. Esse livro me consumiu e me tirou um pouquinho de vocês, mas acho que no final das contas vocês mais do que ninguém entendem como esse tempo foi importante. Como eles são importantes. Eu amo todas vocês profundamente.

A minha família, agradeço a paciência e ao suporte por tudo aquilo que muitas vezes eu não dou conta de fazer.

Que me apoia e me enche de gratidão cada vez que se orgulham de mim.

As minhas parcerias, obrigada por sempre estarem ao meu lado, e a cada vídeo, a cada post fazerem mais e mais pessoas ficarem ao meu lado. Vocês são incríveis.

A todos os meus leitores obrigada por mais uma vez confiar no meu trabalho. Muitas vezes quando estou insegura me apego a vocês. Não tenho dúvidas que sempre me deixam mais forte e mais confiante no caminho que venho travando.

A minha equipe de revisão e betagem, obrigada pelo apoio nesse surto. Só a gente sabe como foi corrido, mas no final das contas tudo deu certo. Juntos conquistamos o mundo para esses personagens e eu só posso ser grata a isso.

Chego ao final desse agradecimento com um imenso orgulho de mim. Da minha história. Deles.

Que orgulho deles.

Que você tenha se divertido com esses dois, e que eu tenha feito você sorrir um pouco, por que agora vamos voltar a chorar.

E como vamos chorar...

Bom, mas isso é papo para outro dia. Te vejo nos meus próximos lançamentos.

Obrigada por tudo,

Bruna Pallazzo

Document Outline

- [Sumário](#)
- [Sinopse](#)
- [Notas da autora](#)
- [Avisos](#)
- [Playlist](#)
- [Prólogo](#)
- [Capítulo 1](#)
- [Capítulo 2](#)
- [Capítulo 3](#)
- [Capítulo 4](#)
- [Capítulo 5](#)
- [Capítulo 6](#)
- [Capítulo 7](#)
- [Capítulo 8](#)
- [Capítulo 9](#)
- [Capítulo 10](#)
- [Capítulo 11](#)
- [Capítulo 12](#)
- [Capítulo 13](#)
- [Capítulo 14](#)
- [Capítulo 15](#)
- [Capítulo 16](#)
- [Capítulo 17](#)
- [Capítulo 18](#)
- [Capítulo 19](#)
- [Capítulo 20](#)
- [Capítulo 21](#)
- [Capítulo 22](#)
- [Capítulo 23](#)
- [Capítulo 24](#)
- [Capítulo 25](#)
- [Capítulo 26](#)

- [Capítulo 27](#)
- [Capítulo 28](#)
- [Capítulo 29](#)
- [Capítulo 30](#)
- [Capítulo 31](#)
- [Capítulo 32](#)
- [Capítulo 33](#)
- [Capítulo 34](#)
- [Capítulo 35](#)
- [Epílogo](#)
- [Agradecimientos](#)